



**(Técnicas
Literárias)**

Editora

VALLEY EDITORA LTDA.

Direção

JOÃO VICENTE STRAPASSON SILVEIRA NETTO

Gestão

VINÍCIUS AZAMBUJA DE ALMEIDA

Coordenação Editorial

CAMILA NUNES DA ROSA

Autoria

RODRIGO BENTANCURT (ORGANIZAÇÃO)

ÁLVARO MENDES DE MELO

ARGENTINO JR. (MÁRCIO SOUZA)

CAMILA VERMELHO

DANIELE BRESSAN

LUCIANE DE LIMA PAIM

LUIZA CASANOVA

SAMUEL ALBUQUERQUE MACIEL

ZILMAR SILVA

Programação visual - Editoração eletrônica - Capa

SIBELE RIGHI SCARAMUSSA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

T255

Tecituras Literárias: resumo das leituras obrigatórias UFRGS 2025 / Rodrigo Bentancurt... [et. al.] (organizadores). Santa Maria: Valley Editora, 2024.

228 p.

ISBN 978-65-89574-67-5

1. Literatura 2. Resumos 3. Vestibular 4. UFRGS I. Título

CDU 82.09

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Trilce Morales – CRB 10/2209



Santa Maria - RS

Sumário

Tecituras Literárias

LISÍSTRATA de Aristófanés <i>por Camila Vermelho</i>	XXXXXXXX	7
VÁRIAS HISTÓRIAS de Machado de Assis <i>por Luciane de Lima Paim</i>	XXXXXXXX	23
A FALÊNCIA de Júlia Lopes de Almeida <i>por Daniele Bressan</i>	XXXXXXXX	41
CORAL E OUTROS POEMAS de Sophia de Mello Breyner Andresen <i>por Luiza Casanova</i>	XXXXXXXX	73
ÁGUA FUNDA de Ruth Guimarães <i>por Samuel Albuquerque Maciel</i>	XXXXXXXX	89
CEM ANOS DE SOLIDÃO de Gabriel García Márquez <i>por Rodrigo Bentancurt</i>	XXXXXXXX	99
SELETA DE CANÇÕES de Lupicínio Rodrigues <i>por Daniele Bressan</i>	XXXXXXXX	115
A TERRA DOS MIL POVOS de Kaká Werá Jecupé <i>por Álvaro Mendes de Melo</i>	XXXXXXXX	143
NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA de Paulina Chiziane <i>por Argentino Jr. (Márcio Souza)</i>	XXXXXXXX	155
UM ÚTERO É DO TAMANHO DE UM PUNHO de Angélica Freitas <i>por Luiza Casanova</i>	XXXXXXXX	165
O AVESSO DA PELE de Jeferson Tenório <i>por Rodrigo Bentancurt</i>	XXXXXXXX	175
MAS EM QUE MUNDO TU VIVE? de José Falero <i>por Luiza Casanova</i>	XXXXXXXX	185
SUPLEMENTO: LITERATURA SUL-RIO-GRANDENSE <i>por Zilmar Silva</i>	XXXXXXXX	200



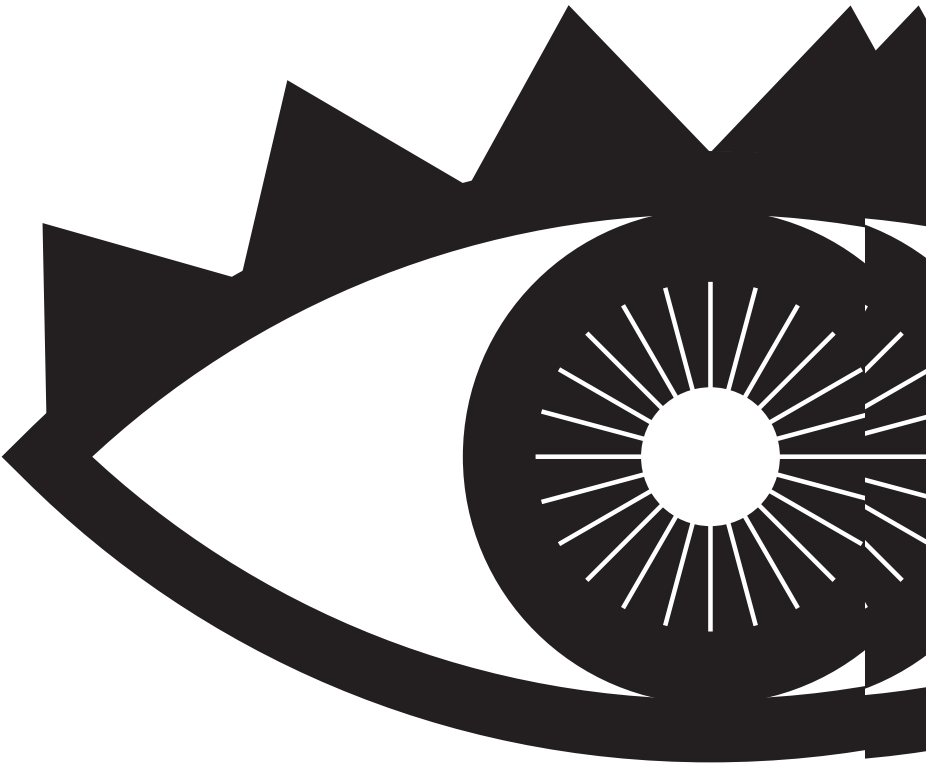
Apresentação

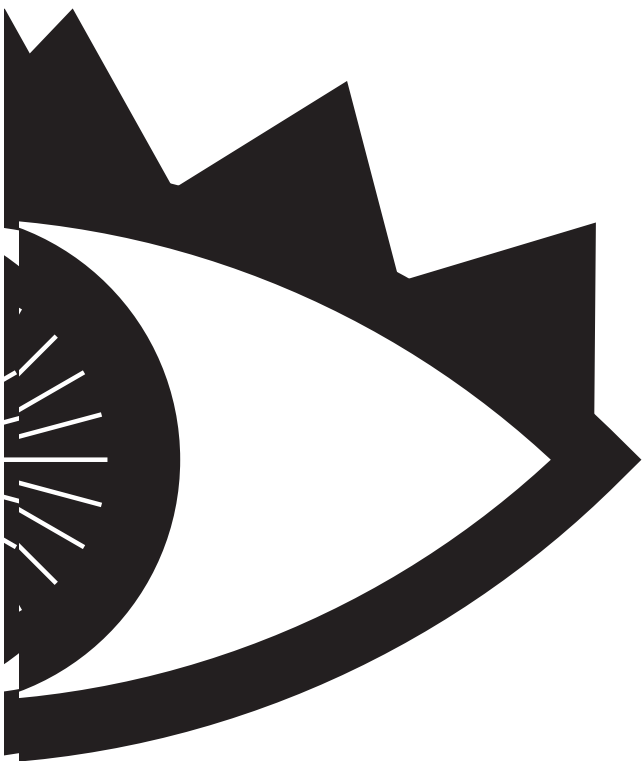
Com imensa felicidade, trazemos à luz mais um **Tecituras Literárias**. Fruto de muito afinco, preocupação e esmero dos professores para com seus alunos, esta edição é composta pelo resumo das obras da lista de leituras obrigatórias da UFRGS, além de um suplemento literário com a literatura sul-rio-grandense.

Contudo, engana-se quem pensa que são meros resumos que parafraseiam os livros cobrados pelo vestibular da Federal da capital gaúcha. Cada texto que você vai encontrar neste livro é formado por vida e obra do seu autor, resumo do enredo e comentário crítico, além do contexto histórico. Portanto, todas as frentes que podem ser abordadas estão contempladas neste livro cuja intenção é auxiliar o estudante na realização do seu sonho de aprovar na maior universidade federal gaúcha.

Desfrute da leitura desses resumos feitos por experientes professores de diferentes cursinhos do RS e dê mais um passo rumo à aprovação.

Rodrigo Bentancurt, *organizador*.





Lisístrata

A Greve do Sexo, Lisístrata e
A Comédia como Força Crítica
e Política

Aristófanes

Lisístrata

A Greve do Sexo, Lisístrata e A Comédia como Força Crítica e Política

Aristófanes

por Camila Vermelho



Aristófanes, o comediógrafo

Existem poucas informações precisas a respeito da vida de Aristófanes, o que não é fato incomum quando se trata de registros documentais da Grécia Antiga, visto que poucos documentos resistiram ao tempo e atravessaram os séculos seguintes. Contudo, existem dados aproximativos e que podem ser cruzados com a história da Atenas do Século V antes de Cristo, época na qual foram abertas as portas para o Período Clássico Grego, conjuntura onde o dramaturgo e comediógrafo viveu.

Do que se sabe, Aristófanes nasceu entre 450 e 447 a.C., em Atenas. Por um lado, desfrutou do Século de Péricles – auge do desenvolvimento econômico, político e cultural de Atenas – e, por outro, testemunhou o início do fim da mesma Atenas, com a Guerra do Peloponeso. O dramaturgo era veementemente contra os demagogos, os quais, para ele, seriam responsáveis por significativa parte da ruína econômica, cultural e militar de sua Cidade-Estado, tendo afinidade com o sofismo, a arte da persuasão que foge às regras da lógica, que subvertia paradigmas políticos, sociais, culturais e religiosos. Acredita-se que a sua origem familiar fosse aristocrática, pois sua formação parecia sofisticada, possibilidade restrita a poucas pessoas até então. Ou seja, Aristófanes era um conservador, acreditava nos valores democráticos tradicionais, nas virtudes cívicas e na solidariedade social, além de abominar os deuses e as inovações sociopolíticas.

O comediógrafo escreveu mais de 40 peças, das quais apenas 11 são conhecidas de maneira integral. Ele é considerado o baluarte da Comédia Antiga ou Clássica, tendo como características o emprego da sátira e as críticas à corrupção, à tirania e à pomposidade, seja no teatro ou na vida política e social. Representando o caráter cotidiano da comédia, alvejava personalidades, tais como políticos, filósofos, militares, poetas, dramaturgos e cientistas, fossem essas pessoas ricas ou pobres, jovens ou mais velhas.

Aristófanes faleceu em torno de 385 a.C., em Atenas, alçado como um dos maiores dramaturgos e comediógrafos da Grécia Antiga, cujas obras integrais, as preservadas até os dias de hoje, são: Os Acarnianos – ou Os Acarnenses (425 a.C.), Os Cavaleiros (424 a.C.), As Nuvens (423 a.C.), As Vespas (422 a.C.), A Paz (421 a.C.), As Aves (414 a.C.), A Greve do Sexo – ou Lisístrata (411 a.C.), As Tesmoforiantes – ou As Mulheres que Celebram as Tesmofórias (411 a.C.), As Rãs (405 a.C.), Pluto – ou Um Deus Chamado Dinheiro (388 a.C.) e As Mulheres na Assembleia – ou Assembleia de Mulheres (329 a.C.).



Contexto histórico

A Antiga Grécia é considerada o ventre da civilização ocidental, dentro da qual floresceram ciências como a Filosofia, a Matemática, a Física, a Astronomia e a História, além da notabilidade da Música, da Literatura e do Teatro. Sua formação étnica aconteceu a partir da miscigenação entre a cultura cretense, ou minóica, com a dos micênicos, ou aqueus, e as de outros povos indo-europeus, como dórios, eólios e jônios, entre 2000 e 1200 a.C., em período denominado por Grécia Pré-Homérica.

Já no Período Arcaico, que compreende os anos de 800 a 500 a.C., a Grécia Antiga experimentou o desenvolvimento político, social e cultural, com a revitalização da linguagem escrita, perdida anteriormente – no Período Homérico – e com os primeiros passos rumo à ascensão da democracia. Além do mais, as aglomerações populacionais, os genos, ampliaram-se e originaram unidades políticas maiores e mais complexas, precursoras das Cidades-Estado ou polis. Por esse caminho, a Grécia passou a ser composta por uma série de Cidades-Estado, cada qual com um governo, regime político e leis próprios, ao lado de uma profusão de características culturais, linguísticas, religiosas e econômicas. Cabe destacar a importância das Cidades-Estado de Esparta – de natureza belicosa, localizada em região montanhosa – e Atenas – em área litorânea, conhecida pelo estímulo às atividades intelectuais e com grande ênfase sobre a Filosofia e o Teatro, sobretudo a tragédia. Creta, Tebas e Tróia também foram importantes polis, com ênfase sobre as atividades comerciais.

Outra grande contribuição dos antigos gregos para a civilização ocidental e o mundo além da Hélade (hoje, a área que corresponde aos territórios que compõem a Grécia moderna) foi a democracia, sistema político inaugurado na Atenas do século VI a.C., resultante de reforma política efetuada pelo legislador Clístenes, como solução diante de conflitos sociais em torno de privilégios da aristocracia local, os eupátridas. Na democracia ateniense, passaram a ser considerados cidadãos, ou seja, iguais perante as leis, homens com mais de 18 anos, nascidos em Atenas e filhos de pais atenienses. Dessa maneira, passou a ser um tipo de representação política que foi ampliada se comparada à conjuntura anterior, mas, ainda assim, era algo para poucos, pois dela não participavam mulheres, pessoas escravizadas e estrangeiras. Contudo, ainda assim, a democracia possibilitou uma abertura de espaço para a participação política de outros grupos em ascensão, diante de uma Atenas que se expandia, inclusive territorialmente. Os dois principais sustentáculos da democracia eram a Bulé, o conselho que formava as leis, e a Eclésia, a assembleia que tomava as decisões.

Aristófanes viveu em Atenas à época do que se considera o apogeu da civilização grega, entre os séculos V e IV a.C., o Período Clássico, no qual o modelo político-administrativo ateniense se disseminou para outras polis. O dramaturgo viveu, mais especificamente, sob o governo de Péricles (de 444 a 429 a.C.), responsável pelo aprimoramento da democracia e a execução de obras públicas de embelezamento de Atenas. Ironicamente, foi o mesmo tempo de acirramento de conflitos e guerras, disputas essas tão criticadas por Aristófanes, ante a ação imperialista dos atenienses sobre as demais Cidades-Estado gregas. Sob a liderança de Esparta, várias polis se uniram e criaram a Liga do Peloponeso, com o fim de combater a hegemonia de Atenas e da Liga de Delos.

Entre 431 e 404 a.C., acontece a Guerra do Peloponeso, tão bem historiada por Tucídides, em História da Guerra do Peloponeso. Foi um conflito sucedido por diversos períodos, cujas consequências foram o declínio de Atenas, a ascensão de Esparta e a aplicação de sua posterior política imperialista sobre as demais polis gregas. Essa série de embates esgotou as forças militares e econômicas das cidades como um todo, que, fragilizadas, não ofereceram grandes obstáculos para a invasão empreendida pela Macedônica e o rei Felipe II, ainda no século IV a.C.

A obra de Aristófanes circunda entre guerras, especialmente a do Peloponeso, questionamentos políticos, filosóficos, sociais, culturais e religiosos. Em A Greve do Sexo – ou Lisístrata, de forma muito sarcástica, é evocada uma paz que não mais existe, devido à estupidez bélica e política tanto de atenienses como de espartanos, cujo movimento de rebeldia acontece a partir justo de quem não tem a condição de cidadania: a mulher. E não apenas as mulheres atenienses, como Lisístrata, Cleonice e Mirrina, mas também a espartana Lampito e outras mulheres, como as moças da Beócia e de Corinto. Personagens do cotidiano da Grécia Antiga, mas também porta-vozes do autor Aristófanes.



A importância do teatro para a organização social grega

A origem do teatro grego data do século V a.C. Seu caráter inicial foi ligado ao mundo ritualístico, com seus cultos e oferendas aos deuses gregos, que eram diversos. Ou seja, uma prática que unia festa à religião, na qual a arte era celebrada como meio de encontro com o divino, em uma conjuntura serpenteada pela presença de deuses, semi-deuses, mitos, heróis e o povo comum. Para os gregos, seus deuses eram forças encarnadas, e Dionísio, ou Dioniso, a divindade do vinho e das festas, também era o deus do teatro. Tanto que, nas célebres festividades dionisíacas, urbanas e rurais, aconteciam procissões, danças, recitações, cantos e apresentações teatrais. Tudo regado a muito vinho, orgias e representações de falos.

As dionisíacas urbanas e rurais aconteciam em dezembro, janeiro e março, e duravam seis dias. Nessa época festiva, as pessoas poderiam gozar de certa desmedida, ou seja, os lugares muito bem estabelecidos dentro da sociedade, ao longo do ano, eram temporariamente suspensos em torno de tais celebrações, flexibilizando os papéis sociais das pessoas. Ainda nas dionisíacas, aconteciam os ditirambos, que eram cantos líricos entoados com o auxílio de paramentos, tais como fantasias e máscaras. Dessas manifestações, houve o incremento para as representações cênicas, ou seja, o teatro, com espetáculos de mímica, dança, música e recitação de poesias. E Atenas foi o coração irradiador dessa arte, não somente no auge do seu tempo, mas também para além dele e de seus territórios, cuja influência tocou as portas do Império Romano.

Com o passar dos anos, o ritualístico no teatro passou a ceder espaço para as funções sociais e cívicas que ele poderia proporcionar, a ponto dos próprios governantes subsidiarem e indicarem cidadãos para que também fizessem o mesmo com as peças teatrais. Quem patrocinava as dionisíacas urbanas era o Estado e, em janeiro e março, aconteciam os festivais de teatro. Em janeiro, ainda no Inverno, eram apresentadas as comédias, sendo vedada a presença de mulheres na plateia. E, em março, era a vez das tragédias. Nesses festivais, apresentavam-se três tragédias e um drama satírico – este, de cunho mais divertido e mitológico, que servia como uma espécie de alívio entre as longas sessões catárticas trágicas; tratava-se de um drama sobre os sátiros, servos de Dionísio.

A tragédia, o mais encenado e o primeiro gênero dramático surgido na Grécia Antiga, era bastante cara à estrutura social grega, devido a seu caráter pedagógico. Seus personagens não eram pessoas comuns, como na comédia, mas sim reis, filhos e filhas de aristocratas, heróis míticos e de guerra, envolvidos em histórias desventuradas e infortúnios através dos quais modificavam suas vidas, cujos desfechos eram, em sua maioria, infelizes. Diferentemente

da poesia épica, que era dotada de narrativas nas quais não havia um limite de tempo e espaço, as peças trágicas aconteciam no tempo presente e delimitado em não mais do que um dia de apresentação. O ato de assistir a uma tragédia, acompanhando tão de perto as decisões e ações dos personagens, sua ruína em decorrência de escolhas equivocadas e o desenlace daí consequente, gerando uma série de emoções e sentimentos purgadores no público, é o que se chama de catarse. Em outras palavras, quando se entende a história de alguém sem que seja a sua própria história ou a própria pessoa, mas que, supostamente, poderia ser. Um modo de mostrar para um povo o que poderia acontecer a quem desviasse da curva das normativas de uma sociedade. Até mesmo os jurados das tragédias eram oriundos da aristocracia, diferentemente dos júris da comédia, escolhidos na plateia geral. Aristófanes, com o metateatro, fazia rir da realidade desses concursos.

Enquanto a tragédia remetia a reis e a heróis que erravam por sua soberba, por contrariar o decurso do destino e por transgredir as vontades divinas, a comédia remetia à realidade cotidiana, com personagens que erravam por ignorância. O cômico citava pessoas reais, o baixo ventre, com o sexo e a escatologia, o escárnio da condição humana, sobretudo as figuras poderosas. Afinal, a presença corporal era tema na cultura grega, desde a prática de esportes, a exemplo das competições que se iniciaram na cidade de Olímpia – as olimpíadas, que perduram até os dias de hoje – até as menções, digamos, mais íntimas, das cercanias da alcova e menos elevadas moralmente. O objetivo primeiro da comédia, então, era fazer rir. Entretanto, quando problematizava a realidade, também tinha uma função pedagógica, que não era questionar ou criticar essa realidade, mas sim abrí-la e desfazer modelos. A comédia operava a partir do elemento surpresa, o insólito.

O anfiteatro foi um dos primeiro edifícios teatrais da humanidade, onde aconteciam as apresentações cênicas na Grécia Antiga. Eram construídos em terrenos altos e ao ar livre, para elevar as pessoas. Como herança dos ditirambos, os atores utilizavam máscaras, até mesmo para ter uma projeção vocal maior para o público, e lançavam mão de diversos recursos tecnológicos bastante sofisticados para a época, com o fim de tornar a apresentação um espetáculo impactante. Os atores de tragédia tinham pouca mobilidade, devido ao uso de máscaras mais pesadas e por se manterem sobre estruturas de madeira, trajando figurinos pesados. Já os de comédia conseguiam se movimentar mais, com um jogo que dependia da encenação, e não somente do literário, com uso de máscaras mais disformes e de coturnos que pareciam pés de bode. E o diferencial entre a encenação e o literário foram determinantes para se estudar os gêneros dramáticos na Grécia Antiga, como fizeram alguns filósofos do período.



Os filósofos e a comédia

A Arte Poética, de Aristóteles, escrita no século IV a.C., é uma das principais obras mundiais sobre dramaturgia na cultura ocidental. Tal afirmação não é exagerada, pois o seu texto é ponto de partida até mesmo para a criação de roteiros audiovisuais clássicos nos dias de hoje, seja para cinema, séries, telenovelas e outras narrativas visuais. Curiosamente, o filósofo aristocrata nascido em 384 a.C., em Estagira, colônia grega instalada no território do reino da Macedônia, e que, posteriormente, foi habitante de Atenas, escreveu o seu trabalho quando os festivais de teatro já estavam em decadência na Grécia Antiga. Contudo, não deixa de ser um estudo e uma formalização sobre o drama – que, em grego, significa ação – tomando a tragédia como a sua referência elevada, com uma estrutura bem delimitada. O conceito de catarse também é de sua autoria. Porém, a poética de Aristóteles refere-se ao texto teatral literário, e não ao espetáculo teatral em si, o que pode não abarcar alguns aspectos presentes na comédia, por exemplo.

Especificamente sobre a comédia, o filósofo a considerava uma mimese das ações humanas, tal como a tragédia, porém realizada por homens tomados por ignóbeis, de caráter inferior. Apesar dessas considerações, a Comédia Clássica também conservava certa estrutura, tal como a sua “irmã-mãe”, tragédia. Todavia, sua mimética era baseada em pessoas comuns, ordinárias, e não em modelos míticos. Outrossim, a comédia também tinha estrutura de versos e metros, embora fossem metros que se aproximavam de falas do cotidiano. E ia além: era um gênero que pressupunha jogos de cena, tiradas que, enquanto estavam implícitas nas entrelinhas do texto, completavam-se no palco, na relação entre os atores, o tempo, o espaço e o público.

Já Platão, por sua vez, condenava a comédia por sua natureza mimética e enquanto papel de desequilíbrio da alma. Porém, o filósofo nascido em Atenas, entre 428 e 427 a.C., aproximou-se mais da comédia e de Aristófanes ao conferir-lhe poder, principalmente a respeito da ironia dramática e seus efeitos cômicos, e não nos diálogos com ironia metódica baseados na simulação da ignorância. Ou seja, existia uma intertextualidade entre os diálogos platônicos e a Comédia Clássica, com destaque à caricatura típica da obra de Aristófanes, pois Platão reconhecia o poder político e educativo na comédia, com o fim de desmascarar a teatocracia das instituições democráticas. Dentre seus motivos para isso, poderiam estar o seu combate à mímesis poética, tendo na caricatura cômica um sentido antimimético.

Entre os diálogos platônicos e as peças de Aristófanes também havia em comum o exercício direto da crítica social, cultural e política na polis, direciona-

do fortemente sobre o presente de seu tempo. Além do mais, a comédia tinha uma linguagem incisiva e uma voz no espaço público ateniense. Salvo essas considerações, as críticas de Platão à comédia se reservavam à ficção poética como um todo, no nível filosófico, assim como as fez em relação à tragédia na Grécia Antiga.



Características gerais da Comédia Clássica e de Aristófanes

A comédia não se distanciava muito da tragédia no que tange à presença de uma estrutura narrativa. Em geral, a Comédia Clássica era dotada de prólogo, párodo (entrada do coro), parábase (momento no qual o coro se afastava da ação cênica e quebrava a representação, com os atores falando diretamente ao público e trazendo à tona a ideia do autor, sublinhando temas sociais e políticos), agón (duelo de discursos), êxodo (a saída, o fim do espetáculo) e a revista (jogo de apresentação que sucedia o êxodo). Além dessa estrutura básica, apresentava textos em versos, mas sobre um vasto mundo cotidiano e medíocre, no qual os personagens eram tanto pessoas simples como nobres. A comédia, ademais, fazia despertar o humor e o riso nas platéias, também carregando consigo a ironia, o sarcasmo, a paródia e a fantasia, com um subtexto de críticas sociais e sátiras políticas, tal como implicações filosóficas e morais. O seu estilo burlesco era recheado de intrigas sentimentais, sensualidade e obscenidade, como se pode constatar na obra de Aristófanes, com palavreado dúbio e rubricas que sugeriam malícia de interpretação tanto do elenco como do público.

Aristófanes lançava mão, ainda, de diálogos inteligentes e cheios de sagacidade e vivacidade, marcando as falas dos personagens como se fossem o recado do próprio comediógrafo: um posicionamento conservador diante das inovações sociais e políticas que aconteciam em Atenas, em defesa de aspectos mais tradicionais, como as virtudes cívicas, a democracia e a solidariedade. Entre seus principais alvos, estavam os políticos, os filósofos, os poetas e os comerciantes ricos. Não se pode deixar de falar das críticas do dramaturgo a seus colegas de teatro, em especial aos tragediógrafos, e dois em particular: Eurípedes (480-406 a.C.) e Sófocles (497 ou 496-406 ou 405 a.C.). E, tanto quanto, o filósofo ateniense Sócrates (470-399 a.C.). Em suma, Aristófanes também direcionava a sua artilharia de críticas sobre os embustes, as ilusões, as pompas e temas pertinentes e correntes de sua época, como a já citada guerra, a educação, os debates filosóficos, o papel social da mulher, entre outros.



A Greve do Sexo – ou Lisístrata

A Greve do Sexo – ou Lisístrata é uma peça teatral de comédia que data de 411 a.C. e se passa no presente de seu tempo, em Atenas. A obra reúne, em seu texto, uma série de assuntos nevrálgicos para a sociedade ateniense e grega como um todo, do lugar da mulher na Grécia Antiga até a face nociva e estúpida da guerra, cujos desdobramentos incluem desde a pilhagem dos cofres públicos até a destruição dos próprios povos da Hélade, final este que, de fato, aconteceu como resultado da longa Guerra do Peloponeso.



Personagens

Seus personagens são, principalmente, mulheres: Lisístrata, a protagonista que nomeia a peça, Cleonice e Mirrina, atenienses de meia-idade – lembrando que, certamente, a referência de meia-idade na Grécia Antiga fosse diferente da noção que existe hoje. Lampito, espartana corpulenta, também de meia-idade. Duas moças, uma da Beócia e outra de Corinto. Oito mulheres atenienses, além de outras que se presumem presentes, dentro das portas da Acrópole. E Conciliação, personificada na figura de uma bela e jovem mulher.

Já à parte que cabe ao elenco de homens, quatro velhos atenienses, decrepitos, porém saudosos e agarrados às suas memórias belicosas. O Comissário de Polícia ateniense que, em certo ponto da peça, trava um duelo de argumentações com Lisístrata. Quatro soldados atenienses, que se vêem intimidados pelas mulheres, apesar de açulados pelo comissário. Cinésias, marido de Mirrina, que tenta dissuadi-la de sua greve de sexo, inclusive clamando para que a mulher retome seus deveres com o lar e o filho do casal – a criança também aparece na peça. Manes, criado de Cinésias, cuja aparição é breve, mas pontual, representando o estrato de escravos em Atenas. O Embaixador espartano e o Ministro ateniense, ávidos por intermediarem a paz, em prol do fim da greve. E as delegações de paz tanto de espartanos como de atenienses.



Estrutura do texto e recursos

A peça inicia com a apresentação do cenário, onde aparecem a casa de Lisístrata e a de Cleonice em primeiro plano, com rochedos e a gruta de Pã em segundo plano. Ao fundo, a Acrópole. Este cenário é mudado apenas uma vez, para as portas da cidadela da Acrópole, onde a maior parte da ação acontece. Essas descrições são bastante parecidas com as que são feitas em roteiros cinematográficos nos dias de hoje.

Os personagens são introduzidos por ordem de entrada na cena, como acontece no teatro, e as rubricas conferem tons de interpretação, inclusive nas viradas de costas para o público dos personagens do Embaixador de Esparta e do Ministro de Atenas, que são um pesar de mão de Aristófanes com a obscenidade. Mas o enredo se deslinda à medida que Lisístrata aguarda pela chegada das outras mulheres. Logo que todas se fazem presentes, Lisístrata cria uma expectativa sobre o assunto a ser tratado na reunião, que é a deflagração de uma greve de sexo para dar fim à guerra. Este é o primeiro ponto de virada, ou peripécia, e a passagem da introdução, ou início da peça, para o seu meio.

Já o meio de *A Greve do Sexo*, ou a parte que sucede o seu início e antecede o seu fim, acontece e se desenrola às portas da cidadela da Acrópole, com uma série de obstáculos para que a greve não aconteça: os desejos quase que incontroláveis das mulheres sedentas por seus maridos e amantes ausentes; os velhos atenienses que acampam defronte à Acrópole, com o fim de incendiar a cidadela e as mulheres; o Comissário de Polícia, que enfrenta Lisístrata; o marido Cinésias, que tenta convencer Mirrina a furar a greve. O ponto médio da narrativa é quando as mulheres chegam no seu limite e tentam fugir da Acrópole. Quando, Lisístrata, quase no limite de suas forças, lê uma profecia e, assim, convence e reacende os ânimos para a continuação da greve. A peripécia que direciona a peça para o seu fim, que é a parte que sucede o meio, é quando aparece Cinésias, o marido de Mirrina, que tenta fragilizar as convicções da esposa, a qual, por sua vez, excita-o ao máximo, de muitas maneiras, e não cede à conjunção carnal.

Na parte final, o Embaixador de Esparta aparece nas portas da Acrópole e, na companhia do Ministro de Atenas, selam o acordo de paz, sob o direcionamento de Lisístrata e a presença tentadora de Conciliação. O desenlace da comédia é a abertura das portas da cidadela, o reencontro de homens e mulheres, danças, cantos e paz, que também são o êxodo.

Ao longo do texto, as frases de caráter ambíguo são recursos que pontuam como a greve de sexo afeta toda a sociedade grega e o quanto ela serve

como medida para deslocar os eixos de poder. Estas são algumas das frases: “É grande a coisa?”; “Só abriremos as... portas”; “Arrancaria seus pulmões e outras coisas a dentadas!”; “Será para reacender o seu... entusiasmo, que está apagadinho?”; “Estou regando você, para ver se você fica mais viçoso...”; “Mulheres! Saiam todas! Mostrem a sua... bravura”; “Mas se o doce amor encher nosso corpo de desejos e deixar os homens com um entusiasmo de endurecer o... coração (...)”; “A solteirona passa o resto da vida esperando uma coisa que não vem...”; “E nisso elas têm mais facilidade, pois não há nada que atrapalhe na hora de montar...”; “Se o caso é de mostrar a... valentia (...)”; “Quando as tímidas pombinhas fugindo aos pintos se reunirem encolhidas num mesmo lugar e fizerem um pouco de jejum do que elas mais gostam, seus males cessarão; o que estava por baixo ficará por cima.”; “Como é que o seu... coração suportou essa prova?”; “Quem é você? Um homem ou um saca-rolhas?”; “Isto não é lança...”; “Qual é a causa dessa... doença?”; “Andamos até meio caídos para a frente, pois não aguentamos o peso da... lança.”; “Ih! Que coisa grossa! Parece uma tora!”; “Nunca vi mulher pegar as coisas tão bem!”; “Se eu pudesse, atacava agora mesmo as costas dela! Que beleza de “litoral”!...”; “Arrombar é conosco!”.

Enquanto os diálogos das mulheres trazem à tona a sua situação não somente em Atenas, mas em toda a Grécia, com menções ao cotidiano do lar, a submissão às palavras e às ações dos homens, a maternidade e o desejo de ter liberdades, os homens possuem um palavreado violento, como se suas vidas fossem cultivadas apenas para a guerra, para o conflito, para a subjugação. Tanto que, na parte final da peça, o grupo de mulheres que inicialmente discute com o grupo de velhos acaba por arrefecer a ira deles ao serem gentis, ou seja, não alimentando o seu espírito explosivo. Até mesmo os falos são comparados entre si, pelos próprios homens, como se fossem lanças em riste, prontas para arrombar as portas da cidadela.

E, finalmente, é preciso destacar a personagem Lisístrata, como a protagonista que traz nas suas palavras as ideias e os discursos de Aristófanes, sobretudo no duelo argumentativo com o Comissário de Polícia. Seria como se, aqui, acontecesse uma mistura de parábases – na qual as máscaras seriam retiradas e acontecesse a quebra da representação, fazendo emergir as palavras do dramaturgo Aristófanes – com agôn, no duelo de discursos.



Sequência de acontecimentos

Esta é a sequência de acontecimentos de *A Greve do Sexo*, que compõe o seu argumento: no primeiro cenário, à frente das casas de Lisístrata e Cleonice, a protagonista aguarda as mulheres que foram convocadas por ela para uma reunião. As mulheres se atrasam, mas chegam, pouco a pouco, a começar por Cleonice, que está bastante curiosa para saber sobre o assunto do encontro. Logo depois, chegam Mirrina, seguida pela espartana Lampito e duas moças, uma da Beócia e outra de Corinto. Finalmente, Lisístrata propõe a greve de sexo para a guerra acabar e os filhos e maridos retornarem para casa. Após um pouco de contrariedade das mulheres, exceto por Lampito, que apoia Lisístrata de pronto, a greve é decretada e o grupo de mulheres faz um juramento, enquanto bebe vinho para selar a união. Paralelamente, a Acrópole é tomada por outras mulheres e os barulhos são ouvidos desde o primeiro cenário.

Já em frente ao segundo cenário, às portas da cidade da Acrópole, um grupo de velhos decrépitos se aproxima, carregando pedaços de madeira e brasas dentro de uma panela. Seu intuito é impedir que as mulheres tomem a Acrópole e incendiá-las vivas. Contudo, um grupo de mulheres com jarras cheias d'água se aproxima, e a discussão inicia, com muita troca de ofensas, principalmente da parte dos velhos. Um dos velhos ameaça atear fogo em uma das mulheres, que o molha com a água das jarras. Neste momento, chega o Comissário de Polícia.

Acompanhado por quatro soldados, o comissário insufla seus homens contra as portas da Acrópole, quando Lisístrata sai de dentro. Uma discussão entre os dois se inicia e o homem a intimida. Cleonice e Mirrina saem pelos portões, em defesa de Lisístrata, e ameaçam tanto o comissário como seus soldados, que recuam. Os velhos continuam com suas reclamações contra as mulheres e o comissário interpela Lisístrata, com o fim de entender os motivos da ocupação da cidadela. Aí, Lisístrata e o Comissário de Polícia travam um duelo de discursos: ela quer proteger o tesouro da Acrópole e, ao lado das mulheres de Atenas, administrar os bens públicos e acabar com a guerra; ele reafirma que a guerra é necessária e que não caberia às mulheres sair das competências do lar e às quais são destinadas. Lisístrata deslinda um enorme discurso sobre as opressões contra as mulheres e o quanto a guerra está subtraindo os homens de suas famílias. O comissário continua defendendo a guerra. Mas Lisístrata não se dobra e é apoiada por Cleonice e Mirrina. O comissário se retira.

Na parte externa da cidadela, as mulheres continuam a discutir com os velhos atenienses, enquanto Lisístrata procura controlar uma rebelião de fura-greves dentro dos portões: uma delas chega, inclusive, a mentir gravidez para

voltar para casa. No limite de suas forças, Lisístrata lê uma profecia e convence as mulheres a manter a greve.

Dias depois, Cinésias aparece na Acrópole, com um criado e o filho pequeno, tentando seduzir Mirrina e levá-la de volta para casa. Ele chega a colocar o menino no meio da discussão, para tentar sensibilizar a esposa. Mirrina envolve Cinésias em um jogo de sedução, fazendo-o acreditar que os dois terão relações, mas foge de volta para a cidadela, deixando-o arrasado. Os velhos atenienses, ainda à porta da Acrópole, continuam suas injúrias contra as mulheres.

Logo após, chega o Embaixador de Esparta, notadamente com uma ereção e em busca de paz com Atenas. Após uma série de trocadilhos sexuais infames com o Ministro de Atenas, utilizando as palavras lança, tumor e doença, o ateniense se compraz do espartano e também compartilha da mesma necessidade que o embaixador. Os dois fazem, entre si, um acordo prévio de paz, para negociar com as mulheres o fim da greve, sob os protestos dos velhos atenienses, que apenas dão uma breve trégua quando as mulheres fora da cidadela demonstram compaixão por eles.

A delegação de Esparta surge e o Embaixador retorna, para selar a paz juntamente com o Ministro de Atenas. Os dois homens se solidarizam com suas situações constrangedoras e aguardam por Lisístrata, que sai da Acrópole. Conciliação, uma bela mulher, é trazida por outras mulheres de dentro da cidadela, sob os olhos sedentos dos homens, até mesmo os dos velhos. Lisístrata, com a mediação de Conciliação, acerta a paz entre atenienses e espartanos. As portas da Acrópole são abertas. A peça termina com festejos, danças e cantos.

REFERÊNCIAS

ARISTÓFANES. **A Greve do Sexo** (Lisístrata). Tradução do grego de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2006.

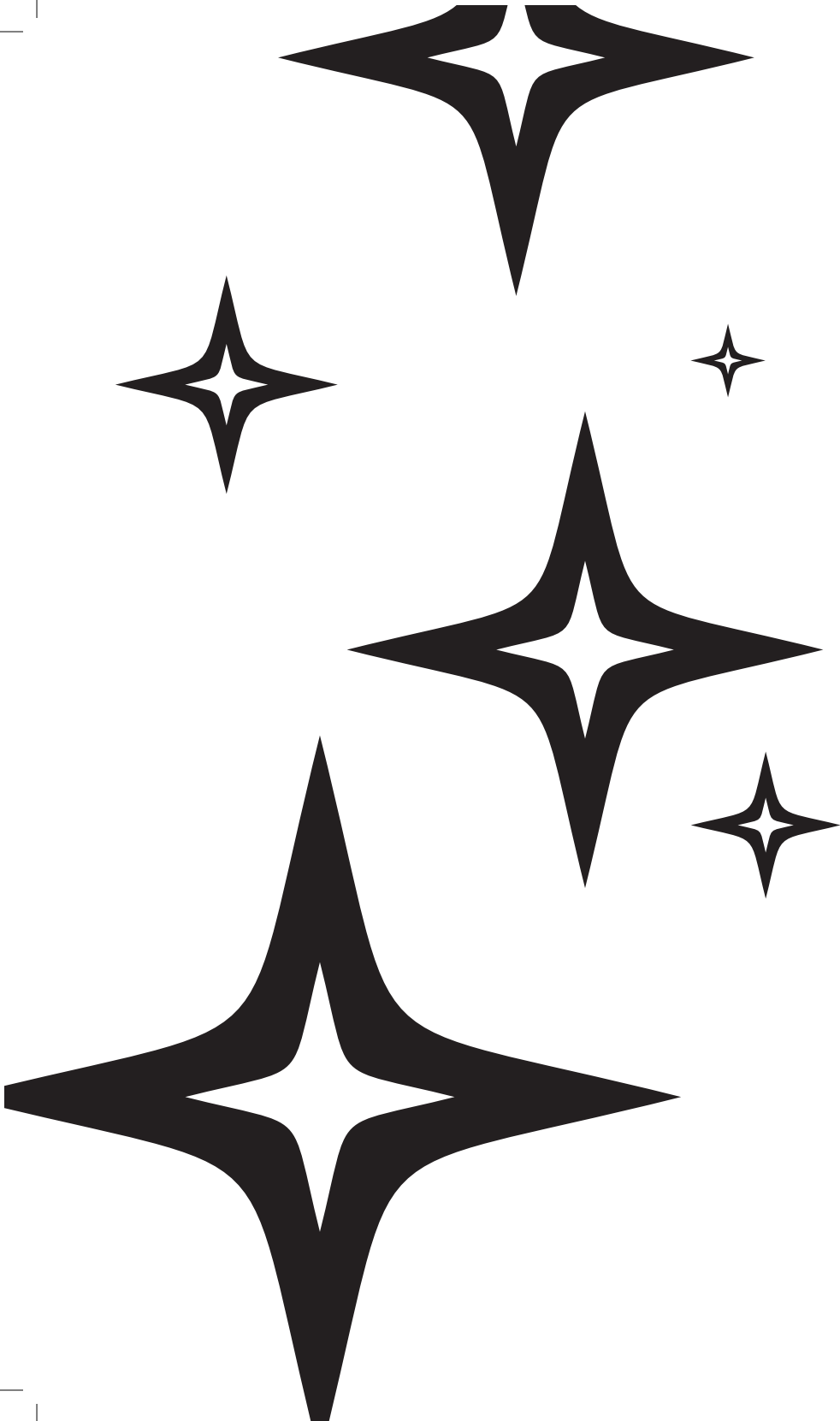
QUEIRÓS, Antônio. Platão e seu diálogo com a Comédia. In: **Anais de Filosofia Clássica**, Vol. V, Nº 10, 2011 ISSN 1982-5323. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011, p. 71-89.





Todo o elenco *The Birds of Aristófanes*
Cambridge, novembro de 1883.

Autor: Robert Farren



“Memórias pias e familiares cruzam-se e confundem-se. Cá estão as vozes remotas da primeira missa; cá estão as cantigas da roça que ele ouvia cantar às pretas, em casa; farrapos de sensações esvaídas, aqui um medo, ali um gosto, acolá um fastio de cousas que vieram cada uma por sua vez, e que ora jazem na grande unidade impalpável e obscura.” (Conto Viver)

Várias Histórias, Machado de Assis.



Várias Histórias

Machado de Assis

Várias Histórias

Machado de Assis

por *Luciane de Lima Paim*



Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 21 de junho de 1839, na cidade do Rio de Janeiro. Machado fazia parte de uma família pobre, sofreu muito preconceito por ser negro. Perdeu a mãe na infância, o que o levou a ser criado pela madrasta. Apesar das adversidades, conseguiu desenvolver-se no meio acadêmico de forma brilhante. Em 1856, entrou como aprendiz de tipógrafo na Tipografia Nacional. Posteriormente, atuou como revisor, colaborou com várias revistas e jornais, e, ainda, trabalhou como funcionário público. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras (ABL). Algumas de suas obras mais conhecidas são: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *O Alienista*, *Helena*, *Dom Casmurro*, *A Cartomante* e *Memorial de Aires*. Machado de Assis faleceu em 29 de setembro de 1908 devido a um câncer e foi decretado luto oficial em todo o país.



A Obra

Várias histórias é uma coletânea de 16 contos. Foi publicado, pela primeira vez, em 1896, fazendo parte do período realista de Machado de Assis. Os contos da obra são profundamente marcados pela análise psicológica das personagens, além da erudição e da intertextualidade que transparecem, como, por exemplo, referências à música clássica, a clássicos da literatura, bem como a histórias bíblicas. Muitos apresentam um tom pessimista.

O autor escolhe a narrativa curta para discorrer sobre o fazer ficcional, sendo esse tema um a mais dentre outros, apuradamente ordenados em camadas que não apenas se superpõem, mas interpenetram e reafirmam variadas vertentes de fios narrativos. Machado conta histórias, enquanto trata do próprio ato de contar, dos efeitos e da necessidade da ficção – enquanto isso, reafirma-a como instrumento para a intelectualidade, em um mundo em que a objetividade cartesiana já não supõe os olhos como fiéis receptores da realidade, mas precisa de outras maneiras de ver e de sentir.

É uma coletânea composta por textos breves, para passar o tempo, sem almejar a eternidade, limitados pelo número de páginas, estão, portanto, reunidos caprichosamente, quase que se podendo ouvir ao fundo o som de um relógio denunciando a marcação irremediável das horas. É necessário que o leitor saiba que tudo transcorre em um determinado tempo e que o próprio tempo dele, leitor, correrá enquanto se detiver lendo os contos a ele apresentados.



Contexto Histórico

A maior parte das histórias se passa no Brasil do séc. XIX, sobretudo na segunda metade do século, de modo que os contos retratam bem o contexto sociocultural da época. Assim, em meados do XIX, Machado variava as expressões *reforma realista*, *teoria realista* e *realismo*, vinculando-as ao mesmo movimento, de que dizia fazer parte, principalmente em oposição à reforma romântica. A maneira como vestia a titulação dizia, desde já, respeito a uma relação com a realidade. Machado consegue, tanto nos contos como nos romances um movimento que constrói, com ironia, uma narrativa autorreferencial, obtendo como resultado textual a expressão das contradições da sociedade de seu tempo. É sua resposta estética àquele descrever detalhado ou àquela apresentação rude de temas do cotidiano que nos seus dias se costumou etiquetar com o nome de Realismo.

Há de se destacar que existem diferentes dados em cada realidade observada por Machado, o que nos leva ao paradoxo do realismo que, para tratar objetivamente das condições reais, precisa valer-se de modos oblíquos, de uma realidade transfigurada, da presença do fantástico, do alegórico, do absurdo. A loucura faz-se necessária para, opondo-se à razão, fazer refletir aquilo mesmo que a razão extinta recusa pensar. O sonho passa a ser espaço para o processamento da vida e a febre torna-se o campo ameno da lucidez. Somente assim chegamos ao Realismo de Machado, o qual, superando seu paradoxo, vale-se de todos os recursos disponíveis à forma para não apenas repetir o referente com objetivos ficcionais, mas revelar na forma, no gênero, na mistura dos gêneros, as condições reais da sociedade brasileira, com suas convenções, seu clientelismo, suas relações corrompidas e seus impasses.

Ademais, a marca do relógio percorre todos os contos reunidos em *Várias histórias*, como um objeto que se percebe ao fundo sem ser descrito. Se não na forma de números e ponteiros, aparece nos calendários sociais, nos adjetivos relativos à idade, nas datas criteriosamente referidas. São histórias para passar o tempo se podemos entender que o tempo as perpassa, feitas para permitir que o tempo tenha curso através das palavras e das frases. Não se trata apenas de um tempo, mas de vários tempos, somados os das narrativas, o do autor, como ser existente, o do mundo do autor, mas também na inauguração do caminho do tempo histórico para a ficção que é tema desses contos.



RESUMO E ANÁLISE DOS 16 CONTOS DE *VÁRIAS HISTÓRIAS*

1. “A cartomante”

Neste conto, o autor apresenta-nos um triângulo amoroso entre os personagens Camilo, Rita e Vilela. O enredo é cercado por mistérios e questionamentos. No desenrolar da história, Camilo envolve-se amorosamente com Rita, os dois passam, então, a viver uma paixão às escondidas. No entanto, Rita demonstra suas preocupações com o futuro e inicia consultas com uma cartomante. A partir das dúvidas inconstantes de Rita, a narrativa começa a girar em torno de suas consultas com a cartomante. Em determinado momento do conto, os dois amantes passam a ser assombrados por cartas anônimas que pretendem revelar publicamente o adultério. Meses se passam e um bilhete identificado pelo nome de Vilela pede que Camilo compareça urgentemente à sua casa. Camilo, neste momento, acaba procurando a cartomante e opta por realizar uma breve consulta, da qual sai sereno e certo de que o encontro com o amigo era sobre outro assunto. Contudo, ao chegar à casa de Vilela, depara-se com uma tragédia: Rita assassinada e Vilela dominado pela ira por ter desco-

berto o adultério. No fim, Vilela acaba assassinando também o amigo e conto é encerrado com a morte dos dois amantes.

Análise

O conto, o papel da mulher mostra-se, primeiramente, de forma apagada, para, na sequência, tonar-se a mediação principal dos acontecimentos. Paulatinamente, as personagens passam a viver em torno dos enigmas criados pela cartomante e de suas prováveis previsões. O final, ao mesmo tempo trágico e chocante, tende a racionalizar o aspecto sobrenatural. Entretanto, compreende, ao desenrolar da narrativa, que a construção mística e simbólica da cartomante permanece e desenvolve um arcabouço de questionamentos por parte do leitor.



2. “Um homem célebre”

No conto, o personagem principal é Pestana, o qual nos é apresentado como um músico descontente e aborrecido. No desenrolar da trama, em uma festa de aniversário, Pestana é convidado a tocar uma polca de sua autoria, no entanto, fica atordoado e abandona a festa com a desculpa de estar com dor de cabeça, e, ainda, fica mais angustiado quando, no caminho de volta para casa, ouve uma de suas polcas sendo assoviada por alguém na rua. O drama de Pestana faz morada na sua busca pela perfeição estética, a qual não é alcançada, pois vê todas as alternativas lhe serem negadas no decorrer da vida. O músico almeja ser reconhecido e lembrado pela composição de obras eruditas e bem elaboradas, porém, ainda que tenha domínio da linguagem musical e poder de criação, é incapaz de produzir peças de alta qualidade, como as que admira em Beethoven ou Mozart. Sua vida é reduzida à criação de polcas.

Análise

É exposta no conto, de acordo com a refinada ironia machadiana e com seu pessimismo, a impotência espiritual de Pestana que, sem nenhuma espécie de intervenção divina, simplesmente não consegue realizar o que julga ser capaz, que é compor músicas eruditas, diferentes das polcas populares, que são, na realidade, o que ele, exclusivamente, consegue produzir.



3. “O enfermeiro”

Procópio, narrador e personagem principal do conto dirigiu-se para uma vila do interior do país, para um novo emprego, onde encontrou o paciente, coronel Felisberto, um senhor de gênio difícil, exigente, rabugento. Ao chegar na vila, o narrador tomou conhecimento das dificuldades do trabalho e de fatos assustadores em decorrência de acessos por parte do coronel, como o de que ele já havia agredido dois enfermeiros que o antecederam. Ainda assim, como que desafiado pela situação, resolveu aceitar o emprego e ficar na vila. No desenrolar da narrativa, Procópio deparou-se com a realidade, iniciando-se uma fase de desmazelo e crueldade por parte do coronel, que passou a tratá-lo com desprezo, ira, ofensas e agressões, não permitindo momento algum de tranquilidade. Cansado da dura rotina, em uma noite de trabalho, o enfermeiro adormeceu em uma cadeira ao lado do paciente, contudo, foi surpreendido, acordou assustado com os gritos do doente lançando um objeto contra ele, atingindo-lhe a face. Enfurecido e com raiva, Procópio atirou-se contra o doente com as mãos em seu pescoço, esganando-o, logo, assassinando-o.

Passados sete dias do trágico momento da vida de Procópio, recebeu uma carta do vigário com notícias do testamento do coronel e, para a sua grande surpresa, tornou-se herdeiro universal do falecido. A narrativa encerra com a despedida do enfermeiro pedindo que o leitor, se considerou que a história valeu de alguma coisa, compre-lhe um túmulo de mármore e que por epitáfio escreva parte do sermão da montanha: “bem-aventurados os que possuem, porque eles serão consolados”.

Análise

Depois de já ter testado a paciência de vários outros enfermeiros, compreende-se que aquele jogo de cão e gato parecia importante para afastar do coronel um profundo tédio, e ele o conduzira com o espírito de alguém que procurava o oponente ideal, em um último esforço para se manter vivo, já que o corpo morria lentamente. Contabilizava quanto tempo demoraria até que a provocação que pôs fim à sua vida finalmente se concretizasse. Desejava ser morto, na realidade, pois buscou alguém que, provocado até o limite, colocaria fim à sua vida. Machado de Assis construiu os personagens do conto com recortes bem delimitados de características humanas cujas atitudes espelham e chegam a convencer de que se trata de atos que poderiam ter se sucedido na vida real.



4. “Um apólogo”

Em “Um apólogo”, Machado de Assis deu vida a uma agulha, a um novelo de linha e a um alfinete. Além dos objetos, aparecem na narrativa a Mucama e a Baronesa. O conto é narrado em terceira pessoa e relata uma relação conturbada entre a agulha e o novelo de linha, porém, no último parágrafo, o narrador se revela em primeira pessoa. Além disso, o conto narra uma história de orgulho e vaidade que levam uma agulha e um novelo de linha a uma discussão acalorada, em que ambos procuram provar sua superioridade em relação à outra. No fim, na ausência de acordo entre as partes, o autor termina com uma lição de moral valiosa.

Análise

Após a leitura de “Um apólogo”, percebe-se como Machado de Assis compara toda a sociedade como simples objetos: a sociedade é manipulada, seja por seus interesses pequenos e mesquinhos, seja por alguma mão que usa para costurar o que bem quiser. A mão, no caso, é da costureira, a qual, por sua vez, é manipulada pelas vontades da Baronesa que a mantém para a costura. Além disso, as comparações entre a agulha e a costureira, e a linha e a Baronesa, são bem claras. A agulha faz todo o trabalho braçal, não tem cabeça, pois não é alfinete, assim como a costureira que costura todo o vestido sem questionar, enquanto a linha, toda orgulhosa e vaidosa é a que vai ao baile, assim como a Baronesa.



5. “Adão e Eva”

Neste conto, Machado de Assis reinterpretou a história da criação, contida no livro do Gênesis, recriando-a de modo diferente se comparada com o texto original. De fato, essa nova versão atribuída à história da criação pelo autor põe em evidência uma figura tão importante para o imaginário Ocidental quanto Deus: o Diabo, levando-nos a repensar o papel do Diabo, que foi igualmente decisivo na história da humanidade. Assim, Machado se apropriou do texto bíblico, modificando-o: introduziu a figura do Diabo que não aparece no terceiro capítulo do livro do Gênesis. A narrativa do conto tem início na casa de D. Leonor, senhora de engenho, que promovia uma reunião íntima entre os amigos. Ao mencionar uma história sobre um doce, D. Leonor deixa um convidado curioso para saber que doce era. É a partir dessa curiosidade do convidado que se desenrola uma conversa sobre Adão e Eva. Dessa conversa, surge o posicionamento de Sr. Veloso, convidado presente, o qual afirma que a história

descrita na Bíblia não era a verdadeira e que conhecia a original. Desse modo, apresentou a sua versão para todos. Assim, com a narração desse personagem, Machado revisita à tradição, a fim de questioná-la. Logo, no conto, a história bíblica é narrada às avessas.

Análise

Nesta versão reinterpretada por Machado de Assis, o mundo não foi criado por Deus, mas sim pelo Diabo, e ao Senhor coube o papel de coadjuvante da narrativa, pois a ele só restou a tarefa de corrigir a criação do mal, através do bem. Como todos sabem, segundo a Bíblia, a capacidade de criar, é atribuída exclusivamente a Deus, que detém todo o poder. Assim, ao modificar o sujeito do processo criador, Machado põe em dúvida o poder de Deus.



6. “Mariana”

O conto “Mariana” é a narrativa de um amor perdido no tempo. Narra a volta de Evaristo, depois de vários anos, da França para o Brasil, ao saber do fim da monarquia. Ele decide rever Mariana, seu amor de juventude, esperando que ela ainda o ame. Entretanto, ele descobre que Mariana o não ama mais. Ela se casou, e ama seu marido, Xavier, que se encontra, então, à beira da morte.

Os esforços que Evaristo faz para se instaurar no tempo presente da mulher que amou são infrutíferos. Ainda que fosse Mariana, não era a do retrato – “Mariana ia um grande pedaço adiante”. A Evaristo, restou-lhe Paris, a comédia de um amigo e as coisas de teatro. A Mariana que amara antigamente já não era mais a mesma.

Análise

“Mariana” é a realidade de um passado, convivendo simultaneamente com uma outra, do tempo presente. Comparando as duas, Evaristo, antigo amor proibido do passado de Mariana, concluiu que “a arte era superior à natureza; a tela guardava o corpo e a alma...” Talvez, aqui, melhor se diga a aura, também “borrifada de um despeitozinho acre”, à semelhança da aura fotográfica, alcançada através de recursos técnicos, estratégia muito utilizada por Machado de Assis.

Além disso, destaca-se na narrativa a contradição entre a nostalgia de Evaristo e sua pretensão de avaliar as novidades do Brasil republicano. Da análise dessa contradição, surge a hipótese de que “Mariana” traduz em sua forma os impasses subjetivos de seu protagonista, em sua resistência sociopática à mudança social. Logo, se a sobreposição entre o passado e o presente determina o andamento da narrativa, a tensão entre a continuidade e a ruptura estabelece o desenho geral de sua forma.



7. “D. Paula”

Este conto narra a história de vida de Paula, a qual tenta salvar o casamento de sua sobrinha, Venancinha, depois que esta tem seu casamento com um advogado ameaçado por uma suspeita de traição, um início de adultério. Entretanto, o leitor descobre que também a própria Paula, no passado, tivera uma relação amorosa com o pai do amante da sobrinha, Vasco Maria Portela. A tia, então, realoca-se, com a sobrinha, para a Tijuca, onde passa a morar, a fim de tentar mostrar uma nova vida à Venancinha. No entanto, entre as memórias do passado e os sentimentos enclausurados, D. Paula tentará reencontrar-se com o passado.

Análise

Assumir ser senhora de si era perigoso para continuar no jogo social que se arma no contexto da época. Em “D. Paula”, o que a personagem-título faz e diz não condiz exatamente com aquilo que o narrador mostra, e essa ambiguidade é um dos elementos que permitem a manutenção desse frágil equilíbrio entre o ser e o parecer. Salvar o casamento da sobrinha significava manter a postura austera e pia que a tia conquistou ao longo dos anos, já que, ao menos exteriormente, a infidelidade fora esquecida por aqueles que conviviam com ela. Venancinha e Paula se confundem na atuação de duas forças temporais: o passado e o presente. É pelo relato de Venancinha que D. Paula tenta reencontrar as suas próprias memórias, suas emoções e sua vivência. Na memória ou na realidade, o pêndulo balança entre a infidelidade de uma e de outra, cujo fator tem o mesmo nome: Vasco Maria Portela.



8. “Conto de Escola”

“Conto de Escola” é narrado em primeira pessoa e ambientado na primeira metade do século XIX. A narrativa de Machado de Assis traz a história de um menino que é flagrado por um colega ensinando a lição a outro em troca de uma moedinha de prata, sendo, por isso, punido severamente pelo professor. No início da narrativa, temos a indecisão do personagem-narrador entre ir brincar no morro ou no campo, entre as duas possibilidades, ele acaba optando por uma terceira alternativa, ou seja, vai para a escola. Esta, por sua vez, é descrita como o espaço de aprisionamento, em oposição à liberdade das ruas. Ao final, conclui que o episódio lhe trouxera dois conhecimentos, o da corrupção e o da delação.

Análise

A escrita de Machado comunica várias mensagens em diversos níveis, assim, num outro nível dessa narrativa, também como parte de sua ambivalência, temos duas histórias acontecendo simultaneamente. Uma delas é o relato da experiência escolar de um menino, experiência que acabou se transformando em lição de vida, pois, como exposto, ao final do episódio, o narrador entra em contato com o lado sombrio das relações humanas, contrariando, portanto, o que se espera de uma situação de aprendizado escolar. A outra história diz respeito à situação política do país, sugerida pela leitura que o professor faz do jornal do dia, enquanto os alunos faziam a lição, ou seja, enquanto Raimundo e Pilar viviam o seu drama, o professor vivia outro. Isto acontecendo simultaneamente no espaço da sala de aula.



9. “Entre Santos”

“Entre santos” é uma narrativa envolvente sobre a história de um velho padre, o qual narra um milagre que viu anos atrás. Machado de Assis prepara o ambiente de mistério que ‘arrasta’ o personagem a um lugar de revelação. O ambiente é uma igreja, a luz é fixa e suave, semelhante à luz da lua. O espanto quase leva o receptor à loucura, mas ele refaz-se diante dessa experiência que o faz perder a consciência de si mesmo. Numa noite, cinco santos da igreja, vivificados, contam entre si as orações feitas pelos fiéis no dia. A principal narrativa é de S. Francisco de Sales: é sobre Sales, um avaro e usurário, cuja mulher está à beira da morte, e vai à igreja para pedir intercessão divina para ela. Por sua disposição de avaro e usurário, prefere prometer mil padre-nossos e mil ave-marias ao invés de gastar dinheiro com alguma outra promessa.

Análise

No conto “Entre Santos”, Machado concede a um capelão a experiência de uma realidade mais assombrosa do que a vida, fazendo-o chegar quase ao “abismo da loucura” quando, descidos de seus nichos, alguns santos da igreja conversam, narrando e comentando “segundo o temperamento de cada um”, num processo tanatológico em que cada um deles desfibrava os sentimentos de seus fiéis “como os anatomistas escalpelam um cadáver”. No momento em que isso ocorre, o capelão entra num outro tempo, de tal maneira que sua vida anterior lhe parece uma outra vida. Ele está diante do fantástico, do sobrenatural, no tempo místico da escritura. São Francisco de Sales narra o acontecido com um fiel e “a narração foi tão longa e miúda, a análise tão complicada, que não as ponho aqui integralmente”, diz a assustada testemunha, “mas em subs-

tância”. O santo leu a súplica no coração de um aflito, homem avaro, que diante da doença da mulher luta por ela em oração, a ponto de desejar oferecer uma perna de cera no caso da cura da companheira. O difícil, para ele, era conciliar o bolso e a devoção. Passa-se, então, a um discurso angustiado. Uma promessa precisa ser feita, uma vez que o amor à mulher é real, mas a garra da avareza impede a palavra. A súplica está presente, mas o discurso não se articula, o que gera a melancolia no olhar. A demora e a luta interior acabam chegando à alucinação. A moeda, custo da oferta, ganha vida e o faz recuar. A solução ele encontra em uma substituição que não lhe custe nada ao bolso, senão ao esforço da oração. Troca moedas por rezas e aumenta-lhes o número, seduzido pelos algarismos que iludem seu coração e fazem fluir a palavra. Mil, mil rezas, era palavra fácil e fluida, mais forte.



10. “Uns Braços”

“Uns braços” é uma narrativa sobre a paixão juvenil de Inácio, um rapaz de quinze anos, por D. Severina, esposa de seu patrão, Borges. D. Severina acaba descobrindo a paixão do jovem, mas mantém o segredo. Num dia, estando ela sozinha com o rapaz, que dormia. Fica algum tempo o admirando, mesmo sem entender o porquê de estar fazendo aquilo, sentindo aquilo, e inesperadamente dá-lhe um leve beijo na boca. Nesse momento, Inácio estava num sono pesado, sonhando com ela, sem saber que era beijado realmente. Até que D. Severina ouve um barulho num dos cômodos e temendo ser alguém que pudesse vê-la no quarto do rapaz, sai apressadamente. Pouco tempo depois, Borges manda o garoto de volta a seu pai, e na despedida não vê D. Severina, levando consigo apenas as sensações vividas.

Análise

Machado de Assis, com seu realismo alucinógeno, apresenta parêntesis corpóreos na vida de um rapaz sonhador de quinze anos, em “Uns Braços”. Auxiliar de escrevente, confunde os papéis todos. Confunde mesmo o papel de hóspede na casa do Borges, chegando a devanear o carinho da dona da casa. D. Severina começa a perceber que o rapaz oscila entre os conceitos de realidade e ilusão. Tudo suposições? Sim, talvez, pois o jovem Inácio tinha já, impressos na memória, seus belos braços.

Em um domingo em que o moço dorme, estirado na rede, alimentado pela ficção cuja leitura o fizera elevar D. Severina à estatura de heroína, ela, tendo sonhado com ele à noite, aproxima-se e sela em seus lábios um rápido beijo. Para ele, um sonho; para ela o vexame e a necessidade de afastar-se. O jovem

levou por toda a vida o sabor do sonho, sem saber que fora real. O conto, repetidor insistente do termo verdade, mostra a tênue linha que a separa do campo da ilusão.



11. “A desejada das gentes”

“A desejada das gentes” constitui-se como uma conversa entre um personagem referido como Conselheiro e seu interlocutor, na qual o primeiro, a partir de uma evocação espacial e sentimental aparentemente espontânea – “Olhe, a casa era aquela”; “Todas essas caras que aí passam são outras, mas falam-me daquele tempo, como se fossem as mesmas de outrora” – relata sua complexa experiência amorosa com Quintília, mulher “bela, rica, elegante, e da primeira roda”, reelaborando-a em busca de compreensão, atividade na qual entram não apenas “algumas reminiscências particulares” que fazem vibrar “a lira no coração” mas também o trabalho imaginativo: “é a lira que ressoa e a imaginação faz o resto”.

Narrativa que explora uma experiência conturbada, marcada por uma recusa convicta ao matrimônio por parte da moça que, com mais de trinta anos e herdeira de vultosos bens deixados por um tio, colocava-se como objeto de admiração de muitos pretendentes, mas recusava obstinadamente todos. Revelava, todavia, certa preferência pelo narrador, mais novo que ela, com quem, no ato final de sua vida teatralizada, acaba por se casar “meio defunta, às portas do nada”.

Análise

Neste conto, o autor define o homem como o portador de uma lira no coração, “ou não sejam homens”. Narra o amor de um homem por uma mulher, Quintília, que o quer na medida do amor cortês, enquanto ele o quer na dimensão dos romances. Prevalece o vínculo da simpatia e a chama da esperança, ao menos no coração dele. Uma moléstia a leva ao túmulo, não sem antes casarem-se, em data firmemente transcrita, como a marcação documental da relação que não se concretizou. O lirismo no coração do homem faz com que ele veja, além do fisiologismo, algo de belo e de divino nessa expressão de amor, até mesmo no abraço, primeiro, que deu na esposa defunta.

A forma dramática adotada coloca em tensão vozes parcialmente dissonantes, já que opõe às falas do Conselheiro as pontuações, de leve toque irônico, do interlocutor, que também retém memória viva da beleza da moça. Assim, a imagem desta é construída em conjunto, cabendo ao leitor a tarefa de sobrepor e sopesar as vozes e, a partir de sua síntese, tentar uma aproximação

à imagem de Quintília sem se prender às hipóteses interpretativas diagnosticadas pelo conto. De fato, a multiplicidade de visões é inerente à própria forma dramática que encontra no diálogo.



12. “A causa secreta”

“A causa secreta” narra a história de Garcia, Fortunato e Maria Luísa. Garcia e Fortunato são amigos. Fortunato é casado com Maria Luísa. Fortunato funda uma casa de saúde, na qual trabalha muito. Ele é sádico, fazendo, por exemplo, experimentos com animais. A história apenas é contada porque os três personagens presentes já estão mortos. “É tempo de contar a história sem rebuço”. É notável que “o que se passou foi de tal natureza, que para fazê-lo entender, é preciso remontar a origem da situação”. Garcia se apaixona por Maria Luísa, mas ela não trai seu marido.

Aqui, o narrador onisciente constitui uma notável caracterização psicológica em que revela, ao fazer o estudo do personagem Fortunato, o ápice do prazer que é conseguido na contemplação da desgraça alheia. O objetivo do conto é explicar o verdadeiro sentido do termo “sadismo”. Vislumbra-se a história de dois homens que, após um salvar a vida do outro e passar-se algum tempo, tornam-se sócios, mas pouco a pouco um deles vai demonstrando tendências sádicas, torturando animais, fato que atordoia a esposa. Quando ela morre, Fortunato, o sádico, presencia o amigo beijar a testa da mulher e derreter-se em choro, saboreando o momento de dor do amigo que lhe traía.

Análise

Aqui, a narrativa é, portanto, algo que demanda um tempo para que possa ser contada. É composta de partes, que precisam ser remontadas, a começar de sua origem. Garcia conhece Fortunato, figura que ele percebe ser possuidor de uma faculdade de “decifrar os homens, de decompor os caracteres, tinha o amor da análise, e sentia o regalo, que dizia ser supremo, de penetrar muitas camadas morais, até apalpar o segredo de um organismo”. O tempo não lhe mudou a figura, “os olhos eram as mesmas chapas de estanho, duras e frias”. Esses olhos fotografados e mantidos estáticos não sofrem mudança alguma no decorrer do conto. Sua mulher, Maria Luísa, objeto do amor secreto de Garcia, sofre com a ansia do marido com a pesquisa anatômica e fisiológica. A contemplação da dor provocava nele “alguma cousa parecida coma pura sensação estética”. A dor que provoca nos animais que testa chega a reduzi-los a sombras de sombras.

O prazer de Fortunato não está na pesquisa para a cura ou na própria cura, senão na contemplação da dor alheia. Contempla a dor e a morte da mulher. Um novo dado, a descoberta do amor do amigo por sua esposa, agora morta, não chega a provocar ciúmes. Ao vê-lo doer-se junto ao cadáver ocupa mais uma vez as primeiras fileiras de um espetáculo de dor e deleita-se em assistir. “Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranquilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa”.



13. “Trio em lá menor”

“Trio em lá menor” é apresentado em quatro partes, como uma sonata. É a história de um trio: uma moça, Maria Regina, e seus dois pretendentes, Maciel e Miranda. Ela é apaixonada pelos dois, e os dois por ela, mas ela não se decide por um apenas; ao contrário, mantém-se fantasiando um homem perfeito.

As oscilações resultantes das constantes comparações que faz entre os dois somente encontram solução parcial quando resolve tratar de combiná-los, olhando um e ouvindo o outro de memória, recurso tão eficaz que, por um momento, pode contemplar a criatura perfeita que seria a junção dos dois homens. No fim, ela acaba sozinha, fisicamente, pois na sua memória, a vida não é cantada sozinha.

Análise

Neste conto, o que mais chama atenção e merece destaque é a marcação musical, a qual encontra solução no minueto, em que bailam Maria Regina e o terceiro homem, que ela mesma criou. Os homens reais foram embora, finda a esperança. Maria Regina constata que a criação “é um livro falho e incorreto”, ou seja, na criação, conforme dada, não encontrará seu ideal. Desespera-se, mas reproduz os dois astros que vira e que ficaram impressos em sua retina. Duas rodela de opala, uma bela estrela dupla, duas porções. O terceiro homem ganhou vida. “A tua pena é oscilar por toda a eternidade entre dois astros incompletos, ao som desta velha sonata do absoluto: lá, lá, lá ...” Dessa maneira, lá, um lugar distante e imaginário, ainda que nota musical, marca o lugar da realização do desejo ficcionalizado. A pena oscila, sendo ao mesmo tempo pena-punição e pena-instrumento de escrita, pois a jovem escreveu e inscreveu um ideal que não tem correspondência com o real, mas tem equivalente no imaginário.



14. “O diplomático”

O conto “O diplomático” narra a história de Rangel, chamado de “o diplomático”, um quarentão solteiro que anseia por se casar. Numa comemoração de São João, ele tem interesse por Joaquina, filha do dono da casa. Marca registrada nas narrativas de Machado, Rangel é mais um personagem que vivia da imaginação. “De imaginação fazia tudo, raptava mulheres e destruía cidades.” Na imaginação foi ministro de Estados, fez decretos, aclamou-se imperador. “Cá foram porém, todas as suas proezas eram fábulas. Na realidade, era pacato e discreto”. Quando se inicia o conto, traz consigo a primeira carta de amor, disposto a entregá-la. Perde-se no devaneio, olhando pela janela, ao lado da destinatária da missiva, um baile do outro lado da rua.

Ao viver em devaneios, percebe tarde demais a chegada inesperada de um rapaz, Queirós, que atrai a atenção de todos, inclusive de Joaquina, sua amada. Isso frustra Rangel, pois Joaquina fica interessada por Queirós, o que faz com que Rangel perca a chance de viver junto da amada.

Análise

A realidade existente na imortalidade é trazida, transportada, para o ‘mundo real’. Existe, no entanto, primeiramente, na mente, quer do homem, quer de Deus. O discurso de Rangel prossegue, ganhando retumbância nas frases mais vazias, assim como sua vida. Sonhando a realidade única (ele e ela), Rangel nota os sinais de proximidade entre Joaquina e o Queirós. “Uma só noite, algumas horas” bastaram para ligar os dois, enquanto ele, tonto, não podia absolutamente entender. Machado celebra a audácia, que ajuda a sorte e de algum modo favorece. Retoma, assim, concepção de Maquiavel, que atribui o sucesso à conjunção entre virtude e fortuna. Na transferência do argumento para o conto, a virtude se transforma em audácia. O fracasso é a falta de coragem, de audácia, de virtudes.

Rangel vivia de sonhos, assim, Machado lembra Shakespeare, e compara Rangel com Otelo. A diferença, consistia no fato de Otelo (Rangel) não matou Desdêmona (Joaquina). No fecho, Machado retoma a crítica ao eterno sonhador. Rangel pensou em se alistar nos Voluntários da Pátria e partir para a guerra no Paraguai. Não se alistou. E nem foi para a guerra. Sonhou, no entanto, que “ganhou algumas batalhas e que se tornou brigadeiro”.



15. “Viver”

“Viver!” apresenta-nos a história de Ahasverus, o último homem. É o diálogo estabelecido entre dois personagens da tradição, carregados de significados que se encontram num tempo mítico chamado cláusula dos tempos. À beira do abismo e sobrevoados por duas águias eternas, Ahasverus, a lenda do judeu errante, e Prometeu, o titã, filho dos deuses, conversam.

Ahasverus foi condenado a vagar eternamente pelo mundo por ter injuriado Jesus, quando Ele passava por sua casa para ser crucificado. Ahasverus odeia a vida por ver tanto sofrimento, mas encontra Prometeu, que o convence de que o mundo tem sua face boa e que haverá um novo mundo, em que Ahasverus será o rei. Todavia, tudo não passa de delírios de Ahasverus.

Análise

O enfatiado caminhante apenas espera que os tempos se findem para que suas penas também tenham termo. Afinal, viveu cada dia, séculos e séculos, sempre em deslocamento e, no entanto, fixo na condenação de que foi alvo por desafiar a tradição que se instalava. Preso à tradição que o condenou, seu encontro com o Prometeu acorrentado no alto do monte é mais do que uma simpatia entre aguilhoados. Prometeu conserva o fogo dos deuses com ele e acena a Ahasverus com a possibilidade de prosseguir sua existência, não como condenado, mas como o ser superior de uma nova raça que haveria de vir.

Ahasverus, o aparentemente desencantado, sob o peso do pessimismo que a história lhe acrescentou, revela-se um sonhador delirante de grandezas e vaidades. O niilismo não resiste ao desejo de poder e glória. Qual o privilégio de Ahasverus? Ter lido, da vida, todo o livro, enquanto os demais homens leram apenas um capítulo ou outro. Julgando-se superior, sob o efeito do sono e das palavras do titã, o errante morre, mas morre sonhando-se imortal.



16. “O cônego ou Metafísica do estilo”

Em “O cônego ou Metafísica do estilo”, o autor das *Várias histórias* mostra que existe uma conjugação que se faz no texto e que não trata da inserção de algo na tessitura, ou da tessitura numa trama de maior dimensão. Um cônego tenta escrever um sermão. Enquanto isso, o narrador expõe a “metafísica do estilo”: segundo ele, todas as palavras têm sexo, sendo os substantivos masculinos, e os adjetivos, femininos. Eles se amam, e sua união forma um dado

estilo. A busca por inspiração, que o cômico faz durante uma pausa, é vista como um mergulho na inconsciência, sendo seu conteúdo os obstáculos para a união dos casais de palavras.

Fala do amor entre as palavras, da atração que une umas e outras à maneira de compor um estilo. O cômico, que escreve, é o poeta que as une em casamento, selando o amor de um substantivo com um adjetivo, fazendo-os caminharem juntos no sermão que será pregado, na poesia que será lida, no romance que aparelhará tempos diversos e reavivará sensações.

Análise

Aqui, o narrador não demonstra qualquer humildade, mas pretende que essa página venha a receber apoteose e que seja traduzida em todas as línguas. Enquanto isso, Machado nos mostra, neste conto, o esforço exigido na elaboração de um texto, sem desprezar a inspiração ou a meditação, sem ignorar o idílio psíquico ou o ambiente cercado de livros.

Nem mesmo os repetitivos papagaios estão ausentes nessa composição, mas o que fazer se as palavras têm sexo e mutuamente se atraem ou repelem segundo uma ordem metafísica? São elas que se buscam, nos caminhos escuros, na passagem “da consciência para a inconsciência, onde se faz a elaboração confusa das ideias, onde as reminiscências dormem ou cochilam”. Aí escorregam tanto o escritor quanto o leitor. As lições de sintaxe estão ali, assim como a visão das dores alheias, a que assistimos com maior ou menor envolvimento, no caminho do encontro entre as palavras.

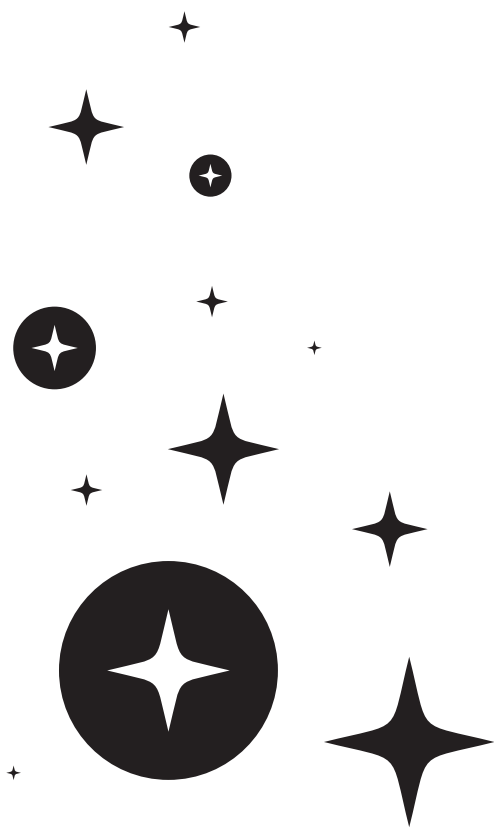
QUESTÃO

1. (UFRGS-2015) Assinale a alternativa correta sobre a obra de Machado de Assis.

- a) O primeiro romance publicado por Machado de Assis foi *Dom Casmurro* (1899), totalmente integrado à estética romântica, ao pôr em evidência a história de amor entre Bentinho e Capitu.
- b) Brás Cubas, o protagonista do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, é um humanista oriundo da classe trabalhadora, defensor dos direitos dos escravos.
- c) *Quincas Borba*, único romance de Machado de Assis que apresenta narrador em primeira pessoa, é narrado pelo próprio Quincas.
- d) *Várias histórias* reúne alguns dos principais contos de Machado de Assis, entre eles “A causa secreta”, que narra o prazer mórbido que sente Fortunato ao presenciar o sofrimento alheio.
- e) *Helena* é um romance da última fase de Machado de Assis, já integrado ao realismo, na qual se destaca a ironia que consagrou o autor.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. *Várias histórias*. São Paulo: Editora Globo, 1997.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Afrânio Coutinho (Org.) Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Afrânio Coutinho (Org.) Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.
- ASSIS, Machado de. Viver!. In: *Várias Histórias*. Edições críticas de obras de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. v. 9.
- ASSIS, Machado d. Revista dos Theatros. In: ASSIS, Machado de. *Crítica Theatral*. São Paulo: 1950.
- ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de nacionalidade. In: ASSIS, Machado de. *Publicado originalmente em Novo Mundo*, no dia 24 de março de 1873. p. 801



“... Quem pode confiar na lealdade de uma mulher? Ninguém, e a justiça era que ela o enganasse e o traísse, como por ele traía e enganava o esposo...”

A falência

Um retrato da
sociedade brasileira

Júlia Lopes de Almeida

A falência

Um retrato da sociedade
brasileira

Júlia Lopes de Almeida

por *Daniele Bressan*



Sobre a Autora

Júlia Lopes de Almeida nasceu no Rio de Janeiro em 1862. Nascida e criada em uma rica família de imigrantes portugueses, teve uma educação sofisticada e liberal e, em 1887, incentivada pelo pai, publicou seu primeiro livro, um volume de contos intitulado *Traços e iluminuras*. Seu primeiro romance, *Memórias de Marta*, foi lançado em 1889.

Além do Rio de Janeiro, Júlia morou em São Paulo, Portugal e Paris. Casou-se com o poeta português Filinto de Almeida e durante 21 anos o casal comandou um casarão conhecido como *Salão Verde* em Santa Teresa, bairro carioca. Um lugar frequentado por artistas e intelectuais.

A escritora chegou a ser cogitada como um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras em 1897, mas o artigo que regulava a candidatura feminina havia desaparecido, e quem tomara a posse, um ano depois, era o seu marido.

Júlia vem a falecer, oito dias após retornar de uma viagem à África, em 1934, no Rio de Janeiro, acometida de malária.

A ensaísta Norma Telles afirma, na orelha da quarta edição de *A Falência*, que Júlia:

“Em estilo simples, enxuto e elegante, em romances realistas ou campanhas pacifistas, ecológicas ou pelos direitos das mulheres, em projetos agrícolas ou educacionais, dona Júlia foi presença marcante na sociedade e nas letras de seu tempo.”



A falência - breve resumo

“... Quem pode confiar na lealdade de uma mulher? Ninguém, e a justiça era que ela o enganasse e o traísse, como por ele traía e enganava o esposo...”

A falência é um romance que se insere na corrente realista brasileira, publicado, pela primeira vez, em 1901, e narra a ascensão e decadência da família Teodoro. À frente da narrativa, duas personagens se destacam: Camila e Francisco Teodoro.

Ela, pobre e morando de favor na casa das tias Rodrigues. Ele, um português de origem humilde que, com muito trabalho, tornou-se um dos maiores negociantes de café no Rio de Janeiro.

Ela casou-se por interesse; ele, por recomendação médica. Francisco Teodoro sofria de insônia e dos males da indigestão. Um médico consultado mandou-o viajar ou se casar.

Com a intervenção do amigo português, Matos, Teodoro conhece Camila e logo se casa com ela.

O casal teve 5 filhos (Biju, já é morta): Mário, Ruth, Lia e Raquel.

Quase toda a narrativa se passa em relação ao casal, a ambientação de luxo do palacete em Botafogo, as lidas incessantes dos negócios no armazém da rua de São Bento, as misérias das ruas das docas e o espaço que perpassa o fluxo de consciência das personagens.

Em resumo, os Teodoro têm muito dinheiro e o esbanjam sem medir esforços.

Todas as personagens do romance são apresentadas aos poucos, à medida que suas relações se estabelecem com os Teodoro: dinheiro, amor, família, inveja, religião e traição.

Teodoro tem uma amante, Sidônia, e quase nada se sabe sobre ela.

Camila se torna amante do Dr. Gervásio. Quase todos sabem do adultério de Camila, mas é Mário, filho de Camila e Teodoro, quem mais condena as atitudes adúlteras da mãe.

Além disso, tem-se nas velhas Rodrigues, tias de Camila, a crítica de Júlia Lopes de Almeida à fofoca e aos excessos da religião.

Aos poucos, com inveja de Gama Torres e por influência de Inocêncio Braga, Teodoro decide investir na bolsa de valores. Teodoro vai à falência e se suicida.

Desesperada, Camila procura Gervásio. Gervásio a recusa, pois revela que já é casado.

Ao final da narrativa, encontram-se as personagens Noca, Nina, Ruth, Lia e Raquel muito pobres e tendo que trabalhar para sustentar a pequena casa em que vão morar. A casa, presente de Teodoro à Nina, agora era o lar humilde dos seres que restaram da falência.

A falência é um romance sobre a decadência moral, econômica, mas, principalmente, o que vem a falir são as prepotências humanas condenadas pelas suas ambições.



Sobre o estilo literário

O Realismo baseava-se na ideia de que escritores e artistas devem se concentrar no aqui e agora. “*Il faut être de son temps*” — “é preciso ser do seu tempo”, era a frase corrente que resumia sucintamente essa ideia central do movimento. O Realismo foi tanto uma consequência quanto uma forma de rebelião contra o Romantismo.

O romance *A falência*, traz para o leitor, com uma linguagem simples, uma das principais características do movimento realista: a decadência das instituições, até então pilares de idealização romântica no século XIX.

Não só no romance de Júlia Lopes, mas em todo o desenvolvimento do Realismo, as relações de amizade, a religião (principalmente a católica) e o casamento, mostram-se falidos à medida em que são representados por personagens/ heróis que aparecem cada vez mais distantes dos ideais burgueses que permeavam o momento.

O ideal de um “grande amor” e do “felizes para sempre” não é totalmente abandonado, ao contrário, seria injusto com a humanidade o amor não aparecer como o verdadeiro fermento para a vida. Uma das explícitas diferenças entre o Romantismo e o Realismo é justamente o preço pago pelas personagens na busca pelo “amor da sua vida”.

Antes mesmo da apoteose dos romances realistas, José de Alencar já imprimia em personagens como Aurélia e Lúcia nos livros *Senhora* e *Lucíola*, respectivamente, um tom de crítica ao amor ideal até então celebrado por escritores como Joaquim Manuel de Macedo e Bernardo Guimarães.

Em *A falência*, Camila, personagem feminina central do romance, mostra-se falível às armadilhas do amor ao se apaixonar pelo seu amante de quem, inclusive, sempre esperou mais do que a indiferença e a mentira só confirmadas ao final do livro:

“...Perdera na primeira o aconchego, as honras da sociedade, a fortuna e um amigo calmo, que não a repudiaria nunca... Na segunda, perdia a ilusão no amor, a fé divina na felicidade duradoura, o melhor bem da terra!...”



Sobre a linguagem

A narrativa oscila, em meio aos 25 capítulos, entre o discurso lento e recheado de descrições e a linguagem ligeira e enxuta. Mas é na adoção de variados adjetivos sobre as características das personagens - comportamentos e modos de pensar acerca da sociedade da época- que o romance ganha força, principalmente no desenvolvimento a respeito da ambientação, ora luxuosa e ostentadora, ora decadente, suja e fétida.

A presença de diálogos, por vezes não muito longos, se mistura à análise psicológica (característica marcante dos romances realistas), em que o monólogo interior faz o leitor penetrar nos devaneios das personagens. Cada personagem, inserida em seu meio, é uma espécie de diagnóstico da sociedade carioca do fim do século XIX, e é por meio da linguagem que Júlia Lopes transfere a esses homens, mulheres e crianças os sonhos, os desejos, as ironias, a falsidade, os preconceitos e, especialmente uma crítica sociopolítica derivada de uma escritora emancipada e ativista das questões femininas.

Nem tão prolixa como muitas vezes o fora José de Alencar, tampouco lenta e demorada como Machado de Assis, a narrativa se apresenta em linguagem de fácil leitura e compreensão, mesmo que a autora utilize um que outro adjetivo não muito usuais.



Sobre o momento sócio-histórico

A metade do século XIX foi uma época de grande transformação na economia, na política e no campo cultural, impulsionado pela revolução industrial; momento caracterizado pela consolidação do poder da burguesia e o crescimento do proletariado; do avanço científico, com descobertas nos campos da física e química e evolução na genética e biologia. O sistema capitalista, juntamente à revolução industrial, desenvolveu uma sociedade urbana que aumentou progressivamente e fez surgir classes sociais, como a dos operários, que sofriam a exploração social e manifestavam sua insatisfação promovendo as primeiras greves; a burguesia que usufruía dos avanços científicos da época; o materialismo e racionalismo substituíram o idealismo e o tradicionalismo; o método científico passou a ser o meio de análise e compreensão da realidade.



Sobre as teorias científicas da época

Como na arte literária quase nada é definitivo, e uma estética não precisa necessariamente somente apresentar características próprias de cada movimento, *A falência* é uma mescla um tanto sutil de três das principais teorias: Teoria da Evolução (Darwin), Determinismo (Taine) e Positivismo (Comte).

✦ Teoria da evolução

- Estabelece a seleção natural como mecanismo da evolução.
- O meio exerce uma seleção natural que favorece os indivíduos portadores das características mais apropriadas para um determinado ambiente e em um determinado tempo.
- No centro de uma população, certos indivíduos apresentam características que lhes conferem uma melhor adaptação em relação ao outro

Pode-se observar, em algumas passagens do romance e por intermédio do fluxo de consciência das personagens, que a adaptação ao meio perpassa boa parte da obra, já que temos descendentes de portugueses que vêm ao Brasil em busca de melhores condições, como Francisco Teodoro, principal personagem masculina da narrativa.

“...Mas esse papel, de financeiro e negociante forte entre os mais fortes, fora o ideal de toda a sua longa vida de trabalhos, de sujeições e de amarguras! Seria justo que o outro, de um pulo, erigisse edifício mais alto e glorioso do que o seu, cimentado com lágrimas, com sacrifícios, com tantos anos de esforço e de labor?...”

Além dele, ao final do romance, apresenta-se a adaptação de Camila, mesmo que obrigada, a sua nova condição econômica.

“...Com voz pausada e clara, Camila pediu que lhe dessem trabalho. Olharam-na com espanto.

- Mamãe, quer mesmo fazer alguma coisa?!

- Sim, minha filha... Tudo acabou, devo começar vida nova!...”

Da forma ainda mais evidente, há a personagem de Nina, sobrinha dos Teodoro, que é a que melhor corresponde à Teoria da Evolução.

“...Nina despediu os criados, montou a casa nova com mobílias baratas, leitos de ferro, louças brancas, sem douraduras. Pensava em tudo, traçava planos, sacudia o torpor e a apatia dos que a rodeavam, indagava preços e discutia o valor dos objetos que adquiria.”

Ainda assim, e de maneira mais oportunista, encontra-se em Inocência Braga, um intelectual metido a conhecedor do mercado financeiro que consegue usufruir do momento para “se dar bem” na vida.

“...O negociante moderno age mais com o espírito do que com os braços e alarga os seus horizontes pelas conquistas nobres do pensamento e do cálculo. O Torres é de bom estofa; é destes. Conheço os homens.”

⊕ Determinismo

O fundamento teórico que serve de base a este estudo está ligado à questão do Determinismo, teoria filosófica que surgiu na metade do século XIX, defendida pelo filósofo, historiador e crítico literário Hippolyte Adolphe Taine que acreditava ser o comportamento do homem determinado por três fatores: a raça, o meio e o momento histórico.

Observa-se tal teoria em alguns momentos do livro, como em um diálogo entre o capitão Rino e Francisco Teodoro ocorrido em um passeio na sua nau *Netuno*:

“...Que país! que maravilhoso país este nosso! completava ele.

- É pena não ter povo. sentenciou Teodoro.

- Não é pena. Todas essas terras, ainda hoje virgens, serão num dia melhor a glória do mundo, quando ele, esgotado pela exploração das outras, voltar para elas olhos de amor. Guardam a sua fecundidade para uma outra raça de grandes ideais, que ainda há de vir. Tão formosas promessas não se fazem ao vento...

- Outra raça... outra raça... vinda de onde?! nascida de quem?!”

Em outro episódio e, talvez, um dos mais marcantes posicionamentos críticos da autora, Ruth, filha mais velha de Teodoro e Camila, faz uma reflexão sobre a sua condição de menina branca e rica em comparação à Sancha, mucama preta da casa das irmãs Rodrigues, tias de Camila.

“... E aquela mesma mágoa parecia-lhe agora doce e embaladora, comparando-se à outra, a Sancha, da sua idade, negra, feia, suja, levada a ponta-pés, dormindo sem lençóis em uma esteira, comendo em pé, apressada, os restos parcos e frios de duas velhas, vestida de algodões rotos, curvada para um trabalho sem descanso nem paga! Por que? Que direito teriam uns a todas as primícias e regalos da vida, se havia outros que nem por uma nesga viam a felicidade?”

⊕ Positivismo

Os fundamentos do positivismo consistem na busca de uma explicação geral diante de um fenômeno derivado da industrialização: a crescente especialização.

Auguste Comte apresentou uma proposta de saída para as crises vividas: a criação da Sociologia para entender a sociedade e uma teoria que explicava o progresso científico e determinava o modo de agir das pessoas.

Dessa maneira, pode-se ver, em alguns momentos da narrativa, os ideais positivistas por meio dos diálogos entre as personagens, tal ocorre em uma conversa entre D. Itelvina e o Dr. Gervásio a respeito de crenças religiosas:

“...- Algum inimigo da nossa Igreja, como o senhor?

- Mas eu não quero mal à sua Igreja! acho-a só muito triste, toda voltada para a morte... Não lhe quero mal, porque para sua glorificação ela tem criado catedrais que são verdadeiras apoteoses da arte.

- Só por isso?

- É uma das razões, e a única fácil de explicar-lhe.

- Julga-me muito bronca.

- Ao contrário, estou-lhe falando como a um literato! Agora, se quer, discuta-mos religião e filosofia. Conhece Comte?

- Algum danado.

- É o termo.”

Já, em outro diálogo, agora entre Ruth e o mesmo Dr. Gervásio, o médico apresenta à menina a importância de uma boa educação e a distinção entre instrução e educação:

“...A instrução é a força com que aparelhamos o nosso espírito para a vida, lança e escudo para ataque e defesa; a educação é o perfume que os pais inteligentes derramam na alma dos filhos e que por tal jeito se infiltra neles, que nunca mais se evapora, seja qual for o ambiente em que vivam depois.”



Sobre o foco narrativo

Há o predomínio da 3ª pessoa, com um narrador onisciente que sabe sobre o pensamento e sobre os desejos das personagens.

Existe uma atmosfera típica dos romances realistas: análise psicológica (fluxo de consciência). Isso se dá em uma fusão entre o discurso indireto livre e o discurso direto (diálogos).

Exemplo do fluxo de consciência são as muitas reflexões de Camila. No episódio abaixo, a personagem se indaga sobre o adultério após discussão com o filho Mário:

“...Quantas vezes o marido teria beijado outras mulheres, amado outros corpos... e aí estava como dele só se dizia bem! Ele amara outras pela volúpia, pelo pecado, pelo crime; ela só se desviara para um homem, depois de lutas redentoras; e porque fora arrastada nessa fascinação, e porque não sabia esconder a sua ventura, aí estava boca do filho a dizer-lhe amarguras.”



Sobre o tempo

Há o predomínio do tempo psicológico já que se encontra, no romance, a hegemonia do monólogo interior. Mesmo assim, existem marcas do tempo cronológico como as idades, datas, e estações do ano.

⊕ Tempo psicológico

O capitão Rino pensa na mãe adúltera, morta a facadas:

“...Esta ideia trouxe a lembrança da mãe, morta a facadas pelo pai, como adúltera. A imagem dela encheu-lhe o coração; ergueu-se bruscamente e começou a descer a rua, apressado com a ideia de fugir para longe, salvar-se do perigo que o solicitava.”

⊕ Tempo cronológico

“...Corria então o ano de 1891 em que o preço do café assumira proporções extraordinárias. O movimento crescia e casas pequenas galgavam aos saltos grandes posições.”

“...O céu ia mudando de cor; as folhas da amendoeira desprendiam-se céleres e com frequência; dir-se-ia uma tarde de outono, e era apenas começo de verão.”



Sobre o espaço

A narrativa se passa no Rio de Janeiro, ao final do século XIX.

Os capítulos são uma combinação de espaços abertos e fechados. Como um exemplar romance realista, A Falência apresenta descrições lentas, muitas vezes mais dos ambientes do que das próprias personagens.

Logo no primeiro capítulo, tem-se uma prévia do que será o enredo entremeado por ascensões e decadências no que diz respeito a aspectos socioeconômicos.

“...O Rio de Janeiro ardia sob o sol de dezembro, que escaldava as pedras, bafejando um ar de fornalha na atmosfera. Toda a rua de S. Bento, atravancada por veículos pesadões e estrepitosos, cheirava a café cru. Era hora de trabalho.”

Além disso, a autora nos apresenta com adjetivos que traduzem o luxo do Palacete Teodoro:

“...O seu palacete era um dos mais lindos de Botafogo. No centro de um parque, ele erguia os seus balcões por entre palmas estreladas de coqueiros e copas de árvores bem escolhidas. Aquilo não fora obra sua; tinha comprado a vivenda a

um titular de gosto, cuja ruína o obrigara a hipotecá-la quando a construção ia em meio e a vendê-la logo depois de concluída. A esquerda, uma escada de pedra, la-deada por uma grade florida, conduzia ao terraço alpendrado do andar superior, onde muitas vezes a família palestrava, à espera de descer para o jantar.”

Em contraste ao Palacete, do outro lado da cidade, a casa das senhoras Rodrigues, é descrita:

“...Nada sorria naquela habitação árida e velha. No quintal, nem um canteiro de flores; uma horta raquítica a um canto, algumas laranjeiras e um coradouro de grama pisada e sem viço, estendendo-se ao lado de um tanque de cimento, coberto por um telheiro de zinco. Dentro, o mesmo desconforto: salas com poucos móveis e esses antiquíssimos, alcovas vazias e uma cozinha de tijolos desgastados pelas pancadas do machado na lenha.”



Sobre as personagens

➔ **Francisco Teodoro** (português, comendador, negociante afortunado do café, antirrepublicano, marido de Camila) ▶▶

Personagem masculina central do romance, pois a falência também é motivo que perpassa questões morais, psicológicas e econômicas de Teodoro.

- *“...Toda a sua pessoa resumava fartura e a altivez de quem sai vitorioso de teimosa luta. Gordo, calvo, de barba grisalha rente ao rosto claro, com os olhos garços tranquilos e os dentes brancos e pequeninos, tinha um belo ar de burguês satisfeito. Não era alto e quando andava fazia tremer a casa, tal a firmeza dos seus passos pesados.”*

Homem ambicioso, veio muito novo para o Rio de Janeiro. Não teve muito estudo e sempre se orgulhou do trabalho braçal e do êxito nos negócios.

Marido de Camila, pai de Mário, Ruth, Lia e Raquel (gêmeas) e da falecida Biju (a pequena mais nova).

Pouco se sabe sobre a família de Francisco Teodoro, apenas que eu avô, um camponês rude, enforcara-se em uma amendoeira, por conta de uma síndrome de perseguição.

O título do livro se deve muito à figura desse protagonista.

- *“...Mas esse papel, de financeiro e negociante forte entre os mais fortes, fora o ideal de toda a sua longa vida de trabalhos, de sujeições e de amarguras! Seria justo que o outro, de um pulo, erigisse edifício mais alto e glorioso do que o seu, cimentado com lágrimas, com sacrifícios, com tantos anos de esforço e de labor?”*

Muito rico e esbanjador sempre disposto a gastar com uma vida de luxo, principalmente com os familiares e amigos, faz um negócio com o “amigo” Inocêncio Braga e aplica na bolsa de valores, boa parte da fortuna conquistada com café. A quebra das

bolsas leva Teodoro à falência e, em consequência disso, suicida-se em casa, no próprio escritório, com um tiro de revólver no ouvido. Camila, sua mulher, presencia o fato.

⊕ **Camila Rodrigues Teodoro (Mila):** Protagonista feminina do livro, quarenta anos. Esposa de Francisco Teodoro. ▶▶

Mulher bonita, exuberante, teve boa educação, mas veio de uma família pobre. Morou de favor com as tias, as senhoras Rodrigues, algum tempo. A família de Camila mudou-se para Sergipe assim que os pais entregaram a filha a um excelente casamento.

Camila é amante do Dr. Gervásio, médico que curou Mário e Ruth. Foi quando se conheceram e o médico se tornou uma espécie de agregado da família.

- *“...Camila guardava um viço prodigioso de mocidade. Todo o Rio a apontava como mulher formosa. Tinha herdado da mãe aquele ar de majestade, que tanto impressionara Teodoro na primeira entrevista do Castelo, adoçado por uma grande expressão de calma e de bondade.”*
- *“...O peito farto, o pescoço alvo e redondo, as mãos pequenas, os pulsos delicados, e uns olhos negros e pestanudos, de onde jorrava uma luz veludosa e doce que toda a vestia de graça.”*

Camila casa-se com Francisco Teodoro por interesses financeiros. De alguma forma, a mulher não ama o marido:

- *“...As mentiras que o meu marido me pregou, deixaram sulco e eu paguei-lhas com o teu amor, e só pelo amor! E assim mesmo o enganá-lo pesa-me, pesa-me, porque, quanto mais te amo, mais o estimo. É uma tortura, que parece que foi inventada só para mim!”*

Camila é apaixonada pelo amante e, após a falência e suicídio do marido, procura o amante (Dr. Gervásio) para pedi-lo em casamento. Para a decepção da heroína, o médico lhe diz que já é casado e que não pode se separar.

Camila termina o romance na pobreza e decide que vai ter que trabalhar.

⊕ **Ruth (filha mais velha de Teodoro e Camila)** ▶▶

Ruth, no início do romance, está com catorze anos. Personagem incrível da narrativa: sonhadora, adoradora das belezas naturais, artísticas e humanas.

Toca violino, uma das suas paixões e motivo de reclusão no seu “mundinho” fantástico. Apreciadora e amante do céu e das estrelas.

- *“...Ruth, derreando a cabeça para trás, olhava para o céu tranquilo. Houve um largo espaço de silêncio entre ambos. Ruth disse por fim, sem abaixar os olhos:
- Que parecerá a terra, vista de lá...?
- Uma gota de luz...
- Ainda bem; alegre-me saber que vivo em uma estrela. E como elas hoje estão bonitas! Se Deus me desse a escolher uma, eu ficaria embarçada. Olhe, repare para aquela, como é grande e suave!”*

Menina bonita e faceira.

E é em Ruth que autora reforça sua crítica à escravidão. A menina, ao visitar as tias de Camila, vê Sancha apanhar e se intromete:

- “...- *Que é isto, tia Joana?!*
- *Não é nada... há de ser a maninha batendo na Sancha...*
- *Meu Deus!*
- *Não é nada, dorme minha filha!*
- *Oh!...tia Joana, vá lá dentro...peça a titia pra não dar na coitada!”*

Ruth, ao final da narrativa, vai ensinar violino e tocar na praça para arrumar dinheiro. Primeiro contra as vontades da mãe que depois cedeu ao pedido da filha.

➔ **Mário** (filho mais velho de Teodoro e Camila, casado com Paqueta) ▶▶

Rapaz de 19 anos, bonito, bem vestido, rico, esbanjador da fortuna da família e mimado pela mãe.

- “...*Como ele é bonito! pensava ela: as mulheres têm razão de o preferir a todos!... D. Nina não merece aquilo; mas, enfim, antes ela do que a tal sanguessuga... Este mundo é assim mesmo, a gente gosta de quem não deve... Ele morre pela outra e é esta quem morre por ele!... Verdade, verdade, ele é a flor da família... em questão de boniteza, garanto que não há pessoa que se iguale a Mário...”*

Amante de uma francesa (Luiza) mais velha e interesseira. Motivo de desgosto do pai e de preocupação da mãe. Motivo de ciúmes de Nina (sobrinha de Camila) – apaixonada pelo primo.

Mário sabe do adultério da mãe e a condena. Odeia o médico e nunca senta à mesa quando Gervásio está nos almoços e jantares.

Mário, em um momento, trai a francesa com uma carioca, morena, altinha, muito chique.

E é por conta de uma conversa com Camila que Mário decide se casar.

É obrigado a deixar a francesa e se casar com Paqueta, cunhada de Meireles e irmã da baronesa da Lage- família milionária.

Casa-se e vai morar em Paris. Volta ao Rio de Janeiro após a morte do pai. Vai morar em Petrópolis com a esposa e o filho recém-nascido, longe de Camila e das irmãs.

➔ **Lia e Raquel** (gêmeas, aproximadamente 7 anos, filhas mais novas de Teodoro e Camila) ▶▶

Meninas alegres e arteiras. Nada se sabe sobre elas, além de estarem sempre em companhia de Noca, uma espécie de governanta da família.

- “...*Eram seis horas, e já Lia e Rachei andavam aos saltos, ainda de calções de dormir. Noca perseguia-as, chamando-as para o banho, com os enxugadores no braço e a saboneteira na mão.*
- *Então, crianças; que cacetes!*

As pequenas, de queixinhos erguidos, sorriam para o pai, tomando-lhe o passo.

- *- Bons dias, papai!*
 - *- Bons dias, papai!”*
-

⊕ **Biju** (filha mais nova e morta) ▶▶

Nenhuma informação mais precisa sobre a personagem aparece no livro.

Passagem da memória de Noca:

- *“...Criara todos os filhos de Mila, desde o Mário até a Biju, a pequena mais nova, já morta.”*
-

⊕ **Noca** (mulata, governanta da família Teodoro) ▶▶

Mulher mais velha, conhecedora de todos os chás e infusões para quaisquer males. Um simulacro de feiticeira. Sabia de superstições e crendices populares.

- *“...Sabia as voltas da lua, e traduzia os sonhos que lhe contavam, com palavras de convicção inabaláveis.”*

Contava histórias às crianças, sabia de tudo o que se passava no palacete, inclusive do adultério da patroa e da paixão de Nina por Mário.

E foi após um espelho quebrar no palacete que Noca avisou de mau agouro na casa. Depois disso, Teodoro se mata.

⊕ **Nina** (filha de Joca, irmão de Camila) ▶▶

Moça triste e que sentia melancolia por nunca ter sido amada, mas representa uma certa fortaleza feminina.

- *“...Havia uns quinze anos já que ela morava naquela casa, levada pelo pai, o Joca: era então muito enfezada, apesar dos seus dez anos. Entrara para ali como poderia ter entrado para um asilo qualquer: para ter cama e pão. Não ignorava isso, lembrava-se de tudo. Era obrigada mesmo a meditar no passado mais do que queria. Não conhecera a mãe, e em frente à mudez da treva pensava nela, como se a tivera visto. Não compreendia por que rejeitavam o seu coração amoroso. Nem mãe na infância, nem noivo na mocidade. Que triunfo!”*

Nina é uma moça muito boa e que agrada a todos. Sobrinha de Camila, vai morar de favor no palacete e auxilia em tudo na casa.

Apaixonada por Mário, seu primo, sente-se sozinha e considera-se feia. Quase invisível aos outros personagens, ganha força durante a narrativa ao receber de presente do tio (Teodoro) uma casa, muito boa e simples. É justamente nessa casa que, após a falência e suicídio do tio, vão morar todos. Nina doa a casa às crianças (filhas de Camila)

⊕ **Luiza** (francesa, mulher mais velha, romance de Mário) ▶▶

- “...O carro de Mário rodava já pela Guarda Velha, e Noca pensou:
- Ele vai ali, vai direitinho pra casa da tal Luiza, o diabo da mulher que lhe come os olhos da cara. Uhm! eu gostava de ver só!”
-

⊕ **Dionísio, João e Orminda** (empregados do palacete Teodoro) ▶▶

Dionísio era um “faz -tudo” da casa.

João era o jardineiro.

Orminda era a cozinheira e, talvez, a sua importância se dê, pois é ela quem encontra uma foto de Mário embaixo do travesseiro de Nina.

⊕ **D. Emília** (mãe de Camila, Sofia (filhas mais velhas), outras filhas cujo nome não aparece no livro e Joca) ▶▶

- “...Em uma sala vasta, quase nua, mal clareada por um lampião de querosene, viu Teodoro, pela primeira vez, d. Emília, uma senhora bonita, de ar majestoso e olhos trêfegos, e as suas duas filhas mais velhas - Camila e Sofia.”

Mulher bonita e interesseira. Casada com o velho Rodrigues, muda-se com a família para Sergipe tão logo consegue arranjar casamento para Camila.

Seguidamente manda cartas à filha pedindo dinheiro. É sustentada pelo café de Francisco Teodoro.

⊕ **Velho Rodrigues** (casado com D. Emília, pai de Camila, de Sofia, de Joca e outras duas filhas. Irmão das velhas Rodrigues- Itelvina e Joana) ▶▶

Nada se sabe muito sobre o sogro de Teodoro. Apenas que o velho sempre pede dinheiro ao genro e, até o final da narrativa, apresenta-se muito doente.

⊕ **Sofia** (irmã de Camila) ▶▶

Personagem pouco importante do romance. Sabe-se que é mais feia e teve menos educação do que a irmã.

Encontro de Teodoro com a família Rodrigues:

- “...Era bonita, alta, com grandes olhos aveludados, cabelo ondedado preto e uns dentes perfeitos, muito brancos, mas que ela mostrava pouco, sorrindo apenas. Da irmã Sofia, na sombra, mal se adivinhavam as feições.”
-

⊕ **Joca** (irmão de Camila e pai de Nina) ▶▶

- “...Por esse tempo o seu grande desgosto era o cunhado, o Joca, que se lhe metia em casa, com os seus maus costumes de vadio. Ele fora o causador de tantís-

simas querelas! E agressivo na sua indolência, mal humorado pelas dividas do jogo, e ingrato! Má raça!”

Casa-se com uma viúva cheia de filhos e fica no Rio de Janeiro.

⊕ **Dr. Gervásio Gomes** (médico da família e amante de Camila) ▶▶

Homem culto, rico, inteligente, conhecedor de arte, moda, decoração e de literatura.

- *“...A seu lado, sentado no mesmo divã, o dr. Gervásio Gomes desenhava a lápis na carteira qualquer coisa que a fazia sorrir. Ele gabava-se de ter jeito para a caricatura. Era um homem magro, nervoso, de quarenta e três anos, trigueiro, e apurado na toilette. Era ligeiramente calvo, tinha um olhar de que as lentes de míope não atenuavam a agudeza, e um sorrisinho irônico, que lhe mostrava os dentes claros e miúdos como os dos roedores.”*

Conhece a família Teodoro ao tratar e “salvar” Mário e Ruth.

Mostra-se uma excelente companhia a todos da casa à exceção de Mário que, sabendo do adultério da mãe, odeia o médico.

Aparenta, até os capítulos finais do romance, ser apaixonado por Camila, inclusive sente certo ciúme das conversas entre a amante e o capitão Rino:

No capítulo XXII do livro, Gervásio diz à Camila que já é casado e, por isso, não poderá ficar com ela.

- *“...Gervásio, pondo-lhe as mãos nos ombros, fe-la sentar-se outra vez, com brandura.*
- Para quê? Perguntou-lhe ela, quase chorando.
- Para te dizer tudo: eu sou casado.
Camila abafou um grito, tapando a boca com a mão.”

⊕ **Capitão Rino** (amigo da família Teodoro, apaixonado por Camila, navegador, marinheiro, irmão de Catarina) ▶▶

Homem jovem e forte.

- *“...O capitão Rino destacava-se entre todos na sala pelo seu tipo de louro e pela robustez do seu corpo. Era alto, de ombros largos. Tinha as mãos grandes, os olhos claros, de um azul de faiança, o bigode sedoso, como que acabado de nascer, e a pele queimada pelos ventos do mar. Só se lhe percebia a alvura da tez nos pulsos ou na raiz do pescoço, quando ele atirava a cabeça e os braços nos seus gestos largos e desajeitados. Havia qualquer coisa de infantil naquele homem grande, uma interrogação tímida talvez no olhar, e um certo abandono, de pessoa pouco afeita à sociedade. Vestia-se mal, usava gravatas de cores vistosas, abusando do xadrez nos seus casacos de casimira mal feitos.”*

Dono da embarcação Netuno em que a família Teodoro e o Dr. Gervásio fizeram um passeio.

Capitão Rino encanta a todos com as histórias de suas viagens das quais muito se orgulha. No início da narrativa, Gervásio faz pouco caso do capitão e acha-lhe malvestido e inculto. Após conhecer melhor a vida do marinheiro, passa a ter uma visão diferente e, inclusive, começa a sentir ciúmes das conversas entre Rino e Camila.

Decepcionado por não ter seu amor por Camila correspondido, sai em viagem. Vai para os Estados Unidos. Quando volta, reencontra a irmã e já desistiu de Camila. É o último capítulo do livro.

➤ **Irmãs Rodrigues -D. Itelvina e D. Joana** (irmãs do velho Rodrigues e tias de Camila) ▶▶

Duas velhas senhoras que moravam no morro do Castelo em uma casa em ruínas.

- *“...Com preguiça de ir visitar as velhas tias do Castelo, Camila mandava às vezes as filhas pequenas braça-las em seu nome, em companhia da Noca. As senhoras Rodrigues moravam ainda na mesma casa, do alto do morro, muito antiga, com janelas de guilhotina e paredes encardidas. D. Itelvina raramente punha os pés na rua, e era tida como a criatura mais sovina do bairro. A outra, d. Joana, pouco parava ali, sempre voltada para Deus. Era viúva de um colchoeiro rico, morto de anasarca, de quem sofrera os maus tratos que, na inconsciência das bebedeiras, ele lhe ministrava.”*

D. Itelvina velha sovina. Diziam que fazia buracos no quintal, à noite, procurando tesouros dos jesuítas. Além disso, roubava as moedas que a irmã depositava aos altares dos santos e espancava a negra Sancha, mucama da casa. Fazia fofocas e sabia de tudo o que ocorria no palacete Teodoro.

D.Joana velha beata. A sua única preocupação era a religião católica e habitualmente fazia suas peregrinações.

➤ **Sidônia** (antiga paixão de Teodoro) ▶▶

Sidônia fora uma paixão de Teodoro, mas, mesmo já casado, o protagonista continua o seu caso com essa mulher.

- *“...Tinham-se acostumado um ao outro, viviam em paz, quando a Sidônia reapareceu na vida de Teodoro, obrigando-o a desvios e infidelidades. Nem a pobre Camila desconfiara nunca... Também, nada lhe tinha faltado e já devia ser um regalo para ela cobrir de boas roupas o seu corpo de neve, ter mesa farta, e andar pela cidade atraindo as vistas, no deleite da sua graça...”*

➤ **Conselheiros e “amigos” de Francisco Teodoro** (encontravam-se sempre às 14h, no armazém, para o café tradicional da hora e para falar de negócios.)

João Ramos - Português - Comissário vizinho

Lemos - comendador da Beneficência, ensacador da rua dos Beneditinos

Negreiros - rua dos Violas-único republicano

Inocência Braga - intelectual, negociador, falcatrua, responsável pela falência de Francisco Teodoro.

- *“...Depois de muitas horas de trabalho febril, sem repouso, vinha o momento de paragem, a hora do café, que um mulato moço, o Isidoro, levava primeiro ao escritório, servindo depois os empregados do armazém. Os degraus já gastos da escada rangiam então ao peso de um comissário vizinho, o João Ramos, e do ensacador Lemos, da rua dos Beneditinos, do Negreiros, da rua das Violas, e do Inocêncio Braga, recentemente associado ao grupo. As duas horas reuniam-se sempre ali para o cafezinho, descansando o corpo e desanuviando o espírito com palestras de seu interesse e do seu gosto.”*

Inocêncio Braga figura como uma das mais importantes personagens já que simboliza o ardil de homens inescrupulosos que se dão bem na vida às custas de fortunas alheias.

- *“...A figura trêfega daquele homem miúdo, que com os seus quarenta anos não parecia ter mais de vinte e cinco, o brilho movediço dos seus olhinhos, perspicazes e mergulhadores, a sua palidez baça, os seus movimentos rápidos e incisivos, a febre dos seus gestos, a clareza da sua exposição, punham em evidência a pacata atitude do dono da casa, a calma dos seus modos, de satisfeito, de burguês que já da vida alcançou tudo, e que se compraz em ver o mundo do alto do seu fastígio.”*

Inocêncio ludibria Francisco Teodoro a investir na bolsa o que leva o rico comerciante à falência.

Meireles fala a Teodoro sobre Inocêncio:

- *“...- Não me fale nesse homem, interrompeu o outro com violência; é um especulador sem escrúpulos... quer mais claro? – é um ladrão!
Veio de Portugal, há coisa de seis anos, sem vintém, e sabe quanto já passou para Inglaterra em bom metal? Mais de mil contos!
Vi a prova. O patife!”*

Inocêncio compra por vingança uma porção de terra.

Ao final do romance nada de mal lhe acontece, ao contrário, aparece mais rico e sai em viagem.

➤ **Matos** (português, casado com D. Vica, amigo da família Teodoro. Apresenta Camila a Francisco Teodoro.) ▶▶

- *“...Aos domingos na chácara do Matos, o solo, os jantares à portuguesa, e a hospitalidade paciente da boa D. Vica... Tudo lhe girava na memória, suavemente, suavemente.”*
- *“...E tanto aquela ideia o perseguiu, que num domingo de sol abriu-se ao Matos, que acolheu com ar solene e discreto as confidências do amigo. Lembrava-se muito bem da cara com que o outro lhe respondera:
- Sei o que você quer. Tivemos aqui na vizinhança uma família que está mesmo ao pintar...
Gente pobre, mas de educação. A filha mais velha é a que lhe convém. Bonita e grave. Muito digna.”*
- *“...E dias depois o Matos pedia a mão de Camila para o amigo.”*

➕ **Gama Torres** (vizinho de Teodoro – enriqueceu com os “conselhos” de Inocência Braga) ▶▶

Negociante que, à medida do volume da sua fortuna aumentar, provocava ciúmes em Teodoro.

- “...*Olhavam. todos para o Inocência com um certo respeito, reconhecendo-lhe superioridade intelectual.*
- *O Gama Torres teve dedo, teve; sentenciou o Lemos.*
E logo o Inocência acrescentou:
- *Também aquele está destinado a ser o nosso Rottschild!*
Teodoro contraiu as sobranças. Ser o primeiro negociante, o mais hábil, o mais forte fora sempre o seu sonho...”

➕ **Baronesa da Lage** (viúva, filha de Meireles, irmã de Paqueta) ▶▶

Mulher rica, elegante, que chamava muito a atenção. Amiga da família Teodoro, contribuiu para o casamento entre Paqueta e Mário.

“*O pai da baronesa e da Paqueta era um velho português, antigo cavouqueiro, que boas auras de fortuna tinham tornado capitalista. Toda a cidade conhecia as suas anedotas e simplicidades. Demais, ele gabava-se dos seus princípios rudes e pesados.*”

Seguidamente andava com a irmã que pouco se destacava na presença da baronesa.

Após a falência e suicídio de Francisco Teodoro, oferece-se para educar as gêmeas de Camila. A protagonista luta contra a ideia, mas, devido aos poucos recursos, decide ceder. Mais tarde, manda busca-las para ela mesma ensinar as filhas.

E é na voz da baronesa que Júlia Almeida apresenta uma crítica social às convicções religiosas e o preconceito da alta burguesia em relação aos pobres.

- “...*Creia, minha amiga, no Brasil não há miseráveis, há ateus. Precisamos de regenerar o povo com exemplos de fé cristã.*”

➕ **Meireles** (homem rico, honesto, amigo da família Teodoro e incentivador do casamento entre Paqueta e Mário) ▶▶

- “...- *Mesmo assim. O Meireles está podre de rico. Podre de rico! Também nunca vi homem tão agarrado; tinha até a alcunha do Chora vinténs... Dantes eram muito frequentes as alcunhas... aí, no comércio... Alcunhas e bofetões. Hoje está tudo mudado...*”

Meireles foi um dos maiores incentivadores do casamento entre Paqueta e Mário e como a filha é dura, promete a Francisco Teodoro que o filho (um espertalhão em conquistas amorosas e nada dado ao trabalho) “entrará nos eixos” com a união.

Meireles autoriza e organiza o casamento e logo leva consigo o casal para a Europa.

⊕ **Lélio Braga** (maestro, instrutor de violino da menina Ruth) ▶▶

- *“...O Lélio Braga, recém-chegado da Alemanha, o gordo maestro que só falava de música ou de jogo, atacou o teclado vigorosamente. Fez-se o silêncio em volta, mas por pouco tempo. Recomeçaram as conversas em tom mais baixo. Ruth não ouvia ninguém; um brilho quente. De sol, saía-lhe dos olhos verdes, voltados para a luz.”*
-

⊕ **Irmãs Braga** (moças da vizinhança do palacete Teodoro) ▶▶

Nada se sabe sobre as irmãs, e apenas uma delas tem o nome revelado no romance: Terezinha, a mais moça das Bragas.

- *“...A noite foram outras visitas, dois negociantes solteiros e duas moças da vizinhança, as Bragas.”*

Entende-se que a única preocupação das irmãs é com bailes e rapazes.

⊕ **D. Inácia Gomes e o velho Gomes** (esposa e marido, pais de Carlotinha e de Judith, amigos da família Teodoro) ▶▶

- *“...As Gomes, a mãe e duas filhas moças, eram indefectíveis: todas as terças-feiras lá iam, houvesse mau ou bom tempo. A velha era uma senhora toda cheia de preconceitos e escrúpulos, e com a cabeça recheada de receitas, tanto medicinais como culinárias, que ela oferecia a toda a gente que lhe ficasse ao alcance da voz. As filhas eram espertas, cantavam ao piano e ao violão e vestiam-se com graça, fazendo valer panos baratos.”*

Por meio da personagem de D. Inácia, a autora manifesta as suas convicções de emancipação feminina. A velha senhora é a expressão clara de uma sociedade machista e patriarcal:

- *“...- Sei, sei... a vida foi feita para as mulheres. E ainda elas se queixam! Só se fala por aí em emancipação e outras patranhas... A mulher nasceu para mãe de família. O lar é o seu altar; deslocada dele não vale nada! Todos concordaram...”*
-

⊕ **Catarina** (irmã do capitão Rino, solteira, mora com a madrastra no Cosme Velho) ▶▶

- *“...Era uma mulher delgada, branca e loira, com um par de olhos semelhantes aos do capitão Rino, de um azul de faiança, e uma fisionomia vaga, de anjo decorativo. Contrastando com o tipo, trazia uma toilette escarlate, que lhe dava valor à pele cor de lírio pálido, e parecia uma ofensa ao seu corpo virginal. O capitão apresentou-a logo a todos com duas palavras:
- Minha irmã.”*

A moça também demonstra, em seu discurso, um ar de independência feminina que não agrada em nada Teodoro:

- “... Catarina desagradara-lhe, com os seus modos independentes. Achara-a feia. Mulher quer-se com carne, - bons volumes, dizia ele, olhando de esguelha para o vulto redondo da esposa.”

⊕ D. Mariquinhas (viúva, madrasta de Rino e Catarina) ▶▶

D. Mariquinhas casara com o pai de Rino e Catarina após a morte da mãe deles. A mãe fora morta a facadas pelo ex-marido quando ele descobriu o adultério da esposa.

Catarina e Mariquinhas não tinham boa convivência, e a moça jamais perdoou ao pai:

- “...Quedaram-se mudos, contemplando-se de face. Pela mente de ambos passou, dolorosissimamente, a lembrança da mãe assassinada pelo marido. Compreenderam-se através do silêncio. Catarina murmurou:
 - À proporção que envelheço, mais se vincula em mim a saudade dela e não consigo desvanecer o meu rancor por ele. Não lhe perdoou.
 - Nem eu; mas a sociedade absolveu-o.
 - Os homens. Ela era tão boa!
 - Enganou-o.
 - Que monstruoso castigo! E o resultado, lembra-te? O teu afastamento de casa e o meu ódio.Em vão ele se fazia bom para agradar-me; era de uma humildade que comovia a todos, menos a mim. Não tornei a beijar-lhe a mão.
 - Nem mesmo na hora da morte?!
 - Nem mesmo na hora da morte. E eu quis; curvei-me; mas quase ao encostar a minha boca à mão dele, ergui-me com terror. Ele percebeu tudo. Que morte!...”

⊕ Hemengarda (enfermeira mulata que cuida de D. Mariquinhas, madrasta de Rino e Catarina) ▶▶

- “- Chamaste médico?
 - Chamei, e lá a deixei com a Hemengarda ao pé da cama.
 - Que Hemengarda?
 - Aquela enfermeira mulata, do n. 15, mãe do...”

⊕ Mota (empregado no armazém de Francisco Teodoro, mora com a filha Emília) ▶▶

- “...O velho Mota, ajudante de guarda-livros, ainda era o único que lhe dispensava amabilidades e cortesias; mas, mesmo nisso, seu Joaquim lia uma adulação. Com certeza o velho só pensava em impingir-lhe a filha, que mirrava os seus trinta anos em um sobradinho da rua Funda.”

O fiel e importante empregado de Teodoro quebra a perna e fica fora do serviço por um tempo. No retorno ao trabalho, sofre junto ao patrão quando a falência do armazém é decretada.

- *“...Na sua salinha da rua Funda, estendido no velho canapé empoeirado, seu Mota, emagrecido, com a barba crescida, as faces chupadas, olhava para as moscas que zumbiam, negreando na cal da parede encardida.”*

⊕ **Emília** (filha de Mota) ▶▶

Personagem de aproximadamente trinta anos. Mora com o pai e faz todos os serviços de casa. Não se sente feliz e, com a queda do pai, teve mais afazeres do que o de costume. Cansada e sem vigor, é uma mulher sem esperanças. Quando o Dr. Gervásio vai visitar Mota, a pedido do amigo Teodoro, tenta se arrumar um pouco, mas de nada adianta.

- *“...Enfadada, Emília fazia os reparos exigidos, em silêncio, com ar rebarbativo, então o velho voltava o rosto para a parede e fechava os olhos para reter as lágrimas.
Vinham-lhe à mente os seus bons tempos de Pernambuco e a alegria da sua defunta, tão ativa, tão pagodista e festeira. Quem diria que de tal mãe...”*

⊕ **Seu Joaquim** (caixeiro, empregado do armazém, carnavalesco na folga com as moças, tem um “rabo de saia”: Delfina do Recreio.) ▶▶

- *“...O primeiro caixeiro, seu Joaquim, um homem moreno, picado das bexigas, de olhos fundos e maçãs do rosto salientes, gesticulava em mangas de camisa, apressando os carregadores esbaforidos.”*
- *“...A gente do armazém tinha quizília à do escritório: fazia valer os seus serviços, deprimindo os alheios. Seu Joaquim considerava-se o melhor empregado da casa e gostava de mostrar as suas exigências. Os caixeiros temiam-no; mas o pessoal de cima tratava-o com certa sobrançeria, que ele não perdoava”*

⊕ **Ribas** (empregado do armazém Teodoro, caixeiro responsável pelo caderno, jovem, metido em jogos, irmão de Deolinda) ▶▶

- *“...Ao fundo, um rapazinho magro e amarelo, o Ribas, apontava num caderno o número de sacas que levavam, rente à escada de mão por onde os carregadores subiam para as tirar do alto das pilhas, correndo depois pelo asfalto desgastado e denegrido do solo.”*

É Ribas quem leva Dr. Gervásio à casa de Mota, já que o médico havia perdido o endereço.

Ribas é demitido por Mota por “possível” roubo de dinheiro.

⊕ **Deolinda** (irmã de Ribas e esposa de Ubaldino, dona de um armarinho) ▶▶

- *“...Na rua da Saúde parou à porta do armarinho da irmã, a Deolinda, que esmiuçava a grenha hirsuta de um filho de três anos, recostado sobre o seu ventre enorme.”*

⊕ **Senra** (empregado do armazém Teodoro, guarda-livros do lugar) ▶▶

- *“...Em uma sala ampla, quadrada, de madeiras velhas e papel barato, o Senra, guarda-livros, escrevia em pé, junto à escrivaninha colocado ao centro. Em outra carteira trabalhavam mais dois ajudantes, um velho, o Mota, de sorriso amável e modos submissos; e o outro, um moço bilioso de barbinhas pretas, mal plantadas em um queixo quadrado.”*
-

⊕ **Lessa** (negociante do café e muito rico) ▶▶

- *“...Vinha da casa do Lessa, que auferira lucros extraordinários de uma especulação de café. Ele também se metera em grandes empresas; sacou papelada que lhe enchia os bolsos e representava muitos contos de réis.”*
-

⊕ **Isidoro** (mulato e moço, empregado do armazém Teodoro) ▶▶

- *“...Depois de muitas horas de trabalho febril, sem repouso, vinha o momento de paragem, a hora do café, que um mulato moço, o Isidoro, levava primeiro ao escritório, servindo depois os empregados do armazém.”*
-

⊕ **Bertolina** (baiana que mora nas vizinhanças de Deolinda e Mota) ▶▶

- *“...Quem de vez em quando cortava aquela pasmeira com um pouco de alegria, era a baiana Bertolina que lhes levava um resto de quitanda recambiada, fatias de Mané-taiado, ou cocadas com abóbora, sujeitas ao azedume. E então era só:
- loiô! laiá! e gargalhadas frescas e: É preciso paciência, atrás dos dias maus vêm os dias bons, não é meu loiô? Tenham fé em Deus... E adeus, minha laiá, e adeus meu loiô!”*
-

⊕ **Neves** (dono de trapiche) ▶▶

- *“...Rolavam pelo chão grãos de café, como contas de cimento, e na atmosfera carregada mal se podia respirar. Francisco Teodoro voltou. O caminhão estava já à porta e os carregadores andavam nas suas corridas afanosas. Ia subir, quando foi abordado por um dono de trapiche, o Neves, que, vindo-o da rua, entrou para lhe pedir a freguesia, acrescentando para o estimular:
- Agora mesmo venho ali do seu vizinho, o Gama Torres, que me tem mandado lá para o trapiche um número assombroso de sacas!”*



Sobre traços naturalistas

Dr. Gervásio conclui sobre Catarina questões de cunho determinista, já que a teoria científica, tão evidente em romances naturalistas, destaca a raça (origem) como um dos eventos determinantes para as ações humanas.

“...O dr. Gervásio observou Catarina com atenção.

Ela estava de pé, com as narinas arfantes, as faces abrasadas.

Sim; agora era o sangue caboclo que lhe saltava nas veias: era uma brasileira. A tal avó dinamarquesa dava todo o lugar à outra avó indígena, descendente de alguma tribo selvagem.”



Sobre traços antirromânticos

O casamento (instituição falida nas narrativas realistas) se apresenta como meio de ascensão social para Camila e para a família Rodrigues. Já para Francisco Teodoro, um cônjuge o deixaria com a vida menos solitária, e a ideia de filhos ajudaria a perpetuar sua fortuna conquistada com árduo trabalho.

Além disso, Teodoro escolhe Camila pela submissão de escrava que ela representava. Pobre e educada. Perfeita!

“...Para que lhe serviria o que juntara, se o não compartilhasse com uma esposa dedicada e meia dúzia de filhos que lhe herdassem virtudes e haveres?

No seu sonho começou a esboçar-se a ideia de um herdeiro. Teria um rapaz, que usasse o seu nome, seguisse as suas tradições e fosse, sobretudo, um continuador daquela casa da rua de S. Bento, que engrandeceria com o seu prestígio, a sua mocidade, bem assente no apoio e na experiência paterna. O filho seria a sua estátua viva, nele reviveria, mais perfeito e melhor. Esse ao menos teria infância, seria instruído.”



Sobre os capítulos (breves comentários)

Cap. I	Rio de Janeiro, 1891. O preço do café atinge patamares extraordinários. Apresenta-se o armazém de Teodoro – Rua de São Bento. Teodoro já é um negociante muito de rico no ramo do café. Apresentam-se também a rua dos Beneditinos e a rua Municipal. Há descrições do ambiente movimentado do trabalho braçal. Conhece-se as personagens masculinas que frequentam o armazém e as que trabalham nele
---------------	---

Cap. II	<p>Teodoro relembra quando era caixeiro, do sobradinho em Bragança e de Sidônia, mulher com quem passava as noites.</p> <p>Teodoro recebe o título de comendador.</p> <p>Em conversa com um médico sobre sua dispepsia e sobre a sua insônia. O médico lhe aconselha viajar ou casar.</p> <p>Aparece a personagem das irmãs Rodrigues, tias paternas de Camila. Conhece Camila e se casam.</p> <p>Criam os filhos juntos em meio ao luxo e esbanjamento.</p> <p>Moram no palacete em Botafogo.</p> <p>São introduzidas as personagens Noca, Rino, Maestro Lélio e Dr. Gervásio.</p> <p>Ao lado do marido adormecido, Camila beija Gervásio.</p>
Cap. III	<p>Noca leva as crianças para visitar as velhas Rodrigues.</p> <p>Sancha dá dinheiro à Noca e lhe pede arsênico.</p> <p>Mário anda de carro e está de romance com Luiza, francesa.</p> <p>Camila faz comentários a Gervásio sobre os romances românticos:</p> <p><i>“...- Então não leio. Sei que está cheio de injustiças e de mentiras perversas. Os senhores romancistas não perdoam às mulheres; fazem-nas responsáveis por tudo – como se não pagássemos caro a felicidade que fruimos! Nesses livros tenho sempre medo do fim; revolto-me contra os castigos que eles infligem às nossas culpas, e desespero-me por não poder gritar-lhes: hipócritas! Hipócritas! Leve o seu livro; não me torne a trazer desses romances. Basta-me o nosso, para eu ter medo do fim.”</i></p> <p>Aparece a história de Nina, filha de Joca.</p> <p>Mário é o assunto: um fanfarrão.</p> <p>Surgem as Gomes e as Bragas interessadas nos bailes.</p>
Cap. IV	<p>Gervásio vai com Ribas visitar Mota.</p> <p>Há uma descrição do ambiente por meio do olhar de Gervásio:</p> <p><i>“...A novidade do meio dava-lhe um prazer de viagem: becos sórdidos, marinhando pelo morro; casas acavaladas, de paredes sujas; janelas onde não acenava a graça de uma cortina nem aparecia um busto de mulher; caras preocupadas, grossos troncos arfantes de homens de grande musculatura, e ruído brutal de veículos pesadões. Faziam daquele canto da sua cidade, uma cidade alheia, infernal, preocupada bestialmente pelo pão.”</i></p> <p>Gervásio encontra D. Joana. A velha lhe diz que sabe do adultério e que o padre Mendes já sabia também.</p>
Cap. V	<p>Teodoro pede a Gervásio para Camila conversar com o Mário.</p> <p>A mãe pede ao filho que o romance com a francesa acabe.</p> <p>O filho culpa a mãe de adultério.</p> <p>Mário vai se despedir da francesa.</p> <p>No portão do palacete, aparecem crianças fantasiadas de bonecos.</p> <p>Gervásio não apareceu.</p>

<p>Cap. VI</p>	<p>Passeio de lancha com o capitão Rino. <i>“...Numa manhã límpida, cor de safira, Camila e Ruth entraram com Teodoro e dr. Gervásio na lancha - Aurora - em demanda do Netuno.”</i> Ruth aprecia o passeio. A personagem de Catarina, irmã de Rino, é introduzida no livro. Francisco Teodoro não perdoa a República. Gervásio percebe a paixão de Rino por Camila e sente ciúmes. Apresenta-se um fatalismo determinante sobre as mulheres traírem. Rino descreve suas viagens à Amazônia. Todos começam a valorizar a profissão do capitão. Discutem-se questões sobre a posição da mulher na sociedade. Na voz de Teodoro, a autora faz sua crítica: <i>“... - Minha senhora, eu sou da opinião de que a mulher nasceu para mãe de família. Crie os seus filhos, seja fiel ao seu marido, dirija bem a sua casa, e terá cumprido a sua missão. Este foi sempre o meu juízo, e não me dei mal com ele, não quis casar com mulher sabichona. E nas mediócras que se encontram as Esposas.”</i> Na volta, Camila passa com Gervásio em uma confeitaria. Passa por eles uma bela mulher de luto. Gervásio disse à amante que depois lhe explicaria tudo. Camila fica aflita.</p>
<p>Cap. VII</p>	<p><i>“...O comércio de café nadava em ouro. Casas pequenas galgavam de assalto posições culminantes; havia por todo o bairro cafezista um perene rumor de dinheiro. E a maré do ouro subia ainda com a magna abundância das enchentes que ameaçam inundação.”</i> Preço altíssimo do café. Devaneios de Teodoro- viagem à Europa para descansar. Fortuna do Gama Torres só aumenta. Especulações sobre a bolsa de valores Inocêncio Braga ganha uma quinta de terra. Comprou por vingança. Lessa tem lucros extraordinários com café. Teodoro começa a refletir sobre a bolsa e o aumento dos lucros.</p>
<p>Cap. VIII</p>	<p>Noca e Dionísio conversam sobre Mário. Mário deixou a francesa, Luiza, por uma carioca. Orminda, criada cabocla, encontra uma foto de Mário embaixo do travesseiro de Nina. Nina reflete sobre sua condição. Considera-se feia. Descrição sobre a personagem Noca: <i>“...Noca tinha ascendência sobre a criadagem, que a tratava por dona. Mesmo entre os brancos a palavra da sua experiência era ouvida com acatamento. Ela era a mulher desembaraçada, a doceira dos grandes dias de festa, a única das engomadeiras capaz de satisfazer as impertinências do dono da casa; ninguém sabia como a Noca preparar um remédio, um suadouro, nem dar um escalda-pés sinapizado, nem tão bem escolher o peixe, preparar um pudim ou vestir uma criança.”</i> <i>“...Noca acudia com prontidão a todos, gabando-se, sem hipocrisia, de gostar de ser útil e servir de muito a muita gente...”</i> Noca desconfia do comportamento de Camila. Gervásio fala à Ruth sobre a diferença entre instrução e educação. Haverá uma festa “pantagruélica” no palacete. Organização da festa é delegada a Gervásio.</p>

Cap. IX	<p>Mário detesta Gervásio.</p> <p>Sabe-se que Joca, pai de Nina, casou-se com uma viúva cheia de filhos. A viúva detestava Nina.</p> <p>Ocorre uma tempestade.</p> <p>Mário está fora de casa, e o pai manda que todos empregados chaveiem todos os portões.</p> <p>Nina desobedece e abre para Mário.</p> <p>Mário a vê descoberta no ombro.</p> <p>Desejo de Nina por Mário aumenta.</p> <p><i>“...Acudiu-lhe então a ideia perversa de haver um propósito malicioso naquela história. Não lhe afirmara Noca tantas e tantas vezes que a prima o amava?</i></p> <p><i>A filha da mulher de má vida aí estava agora, como devia ser: livre de hipocrisias. Mário estendeu-lhe os braços. Nina compreendeu.</i></p> <p><i>Uma onda de sangue subiu-lhe ao rosto; segurou o chale com força e subiu correndo.”</i></p>
Cap. X	<p>D. Joana visita o palacete para vender convites do concerto no Cassino. Concerto em benefício da Capela de Monte Serrate.</p> <p>Ruth menciona o folhetim <i>Flor de neve</i>.</p> <p>D. Joana considera um absurdo Ruth estar lendo romances.</p> <p>D. Joana conversa com Gervásio sobre religião, crenças e leituras apropriadas. Gervásio cita Comte.</p> <p>Aparecem a baronesa da Lage e sua irmã, Paqueta.</p> <p>Convite da baronesa para o baile que a família dará.</p> <p>A baronesa convida Ruth para tocar no concerto.</p> <p>Aparece a figura de João, o jardineiro.</p> <p>Rino visita os Teodoros.</p> <p>Rino sente a distância de Camila.</p>
Cap. XI	<p>Hora do café das 14h no armazém de Francisco Teodoro.</p> <p>Negreiros é o único republicano nas discussões.</p> <p>Cap. Rino visita o armazém. Está indo para o Pará.</p> <p>Inocência Braga vai oferecer negócio a Teodoro.</p> <p>Rino, na volta do armazém, observa o ambiente das ruas, começa a refletir sobre a mãe, morta a facadas e sobre Camila:</p> <p><i>“...Esta ideia trouxe a lembrança da mãe, morta a facadas pelo pai, como adúltera. A imagem dela encheu-lhe o coração; ergueu-se bruscamente e começou a descer a rua, apressado com a ideia de fugir para longe, salvar-se do perigo que o solicitava.”</i></p> <p>Rino, durante esse passeio, encontra Camila.</p> <p>Encontra as Gomes, mas estava muito distraído pensando em Camila. Decepciona-se por não ter um amor correspondido.</p> <p>Rino visita a irmã, Catarina. Ela vive com a madrasta, D. Mariquinhas. A madrasta está muito doente, sendo cuidada por Hemengarda, enfermeira mulata.</p> <p>Rino e Catarina conversam sobre a morte da mãe.</p> <p>Rino sofre mais ao lembrar de Camila.</p>

Cap. XII	<p>O palacete Teodoro tem uma sala “secreta”, um escritório privado. Francisco Teodoro recebe Inocêncio Braga sobre o negócio na bolsa de valores.</p> <p>É introduzido o Código Comercial de Orlando à narrativa.</p> <p>Inicia-se o Sindicato do café.</p> <p>Ruth fala ao pai sobre Nina nunca ter ganhado presentes de aniversário.</p> <p>Francisco Teodoro presenteia Nina com uma casa:</p> <p>“- <i>Nina, como eu não entendo de modas, o presente que escolhi hoje para você foi uma casa. Com os aluguéis você poderá escolher todos os meses um vestido a seu gosto.</i></p> <p><i>A moça, que fazia nesse momento os pratos de Rachel e de Lia, estacou com os olhos esbugalhados. Riram-se do seu espanto e fizeram-lhe a saúde. Ela começou a chorar.</i>”</p>
Cap. XIII	<p>O palacete Teodoro se prepara para o baile.</p> <p>Ruth se encontra em devaneios com uma pintura na parede.</p> <p>Devido aos burburinhos dos preparativos, Ruth vai para casa das irmãs Rodrigues passar dois dias. Ela quer ver o céu, à noite, do terraço das velhas Rodrigues.</p> <p>D.Itelvina questiona Ruth sobre Gervásio e as gastanças no palacete.</p> <p>D.Joana conta histórias assustadores envolvendo o sacrifício da religião, e Ruth pede a velha conte algo mais bonito.</p>
Cap. XIV	<p>D. Joana conta à Ruth a história da Sórora Pálida. Uma virgem desgarrada que encontra Jesus e é novamente aceita no convento:</p> <p>“...<i>Uma noite, soror Pálida, depois de reverenciar o Bendito, desabotoava o seu hábito e preparava-se para dormir um soninho inocente, quando lhe pareceu ouvir o seu nome na janelinha. “Há de ser o vento...” pensou ela, tirando a cruz e o véu.</i>”</p> <p>D.Itelvina bate em Sancha.</p> <p>Ruth intervém.</p> <p>Ruth reflete sobre a sua condição e a de Sancha.</p> <p>Ruth sugere à Sancha que fuja.</p> <p>Ruth faz peregrinações com D. Joana.</p> <p>Elas encontram Teodoro que lhes dá dinheiro para comerem em um restaurante.</p> <p>Teodoro só tem pensamentos na proposta de Inocêncio Braga.</p> <p>Ruth vai ao observatório, na casa das velhas Rodrigues, ver as estrelas.</p> <p>Sancha foge.</p>
Cap. XV	<p>Começam os preparativos para o baile no palacete Teodoro.</p> <p>Surge a ideia de Paqueta casar-se com Mário.</p> <p>Nina está incomformada em relação a Mário:</p> <p>“...<i>Agora tinha ímpetos de se vingar, de arrancar das mãos do tio o jornal, de gritar-lhe com toda a força a história daqueles amores que a humilhavam, porque entre ela e a tia, não era a outra, casada e mãe, mas sim ela, órfã e virgem, quem tinha direito àquela felicidade de amar e de ser amada...</i>”</p> <p>Mário aceita o casamento com Paqueta.</p>

Cap. XVI	<p>Mota, o velho empregado do armazém, com a perna quebrada, deixa a filha, Emília, esgotada.</p> <p>Ribas vai ao encontro da irmã, Deolinda, pedir-lhe dinheiro. Ela nega e diz que Ubaldino, o marido, pode chegar a qualquer momento.</p> <p>Teodoro manifesta a Meireles o desejo de que o filho seja modificado por meio do casamento com Paqueta.</p>
Cap. XVII	<p>Nina volta do casamento de Mário.</p> <p>Profecias de Noca: espelho quebrado é igual a mau agouro.</p> <p>Camila está aliviada por Mário ter casado e ido à Europa: não precisaria se esconder tanto em relação ao adultério.</p> <p>Teodoro aflito em relação a negócios que assinara com Inocêncio Braga.</p> <p>Sai uma notícia no jornal que o preço do café havia baixado.</p> <p>Inocêncio tenta acalmar Teodoro.</p> <p>Francisco Teodoro investiu boa parte do seu capital em negócios com Inocêncio Braga.</p> <p>Mário se despede da família. Fora com a esposa para Europa.</p> <p>Meireles diz a Teodoro que Inocêncio é um ladrão.</p>
Cap. XVIII	<p>O preço do café começa a baixar pouco a pouco.</p> <p>As cigarras cantavam felizes – metáfora do trabalho.</p> <p>Passaram-se três meses da 1ª baixa do café.</p> <p>O armazém recebe um telegrama: Casa Mendes e Wilson declara falência.</p> <p>Teodoro começa ver seus capitais irem à ruína.</p> <p>15 dias depois, a GRANDE CASA TEODORO VAI À FALÊNCIA.</p> <p>Teodoro passa o domingo com os amigos.</p> <p>Teodoro visita as gêmeas à noite e preocupa-se com o futuro da família.</p> <p>Teodoro desce ao escritório e começa a escrever cartas aos credores. Pega o revólver, mas o guarda.</p> <p>A cacatua da família morre. Mal sinal.</p> <p>Frase impactante de Francisco Teodoro:</p> <p><i>“Onde há uma árvore há sombra onde um homem se deite. Não queiras a riqueza, que ela engana e mente. Mas vale ser pobre toda a vida! Volve; acostuma tua mulher ao trabalho e os teus filhos a rolarem nus pela terra que um dia os há de comer... Se bem os vestires a todos... verás: pesarão ouro e valerão pó...”</i></p> <p>Teodoro pede a Gervásio para avisar Camila sobre a falência.</p> <p>Inocêncio Braga passa de carro e está indo viajar para a Europa.</p>
Cap. XIX	<p>Gervásio fala à Camila sobre a falência dos negócios de Francisco Teodoro.</p> <p>Teodoro, às 17h, expõe a falência aos credores.</p> <p>Começa a se mostrar a decadência da Rua de São Bento.</p> <p>Gama Torres é a casa mais afortunada da rua.</p> <p>Teodoro se fecha no escritório e chora.</p> <p>Mota vai para o Norte e se despede do patrão.</p> <p>30 anos de armazém.</p> <p>Seu Joaquim vai trabalhar com Gama Torres.</p>

<p>Cap. XX</p>	<p>Francisco chega a sua casa. Camila está adormecida, medicada com calmantes dados pelo Dr. Gervásio. Teodoro culpa a república: “criminosa” Teodoro lembra do avô, camponês rude louco, enforcara-se em uma amendoeira. “<i>Aqui estou como um Jó</i>”, exclama Teodoro. Teodoro se mata com um tiro no ouvido. Camila presencia a cena: “...<i>A uma hora Francisco Teodoro levantou-se muito pálido, persignou-se e rezou, ali mesmo, entre o lampear das molduras e o ar atrevido do cavalheiro de bronze. Finda a oração, caminhou resolutamente para a sua secretária. A bulha dos seus passos firmes abafou um sussurro leve de saias que deslizavam pela escada abaixo. Francisco Teodoro tirou da gaveta o seu revólver, olhou-o um instante e encostava-o no ouvido quando a mulher apareceu na porta, muda de terror, estendendo-lhe as mãos. Ele cerrou logo os olhos à tentação da vida e apressou o tiro. E toda a casa acordou aos gritos de Camila que, com os braços no ar, clamava por socorro.</i>”</p>
<p>Cap. XXI</p>	<p>Repercussão da morte de Teodoro. Desejo dos amigos em ajudar. Remorso de Camila: “... <i>O descuido do pressentimento é uma falta que a consciência não perdoa. Sentia-o; revolvía-se em um grande remorso. Oh, se tivesse descido uma hora antes! Um minuto antes!</i>” D. Joana reza. D. Itelvina chama Teodoro de homem frágil, pois não soube guardar dinheiro. Lemos e Negreiros choram no enterro. Ruth desmaia. Camila beija o defunto três vezes. Camila e Gervásio mal se falam.</p>
<p>Cap. XXII</p>	<p>Após um mês a família se muda. Nina organiza a casa nova e é elogiada por Gervásio. Camila se desgosta com a visão da própria pobreza. A saída do palacete é melancólica. Mudam-se: “...<i>A casa era pequena, em um trecho sossegado da rua de d. Luiza, disfarçada por um jardimzinho mal cultivado. Dentro sentiram-se todos oprimidos; habituados à largueza de um palácio, parecia-lhes que aqueles tetos e que aquelas paredes se apertariam de repente esmagando-os a todos.</i>” Chega a Teodoro (já morto) carta de Sergipe, família Rodrigues pede dinheiro. Velho Rodrigues está muito doente. Desespero de Camila. Noca, para conseguir dinheiro vai engomar para fora. Ruth vai ensinar violino. Gervásio se afasta: “<i>menos amor e mais amizade</i>”</p>

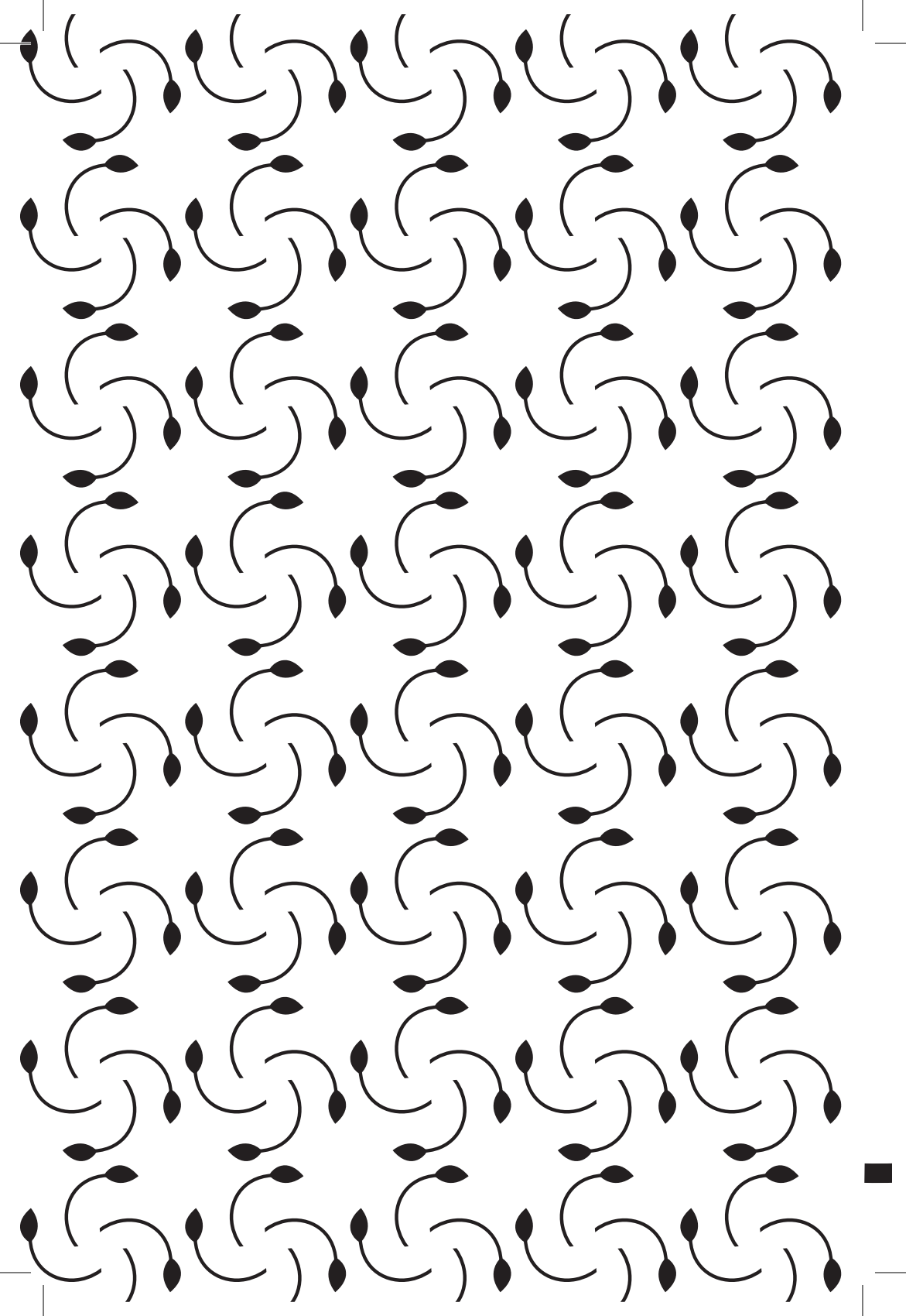
Cap. XXIII	<p>Noca e as crianças vão doar sobras de comida para D. Jacinta, velha moribunda e paralítica. Vizinha pobre da redondeza.</p> <p>Gervásio e Mila se beijam.</p> <p>Gervásio sai ao portão com Camila: <i>“és minha, só minha.”</i></p> <p>Chega Mário de viagem.</p> <p>Paquita está grávida.</p> <p>Mário designa o futuro da família:</p> <p>Lia e Raquel seriam educadas pela baronesa da Lage, irmã de Paquita.</p> <p>Ruth morará com Mário e Paquita.</p> <p>Nina irá para o pai, Joca.</p> <p>Camila deveria se casar.</p> <p>Mário oferece à mãe uma mesada dada por Paquita. Camila recusa:</p> <p><i>“... - Sossegue: tudo se há de arranjar; bem sabe que eu não tenho nada; a fortuna é de minha mulher, mas nós lhe daremos uma mesada, visto que...”</i></p> <p><i>- Recuso; não quero nada dessas mãos. O meu filho morreu no dia em que se casou. Se o envergonho, é melhor fingir que não me conhece. Vá-se embora.”</i></p>
Cap. XXIV	<p>As gêmeas são entregues à baronesa da Lage.</p> <p>Camila decide pedir para que Gervásio de case com ela.</p> <p>Paquita e Mário vão morar em Petrópolis.</p> <p>Camila decide ir à casa de Gervásio.</p> <p>Ao passar pelo palacete Teodoro, em Botafogo, Camila, em devaneio, mostra-se nostálgica:</p> <p><i>“... Em quantas daquelas casas, ela fizera brilhar as suas joias, rugir as suas sedas, vagar o perfume do seu lenço de rendas e dos seus vestidos! Bons tempos... ah! mas eles voltariam, quando a fortuna e a lealdade de Gervásio a repusessem no lugar de que a ambição do marido a tinha arrancado.”</i></p> <p>Camila fala a Gervásio sobre ficarem juntos.</p> <p>O amante nega o pedido dizendo-lhe que já era casado e que não poderia se separar.</p> <p>Camila se desespera.</p> <p>Camila decide trabalhar para ajudar nas despesas da casa.</p> <p>Camila manda buscar as gêmeas, pois vai ensiná-las a ler.</p>
Cap. XXV	<p>Depois de 2 anos, o Cap. Rino volta dos Estados Unidos.</p> <p>Lê um anúncio do concerto de Ruth.</p> <p>Visita a irmã e decide não procurar Camila.</p>

REFERÊNCIA

ALMEIDA, Júlia Lopes, A falência. 1ª reimpressão. Companhia das Letras, 2019.



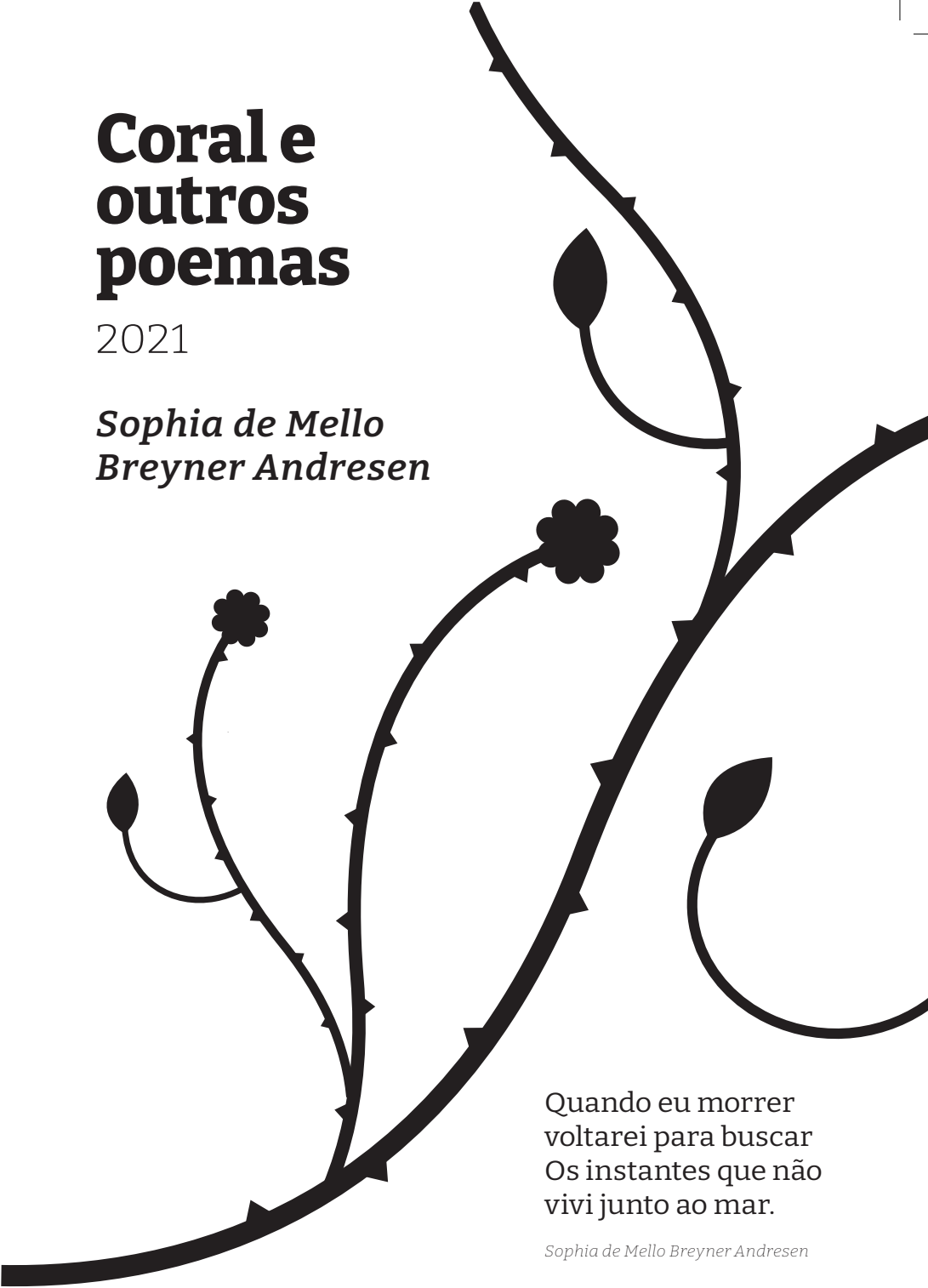
Júlia Lopes de Almeida
Arquivo Nacional Brasileiro



Coral e outros poemas

2021

*Sophia de Mello
Breyner Andresen*



Quando eu morrer
voltarei para buscar
Os instantes que não
vivi junto ao mar.

Sophia de Mello Breyner Andresen

Coral e outros poemas

2021

Sophia de Mello Breyner Andresen

por Luiza Casanova

CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTE RESUMO

Por se tratar de uma coletânea vasta de poemas da autora, selecionamos alguns para comentar, afim de melhor entendermos características importantes e essenciais da poética de Sophia de Mello Breyner Andresen, divididos em eixos temáticos.



A autora

Sophia de Mello Breyner Andresen nasceu em 1919, no Porto, Portugal. Sua obra, que inclui poemas, contos, livros infantis e ensaios, recebeu inúmeros prêmios, como o Camões (1999) e o Reina Sofía (2004). A autora faleceu em 2004.



O livro

Com seleção e apresentação de Eucanaã Ferraz, a antologia reúne poemas de uma das vozes mais marcantes da literatura portuguesa.

O mar é um dos elementos centrais da lírica de Sophia de Mello Breyner Andresen. As praias, a linha imaginária e quase infinita que água parece formar, as ondas se acumulando uma a uma. Em seus poemas temos uma beleza profunda, como é o próprio mar, ao mesmo tempo que temos a revelação de segredos tão íntimos. Aquilo que, de tão pessoal, se torna amplo, gigante. Imenso como o oceano e pequeno como nós frente a ele.

Mas a sua poesia também é associada ao terreno, ligada na cidade, no chão: a vida na cidade, a turbulência das ruas, a hostilidade do concreto. A atuação de Sophia em resistência ao salazarismo se mostrou não apenas no seu trabalho poético, mas também na Assembleia Constituinte, ao se eleger deputada pelo Partido Socialista, em 1975.

A antologia traz a dimensão concreta e ao mesmo tempo misteriosa de uma das vozes mais cultuadas da literatura portuguesa. Tanto para denunciar um mundo sombrio, tanto para tratar de praias radiantes. A poeta, com sintaxe direta, nos mostra a possibilidade da treva e do solar, ao mesmo tempo.



Do clássico ao moderno: do universal ao particular

A poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen é algo próximo ao mistério. O mistério que une o íntimo com o amplo, assim como o momento em que o mar toca a terra e leva para dentro de si um pouco da areia. Ou então quando a água se torna ainda mais salgada, quando o mundo concreto ao redor está em guerra. Quando a água submerge de alguma forma as tensões do seu próprio tempo. Ao mesmo tempo em que percebemos a expressão clássica, os versos bem encaixados e a elevação do tom, temos uma linguagem simples e clara.





Poesia (1944)

Neste primeiro livro, já temos a temática do mar. Os versos bem cortados e a musicalidade dão corpo as coisas do mundo, de forma clara e nítida.

🌸 Homens à beira-mar

Nada trazem consigo. As imagens
Que encontram, vão-se deles despedindo.
Nada trazem consigo, pois partiram
Sós e nós, desde sempre e os seus caminhos
Levam só ao espaço como o vento.

Embalados no próprio movimento
Como se andar calasse algum tormento
O seu olhar fixou-se para sempre
Na aparição sem fim dos horizontes

Como o animal que sente ao longe as fontes
Tudo neles se cala p'ra auscultar
O coração crescente da distância
E longínqua lhes é a própria ânsia

É-lhes longínquo o sol quando os consome
É-lhe longínqua a noite e a sua fome,
É-lhes longínquo o próprio corpo e o traço
Que deixam pela areia, passo a passo.

Porque o calor do sol não os consome
Porque o frio da noite não os gela
E nem sequer lhes dói a própria fome
É-lhes estranho até o próprio rastro.

Nenhum jardim nenhum olhar os prende,
Intactos nas paisagens onde chegam
Só encontram o longe que se afasta
As aves estrangeiras que os trespassam
E o seu corpo é só um nó de frio
Em busca de mais mar e mais vazio.

Neste poema, temos um exemplo da mistura entre o móvel e o fixo, funcionando de forma clara: os passos na terra e o vento, o olhar fixado naquilo que, por si só, é vago, o traço do horizonte. O longe se aproxima e se afasta, como a água do mar toca a areia. O corpo que procura a imensidão do mar e do vazio, com os pés ancorados na terra.



Dia de mar (1947)

Aqui, temos a sequência da temática do mundo natural nos poemas. A solidão frente ao mar. Mais uma vez, o gigante se une ao pequeno, o particular se mistura ao universal.

🌸 Dia de hoje

Ó dia de hoje, ó dia de horas claras
Florindo nas ondas, cantando nas florestas,
No teu ar brilham transparentes festas
E o fantasma das maravilhas raras
Visita, uma por uma, as tuas horas
Em que há por vezes súbitas demoras
Plenas como as pausas dum verso.

Ó dia de hoje, ó dia de horas leves
Bailando na doçura
E na amargura
De serem perfeitas e de serem breves.

A imagem das ondas se une a claridade das horas e o brilho dos encantamentos. A leveza e a doçura se encaixam na frieza da amargura. É como o choque de entrarmos no mar gelado que se balança com o vento. O instante ínfimo daquilo que é eterno e ao mesmo tempo não dura. A beleza da onda do mar que quebra nela mesma, o tempo que passa e é belo na sua efemeridade. Assim funciona a memória quando a evocamos: flutua entre o doce e o amargo, e nos mostra a dimensão daquilo que a natureza faz com o mar e também conosco, em um segundo entra em contato com a terra e no outro já está novamente na distância do horizonte. O mar tem disso e as imagens também: são bonitos porque são breves, mutáveis.



Coral (1950)

O livro que segue dá continuidade ao eixo temático do anterior: a presença absoluta do mar, este mar que funciona quase como um contato com o mundo, uma revelação sobre o mundo.

Coral

Ia e vinha
E a cada coisa perguntava
Que nome tinha.

Este poema, que dá nome ao livro, traz já no seu primeiro verso uma alusão ao movimento do mar, ao balanço da maré, ao mesmo tempo que sugere uma união do humano com o natural. aí está a talvez revelação sobre o mundo: perguntar para a natureza o nome das coisas, dar nome para todas as coisas. Mais uma vez, o vago das ondas e o concreto das coisas nomeadas funcionando em harmonia.



No tempo dividido (1954)

Neste livro, há a continuidade na temática das marés, mas também vemos algumas mudanças. O tempo agora está quebrado, dividido, e só se encontra no desencontro.

No mar passa de onda em onda repetido
O meu nome fantástico e secreto
Que só os anjos do vento reconhecem
Quando os encontro e perco de repente.

Neste poema breve, o vai e vem do mar passa de uma coisa à outra de repente. É de novo o mar que traz alguma revelação. Ao mesmo tempo que as ondas se repetem numa cadeia de ir e voltar, a imagem se perde, o nome se perde, como se aquele nome que queremos tanto das para as coisas, se apagasse e depois retornasse, num movimento incessante de encontrar e perder, de encontrar e desencontrar frente ao mistério que é estar frente ao mar, ou

frente ao tempo que passa diante dos nossos olhos e não podemos de todo segurar, é apenas uma imagem translúcida que nos dá a falsa ilusão (e por isso bela) de conter.



Mar novo (1958)

Aqui, a mudança e a permanência se fazem presentes. Segue a temática do mar, sempre presente na poética da autora, e também a do tempo, a temática da finitude das coisas, e há, por fim, um certo tom de mal-estar, um certo ódio de fazer parte das coisas do mundo, e se encontrar apenas naquilo que é fluido.

🌸 Biografia

Tive amigos que morriam, amigos que partiam
Outros quebravam o seu rosto contra o tempo
Odiei o que era fácil
Procurei-me na luz, no mar, no vento

Neste poema, também breve, a consciência da mudança se faz perceptível. Tanto nos amigos que morrem e nos que partem, quanto na brevidade das coisas da natureza que são efêmeras: a luz, o mar, o vento, que estão sempre por perto, mas sempre se dissipam e vão embora e reaparecem junto com o tempo. A sintaxe é clara, ao passo que as imagens trazem uma certa violência. A onda que bate, vez ou outra, pode ser cruel como o mundo, quando o tempo encontra com a morte.



O cristo cigano (1961)

Neste livro, há um conjunto de poemas em sequência narrativa que tratam de uma antiga lenda de Sevilha e que fora contada a Sophia de Mello Breyner Andresen por Joao Cabral de Melo Neto, já que os dois foram amigos em vida. Dessa forma, nos é apresentado uma espécie de poemas-artífice.

O amor

Não há para mim outro amor nem tardes limpas
A minha própria vida a desertei
Só existe o teu rosto geometria
Clara que sem descanso esculperei

A noite onde sem fim me afundarei.

Aqui, a formulação poética se mostra de maneira mais fria, crua, esculpida de um modo diferente do que é habitual na lírica de Sophia. Se sobressai o formal, o sólido. Há algo da poética de Joao Cabral. Um rosto a ser modelado tal qual uma pedra, geométrico, talhado, e que termina, agora, em sofrimento e alguma dor.



Livro sexto (1962)

Com um ritmo elegante e firme, este livro nos apresenta ainda a apuração formal do livro anterior, além de trazer isso atrelado a uma visão de mundo bastante crítica.

As pessoas sensíveis

As pessoas sensíveis não são capazes
De matar galinhas
Porém são capazes
De comer galinhas

O dinheiro cheira a pobre e cheira
À roupa do seu corpo
Aquela roupa
Que depois da chuva secou sobre o corpo
Porque não tinham outra
Porque cheira a pobre e cheira
A roupa
Que depois do suor não foi lavada
Porque não tinham outra

“Ganharás o pão com o suor do teu rosto”
Assim nos foi imposto
E não:
“Com o suor dos outros ganharás o pão”

Ó vendilhões do templo
Ó construtores
Das grandes estátuas balofas e pesadas
Ó cheios de devoção e de proveito

Perdoai-lhes Senhor
Porque eles sabem o que fazem

A ironia é proposta logo no título do poema, já que as pessoas descritas ao longo do poema, ao viver da exploração dos que trabalham, não são, por isso, sensíveis em relação ao próximo e evidencia a intenção crítica do sujeito poético em relação à hipocrisia das pessoas ditas “sensíveis”. Em seguida, o eu lírico denuncia as condições precárias em que algumas pessoas vivem. Nesta linha de pensamento, o sujeito poético denuncia a exploração dos trabalhadores por aqueles que lucram. Trazendo a afirmação de Jesus Cristo no momento da crucificação, “Perdoai-lhes, Senhor, porque não sabem o que fazem”, o eu lírico distorce destas palavras no final do poema. Ao contrário da referência bíblica, as “pessoas sensíveis” são julgadas por algo que fizeram conscientemente e, por isso, não há perdão.



Geografia (1967)

É neste livro que os leitores brasileiros podem se encontrar melhor. Há referência ao deslumbramento frente as paisagens das terras brasileiras e ao poeta modernista Manuel Bandeira.

🌸 Manuel Bandeira

Este poeta está
Do outro lado do mar
Mas reconheço a sua voz há muitos anos
E digo ao silêncio os seus versos devagar

Relembrando
O antigo jovem tempo tempo quando
Pelos sombrios corredores da casa antiga
Nas solenes penumbras do silêncio
Eu recitava
“As três mulheres do sabonete Araxá”
E minha avó se espantava

Manuel Bandeira era o maior espanto da minha avó
Quando em manhãs intactas e perdidas
No quarto já então pleno de futura
Saudade
Eu lia
A canção do “Trem de ferro”
E o “Poema do beco”

Tempo antigo lembrança demorada
Quando deixei uma tesoura esquecida nos ramos da cerejeira
Quando
Me sentava nos bancos pintados de fresco
E no Junho inquieto e transparente
As três mulheres do sabonete Araxá
Me acompanhavam
Tão visíveis
Que um eléctrico amarelo as decepava

Estes poemas caminharam comigo e com a brisa
Nos passeados campos da minha juventude
Estes poemas poisaram a sua mão sobre o meu ombro
E foram parte do tempo respirado.

Aqui, temos não apenas uma homenagem ao poeta brasileiro, como também uma homenagem a juventude, a alegria, a liberdade, através da rememoração. Mais uma vez, temos a imagem do tempo, a memória e, claro, um olhar para o passado permeado de brisa, de natureza, de mar.



Dual (1972)

Neste livro, temos uma união dual, como vemos desde o título, entre céu e terra, entre vida e morte, de forma unificada, mesmo que oposta.

🌸 Eurydice

O teu rosto era mais antigo do que todos os navios
No gesto branco das tuas mãos de pedra
Ondas erguiam seu quebrar de pulso
Em ti eu celebrei minha união com a terra

Por trás da aparente dualidade, da tensão entre opostos, temos uma Sofia que segue unificante. O mar e a terra celebrando a mesma festa. O rosto concreto comparado ao flutuar vago dos navios. A leveza das ondas se torna forte e, mais uma vez, a água se funde ao corpo.



O nome das coisas (1977)

Aqui, temos poemas originários do período da revolução de 25 de abril, a Revolução dos Cravos, portanto, há de maneira bastante forte a consciência política.

🌸 25 de abril

Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo

Mesmo que haja referência a um episódio político e histórico bastante marcado, inclusive pela data no título do poema, não se perde de forma alguma a temática cara a Sophia de Mello Breyner Andresen, o tempo. Aliás, um tempo inicial, completo, limpo, imagens poéticas que perpassam toda a lírica da autora. A substância do tempo se mescla com a substância da noite, do silêncio: aquela da qual emergimos como se da água, do mar, da imensidão.



Navegações (1983)

Aqui, o mar, mais uma vez surge, e agora contendo o peso da história, que já se anunciava no livro anterior. Todavia, agora surge algo novo: o viajante. Aquele que está em alto-mar.

Deriva

Nus se banham em grandes praias lisas
Outros se perderam no repentino azul dos temporais

Com imagens fortemente plásticas, poemas breves e sintéticos, temos a união do maravilhamento com a paisagem natural atrelada ao navegar do marinheiro que ora se encanta, ora se perde.



Ilhas (1989)

A viagem segue sendo tema central deste livro, e ela se estende não somente à Portugal, mas à Grécia, à Veneza, ao Japão, à Polônia, e são viagens de diferentes ordens.

Tempo de não

Exausta fujo as arenas do puro intolerável
Os deuses da destruição sentaram-se ao meu lado
A cidade onde habito é rica de desastres
Embora exista a praia lisa que sonhei

Nestes poemas, há a referência aos deuses gregos, às arenas, mas também ao caos promovido pela destruição promovida pelo tempo e pela história, sem nunca perder de vista a temática do mar. Mais uma vez, temos o concreto e o abstrato, o duro e o vago em confluência harmônica, unificada.



Musa (1994)

Composto pela brevidade, pelas imagens limpas e pelo ritmo, esta obra segue tematizando as imagens da viagem, da Grécia e do mar.

Ondas

Onde – ondas – mais belos cavalos
Do que estas ondas que vos sois
Onde mais bela curva do pescoço
Onde mais longa crina sacudida
Ou impetuoso arfar no mar imenso
Onde tão ébrio amor em vasta praia?

Palavras que se sobrepõem e brincam com seus significados e seus sons, também brincam com aquilo da ordem do terreno e do flutuante, corpo e mar, se fundindo a todo instante.



O búzio de nós e outros poemas (1977)

Aqui, a consciência diante da linguagem parece caminhar ao lado de algo que se mostra ainda maior: a consciência da passagem do tempo, sem jamais perder a linha do horizonte, o mar, o completo desconhecido e misterioso. Sem nunca perder a viagem, o navegar.

O infante

Aos homens ordenou que navegassem
Sempre mais longe para ver o que havia
E sempre para o sul e que indagassem
O mar a terra o vento a calmaria
Os povos e os astros
E no desconhecido cada dia entrassem

Parece que o tempo traz experiência e algum alento. Mais uma vez, temos a mostra de algo que se unifica, enfim, mesmo que pareça tão destoante, e continue sendo preciso atravessar o mar, navegar pelo mar e entrar cada vez mais fundo naquilo que sequer conhecemos, seja o mar, seja o tempo.

O final de “Coral e outros poemas” conta com o volume Artes poéticas, publicado em edições autônomas, alguns poemas dispersos e outros poucos inéditos.

Quem me roubou o tempo que era um
Quem me roubou o tempo que era meu
O tempo todo inteiro que sorria
Onde o meu Eu foi mais limpo e verdadeiro
E onde por si mesmo o poema se escrevia.

Por fim, temos esse poema disperso que parece concatenar o que viemos falando até agora. O próprio fazer poético se mistura com o tempo e com a descoberta de um Eu absoluto. Um eu claro e verdadeiro como também é a temática tão cara a autora: o mar, que pode, tantas vezes, ser violento e varrer as memórias da face da terra, ser testemunhas de batalhas, de revoluções, de atrocidades e também de amores e de revelações. Tudo isso por meio de uma linguagem límpida e concreta, fluida e potente, como é ele: o mar, e ela: Sophia.


REFERÊNCIA

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Coral e outros poemas. Org. Eucanaã Ferraz. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Sophia Mello Breyner Andre-
sen, retrato a lápis de cera
por Botelho da série Wiki.
Autor: Carlos Botelho (1964-2014)







“Deus sabe o que faz, e a gente não sabe o que diz. [...] Se aconteceu, é por que era para bom que acontecesse.”

Água Funda

(1946)

Ruth Guimarães

Água Funda

(1946)

Ruth Guimarães

por Samuel Albuquerque Maciel



“ÁGUA FUNDA”: REFLEXÕES DO DESTINO HUMANO

Informações gerais

Natural de Cachoeira Paulista, Ruth Guimarães Botelho nasceu em 13 de junho de 1920 e viveu parte de sua infância no interior de Minas Gerais, onde absorveu a cultura caipira, a qual serviu de inspiração, na fase adulta, na produção de obras literárias. Desde a infância foi influenciada pela família a desenvolver o hábito da leitura e da escrita, o que a motivou, ao completar a maioridade, a se mudar para São Paulo e a estudar Filosofia, na USP, tornando-se, para além desse contexto, em certo momento, pupila de Mário de Andrade, sobretudo, em estudos relativos ao folclore e a literatura popular, por isso, o destaque como professora, escritora, jornalista, teatróloga, tradutora e pesquisadora da literatura oral no Brasil.

Em sua carreira literária, Ruth Guimarães elaborou mais de 50 obras, sendo a primeira autora negra de projeção nacional, muito embora secundarizada no cânone literário brasileiro, em função da cultura patriarcal não dar o devido espaço às escritoras mulheres, além do preconceito racial marcante no século XX com pessoas negras. Com isso, recentemente foi resgatada e valorizada, em virtude de novas pesquisas em centros acadêmicos, adentrando “com força” no cânone literário atual. Seus livros são geralmente caracterizados por elementos folclóricos, por marcas da cultura indígena, pelo enaltecimento da cultura negra, pelo realismo fantástico, pela crítica social, pelo regionalismo, pela linguagem caipira e pela valorização da oralidade.

Após o fim da Era Vargas e a posse do General Eurico Gaspar Dutra, em 1946, ocorreu a abertura do período democrático no Brasil, momento de grande esperança da população por possíveis melhorias sociais. Nesse contexto,

Ruth Guimarães estreia na literatura nacional com a obra “Água funda”, a qual veio a se tornar seu maior clássico, justamente por tratar assuntos relevantes na época, como a escravidão, o patriarcalismo, os hábitos culturais, os preconceitos, o trabalho análogo à situação de escravidão, a exploração, a paixão, a traição, as superstições, a fé, os casamentos, a loucura, o abandono, a solidão, a depressão, o cotidiano na pequena cidade, a desonra e a desgraça.

O narrador da obra em questão é do tipo onisciente, não nomeado, e relata diferentes acontecimentos no sul de Minas Gerais, na Fazenda Olhos D’Água, entre o fim da escravidão e as décadas iniciais do século XX. A autora procura desenvolver um reestabelecimento etnográfico da linguagem caipira, aspecto marcante na sua infância no Vale do Paraíba e no sul de Minas.

O elo temporal vai do momento histórico da escravidão, destacando Sinhá Carolina, proprietária da fazenda Nossa Senhora dos Olhos D’Água, até aproximadamente 1930, instante em que Joca toma o protagonismo e é abordado também o tema do trabalho análogo à situação de escravidão.

Provavelmente, um dos tópicos de maior destaque na análise da obra em referência seja a questão da linguagem, em virtude de o narrador não descrever em demasia a natureza e, de forma natural e interessante, caracterizar a paisagem “fundida” com as ações das personagens, assim, de certo modo, é possível, ao leitor atento e “mergulhado” na narrativa, “sentir”, inclusive, o cheiro das plantas, das flores e dos pássaros no decorrer dos parágrafos. Dessa maneira, a escritora, embora notadamente regionalista, como muitos artistas da segunda geração modernista (especialmente os nordestinos), não procura desenvolver um texto com linguagem simplesmente oral, caricata, muito pelo contrário, de forma criativa, é como se a autora conseguisse colocar no texto uma linguagem coloquial, com certas tons e vestígios cultos, sem, ao mesmo tempo, perder a coloquialidade, por isso, a leitura se torna fluída e agradável, instigando o receptor a aprofundar a sua leitura.

Nessa perspectiva, em “Água funda” é oportuno estabelecer intertexto com a obra clássica publicada meses depois denominada “Sagarana”, de Guimarães Rosa, não só pelo contexto do interior mineiro, mas pela oralidade local espontânea e fluente. Sob tal ótica, o cenário rural que Ruth Guimarães relatou foi marcado por mistérios e elaborado em um léxico deveras pessoal, com as pronúncias dos matutos caipiras, recheadas de lendas e de causos com palavras bem cadenciadas, de modo a “convidar” o leitor a participar de rodas de conversas. A partir disso, torna-se quase que inevitável lembrar de canções consagradas na música popular brasileira, como “Noites do Sertão”, de Milton Nascimento (“Não se espante assim, meu moço, com a noite do meu sertão”), além de “Luar do Sertão”, de Luiz Gonzaga (“Não há, ó gente, ó não/ Luar como esse do sertão”).



SISTEMÁTICA DO ENREDO E DA ANÁLISE DA OBRA:

1º PARTE:

Sinhá Carolina é a protagonista da primeira parte do romance “Água funda”, caracterizada como caçula de uma família nobre que procurava seguir os padrões culturais do casamento arranjado, fato comum no século XIX. Assim, sua união matrimonial ocorre muito cedo com um homem que não amava e, para piorar a situação, a traía constantemente. Dessa maneira, a obra oferta ao leitor, desde já, a primeira reflexão crítica: a temática do adultério. Em outros termos, em uma época extremamente patriarcal, muitos homens eram infiéis e suas esposas, em função da subordinação, da submissão feminina, eram “obrigadas” a aceitar tais atos, aspecto também motivador, ao longo dos séculos XX e XXI, para a luta da mulher por mais direitos e transformações sociais.

A personagem central e seu marido tiveram uma filha chamada Gertrudes, cuja a criação foi marcada pela rigidez, especialmente após a morte do pai da moça, visto que a viuvez de Sinhá Carolina, somada aos dissabores sentimentais do casamento e a necessidade de se tornar a responsável pela criação da filha e pela administração da fazenda, da casa e dos negócios, motivou, infelizmente, essa mulher a se tornar cada vez mais dura e fria naquela era escravocrata. Nesse ponto, a segunda reflexão crítica pode ser feita: a falta de reciprocidade amorosa pode gerar parca empatia, dificuldade de expressar sentimentos, isto é, de compreender melhor as relações sociais, podendo acarretar, em alguns casos, até mesmo, o processo de depressão e de ausência de sensibilidade.

Cabe destacar que Gertrudes, a filha da protagonista, moça bela e muito alegre, apaixonou-se por Inácio, filho do capataz (Joaquim Dias), o que do ponto de vista cultural e socioeconômico do século XIX era um grande problema, porque este tipo de relação amorosa era proibida. Mesmo que o filho do capataz estudasse e, provavelmente, não tivesse a mesma profissão do pai, a dona da fazenda não admitiu este namoro. Nesse sentido, a terceira reflexão crítica vem à tona: como as convenções sociais e culturais impunham limitações ao modo de viver de cada sujeito em épocas passadas e quanto sofrimento isso gerava. Mas será que, em plena atualidade, isso ainda acontece? Como espécie de “Romeu e Julieta” capira-brasileiro, guardadas as devidas distâncias e proporções, os jovens apaixonados se veem diante de um dilema: o que fazer diante a proibição da união por causa do status e do preconceito.

Nesse interim, é relevante lembrar o papel desempenhado pelos avós de Gertrudes (Jovino e Maria), já que eles eram apaixonados pela neta e acaba-

vam, de certo modo, preenchendo as lacunas afetivas deixadas pela mãe da jovem. No entanto, após a morte desses senhores, a menina perde este suporte emocional e não aguenta a pressão de viver sozinha com a sua genitora e termina fugindo com seu namorado Inácio. Esse ato impacta também o pai do moço (o capaz da fazenda), o qual, envergonhado, pede demissão. Em decorrência desse enredo, o leitor pode ponderar, enquanto reflexão crítica, que a proibição dessa relação, por parte de Sinhá Carolina, gera uma série de consequências, como, por exemplo, a solidão, o abatimento, a perda da filha e do capataz, empregado qualificado e de confiança.

Após várias tentativas sem sucesso, Sinhá Carolina consegue contratar um novo capataz e, em um novo contexto de suscetível carência e solidão, a personagem principal, curiosamente, apaixona-se pelo novo empregado. Apesar de ser alertada pelo irmão Miro que o novo namorado estava apenas interessado nos bens materiais dela, Sinhá Carolina não dá importância ao aviso e casa com aquele homem misterioso. Desse modo, novamente o leitor deve parar a sua leitura para observar que um ditado popular brasileiro pode ser atrelado à personagem principal mediante a sua hipocrisia: “quem cospe para cima, na cara lhe cai”. Ou seja, a protagonista proibiu a relação da sua herdeira com o filho do capataz por puro preconceito e, mais adiante, embora debilitada emocionalmente, acabou se casando com outro capataz.

Logo, percebe-se, claramente, que o indivíduo, detentor do capital (do dinheiro) detém também o poder, todavia, a decisão não está livre da relação de causa e efeito, em outras palavras, de possíveis consequências. Para piorar o cenário, Sinhá Carolina, muito envolvida com o novo marido, vende a casa e a propriedade, além de entregar todo o dinheiro a ele, criando, assim, uma forte tensão na narrativa. Destarte, a sexta reflexão crítica decorre justamente em função dos comportamentos da personagem central, afinal, o que leva uma pessoa tão dura de coração mudar consideravelmente e se tornar tão ingênuo? Seria o medo de ficar sozinha? O envelhecimento? Seria o “arrepentimento” do que fizera com a filha? Ou quem sabe a necessidade de ser feliz ao lado de um parceiro? A verdade é que esta narrativa induz o leitor a pensar mais sobre o tratamento das relações humanas, bem como as possíveis contradições, posto que, em muitos casos, podemos ser maleáveis com pessoas que não conhecemos bem e, ao mesmo tempo, rígidos com quem temos mais proximidade.

Para além dessa evidente crítica ao comportamento humano, ao final da primeira parte do romance, surge um novo proprietário da fazenda de Sinhá Carolina, comandante de uma empresa local de plantação e de colheita, homem de boas atitudes e responsável por significativas mudanças na região, pois, ao empregar várias pessoas e trabalhar junto com elas, traz progresso ao lugar, além de conquistar o “coração” daquelas simples pessoas. Desse jeito,

em pouco tempo, Sinhá Carolina é esquecida por muitos indivíduos, o que gera a sétima reflexão no livro: a importância de tratar bem as pessoas e procurar construir um legado, já que a maneira que cada ser humano convive com a sua família e com outras pessoas reflete na sociedade como um todo.



2ª PARTE:

Curiango, neta de Miro, irmão de Sinhá Carolina, continua vivendo naquela região. Joca (protagonista da segunda parte do romance), apesar de todas as dificuldades, consegue conquistar e casar com Curiango e eles vivem felizes por um bom tempo. Além deles, surge outra personagem importante, chamada Choquinha, uma idosa que sobrevivia pela solidariedade das demais pessoas, as quais, por piedade, a alimentavam seguidamente. De modo curioso, ninguém sabia do passado dela e ela era vista como louca na cidade, porém, o esclarecimento sobre esta senhora será revelado mais adiante.

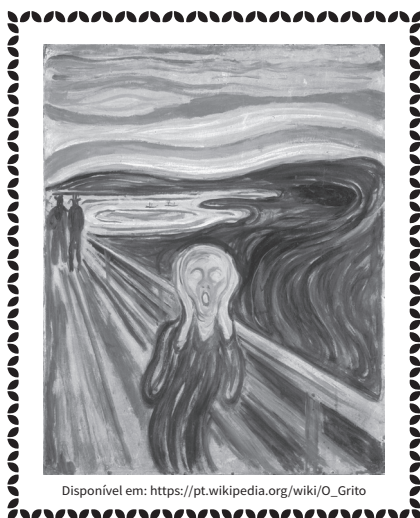
Com o passar do tempo, surgem novas empresas e chefes, não mais bondosos como aquele do final da primeira parte da narrativa. Os patrões de então prometiam bastante, porém os empregados trabalhavam demais e recebiam muito pouco. Muitos desses indivíduos moravam em abrigos dentro das próprias companhias e, de maneira absurda, o aluguel era descontado do salário, o qual não era recebido em forma de dinheiro, mas sim de vales, aceitos e utilizados apenas no armazém da companhia, não sendo nunca suficientes para o sustento das famílias, de modo que muitas vezes ainda ficavam “devendo” às companhias. Enquanto oitava reflexão crítica, percebe-se que apesar de a obra não especificar a data dos fatos, pelo conjunto de elementos, pressupõe-se tratar das décadas iniciais do século XX, momento histórico pós-escravidão, no qual parte expressiva de trabalhadores pobres naquela região, assim como tantos outros em distintas localidades no país, eram “obrigados” a se sujeitar aos padrões delimitados para sobreviver. Nessa ótica, emerge-se a temática contemporânea ainda muito discutida pela mídia no Rio Grande do Sul, no Brasil e no mundo: o trabalho análogo à escravidão.

Outrossim, a característica do Realismo Fantástico adentra o romance, à medida que a autora Ruth Guimarães, assim como Mario de Andrade, Guimarães Rosa, Monteiro Lobato e João Simões Lopes Neto, por exemplo, era uma pesquisadora do folclore nacional e procurou, ao seu jeito, explorar em sua narrativa superstições e crenças folclóricas populares locais, mais especificamente no sul de Minas Gerais, a partir da ficcionalização da figura denominada “Mãe de Ouro”, entendida, naquela região, como entidade responsável por enviar desgraças à população. Assim, entre o sagrado e o profano, valores antigos e modernos,

costumeiramente confrontados e, até mesmo, misturados, conforme é possível vislumbrar no personagem Joca, justamente por não acreditar que a “Mãe de Ouro” pudesse de fato enviar sofrimentos às pessoas, por outro lado, ele acaba sofrendo com desgraças e, segundo alguns personagens, isso teria ocorrido como forma de castigo por não acreditar na tal figura folclórica. Nesse viés, a nona reflexão crítica está relacionada à fé humana, porque muitos brasileiros, na atualidade, ainda acreditam (e com todo o direito) em superstições e ou em crenças sobrenaturais, o que induz o leitor a ponderar que a modernidade mudou muitos hábitos comportamentais, exceto, a fé humana.

Para compreender melhor a situação de Joca, torna-se mister saber que, naquele momento, na região, houveram muitas geadas, frios, plantações foram destruídas, muitos gados morreram e parcela expressiva daquelas pessoas passaram por sucessões de desgraças, inclusive, sofreram por fome, responsabilizando, com isso, “Mãe de Ouro” por tudo que lhes acontecera. Como se não bastasse, Joca começou a ter “apagões”, surtos e a agredir algumas pessoas, sem conseguir lembrar de nada depois do ocorrido. Já em relação à Choquinha (a senhora idosa, que vivia nas ruas e era considerada louca), ocorre uma epifania ao leitor, visto que é revelado que ela, na verdade, era a Sinhá Carolina, protagonista da primeira parte do romance, que ficara naquela situação após ter sido seduzida e enganada pelo marido (ex-capataz) e abandonada em uma estação de trem, perdendo a fortuna, a razão e o juízo.

Enquanto intersecção narrativa, por mais que a população local e Curiango tenham rezado, nada adiantou para curar o estado desequilibrado mental de Joca, o qual, assim como Choquinha, virou um louco andarilho, reforçando, assim, a fé humana nas credences ou superstições populares como determinantes no destino de cada sujeito. Portanto, é possível interpretar esta parte da obra como um reflexo do determinismo do meio, à medida que os personagens centrais (Sinhá Carolina e Joca) sofrem com fatalismos locais, em diferentes proporções, de maneira que ambos ficam loucos. Diante disso, é plausível pensar acerca do que é a loucura humana e as razões deste tipo de desequilíbrio mental. Para tanto, torna-se interessante estabelecer um intertexto com uma pintura expressionista de Edvard Munch, de 1893, a qual proporciona um sentimento de angústia e de solidão, denominada “O Grito”:

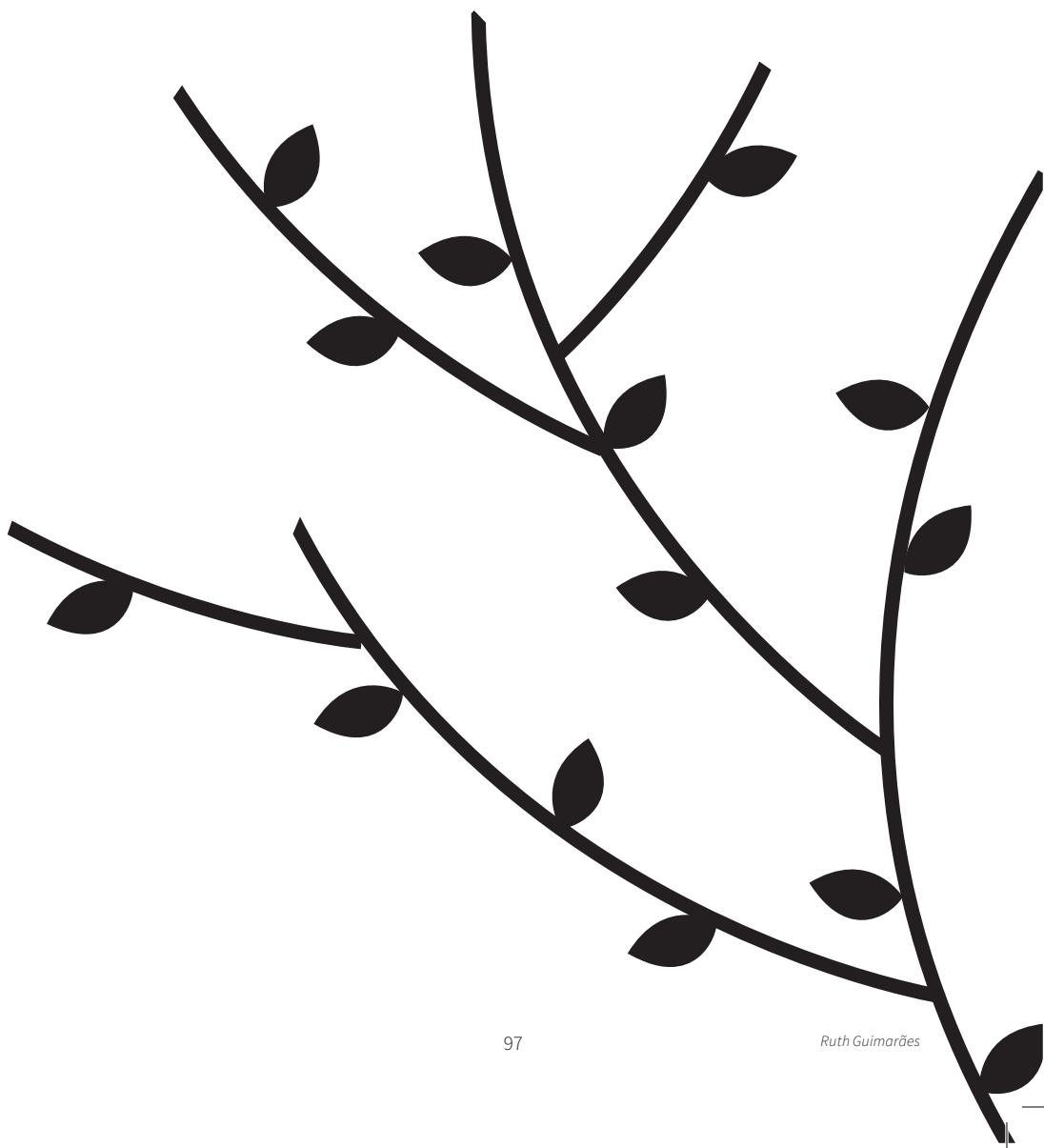


Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Grito

A ponte simboliza a travessia de um momento difícil na vida de uma pessoa, no caso, Sinhá Carolina (abandonada na estação do trem e com toda fortuna roubada por um homem sedutor) e Joca (que perde a sanidade mental pela perda gradativa de bens em função do caos do clima e por descrença). As pessoas, na pintura, mais alongadas, podem ser entendidas como diferentes da principal ao centro, como se não fizessem parte daquele cenário, assim como Sinhá Carolina e Joca pareciam não mais se sentir partes do mundo em que viviam. O céu sugere a angústia e reforça o sentimento de ameaça que o personagem principal experimenta, bem como ocorrera com os protagonistas do romance em análise. O vilarejo parece muito distante e nebuloso, assim como pareciam os personagens centrais dessa narrativa longa mais ao final do enredo. Já o rosto em destaque retrata o desconforto, o grito de horror, de angústia e de loucura, fins extremos dos sujeitos ficcionais criados também por Ruth Guimarães.

Assim sendo, pode-se interpretar que, por debaixo das “engrenagens místicas”, o título “Água funda”, escolhido por Ruth Guimarães, pode estar associado à ideia de um lago profundo, onde, apesar de passar barcos e fazer ondas, os movimentos cessam, depois de um tempo, não alterando a quase “inércia” das águas. Em outras palavras, as mudanças históricas e sociais, oriundas da modernidade, no decorrer da obra, não conseguiram alterar o panorama cultural daquela região, visto que diversos problemas sociais continuaram existindo, alguns deles de modo mascarado, como a escravidão e o trabalho análogo à situação da escravidão, além de outras questões, como os costumes regionais, as maneiras de pensar, os preconceitos, a loucura e a falta de sensibilidade humana. Tudo isso é potencializado pelo caráter sobrenatural, mágico na

obra (Realismo Fantástico), o qual funciona como balizador de costumes, isto é, do modo de viver daquele povo, cujas atitudes, independentes de informações e de conhecimentos advindos da tecnologia, ainda estavam calcados na tradição cultural transmitida de geração em geração de forma oral. Por isso, neste romance, a ciência não consegue sobrepor as crenças, como se cada ser humano já nascesse com destino programado, sendo, assim, inviável o sujeito lutar contra o seu fado, afinal, segundo Ruth Guimarães: “Deus sabe o que faz, e a gente não sabe o que diz. [...] Se aconteceu, é por que era para bom que acontecesse.” (pág. 181 - Ruth Guimarães)





Cem Anos de Solidão

(1967)

Gabriel García Márquez



“Até então, não lhe ocorrera pensar que a literatura fosse o melhor brinquedo que se inventara para zombar das pessoas”

Cem Anos de Solidão

(1967)

Gabriel García Márquez

por *Rodrigo Bentancurt*



Vida e obra

Gabriel García Márquez nasceu na Colômbia, na cidade de Aracataca, em 1927. Quando tinha dois anos, seus pais se mudam para Barranquilla, mas ele permanece em sua cidade natal, sendo criado pelos avós maternos, Tranquilina Iguarán e o Coronel Nicolás Ricardo Márquez Mejía. Seus avós vão ter forte influência na obra *Cem anos de Solidão*, inclusive o sobrenome de sua avó é o mesmo da matriarca da família no livro, Úrsula Iguarán.

Depois da morte do avô, quando Gabriel tinha oito anos, vai para a casa dos pais. Na adolescência fica encantado com obras como *As mil e uma noites* e também *A metamorfose*, de Franz Kafka. García Márquez é o maior expoente do Realismo Mágico ou Realismo Fantástico, nos quais elementos verossímeis e inverossímeis mesclam-se formando uma nova concepção de realidade. Gabriel abandonou a faculdade de Direito e exerceu a função de jornalista. Em 1982, ganhou o prêmio Nobel de Literatura.

Gabriel García Márquez escreveu ao longo da vida até 2009, quando diz que se aposentaria da literatura. Em 2012 é declarado com demência senil e morre em 2014 na Cidade do México, devido a uma pneumonia.

Sua carreira literária, como um dos principais escritores, não só de língua espanhola, mas do mundo, apresenta uma vasta obra, com romances, novelas, contos e memórias. Entre seus principais livros estão: *A revoada* (1955), *Ninguém escreve ao coronel* (1961), *Cem anos de solidão* (1967), *A incrível e triste história de Cândida Erêndia e sua avó desalmada* (1972), *O outono do patriarca* (1975), *Crônica de uma morte anunciada* (1981), *O amor nos tempos do cólera* (1985), *Doze contos peregrinos* (1992), *Memórias de minhas putas tristes* (2004).



Contexto histórico

Em uma época em que o “nouveau roman” francês, uma narrativa fria, dominava o mundo e falava-se sobre o fim do romance, surge na Colômbia, em 1967, a obra-prima *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez. Na contramão do que se fazia, o romance de García Márquez, Gabo como era conhecido, consolida um estilo que já vinha há algum tempo sendo engendrado na América Latina, o Realismo-Fantástico, isto é, uma ideia de expansão das crenças do que é a realidade, a partir da convivência de elementos naturais e sobrenaturais em um mesmo universo.

Realismo e literatura fantástica sempre foram polos opostos na ficção, mas agora passavam a existir em um mesmo estatuto. Dessa forma, a noção de que o inexplicável e o inconcebível também são elementos da realidade permeia essa obra e a de tantos outros escritores latino-americanos, que fizeram extremo sucesso nessa época, em uma geração que ficou conhecida como o “Boom da literatura latino-americana”, entre eles Júlio Cortázar, Carlos Fuentes e Mário Vargas Llosa. Este último, assim como García Márquez, foi agraciado com o prêmio Nobel de Literatura.



CEM ANOS DE SOLIDÃO: alegoria, miséria e humor

Mas *Cem anos de solidão* é uma obra que retrata a miséria humana, a solidão como característica primordial de uma estirpe que, tão diferente entre si, carrega sempre a marca de seres que estão sós na vida. No entanto, esse romance é permeado de humor e tristeza, sucessos e insucessos, resignação e atitude de mudar e explorar, sentimento de praticidade do mundo e uma mente sonhadora e desligada da realidade. Essas dualidades caminham lado a lado nessa saga da família Buendía, na cidade fictícia de Macondo.

O tempo não é cronológico, havendo avanços e retrocessos constantemente, ou seja, anáforas e catáforas fazem parte da obra. A primeira, bela e marcante frase do livro já mostra isso, com uma antecipação de um fato que irá ocorrer muito à frente: “*Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o Coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo*”. Perceba que existe um avanço para o “muitos anos depois”, mas também um flash-back, “*tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo*”, colocando o momento presente entre esses dois instantes. Também a duplicidade se dá entre as duas ações: nada mais corriqueiro que conhecer o gelo, nada mais definitivo do que o momento da morte.

Além disso, a obra é um caleidoscópio de acontecimentos que caminham com uma fluidez impressionante que só um grande contador histórias seria capaz. Os fatos vão se encadeando com extrema naturalidade, na qual se passa de uma história para outra quando menos percebemos. Tudo por meio de uma saga familiar que dura cem anos e se confunde, não só com Macondo, mas com a América Latina.

O enredo do livro pode causar alguma confusão pela repetição de nome dos personagens, já que são sempre os mesmos, por isso, para facilitar a compreensão do estudante, faremos este resumo baseado nos personagens e nas gerações a que pertencem. Para auxiliar, colocamos uma árvore genealógica da família no final do resumo.

A história começa com a recordação do Coronel Aureliano do dia em que o seu pai o levou a conhecer o gelo, daí descreve-se como era o povoado de Macondo.

A cidade é um vilarejo com poucas casas e chega um grupo de ciganos. **Melquíades**, um velho cigano leva inovações científicas a Macondo, inclusive uma dentadura. **José Arcádio Buendía**, o patriarca da família, fica encantado com as maravilhas que estão acontecendo no mundo e pensa que em Macondo eles vivem como burros. **Úrsula Iguarán**, esposa de José Arcádio Buendía, trabalha duro, enquanto o marido é um sonhador, que descobre que a Terra é redonda, causando revolta na população da cidade. Melquíades presenteia José Arcádio Buendía com um laboratório de Alquimia. Então, José Arcádio Buendía decide fazer uma expedição para encontrar o mar. Vai com os homens da cidade, mas estão isolados num pântano, encontram um navio espanhol que ficou atolado ali. O patriarca quer mudar a cidade de lugar, mas Úrsula o dissuade e manda que dê atenção aos filhos: **José Arcádio**, o mais velho, e **Aureliano**.

Úrsula e José Arcádio Buendía era primos e sabia-se que um familiar deles, filhos de primos também, nasceu com rabo de porco e morreu quando tentou cortá-lo. Por isso ela, assim que casam, não consuma o casamento. Numa rinha de galos, o galo de Prudêncio Aguilar perde para o de José Arcádio Buendía, então Prudêncio irritado diz que José Arcádio Buendía é impotente. Este o mata com uma lança e fala para Úrsula que, se for necessário, criarão iguanas ou crianças com rabo de porco. Só que o espírito de Prudêncio aparece para eles constantemente. Assim, decidem matar todos os galos e mudar-se. Na travessia da serra, nasce o primeiro filho do casal, sem nenhuma parte animal e, depois de quase dois anos de caminhada, fundam um povoado, chamado Macondo, nome que apareceu em sonho para José Arcádio.

No ano seguinte à primeira aparição dos ciganos, um grupo de ciganos novos aparece e informa que Melquíades morreu. Eles trazem uma caixa com o gelo, para José Arcádio Buendía a maior invenção da humanidade. Nessa época nasce Amaranta, terceira filha do casal. José Arcádio, o filho, não se in-

teressa pelos estudos no laboratório do pai e do irmão. Um dia Úrsula, sem querer, o vê nu e se impressiona com o tamanho de seu membro. Conta isso a **Pilar Ternera**, uma mulher que ajuda nas tarefas da casa e é cartomante. A partir disso, todas as noites, José Arcádio, o filho, e Pilar se encontram na casa desta. José Arcádio conta isso ao irmão, que passa a compartilhar a ansiedade e prazer pelas histórias do irmão e ambos se refugiam na solidão. Pilar Ternera engravida e José Arcádio foge dela, fica com uma cigana, põe um pano vermelho na cabeça e parte com o grupo de ciganos. Úrsula vai atrás do filho, coisas estranhas acontecem como o cesto em que Amaranta está, mexe-se sozinho. Cinco meses depois, Úrsula retorna sem o filho, mas com um grupo de comerciantes. Ela achou povoados a dois dias de distância, coisa que seu marido, José Arcádio Buenía, não conseguiu.

Com Úrsula também vêm árabes, que se ocuparão do comércio, todos percebem a riqueza do solo, então José Arcádio Buendía ordena a cidade. Nasce o filho de Pilar, colocam-lhe o nome, também, de José Arcádio, mas chamam-no de **Arcádio**. Úrsula pede para que não revelem a sua origem. Arcádio e Amaranta são cuidados por **Visitación**, uma indígena que trabalha na casa, e aprendem a língua dos índios antes que o castelhano. Úrsula trabalha bastante e ganha dinheiro. Os ciganos retornam, mas são proibidos de se instalar em Macondo, pois José Arcádio não volta com eles. Aureliano passa os dias no laboratório entregue à solidão. Aureliano faz o prognóstico de que alguém chegará, e chega uma menina de 11 anos, com uma carta e saco de ossos, que são seus pais mortos. A carta diz que são primos distantes, embora Úrsula não se lembre de parentes com os nomes alegados. Em Macondo, não há cemitérios, pois, até o momento, ninguém tinha morrido. A menina não fala e parece apenas compreender a língua dos índios. Chama-se **Rebeca**, come terra úmida e cal de parede. Úrsula consegue tirar-lhe essa mania e a menina começa a integrar a família e a falar castelhano.

Visitación constata que Rebeca tem a doença da insônia, que é muito contagiosa. As pessoas não se sentem cansadas, mas, com o tempo, perdem a memória. Os habitantes de Macondo estão com a doença em pouco tempo. O povoado, por isso, organiza uma quarentena. Quem precisa entrar na cidade deve tocar um sino que ficava nas cabras e não pode comer nem beber nada. As pessoas começam a esquecer o nome das coisas, então passam a escrever os nomes de objetos, animais, comidas e colar para não esquecer. José Arcádio Buendía gostaria de inventar a máquina da memória. Chega um homem em Macondo e dá uma poção a José Arcádio Buendía que retoma a memória. O homem era Melquíades que tinha estado à beira da morte e sentiu-se solitário, veio para viver na cidade. Ele traz um daguerreótipo (espécie de câmera fotográfica).

Úrsula usa a economia que conseguiu vendendo doces para reformar a casa e construir a maior casa que Macondo já viu. José Arcádio Buendía nem percebe,

pois está tentando fotografar Deus para provar sua existência. O governo envia um delegado, que obriga as pessoas a pintarem a fachada de suas casas de azul, chama-se **Apolinar Moscote**. José Arcádio Buendía o expulsa. Apolinar retorna uma semana depois, com sua família e alguns soldados. José Arcádio Buendía e Aureliano vão falar com ele. Permitirão que ele fique, mas precisa mandar os soldados embora. Assim o faz Apolinar, mas Aureliano se encanta com **Remedios**, a filha mais nova de Apolinar, de apenas 9 anos. Úrsula prepara um baile para a inauguração da reforma, compra uma pianola. **Pietro Crespi**, um italiano lindo é enviado para montar o instrumento e ensinar as danças da moda. Úrsula só convida as famílias dos fundadores da cidade. Rebeca se apaixona por Pietro, trocam cartas e ela volta a comer terra. Amaranta também se apaixona pelo italiano, escreve cartas, mas não as envia. Aureliano está apaixonado por Remedios. Um dia bebe e perde a virgindade com Pilar Ternera, que lhe diz que falará com Remedios. Aureliano esperará Remedios menstruar, mas já tem o casamento acertado com ela. Amaranta diz a Rebeca que o casamento dela com Pietro não acontecerá, nem que para isso precise matá-la.

Melquíades morre, inaugura-se o cemitério de Macondo. Ele escrevia um livro. José Arcádio Buendía volta a ver Prudêncio Aguilar, enlouquece e diz que sempre é segunda-feira. Amarram-no num castanheiro do quintal e ali fica absorvido pela solidão. Pilar Ternera engravida de Aureliano, que lhe diz que assumirá o filho. Aureliano se casa com Remedios. Pietro e Rebeca se casariam no mesmo dia, mas ele recebe uma carta falsa, dizendo que sua mãe estava morrendo. **Padre Nicanor Reyna** casa Remedios e Aureliano e fica no povoado. Pede esmolas para construir uma igreja. Ele toma chocolate e levita, conversa com José Arcádio Buendía amarrado no castanheiro. Remedios morre, grávida de gêmeos, um pouco antes do casamento de Rebeca e Pietro. Ela era muito boa, criava o filho de Aureliano e Pilar Ternera, **Aureliano José**, como se fosse seu. Vem uma escola para Macondo e Arcádio a administra.

Chega em Macondo, um homem enorme, todo tatuado, é José Arcádio, o filho. Tinha virado marinheiro, ganha dinheiro se rifando entre as prostitutas. Transa com Rebeca e avisa a Pietro que se casará com ela. No casamento, o padre Nicanor explica que eles não são irmãos de sangue, mas Úrsula não os perdoa e não permite que morem na casa. José Arcádio e Rebeca alugam uma casa mais afastada onde transam escandalosamente. Amaranta vai se casar com Pietro.

Acontecem as eleições. Apolinar Moscote é conservador e fraudas as urnas. Aureliano se entende liberal e se junta aos filhos dos fundadores de Macondo e com Dr. Noguera, falso médico, mas se afasta deste, pois não concorda com seus métodos, pensando que Noguera é terrorista, por querer fuzilar os familiares dos conservadores. Estoura a guerra civil. Os conservadores fuzilam o Dr. Noguera e matam uma mulher a coronhadas no meio da rua. Aureliano junta

seus homens, rouba as armas dos conservadores e fuzila o capitão e o soldado que mataram a mulher a coronhadas; nomeia Arcádio chefe da cidade, garante ao sogro (Apolinar Moscote) que este não será morto, torna-se o Coronel Aureliano Buendía e vai se juntar às tropas de **Victorio Medina**.

O coronel Aureliano promoveu 32 duas batalhas, perdeu todas, teve 17 filhos de 17 mulheres diferentes, sobreviveu a 14 atentados, 73 emboscas e um pelotão de fuzilamento, foi comandante geral das tropas revolucionárias, se deu um tiro no peito, mas a bala atravessou sem atingir nenhum órgão vital e virou nome de rua em Macondo (perceba-se a hipérbole que acentua o tom irônico na descrição dos feitos e fracassos do coronel). Arcádio, por sua vez, vira um ditador em Macondo. Fuzila e coloca no tronco quem o contraria. Úrsula, indignada, lhe dá uma surra de rebenque e começa a mandar na cidade. Entregue à própria solidão, fala inutilmente com o marido, desamarra-o do castanheiro, mas ele não sai do lugar.

Pietro Crespi conhece o amor com Amaranta. Sua loja prospera, seu irmão, Bruno Crespi, cuida dela, mas Amaranta diz a ele que nem morta se casará. Pietro corta os pulsos e se suicida. Amaranta fica indiferente, até que um dia põe a mão nas brasas do fogão até sua carne queimar, como se fosse um remédio contra o remorso.

Arcádio sempre se sentiu solitário e não pertencente à família. Não sabia que era filho de Pilar Ternera e tentou transar com ela, que na hora colocou em seu lugar **Santa Sofía de la Piedad**, por quem Arcádio se apaixona. Vão viver juntos em concubinato. O casal tem uma filha, que já está com 6 meses e Santa Sofía de la Piedad está grávida de novo. Arcádio desvia dinheiro público e constrói uma grande casa para eles, mas as tropas do governo chegam, acabam com a resistência dos liberais e levam Arcádio ao pelotão de fuzilamento. Em frente ao pelotão de fuzilamento, Arcádio percebe que na verdade ama os que acreditava odiar e pede para que coloquem na filha de 6 meses, ainda sem nome, o nome de Úrsula, e se o outro nascesse homem, José Arcádio, não como o tio, mas como o avô; grita: “Cornos! Viva o partido Liberal” e é fuzilado.

O coronel Aureliano é preso e levado para ser fuzilado em Macondo. Úrsula o visita na prisão e se impressiona com sua maturidade, com seu ar de autoridade e lhe entrega escondido um revólver. Os militares estão postergando o fuzilamento, pois temem uma rebelião, além disso uma prostituta lhes disse que todos os envolvidos no fuzilamento morrerão. Chegam ordens de superiores para que o fuzilamento ocorra. Diante do pelotão de fuzilamento, os conservadores não atiram e se juntam a ele na revolução.

Úrsula pede para não acatar o último pedido de Arcádio e coloca na criança o nome de **Remédios**, pois Úrsula é nome de sofrimento. Santa Sofía de la Piedad tem gêmeos: **José Arcádio Segundo** e **Aureliano Segundo**.

Ninguém sabe se foi Rebeca ou se o próprio José Arcádio se deu um tiro,

mas um fio de sangue sai da casa e atravessa a cidade, chega na casa de Úrsula e vai até a cozinha. O cheiro de pólvora não sai do cemitério e Rebeca se enterra em vida, só saindo de casa uma única vez, gerando uma onda de calor que mata os passarinhos da cidade e o povo se esquece dela.

Gerineldo Márquez, amigo do coronel Aureliano, pede Amaranta em casamento, e ela diz que nunca se casará. O coronel Aureliano, em lutas pela América, tentando instalar um regime humanitário e federalista (uma alegoria a Simón Bolívar), envia uma carta avisando que o pai irá morrer. José Arcádio Buendía, agora amarrado numa cama, morre e cai uma chuva de flores amarelas que cobre o povoado. A guerra acaba, o general Moncada, conservador, mas intelectual e antimilitarista, por isso amigo do coronel Aureliano, embora em lados opostos, é nomeado chefe de Macondo, eleva o povoado a município e torna-se seu primeiro alcaide.

Amaranta e o sobrinho, Aureliano José, trocam carícias, até que ela percebe que está se apaixonando e corta. Aureliano José havia ido lutar com o pai na América Central, no retorno só pensa em casar com Amaranta que o repele. Bruno Crespi funda um teatro. E Remedios é mais linda que a mãe, Santa Sofía de la Piedad, por isso é chamada por todos de Remedios, a bela. Os ânimos entre os conservadores e os liberais se acirra novamente, e Aureliano José é assassinado pelo **capitão Aquiles Ricardo**, que é morto pela população imediatamente. O coronel Aureliano retorna, está diferente, é capaz de tudo. Condena o general Moncada à morte. Úrsula intervém sem sucesso. Moncada lhe diz que de tanto combater os militares, o coronel Aureliano está igual a eles e um dia será um ditador despótico. O coronel Aureliano está indiferente à guerra, não permite que ninguém se aproxime dele, seus oficiais fazem um círculo de giz de três metros à sua volta e ninguém pode ultrapassar. Está lutando por poder, manda fuzilar o coronel Gerineldo Márquez, mas na noite anterior, percebe que a felicidade está nas pequenas coisas; solta Gerineldo e decide pôr fim à guerra, só que para isso acaba sendo cruel. Foram quase 20 anos de guerra. O coronel Aureliano está alheio a tudo, é como se estivesse morto por dentro, não tem memórias afetivas, queima todos seus objetos pessoais, para não deixar lembranças no mundo, assina o armistício e se dá um tiro no coração. A bala atravessa seu corpo sem tocar nenhum órgão vital. Úrsula é tomada de juventude, porque seu filho sobreviveu, e rejuvenesce a casa.

Amaranta recebe o coronel Gerineldo Márquez, mas repele seu pedido de casamento. Remedios, a bela, é a criatura mais linda que já existiu em Macondo. Os gêmeos Aureliano Segundo e José Arcádio Segundo eram tão parecidos que ficavam trocando de lugar na adolescência. Quando Aureliano Segundo tem seu filho com **Fernanda Del Carpio**, o batiza de **José Arcádio**. Úrsula pensa na repetição dos nomes: Aurelianos eram retraídos, mas de mentalidade lúcida; José Arcádios, impulsivos e empreendedores, mas marcados pela

tragédia. Na adolescência, Aureliano Segundo se interessa pelos escritos de Melquíades, que aparece para ele e lhe diz que eles só serão decifrados depois de 100 anos. Já José Arcádio Segundo passa na igreja, o **Padre Antônio Isabel**, adora rinhas de galo e o evangeliza. Aureliano Segundo fica com a mulher que seu irmão está saindo, sem saber que eles são na verdade dois. José Arcádio Segundo termina com ela por dizer que ela lhe passou doença de mulher da vida, mas Aureliano Segundo segue com ela pelo resto da vida. A mulher se chama **Petra Cotes**.

Aureliano segundo adora festas, toca acordeão e enriquece, pois seus animais se proliferam de maneira sobrenatural. Fato que ele atribui ao amor de Petra Cotes, com quem ele segue mesmo depois de casado e com permissão da esposa, Fernanda del Carpio. Aureliano Segundo cobre a casa dele com notas de dinheiro por dentro e por fora. Já José Arcádio Segundo procura uma saída para o mar como seu bisavô. Retorna um tempo depois, numa canoa de paut, puxada por terra por homens. Traz prostitutas francesas.

Remedios, a bela, vai com o rosto coberto à missa. Os poucos homens que viram seu rosto se deslumbraram para sempre, perdendo o sono. Um forasteiro lindo lhe dá uma flor e fica em Macondo. Remedios, a bela, não lhe dá a menor atenção e ele vira um mendigo. Com 20 anos, Remedios, a bela, tem comportamento infantil: não sabe tomar banho ou se limpar sozinha, nem ler e escrever. No carnaval, Remedios, a bela, vira rainha, vem uma comitiva de forasteiros com uma bela mulher. Acontece um tiroteio e a bela mulher é Fernanda Del Carpio, que acaba ficando em Macondo e se casando com Aureliano Segundo, sem que Petra Cotes se importe, pois sabe que ele continuará sendo seu. Remedios, a bela, era indiferente ao frisson que causava nos homens, ela era guiada por um senso prático e os achava bobos, ela deixava no ar o seu cheiro por horas. Quatro homens morreram por Remedios. Um dia ela pega o lençol, levita e vai embora para sempre. Fernanda fica triste porque ela levou os lençóis.

Fernanda Del Carpio foi criada para ser rainha, estudou com as freiras, era de casta. Quando Aureliano Segundo lhe explicou que transava com Petra Cotes para que os animais se reproduzissem, Fernanda aceitou, mas com a condição de que o marido não fosse surpreendido pela morte na cama da amante. Fernanda impõe rigidez à casa: almoços na mesa, com hora certa, rezas, portas fechadas, enquanto o coronel Aureliano fica trancando no laboratório, sem querer falar de política, fazendo peixinhos de ouro, que vende por moedas de ouro, as quais derrete para fazer novos peixinhos, pois o que lhe interessa é o trabalho, não o negócio. Nasce a segunda filha do casal Aureliano Segundo e Fernanda, que coloca o nome de Renata, como se chamava a mãe de Fernanda, mas, por insistência de Úrsula, colocam-lhe também o nome de Remedios, chamando-se **Renata Remedios**. Um dia chega uma grande caixa na casa dos Buendía, é o cadáver do pai de Fernanda.

O governo quer homenagear o coronel Aureliano com o jubileu, ele não aceita. Para a ocasião, vêm seus dezessete filhos que, na igreja, recebem uma cruz cinza na testa, que jamais sai. Todos vão embora, menos **Aureliano Triste**, que entra num casarão tido por abandonado, mas que lá dentro está Rebeca. No ano posterior, voltam os filhos do coronel Aureliano e vão embora, menos Aureliano Centeno, que fica trabalhando com o irmão, Aureliano Triste, na fábrica de gelo que este criou. A empresa vai tão bem, que Aureliano Triste sai para tentar trazer o trem para Macondo. Aureliano Centeno fica administrando a fábrica e coloca sabor no gelo, criando o sorvete. Meses depois, Aureliano Triste retorna a Macondo de trem. Com o trem vêm a lâmpada elétrica, o cinema, o gramofone e o telefone, além de uma série de forasteiros, como **Mr. Herbert** que se encanta quando prova uma banana. Depois aparece **Mr. Brown** e alguns agrimensores. Em pouco tempo há um acampamento de trabalhadores em Macondo, que mudam o leito do rio, criam uma vila bonita de americanos e surge a Companhia Bananeira.

Em função dos americanos da Companhia Bananeira, as autoridades de Macondo são sicários a serviço dos norte-americanos, que matam e espartejam pessoas. O coronel Aureliano grita que um dia vai armar seus rapazes e acabar com os ianques de merda. A partir daí, seus 17 filhos são mortos por assassinos invisíveis, que atiram bem na cruz da testa de cada um. **Aureliano Amador** se salva, foge para a floresta e nunca mais se sabe dele. O coronel Aureliano Buendía junta muito dinheiro e vai falar com o coronel Gerineldo Márquez para promoverem uma guerra, Gerineldo o dissuade, explicando que o coronel Aureliano está muito velho.

Úrsula está velha, cuida de José Arcádio (filho de Aureliano Segundo e Fernanda Del Carpio), quer que ele seja papa. Ela está ficando cega, mas não conta a ninguém com medo que a julguem inútil. Com a cegueira, Úrsula consegue ver certas coisas que não aparecem aos olhos: coronel Aureliano sempre foi movido pela soberba; Amaranta é dividida entre um amor enorme e a covardia de vivê-lo; Rebeca foi a única que teve a coragem de viver o amor.

José Arcádio (filho de Aureliano Segundo) vai para o seminário, Úrsula se entrega às trevas, Amaranta começa a costurar sua mortalha e Fernanda comanda a casa, não permitindo que ninguém da Companhia Bananeira entre na casa deles. Aureliano Segundo acaba ficando mais tempo na casa de Petra e Fernanda manda suas roupas, num baú, para lá. Aureliano Segundo dá grandes festas e um dia quase morre de congestão em uma competição de comida com a Elefanta, pede que o levem para morrer na casa de Fernanda. Ele se salva e a situação se inverte: mora com Petra e vai visitar Fernanda, sua esposa.

Amaranta costura sua mortalha de dia e descostura à noite para manter a solidão. Aureliano Segundo passa sempre dois meses em casa, quando Renata Remedios, a Meme, vem passar as férias do convento (para manter as aparên-

cias). Meme parece Amaranta, antes de esta se tornar amarga, mas tem o caráter festivo de seu pai. Uma vez sem avisar, leva 68 colegas e 4 freiras para passar uma semana em sua casa. Fernanda compra penicos para todas. Já José Arcádio Segundo é como se não fosse membro da família, conversa apenas com o coronel Aureliano que agora até dorme em sua oficina, onde faz os peixinhos de ouro. Todos os membros da família, menos o coronel Aureliano, veem o espectro de José Arcádio Buendía embaixo do castanheiro. Coronel Aureliano se acorda, faz sua rotina normal, mija no castanheiro, lembra-se de quando seu pai o levou a conhecer o gelo, põe a cabeça entre os ombros, e só no outro dia, Santa Sofia de la Piedad percebeu que ele morreu, porque começam a descer urubus.

Fernanda e Aureliano Segundo são pais de uma terceira filha, batizada, contra a vontade da mãe, de **Amaranta Úrsula**. Meme se forma no convento em clavicórdio, mas gosta das festas, dos fuxicos e de falar de homens. Pensa que preferia ter sido filha de Petra Cotes. Aureliano Segundo e sua filha, Meme, criam grande intimidade. Ela frequenta a casa dos americanos, aprende inglês e amadurece bastante.

Amaranta só não quer morrer antes que Rebeca, então tece-lhe uma mortalha. A morte aparece para Amaranta e manda que ela faça uma mortalha igual para si, e avisa que ela morrerá sem dor no entardecer do dia em que terminar a mortalha. Dia 4 de fevereiro, Amaranta acaba a mortalha e avisa a todos que morrerá, assim a população de Macondo lhe leva cartas para entregar aos mortos. Ela morre ao entardecer sem se confessar e sem amarguras, com uma linda mortalha.

Meme está apaixonada, Fernanda a flagra aos beijos no cinema com um homem. No outro dia, vai a casa deles **Maurício Babilônia**, que trabalha na oficina mecânica da Companhia Bananeira. Fernanda percebe que ele é um trabalhador braçal e não o deixa entrar. A casa se enche de borboletas amarelas. Meme quer se autoconvencer que não está apaixonada, mas não resiste e, sempre que as borboletas amarelas aparecem, ela sabe que surgirá Maurício Babilônia. Meme procura Pilar Ternera, sem saber que ela é sua bisavó, para colocar as cartas, e esta lhe diz que seu amor só será preenchido na cama. Meme e Maurício se entregam ao amor. Fernanda desconfia e diz à polícia que estão roubando galinhas. Quando Maurício levanta a telha do banheiro para descer e transar com Meme, leva um tiro nas costas, ficando paralítico pelo resto da vida. Meme está grávida e Fernanda a leva embora para o convento onde viveu na sua cidade. O filho de Meme nasce e Fernanda mente que o achou em uma cestinha flutuando no rio. Meme nunca mais falou, achou que Maurício tinha morrido depois do tiro. Fernanda quer marcar uma cirurgia telepática com médicos invisíveis.

José Arcádio Segundo promove greves na Companhia Bananeira, que consegue provar juridicamente que eles não são funcionários, mas trabalhadores

temporários. O exército é chamado e começa a cortar e embarcar as bananas. Os trabalhadores põem fogo nas fazendas, cortam as linhas de trem e o telégrafo. O exército manda os trabalhadores irem negociar na estação de trem. Há cerca de 3 mil trabalhadores e familiares lá. As forças armadas atiram e há um massacre. José Arcádio Segundo salva um menino e desmaia. Acorda num trem cheio de cadáveres, todo ensanguentado e volta para Macondo a pé. Acredita que morreram cerca de 3 mil pessoas, mas ninguém em Macondo sabe dos mortos, dizem que foi um sonho de José Arcádio Segundo, que os trabalhadores voltaram para suas casas por vontade própria e felizes, pois assim foi um comunicado oficial. A Companhia Bananeira suspende as atividades até pararem as chuvas e começa um temporal.

Os militares vão atrás de José Arcádio Segundo, que se esconde no quarto de Melquíades e, incrivelmente, não o veem. A polícia vai embora e José Arcádio Segundo fica lendo os pergaminhos de Melquíades sem os decifrar. Já chove há dois meses. Choveu durante 4 anos, 11 meses e 2 dias. Aureliano fica na casa de Fernanda durante a chuva, faz consertos em casa, emagrece e envelhece. Reconhece que o menino da cestinha é seu neto pelo tamanho enorme do pênis. Está calmo. Coronel Gerineldo Márquez morre. Úrsula diz que está esperando a estiagem para morrer. Aureliano Segundo vai a casa de Petra Cotes, os animais estão morrendo e eles estão muito velhos para o sexo. Os alimentos estão terminando, Aureliano Segundo não faz nada, Fernanda se revolta e fala tudo que a incomodou nesses anos todos. Aureliano Segundo se indigna e quebra toda a louça da casa, mas traz comida.

Aureliano Segundo lembra-se da fortuna enterrada em algum lugar da casa durante a guerra civil, mas, embora esteja senil, Úrsula não revela o lugar do São José de gesso que contém o tesouro. Amaranta Úrsula e Aureliano brincam com Úrsula como se ela fosse uma boneca. A chuva para, a cidade está em ruínas. Petra Cotes está magérrima, só lhe sobra uma mula que pretende rifar. Macondo está destruída, a casa dos Buendía também. Úrsula se empenha em restaurá-la. José Arcádio avisa, de Roma, que irá a Macondo antes dos votos. Aureliano Segundo volta para a casa de Petra Cotes e fazem um negócio de rifas, que as pessoas compram por compaixão. A paixão entre o casal deu lugar a um amor calmo, estão sem dinheiro e sentem como se Fernanda fosse sua filha.

Úrsula vai diminuindo de tamanho, confunde passado e presente, morre numa quinta-feira pensando que o tempo é cíclico e tudo se repete, do tamanho de um bebê e com aproximadamente 115 anos. Pássaros morrem, o padre fala do judeu errante, acham uma criatura queimada meio humana, meio bode. Rebeca morre e sua casa é destruída pela ruína do tempo. Toda a população de Macondo está apática, desligada do mundo. Quando os ciganos retornam, apresentam qualquer bobagem como uma grande novidade, da mesma forma que faziam no começo de Macondo.

Aureliano Segundo percebe que está morrendo e precisa de dinheiro para mandar Amaranta Úrsula estudar em Bruxelas. Para isso vende rifas feito louco, o povo perde o respeito por ele, zomba dele, então ele tem a ideia de rifar as terras destruídas pelo dilúvio e é um sucesso, assim enviam Amaranta Úrsula para a Europa. Morrem no mesmo dia Aureliano Segundo e José Arcádio Segundo. Santa Sofia de la Piedad, como foi pedido, degola José Arcádio Segundo para ter certeza de que não seria enterrado vivo. Na hora do enterro, são enterrados trocados.

Aureliano conversa com Melquíades e descobre que os pergaminhos foram escritos em Sânscrito e começa a estudar essa língua. Petra Cotes envia, anonimamente, uma cesta semanal com comida para Fernanda. Santa Sofia de la Piedad, negligenciada por todos, menos Aureliano, luta contra ruína da casa, mas não consegue recuperá-la e vai embora. Fernanda sente-se sozinha na mesa diante de 15 cadeiras vazias. Ela acredita que duendes trocam as coisas de lugar e é feliz porque não tem compromisso. Seus filhos, Amaranta Úrsula e José Arcádio, escrevem-lhe cartas e sempre adiam seu regresso. Aureliano traduz a primeira página do pergaminho três anos depois de começar a estudar, mas são versos cifrados. Melquíades diz que os pergaminhos só serão decifrados quando passarem 100 anos da estirpe. Fernanda não lhe dá permissão de sair de casa e ir à livraria. Fernanda morre linda e sua pele vira marfim. Quatro meses depois, quando José Arcádio regressa da Itália, a mãe está intacta.

José Arcádio diz a Aureliano que este é um bastardo. José Arcádio abandonou o seminário assim que chegou em Roma e só queria a herança da mãe, mas ela não existia. Enche a casa de crianças. Sem querer acha o tesouro escondido por Úrsula embaixo da cama dela. Compra coisas luxuosas para a casa. Quatro meninos mais velhos lhe dão banho, andam nus pela casa, mas um dia, sem motivo aparente, José Arcádio os expulsa. Aureliano e José Arcádio se aproximam nas suas solidões. Aparece um homem com uma cruz na testa, diz que é Aureliano Amador, pede abrigo, mas como José Arcádio e Aureliano não o conhecem, expulsam-no. Ele é assassinado por dois agentes. Os quatro meninos entram pelas telhas do banheiro, enquanto José Arcádio toma banho, assassinam-no e roubam todo o ouro. Aureliano percebe como o amava quando o encontra morto.

Amaranta Úrsula retorna casada com um homem mais velho, flamengo, **Gastón**. Ela traz muitos pertences, restaura a casa, é moderna e emancipada, é muito alto-astral. Tira Aureliano do quarto quando ele passa muito tempo lá e o leva para a rua. Amaranta Úrsula é ativa como Úrsula e tem uma beleza que remete a Remedios, a bela. Anda com seu marido numa coleira de seda e fazem amor com paixão em todos os cômodos da casa, constantemente. Gastón é entomólogo. Macondo está decrépita, mas Amaranta Úrsula está feliz e Gastón entediado, então resolve criar o serviço de correio aéreo.

Aureliano gosta de Amaranta Úrsula, perde a virgindade com **Nigromanta**, uma prostituta de origem antilhana. Ele tem o pênis enorme. Na livraria do **velho catalão**, Aureliano faz quatro amigos: **Álvaro, Germán, Alfonso e Gabriel**. Discutem literatura e saem de farra. Ninguém em Macondo sabe dos Buendía e acreditam que o coronel Aureliano era uma invenção dos liberais. O único que acredita em Aureliano é Gabriel, pois é bisneto do coronel Gerineldo Márquez (então é Gabriel Márquez, clara projeção do autor de Cem anos de solidão). A história oficial diz que a Companhia Bananeira nunca existiu.

Gastón espera o avião que seus sócios dizem ter embarcado, mas o avião não vem. Amaranta Úrsula não imagina o amor que Aureliano sente por ela. Aureliano se declara, ela fecha a cara e diz que voltará para a Bélgica. Pilar Ternera tem 145 anos, é dona de um bordel zoológico e vê em Aureliano o coronel Aureliano. Aureliano vai ao quarto de Amaranta Úrsula e vai para cima dela. Gastón está no quarto ao lado. Amaranta Úrsula e Aureliano lutam em silêncio, mas quando Aureliano penetra nela, ela sente um prazer diferente, enrolando uma toalha na boca para não gemer alto. Pilar Ternera morre e é enterrada, a seu pedido, sem caixão, mas numa cadeira. O sábio catalão, dono da livraria, volta à sua terra natal e manda cartas aos amigos, dizendo que devem deixar Macondo também. Os amigos vão partindo. O último a ir é Gabriel. A cidade está praticamente abandonada. Os únicos felizes são Aureliano e Amaranta Úrsula.

Gastón vai a Bruxelas ver as questões do avião. Amaranta Úrsula e Aureliano se entregam a uma paixão desenfreada, deixando as questões cotidianas de lado. O avião havia sido enviado a uma comunidade chamada Macondos. Amaranta Úrsula escreve a Gastón pedindo que não retorne. Quando Pilar Ternera morreu, Aureliano e Amaranta Úrsula esperavam um filho. Não há quase ninguém em Macondo, Aureliano teme ser irmão de Amaranta Úrsula, enquanto isso as formigas destroem a casa. Nasce um menino, grande como os José Arcádios e de olhos abertos e clarividente como os Aurelianos, porque era o único em um século feito com amor.

A criança nasce com rabo de porco, chama-se Aureliano. Amranta Úrsula morre. Aureliano vaga por Macondo onde não há mais quase ninguém. Quando volta para a casa a criança não está na cestinha. Aureliano decifra os pergaminhos de Melquíades. É a história de sua família e diz que o primeiro da estirpe morrerá amarrado em uma árvore e o último será comida pelas formigas. Aureliano lê o que está acontecendo com ele no exato momento, o vento está muito forte. Ele lê que o vento vai arrasará a cidade e que uma estirpe condenada a cem anos de solidão não tem uma segunda chance na terra.



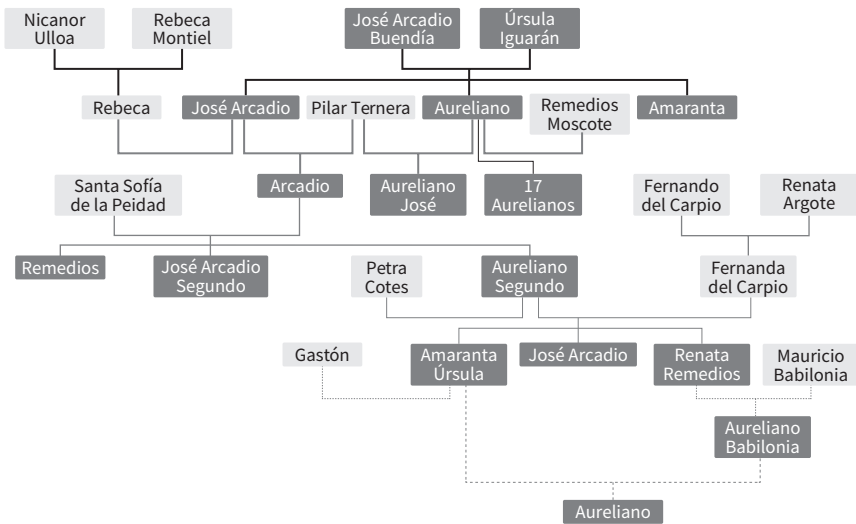
Comentário crítico

Obra-prima que narra a saga de uma família inteira que se encontra sempre na solidão. A solidão é a forma de isolamento de cada personagem da estirpe Buendía-Iguarán.

Além do humor, das hipérboles, da ironia, a melancolia da solidão e a metalinguagem são constantes no romance.

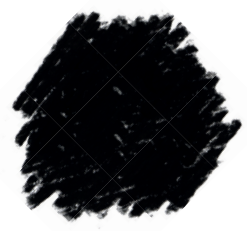
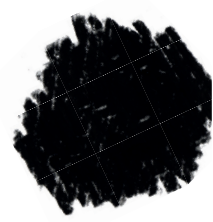
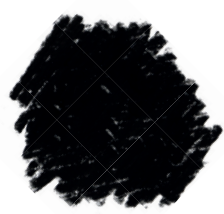
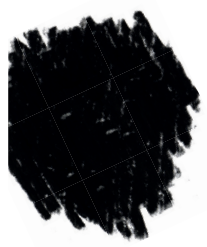
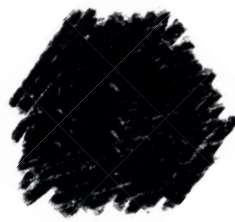
Mas Macondo é uma síntese da América Latina. Local construído após uma entrada pela floresta, com sujeitos de origem espanhola, árabes, indígenas e norte-americanos, mostram o mosaico étnico da latinidade. As disputas por poder, a guerra civil, a exploração de uma companhia americana e a decadência formam uma alegoria da formação da América.




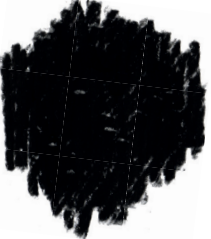
Outro elemento que permanente na obra é o sobrenatural, tratado com extrema naturalidade. Isso faz referência a uma racionalidade latina, na qual ciência e superstição convivem em pé de igualdade.



REFERÊNCIAS

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. Cem anos de solidão. 52ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.





“Sempre que falo do bem, gosto de falar do mal, porque eles são companheiros inseparáveis. Sem um, não haveria o outro. Ninguém pode saber o que é bom sem ter conhecido o mal”
- *Lupicínio Rodrigues*



Seleta de canções

Lupicínio Rodrigues

LUPI - “O INVENTOR DA DOR DE COTOVELO”*

** A expressão “dor de cotovelo” é derivada da posição em que frequentadores de bares, ao afogarem as mágoas e dores de amor, ficavam nos balcões bebendo: com os cotovelos apoiados e chorando com as mãos no rosto.*

Seleta de canções

Lupicínio Rodrigues

por *Daniele Bressan*



Sobre o autor

Lupicínio Oliveira Rodrigues, o hoje célebre Lupi, nasceu em casa, das mãos de Júlia Garcia, conhecida como Dona Quimbá- a parteira-benedeira, no dia 16 de setembro de 1914, no bairro Ilhota, em Porto Alegre. O cantor e compositor fora registrado, originalmente, como Lupycinio (nunca usado).

Embora afirmado por muitos que era um dia chuvoso, não o era. Choveu muito no outro dia.

Filho de Francisco Rodrigues e de Abegail Rodrigues, Lupi foi o quarto filho de 21. Infelizmente, apenas 13 filhos cresceram, e somente 10 chegaram à idade adulta.

Desde cedo, Lupi não era muito adepto aos estudos e sempre demonstrou interesse pela música, passava a infância e a juventude cantarolando e “batucando” em caixas de fósforos.

Breve resumo da trajetória do artista

● **1926** - Por volta dos 12 anos de idade, Lupicínio inicia sua trajetória de compositor, ingressando numa “bandinha”, associada ao carnaval da Ilhota. De tão ruim, segundo Lupi, foi chamada de “Furiosa”.

● **1928** - Lupicínio compõe sua primeira música, *Carnaval*, para o bloco “Moleza”. Tirou primeiro lugar no concurso oficial, interpretada pelo cordão carnavalesco “Prediletos”. Apesar de nunca ter sido gravada, a repercussão desta música foi fundamental como início de carreira do compositor.

● **1931** - Lupicínio entra no Exército: “sentou” praça no 7º Batalhão de Caçadores em Porto Alegre/RS

● **1932** - Lupicínio participa, como combatente, em SP, nas Forças Federais, na Revolução Constitucionalista de 32. Da experiência na tropa, ainda restou um samba que desafiava a autoridade militar, criticava a comida do batalhão.

Neste mesmo ano, em Porto Alegre, acompanhado do então soldado Reinold de Oliveira (futuro cantor Nuno Roland), assiste no Cine Teatro Imperial, no dia 29 de abril, ao espetáculo do “Ases de Ouro”, que incluía a presença de: Francisco Alves, Mário Reis e Noel Rosa; além dos instrumentistas Nonô e Pery Cunha.

Naquela mesma madrugada, o grupo famoso teria se dirigido à Praça Garibaldi, quando entrando num bar, deparara-se com o “Grupo Catão”, comandado por Ney Orestes, que acompanhava Lupicínio e Nuno Roland.

Ouvindo Lupicínio, Noel fizera a conhecida sentença: “Esse garoto é bom, esse garoto vai longo...” E, Francisco Alves, repetira o chavão: “Quando for ao Rio, me procura na Rádio...”

● **1933** - A marchinha *Carnaval*, composta em 1928, tira neste ano o 1º Prêmio no concurso oficial. Por conta da comemoração, Lupi que devia estar “de serviço”, passa em frente ao quartel, onde devia estar, fantasiado e abraçado ao soldado Reinold de Oliveira (futuro cantor Nuno Roland). Foi então preso e transferido para Santa Maria /RS.

● **1934** - Já em Santa Maria, promovido a cabo, Lupicínio tornou-se o cantor da tropa, participava de serenatas, nas quais o “carro-forte” era sua marchinha *Carnaval*.

Durante o serviço militar continuou fazendo música e, entre elas, está um desacato a seu sargento, por tê-lo obrigado a cortar o cabelo; samba que toda a tropa cantava, deixando-o mais enfurecido.

Nesta cidade conheceu Iná, o amor que o acompanharia por toda a vida. Em entrevista que deu ao Pasquim, em 1973, refere-se ao fato: “Iná foi a primeira mulher que eu tive, depois de moço. Foi a minha noiva. A primeira namorada, a primeira noiva que eu tive e a primeira desilusão.”

Nesta ocasião teria composto Zé Ponte. A criação de Felicidade também é atribuída a sua estadia em Santa Maria, mas com dúvidas.

● **1935** - Neste ano Lupicínio retorna a Porto Alegre, noivo e com planos de casamento. Por intermédio do pai, ingressa na Faculdade de Direito.

A música *Se acaso você chegasse* teria sido composta neste ano.

● **1938** - A música *Se acaso você chegasse* é gravada por **Ciro Monteiro**, tornando-se um grande sucesso, projetando nacionalmente tanto o compositor como o intérprete. A maneira como esta música chega ao centro do país (RJ) é envolta em mistério. Lupi faz questão de manter a “versão dos marinheiros”, quando eles a teriam ouvido nos cabarés, ou mesmo nas rádios da cidade. Sustenta esta versão ao longo da vida, inclusive a menciona na entrevista ao *Pasquim* (em 1973).

O sucesso da música proporcionou a aquisição da Chácara da Figueira, em Vila Nova.

Provavelmente a composição *Felicidade* tenha nascido nestas circunstâncias.

Também, muito provavelmente, tenha sido neste período o rompimento com a noiva Iná, frente aos reveses da vida boêmia de Lupi.

● **1940** - Nesta década, em data não precisa, Lupi conheceu Mercedes, a “Carioca”. Lupi a leva para viver com ele na chácara em Vila Nova. As frequentes ausências de do compositor, por compromissos profissionais ou mesmo pela boemia, teriam motivado a “traição” de Mercedes, que deu origem a músicas como *Vingança e Nunca*.

● **1947** - A canção *Felicidade*, de autoria apenas de Lupi, é gravada pelo Quitandinha Serenaders, introduzindo o compositor no gênero regional do RS. No mesmo período, Francisco Alves grava *Nervos de aço*, de Lupi; a mesma música já havia sido gravada pouco antes por Déo, mas com menor repercussão.

Com *Nervos de aço*, Lupi inicia-se no “ciclo da dor de cotovelo”. A música é bastante representativa na biografia amorosa e emocional do artista, pois fora composta muito depois do rompimento com Iná, quando a teria visto em companhia de outra pessoa (provavelmente o marido), em uma Festa de Navegantes. Abalado, o compositor teria saído do local, bebendo e compondo os versos, de bar em bar, tendo concluído a música ao chegar ao centro da cidade.

● **1950** - Neste ano, Francisco Alves lançaria ainda *Maria Rosa e Cadeira vazia*, de autoria de Alcides Gonçalves e Lupicínio Rodrigues.

● **1951** - A música *Vingança*, de autoria apenas de Lupi, é gravada, num primeiro momento pelo Trio de Ouro, posteriormente por Linda Batista. Na interpretação de Linda, Lupicínio Rodrigues se consagra como compositor do samba-canção, romântico. O outro lado do disco traz a canção *Dona Divergência*, na voz da cantora.

● **1953** - Lupi vence o concurso promovido pelo Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e é o autor do hino oficial do time.

● **1956** - A “Rainha do Baião” Carmélia Alves grava *Cevando o amargo*, outra canção regionalista de Lupicínio.

● **1959** - Neste ano, Jamelão, famoso intérprete, grava a música *Ela disse-me assim*.

● **1974** - Lupi, já bastante doente, compôs, em julho, o que seria a sua última música, *Coquetel de sofrimento*.

Já na primeira semana de agosto, deste mesmo ano, ele compôs, sem título, sua última obra:

*Eu hoje saí de casa
Com vontade de viver
Calcei meu sapato novo
E puz meu traje de morrer
E fui visitar o bar
Em que costumava beber
Seu Manoel não estava
Veio outro me atender*

*Perguntei por meus amigos
E deles ninguém sabia
A garçõnete era outra
Não era mais a Maria
E me olhei com desgosto
No espelho que estava ao lado
E vi no meu próprio rosto
Que eu também tinha mudado...
Eu fui tão feliz contigo
Desde quando te encontrei
Que o tempo foi se passando
E eu nem sequer notei
Por isso voltei pra casa
Doidinho pra te abraçar
(A melodia quem sabia era o Maneco Spina).*

Lupicínio Rodrigues faleceu de insuficiência cardíaca, em 27 de agosto de 1974, e foi sepultado, no Cemitério São Miguel e Almas em Porto Alegre.

Era um dia chuvoso.

Antes de as canções serem analisadas, vale ressaltar as definições dos estilos musicais, que seguem:

SAMBA

Muito se discute sobre as “origens” do “Samba”, se nasceu na Bahia ou no Rio de Janeiro, se é resultado da incorporação de diferentes ritmos e tradições culturais, se é “do morro ou do asfalto”. O fato é que esse gênero musical, do modo como o conhecemos hoje, foi reinventado em diferentes épocas. Acredita-se que as primeiras formas de expressão do gênero surgiram no final do século XIX, na Bahia, e foram resultado da mistura de diferentes batuques e ritmos que faziam parte da cultura dos povos africanos que foram trazidos para o Brasil. O “Maxixe”* e “Lundu”** são exemplos de ritmos que tiveram elementos incorporados ao “Samba”. No contexto de pós-Abolição houve uma migração de afro-baianos para o Rio de Janeiro, que era a capital da República. O ritmo ganhava um novo espaço, fazendo parte das rodas de música frequentadas pelos trabalhadores pobres, em geral negros, tendo sido considerado, num primeiro momento, uma musicalidade das camadas mais populares. De fato, os primeiros sambistas foram trabalhadores pobres e negros, que sofreram perseguições policiais devido ao preconceito existente com práticas culturais associadas à sua classe e raça, suas reuniões eram consideradas na época como “vadiagem”. Entretanto, constata-se uma polarização no entendimento do “Samba” da época. Valores, opiniões, visões de mundo diferentes começam a aparecer nas músicas que foram se popularizando pelas cidades brasileiras em decorrência do surgimento do rádio no século XX. Nos anos 30, o samba alcança as camadas médias urbanas do país. Durante o seu governo, Getúlio Vargas, deu grande apoio ao samba carioca urbano, em detrimento a outras variedades de samba cultivadas em outras regiões do país (assim como de outros gêneros musicais bastante populares regionalmente, como emboladas, cocos, a música caipira paulista). O governo brasileiro patrocinava apresentações públicas de intérpretes populares desse samba em eventos badalados - como o “Dia da Música Popular” e a “Noite da Música Popular”. Símbolo da elite carioca, o Teatro Municipal do Rio de Janeiro passou a receber artistas renomados do samba. Portanto, um ritmo que nasceu marginalizado tornou-se um dos elementos fortes da “brasilidade”. Mas, para que isso acontecesse, alguns de seus elementos foram “apagados” (como o elogio da “malandragem”) e apenas uma de suas versões foi consagrada. As discussões acerca das origens do samba (“sendo do morro ou do asfalto”), desta forma, ainda hoje estão presentes na história do gênero musical, devido às diferentes apropriações e significações que o ritmo teve e ainda têm. É importante também destacar que atualmente se reconhece a existência de uma grande variedade de estilos dentro do gênero. O samba-canção, samba de breque, samba de roda, samba-enredo são apenas alguns de seus derivados. O samba de roda foi declarado patrimônio da humanidade pela Unesco em 2005.

**O maxixe ou tango brasileiro é um tipo de dança de salão brasileira criada por afrodescendentes que esteve em moda entre o fim do século XIX e o início do século XX. Teve a sua origem no bairro Cidade Nova, no Rio de Janeiro, cuja principal característica era a forte presença de comunidades afrodescendentes.*

***O lundu ou lundum é uma dança brasileira de natureza africana e brasileira, criada a partir dos batuques dos escravos bantos trazidos de Angola. No final do século XVIII, o lundu evolui como uma forma de canção urbana, acompanhada de versos, na maior parte das vezes de cunho humorístico e lascivo, tornando-se uma popular dança de salão.*

SAMBA-CANÇÃO

A década de 1950 é reconhecida como “Anos Dourados” devido às intensas transformações econômicas, culturais e sociais ocorridas a partir dos governos de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, com uma crescente mudança de hábitos, pois as cidades começam a crescer, tanto territorial como populacionalmente, em um processo crescente de “modernização” através da popularização do cinema norte-americano, da entrada da televisão e também em uma nova relação com a música, a partir de novas tecnologias para aperfeiçoar as gravações e melhorar a performance do cantor. Em meio a essas mudanças, legitima-se um estilo musical – o samba-canção – que ganha espaço maior nesse período, com uma nova geração de compositores, que substituíram as marchinhas de carnaval “por sambas de andamento mais lento e sofisticado, sobretudo nos arranjos orquestrais”, daí decorrendo o epíteto do estilo musical mais elaborado. O samba-canção, ou música de fossa, ganhou força no final da década de 40 e aumenta sua popularidade na década de 50 e embora tenha dividido espaço com outros estilos de influência estrangeira, como o Bolero e o Tango, predominava no cenário musical.

A composição era um reduto claramente masculino, sendo que em relação aos sambas-canções os destaques eram Lupicínio Rodrigues, Herivelto Martins e Antônio Maria.

TOADA

Derivada do verbo toar (produzir um som forte, ressoar), a palavra toada assume na música popular brasileira diversos significados. Em sua acepção mais ampla, refere-se à linha melódica de qualquer canção sobre a qual se articulam os versos da letra.

Mais comumente, porém, chama-se de toada um gênero cantado sem forma fixa, que se espalha por todo o Brasil, distinguindo-se pelo caráter melódico e dolente. Seu texto, entoado de modo cadenciado e claro, é normalmente curto, narrativo e estruturado na forma de estrofe e refrão, podendo ser amoroso, lírico ou cômico. Embora suas características musicais variem bastante, a melodia costuma ser simples e plangente, conduzida por graus conjuntos e em andamento lento, podendo ser cantada em dueto de terças paralelas, sobretudo em áreas de cultura caipira (Regiões Sudeste e Centro-Oeste).

Menos dolente que a caipira e a nordestina, a toada desenvolvida no Rio Grande do Sul também reforça características regionais. São exemplos de toadas gaúchas De Bombacha (1952), de Caco Velho e Piratini, e Cevando o Amargo (1956), de Lupicínio Rodrigues e Piratini, ambas ressaltando elementos da cultura gaúcha.



ANÁLISE DAS COMPOSIÇÕES



“Cadeira Vazia”

(samba-canção - 1950)

Lupicínio Rodrigues e Alcides Gonçalves

*Entra meu amor, fica à vontade
E diz com sinceridade
O que desejas de mim
Entra, podes entrar a casa é tua
Já que cansastes de viver na rua
E que teus sonhos chegaram ao fim...
Eu sofri demais quando partistes
Passei tantas horas tristes*

*Que nem devo lembrar esse dia
Mas de uma coisa podes ter certeza
Que teu lugar aqui na minha mesa
Tua cadeira ainda está vazia...*

*Tu és a filha pródiga que volta
Procurando em minha porta o que o mundo não te deu
E faz de conta que sou teu paizinho
Que tanto tempo aqui ficou sozinho
A esperar por um carinho teu...
Voltastes, estás bem, estou contente
Só me encontrastes muito diferente
Vou te falar de todo o coração...
Não te darei carinho nem afeto
Mas pra te abrigar
Podes ocupar meu teto
Prá te alimentar
Podes comer meu pão*

● **TEMÁTICAS:**

- Coração partido;
- Ausência da pessoa amada;
- Parábola bíblica “filho pródigo”- comparando a mulher ao filho que gasta toda a herança e resolve voltar para casa;
 - O eu-lírico aceita o retorno da mulher que o abandonou, mas afirma que nada será como antes.



“Castigo”

(samba-canção - 1953)

Lupicínio Rodrigues e Alcides Gonçalves

*Eu sabia que você um dia
Me procuraria em busca de paz
Quanto remorso, quanta saudade
Mas afinal*

*O que é que lhe traz...
A mulher quando é moça e bonita
Nunca acredita poder tropeçar
Quando os espelhos lhe dão conselhos
É que procuram em que se agarrar
E você prá mim foi uma delas
Que no tempo em que eram belas
Viam tudo diferente do que é
Agora que não mais encanta
Procura imitar a planta
As plantas que morrem de pé
E eu lhe agradeço por de mim ter se lembrado
Entre tanto desgraçado
Que em sua vida passou
Homem que é homem
Faz qual o cedro
Que perfuma o machado
Que o derrubou*

● **TEMÁTICAS:**

- Vaidade e beleza x envelhecimento (da mulher);
- Efemeridade da beleza e da juventude;
- Metáfora do cedro (homem) que perfuma o machado (mulher=amor=desilusão) que o derrubou;
- Mulher jovem = beleza;
- Mulher busca consolo em um antigo amor.



“Cevando o amargo”

(toada - 1956)

Lupicínio e Piratini

*Amigo boleia perna
Puxe banco vai sentando
Descanse a palha na orelha
E o crioulo vai picando*

*Enquanto a chaleira chia
O amargo eu vou cevando
Enquanto a chaleira chia
O amargo vou cevando*

*Foi bom você ter chegado
Eu tinha que lhe falar
Um gaúcho apaixonado
Precisa desabafar*

*Chinoca fugiu de casa
Com meu amigo João
Bem diz que mulher tem asa
Na ponta do coração*

● **TEMÁTICAS:**

- Tradição gaúcha- amargo=mate=chimarrão;
- Desabafo do eu-lírico com um amigo;
- Desilusão amorosa do eu-lírico;
- Amargo=símbolo da dor de amor;
- Amada foge com o amigo João.



“Dona divergência”

(samba-canção - 1951)

Lupicínio Rodrigues e Felisberto Martins

*Oh! Deus, se tens poderes sobre a terra
Deves dar fim a esta guerra
E aos desgostos que ela traz!
Derrame a harmonia sobre os lares
Ponha tudo em seus lugares
Com o bálsamo da paz...
Tu debes encher de flores os caminhos
Mais canto entre os passarinhos
E na vida maior prazer...*

E assim

A humanidade seria mais forte

Ainda teria outra sorte

Outra vontade de viver!

Não vá julgar, oh! Deus (ou Não vá bom Deus julgar)

Que a guerra que estou falando

É onde estão se encontrando tanques, fuzis e canhões

Refiro-me à grande luta em que a humanidade

Em busca da felicidade combate pior que leões

Aonde a Dona Divergência com o seu archote

Espalha os raios da morte a destruir os casais

E eu sou combatente atingido

Sou qual um país vencido

Que não se organiza mais!

● **TEMÁTICAS:**

- Vocativo/apóstrofe= súplica= apelo a Deus;
- O eu-lírico pede paz para a humanidade;
- O contexto sociopolítico se apresenta como forte característica nessa letra;
- O eu-lírico se autodeclara “combatente atingido”.



“Ela disse-me assim (vai embora)”

(samba-canção - 1959)

Lupicínio Rodrigues

Ela disse-me assim

Tenha pena de mim, vá embora

Vais me prejudicar, ele pode chegar

Está na hora

E eu não tinha motivo nenhum para me recusar

Mas aos beijos caí em seus braços

E pedi prá ficar...

*Sabe o que se passou
Ele nos encontrou e agora
Ela sofre somente porque
Foi fazer o que eu quis
E o remorso está me torturando
Por ter feito a loucura que fiz
Por um simples prazer fui fazer
Meu amor infeliz*

● **TEMÁTICAS:**

- O eu-lírico é amante e não ouve o que a amada lhe pede;
- Traição/arrependimento/emoções atemporais;
- A mulher amada pede que o eu-lírico vá embora, mas, teimoso, não vai.

O marido da moça chega.

“ Por um simples prazer fui fazer/Meu amor infeliz”.



“Esses moços (pobres moços)”

(samba - 1948)

Lupicínio Rodrigues

*Esses moços, pobres moços
Ah! Se soubessem o que eu sei
Não amavam, não passavam aquilo que eu já passei
Por meus olhos
Por meus sonhos
Por meu sangue
Tudo enfim
É que eu peço a esses moços
Que acreditem em mim...*

*Se eles julgam que a um lindo futuro
Só o amor esta vida conduz
Saibam que deixam o céu por ser escuro
E vão ao inferno a procura de luz
Eu também tive nos meus belos dias*

*Essa mania e muito me custou
Pois só as mágoas que trago em meu rosto (em meu rosto ou hoje em dia)
E estas rugas
O amor me deixou*

● **TEMÁTICAS:**

- Desabafo para os jovens ouvirem;
- O eu-lírico é um conselheiro experiente;
- As dores e as experiências sobre as decepções amorosas são avisos do eu-lírico;
- Os jovens vão ao inferno à procura da luz;
- Idealização amorosa.



“Foi assim”

(samba-canção - 1952)

Lupicínio Rodrigues

*Foi assim:
Eu tinha alguém que comigo morava
Porém tinha o defeito que brigava
Às vezes com razão ou sem razão
Mas depois encontrei uma pessoa diferente
Que me tratava carinhosamente
Dizendo resolver minha questão, mas não
E depois deixei a criatura que eu morava
Por essa criatura que eu julgava
Que fosse compreender todo o meu eu
Mas no fim
Fiquei na mesma coisa em que estava
Porque a criatura que eu sonhava
Não foi aquilo que me prometeu*

*Será que é meu destino
Será que é meu azar
Mas tenho que viver brigando*

*Se todos no mundo encontraram seu par
Porque só eu vivo, trocando
Se deixo de alguém por falta de carinho
Por brigas e outras coisas mais
Quem aparece no meu caminho
Tem os defeitos iguais*

● **TEMÁTICAS:**

- Trajetória da busca por um amor ideal;
- Amor antigo = trouxe sofrimento;
- Amor novo = também trouxe sofrimento;
- Tudo se repete no que se refere às desilusões amorosas .



“Loucura”

(samba-canção - 1973)

Lupicínio Rodrigues

*E aí eu comecei a cometer loucura
Era um verdadeiro inferno, uma tortura
O que eu sofria por aquele amor
Milhões de diabinhos martelando
Um pobre coração que agonizando
Já não podia mais de tanta dor
E aí eu comecei a cantar verso triste
Os mesmos versos que até hoje existe
Na boca triste de algum sofredor
Como é que existe alguém que ainda tem coragem
De dizer que os meus versos não contem mensagem
São palavras frias sem nenhum valor...
Ó Deus
Será que o Senhor não está vendo isso
Então porque é que o Senhor mandou Cristo
Aqui na terra semear amor
Se quando*

*Se tem alguém que ama de verdade
Serve de riso prá humanidade
É um covarde, um fraco, um sonhador
Se é que hoje tudo está tão diferente
Por que não deixa eu mostrar a esta gente
Que ainda existe o verdadeiro amor
Faça ela voltar de novo pro meu lado
Eu me sujeito a ser sacrificado
Salve o seu mundo com a minha dor*

● **TEMÁTICAS:**

- Tristeza profunda
- Desesperança;
- Loucura=obsessão=tortura=sofrimento (sentimentos relacionados à dor por amor);
- Vocativo(apóstrofe)= Senhor= Cristo sacrificado;
- Eu-lírico critica os que desvalorizam seus versos.



“Maria Rosa”

(samba - 1949)

Lupicínio Rodrigues e Alcides Gonçalves

*Vocês estão vendo
Aquela mulher de cabelos brancos
Vestindo farrapos, calçando tamancos
Pedindo nas portas pedaços de pão
A conheci quando moça
Era um anjo de formosa
Seu nome é Maria Rosa, seu sobrenome Paixão
Os trapos de suas vestes não é só necessidade
Cada um representa para ela uma saudade...
Ou de um vestido de baile
Ou de um presente talvez
Que algum apaixonado lhe fez*

*Quis certo dia Maria por a fantasia
Dos tempos passados
Ter em sua galeria uns novos apaixonados
E esta mulher que outrora a tanta gente encantou
Nem um olhar teve agora, nem um sorriso encontrou
Então dos velhos vestidos
Que foram outrora sua predileção
Mandou fazer uma capa de recordação...
Vocês Marias de agora
Amem somente uma vez
Prá que mais tarde essa capa
Não sirva (em) vocês*

● **TEMÁTICAS:**

- O eu-lírico afirma que a mulher jovem e bela está no auge, mas , depois de velha, torna-se feia e maltrapilha;
- As vestimentas da mulher são elementos simbólicos que ela carrega a respeito das suas memórias e experiências;
- A letra é um aviso os que se prendem a superficialidades.



“Migalhas”

(samba-canção - 1950)

Lupicínio Rodrigues e Felisberto Martins

*Quando amanheço
Sem pão e sem trabalho
Vendo no meu agasalho
Os remendos de outra cor
Nervoso sento na ponta da mesa
Quase a morrer de tristeza
A pensar no meu amor*

*Eu ao teu lado tive fartura e carinho
Cantei qual um passarinho*

*Nos galhos do paraíso
Tive na vida um eterno sorriso
Infelizmente não quis
Para tornar-te uma perdida
E eu um infeliz*

*Às vezes no auge da aflição
Lembro-me de tua casa
Não prá pedir-te perdão
Pois não é justo que eu queira ser perdoado
Sabendo ser o culpado de toda nossa questão*

*A solidão quase me leva à loucura
De ir procurar a fatura que eu deixei no teu lar
Mas a chorar vejo na minha tristeza
Que não mereço as migalhas
Que caem da tua mesa*

● **TEMÁTICAS:**

- Migalhas = alegorias dos restos de amor que sobraram ao eu-lírico;
- Antes = eu-lírico tem riqueza com amor;
- Agora = eu-lírico vive na pobreza sem amor.



“Namorados”

(samba - 1952)

Lupicínio Rodrigues

*Quando eu era só seu namorado
Mas que vida que a gente vivia
Todo o dia eu estava ao seu lado
Abraçado
Todo o dia
Nossos lábios somente se abriam
Prá trocarmos promessas sem fim
Era lindo se ver*

*Era doce viver
Quando a vida prá nós era assim
Mas agora que somos casados
Foi que tudo para nós mudou
Antes tu me chamavas de amado
Hoje até desgraçado eu já sou...
Eu às vezes procuro aos pouquinhos
Ver se chego a tirar conclusões
Como foi
Que um casal de pombinhos
Transformou-se em dois gaviões*

● **TEMÁTICAS:**

- Degradação do amor;
- Tempo de convivência destrói os sentimentos amorosos;
- Expectativa x realidade dos relacionamentos afetivos;
- “como foi que um casal de pombinhos transformou-se em dois gaviões.”



“Nervos de aço”

(samba - 1947)

Lupicínio Rodrigues

*Você sabe o que é ter um amor, meu Senhor
Ter loucura por uma mulher
E depois encontrar esse amor, meu Senhor
Nos braços de um tipo qualquer (tipo ou outro)
Você sabe o que é ter um amor, meu Senhor
E por ele quase morrer
E depois encontrá-lo em um braço
Que nem um pedaço do seu, pode ser.. (“seu” ou meu)*

*Há pessoas com nervos de aço
Sem sangue nas veias e sem coração
Mas não sei se passando o que passo*

*Talvez lhes venha qualquer reação (sic)
Eu não sei se o que trago no peito
É ciúme, despeito, amizade ou horror
Eu só sinto é que quando a vejo
Me dá um desejo de morte e de dor*

● **TEMÁTICAS:**

• “Nervos de Aço”, como não poderia ser diferente em se tratando de uma composição de Lupicínio, fala de uma das muitas dores de cotovelo do autor. Esta, contudo, foi a sua primeira grande desilusão amorosa. Iná foi a primeira namorada séria do jovem Lupicínio. A moça morava em Santa Maria, cidade onde o futuro músico servia como cabo do Exército. Os dois namoraram por cinco anos e chegaram a ficar noivos. Cansada de esperar que Lupicínio largasse a boemia e a pedisse em casamento, Iná decidiu terminar o relacionamento. Ela prometeu a Lupicínio, enquanto discutiam o rompimento, que iria se casar com o primeiro homem que visse, não se importando se fosse sofrer no futuro. Algum tempo depois, Lupicínio a encontrou em uma festa. Ela já estava casada.

• Com *Nervos de aço*, Lupi inicia-se no “ciclo da dor de cotovelo”. Po isso a música é bastante representativa na biografia amorosa e emocional do artista, pois fora composta muito depois do rompimento com Iná, quando a teria visto em companhia de outra pessoa (provavelmente o marido), em uma Festa de Navegantes. Abalado, o compositor teria saído do local, bebendo e compondo os versos, de bar em bar, tendo concluído a música ao chegar ao centro da cidade.

- Perda do amor;
- Desilusão amorosa;
- Nervos de aço = alegoria = pessoa que não tem sentimentos;
- “*Eu só sinto é que quando a vejo/Me dá um desejo de morte e de dor*”



“Nunca”

(samba-canção - 1952)

Lupicínio Rodrigues

*Nunca
Nem que o mundo caia sobre mim
Nem se Deus mandar*

Nem mesmo assim

O que tu pedes eu farei (sic)

(As pazes contigo eu farei)

Nunca

Quando a gente perde a ilusão

Deve sepultar o coração

Como eu sepultei...

Saudade

Diga a esta moça por favor

Como foi sincero o meu amor

Quanto eu lhe adorei tempos atrás

Saudade

Não esqueça também de dizer

Que é você que me faz adormecer

Prá que eu viva em paz

● **TEMÁTICAS:**

- O eu-lírico chora pelo próprio coração partido;
- O eu-lírico NUNCA fará as pazes com o amor que lhe causou sofrimento e desilusão;
- “ sepultar o coração como eu sepultei”.



“Se acaso você chegasse”

(samba - 1938)

Lupicínio Rodrigues e Felisberto Martins

Se acaso você chegasse

No meu chatô e encontrasse

Aquela mulher que você gostou

Será que tinha coragem

De trocar nossa amizade

Por ela que já lhe abandonou

*Eu falo porque essa dona (sic)
Já mora no meu barraco
À beira de um regato
E um bosque em flor...
De dia me lava a roupa
De noite me beija a boca
E assim nós vamos vivendo de amor!*

● **TEMÁTICAS:**

- Composta no ano do término com Iná;
- Amor/dor/amizade/traição;
- Possível traição entre os amigos;
- Lealdade x desejo amoroso.



“Vingança”

(samba-canção - 1951)

Lupicínio Rodrigues

*Eu gostei tanto
Tanto quando me contaram
Que lhe encontraram
Chorando e bebendo na mesa de um bar
E que quando os amigos do peito
Por mim perguntaram
Um soluço cortou sua voz
Não lhe deixou falar...*

*Eu gostei tanto
Tanto quando me contaram
Que tive mesmo de fazer esforço
Prá ninguém notar...*

*O remorso talvez seja a causa
Do seu desespero*

*Você deve estar bem consciente
Do que praticou
Me fazer passar essa vergonha com um companheiro
E a vergonha é a herança maior
Que o meu pai me deixou*

*Mas enquanto houver voz no meu peito
Eu não quero mais nada
Do que apenas vingança, vingança*

● **TEMÁTICAS:**

• “Vingança” relata justamente um prazer pelo sofrimento do ser outrora amado, mas que não cede à vergonha, que na verdade é o orgulho, o sentimento da honra decorrente de uma traição. E por isso luta internamente, dizendo que, enquanto força houver no peito, o eu-lírico quer apenas vingar-se e querer o mal de quem lhe traía.



OBS: sobre as músicas “Nunca” e “Vingança”

Uma das entrevistas antológicas foi com Lupicínio Rodrigues, um dos cinco maiores compositores gaúchos de todos os tempos, que contou a história de uma série de suas canções. Lupicínio Rodrigues, pra quem não sabe, foi quem criou a expressão “dor de cotovelo”, sendo ainda responsável por classificá-las em dor de cotovelo federal (que só poderia ser curada com embriaguez total), estadual (suportável, que se ajeitava com o passar do tempo) e municipal (incapaz até mesmo de inspirar um samba).

Duas das músicas inspiradas numa “Dor-de-cotovelo Federal” são “Vingança” e “Nunca”, ambas inspiradas numa mesma mulher. Lupicínio Rodrigues contou ao pasquim a história:

Lupicínio: A mulher que me inspirou “Vingança” viveu comigo seis anos. E depois terminou namorando um garoto que era meu empregado, que tinha 16, 17 anos.

Pasquim: Foi passado pra trás por um garoto de 17 anos?

Lupicínio: Não foi bem assim. É que eu tinha viajado, ela mandou chamar o garoto. Disse que queria falar com ele. Ela mandou um bilhete. O garoto com medo de mim, quando eu cheguei, me entregou o bilhete. Disse: “Olha, a Dona Carioca me mandou esse bilhete. Eu não sabia o que ela queria comigo. Não fui!”. Entregou a mulher. Aí eu não disse nada, fiquei quietinho, inventei outra viagem, peguei a mala e fui embora.

Pasquim: Endoidou?

Lupicínio: Era época de carnaval, ela endoidou. Botou um “Dominó”. Dominó é aquela fantasia preta que cobre tudo. No carnaval, feito louca, foi me procurar. Uma certa madrugada, ela, num fogo danado - parece que deu fome, entrou num bar onde a gente costumava comer. Foi obrigada a tirar o “Dominó” pra comer, e o pessoal a reconheceu. Perguntaram: “Ué, Carioca, que você está fazendo aqui a essa hora? Cadê o Lupi?”.

Pasquim: Carioca por quê? Ela é carioca?

Lupicínio: Eu sou muito amigo dos pais de santo, os batuqueiros lá de Porto Alegre. em cada lugar que chegava ela botava fotografia minha, cabritas, aquele negócio todo para fazer as pazes. Aí eu fiz (canta) “Nunca, nem que o mundo caia sobre mim / Nem se deus mandar nem mesmo assim.”

Pasquim: O que essa mulher contribuiu para a Música Popular Brasileira não foi normal.



“(Xote da) Felicidade”

(toada - 1947)

Lupicínio Rodrigues

Refrão:

Felicidade foi-se embora e a saudade no meu peito

Ainda mora e é por isso que eu gosto

Lá de fora

Porque sei que a falsidade

Não vigora

Lá onde eu moro

Tem muita mulher bonita

Que usa vestido sem cinta

*E tem na ponta um coração
Cá na cidade se vê tanta falsidade
Que a mulher faz tatuagem
Até mesmo no(sic) feição*

Refrão:

Felicidade...

*A minha casa fica lá de trás do mundo
Mas eu vou em um segundo quando começo a cantar
O pensamento parece uma coisa à toa
Mas como é que a gente voa quando começa a pensar*

Refrão:

Felicidade...

*Na minha casa tem um cavalo tordilho
Que é irmão do que é filho daquele que o Juca tem
Quando eu agarro seus arreios e lhe encilho
Dou de mão num limpa-trilho
E sou pior do que de trem (sic)*

(Outras versões, quanto a esta última estrofe, no que se refere ao último verso:

*Que é pior do que de trem (sic) , como canta Lupicínio Rodrigues no álbum
“Roteiro de um Boêmio”(?)*

*Na versão de Demosthenes Gonzalez: “que é maior que o que do trem...”, p.
49, no livro “Roteiro de um Boêmio”.*

*Na versão de Mario Goulart: “corro na frente do trem”, p. 79, no livro “Lupicí-
nio Rodrigues”, Coleção Esses Gaúchos.)*

Felicidade...

● **TEMÁTICAS:**

- Apesar do título, a música possui o mesmo apelo melancólico e triste que marcou as obras de Lupicínio. Isso fica evidente desde os primeiros versos: “Felicidade foi-se embora/ E a saudade no meu peito ainda mora/ E é por isso que eu gosto lá de fora/ Porque sei que a falsidade não vigora”.
- A diferença desta música é que a tristeza é mais generalizada. Ela não é provocada apenas por uma única desilusão amorosa, mas por todos os aspectos provenientes do coração. Tudo é motivo para lamentação e dor quando o assun-

to é sentimento amoroso. Tudo! A impressão que se tem é que o próprio coração humano é fonte inesgotável de melancolia e tristeza para seu proprietário.

- Com o sucesso de “Se acaso você chegasse”, Lupi consegue comprar uma chácara. Era um sonho de menino ainda apaixonado que era por coisas do campo e pela vida no interior. Neste local tinha um cavalo que, a exemplo dos filmes de *cowboy*, chamava-se *Blackie*, junto a uma charrete, que o conduzia entre os bares da região e à cidade. Provavelmente a composição FELICIDADE tenha nascido nessas circunstâncias. Também, muito provavelmente, tenha sido neste período o rompimento com a noiva Iná, frente aos reveses da vida boêmia do compositor.

Um Poeta no Céu

*Morreu um poeta
Lupicínio foi pro céu
E o lamento do povo
É o seu melhor troféu
Com os olhos cheios de glória
Ele viu o seu último poente.
E no céu canta agora
Como cantava prá gente
Se acaso você chegasse
e batucada não tivesse aí
Manda um recado prá gente
que a gente acompanha daqui*

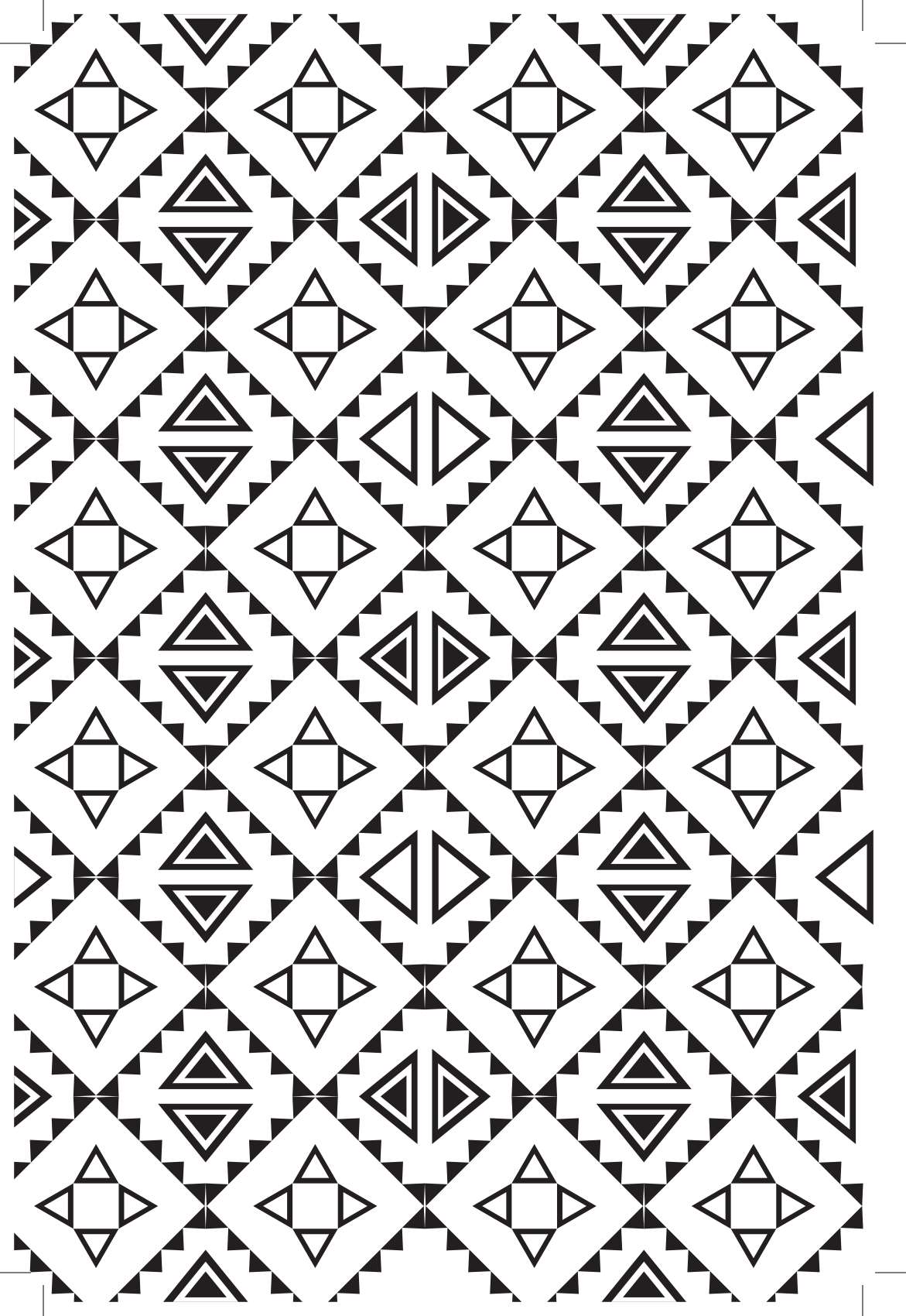
(samba de Túlio Piva)

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Luiz Heitor Correia de. 150 Anos de Música no Brasil (1800-1950). Coleção Documentos Brasileiros, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1956.
- FARIA, Arthur de. Lupicínio: uma biografia musical. 1ª ed. Porto Alegre: Arquipélago, 2023.
- FARIA, Arthur de. Um Século de Música. Porto Alegre, Projeto e Coordenação Geral: Branco Produções, CEEE, Lei de Incentivo à Cultura/ Estado do RS, Governo do RS: Secret. de Energia, Minas e Comunicações e Secret. de Estado da Cultura, 2001.
- OLIVEIRA, Márcia Ramos de. Uma Leitura Histórica da Produção Musical do Compositor Lupicínio Rodrigues. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/>. Acesso em: 05/07/2024.
- RODRIGUES, Lupicínio. Foi Assim: o Cronista Lupicínio Rodrigues. Porto Alegre: L&PM, 1995.

FONTES SONORAS

- CD “Lupicínio Rodrigues canta Lupicínio Rodrigues”, Sonopress/ Banco A . J. Renner, Porto Alegre, LR 0001.
- CD “Lupicínio Rodrigues - Dor de Cotovelo”, Grav. Continental, 1994, 179033-2.





A Terra dos Mil Povos

História Indígena
do Brasil Contada
por um índio (1998)

Kaká Werá Jecupé

O índio não se chamava nem se chama de índio. O nome “índio” veio dos ventos dos mares do século XVI, mas o espírito “índio” habitava o Brasil antes mesmo de o tempo existir e se estendeu pelas Américas para, mais tarde, exprimir muitos nomes, difusores da tradição do Sol, da Lua e do sonho.

Werá, Kaká. A terra dos mil povos (p. 21).

A Terra dos Mil Povos

História Indígena do Brasil Contada por um índio (1998)

Kaká Werá Jecupé

por Álvaro Mendes de Melo



1. KAKÁ WERÁ JECUPÉ

Kaká Werá Jecupé nasceu em São Paulo, em 1964, é descendente dos povos tapuias e foi acolhido pelos povos guaranis. Segundo apresenta-se em suas redes sociais, Kaká Werá é “Escritor. Terapeuta. Empreendedor social. Conferencista internacional tem como tema central a difusão dos saberes ancestrais do Brasil” (*Kaká Werá (@kaka.wera) • Fotos e vídeos do Instagram*). Destaca de sua apresentação, a sua faceta de escritor e a busca por difusão dos saberes ancestrais do Brasil, pois em boa medida, é disto que se trata o livro “A terra dos mil povos”, isto é, escrita de difusão dos mencionados saberes.

Em seu percurso como autor literário, tem transitado por diferentes modalidades de escrita, como o teatro, o ensaio, a crônica, artigos, contos, formas variadas de escritura que possuem em comum uma busca: a de enfatizar as temáticas relacionadas ao universo milenar das culturas originárias brasileiras. Destaque-se ainda que o autor é reconhecido e premiado por sua produção literária infanto-juvenil. As obras de Kaká Werá mais conhecidas são “A terra dos Mil Povos (editora Peirópolis), As Fabulosas Fábulas de Iauaretê (editora Peirópolis) e Menino Trovão (editora Moderna), que recebeu o prêmio Cátedra da Unesco de 2022. Assim, evidencia-se a proposta, ao mesmo tempo literária e ética, do escritor.



A terra dos mil povos:

História indígena do Brasil contada por um índio

O livro “A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio” possui duas edições, a primeira delas é a de 1998 e a segunda, de 2020. A presente narrativa foi inúmeras vezes considerada como altamente recomendável pelo Ministério da Cultura e pela fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, e, no ano de 2023/24, passa a ser texto de leitura obrigatória para o vestibular da UFRGS. Temos por objetivo, então, apresentar uma síntese com pontos que julgamos importantes sobre a mencionada narrativa.



Panorama geral da obra

O livro de 2020 tem 130 páginas e ilustrações de Taísa Borges. A seguir um exemplo de uma delas:



A terra dos mil povos, p.20.

O sumário da obra dá um vislumbre do seu conteúdo. Em ordem, os capítulos são os seguintes: O que é o Índio, A Terra dos mil Povos, O Ser de cada tom, A invenção do tempo, Pequena síntese cronológica da história indígena brasileira, Contribuição dos filhos da terra à humanidade e Os Líderes indígenas do Brasil contemporâneo. Pode-se perceber pelo sumário, que se está diante de uma escrita que busca apresentar, ou melhor, reapresentar a história indígena brasileira aos leitores, ou seja, possui uma intenção de difundir os saberes das

culturas autóctones. O sumário, assim, sintetiza bem a impressão deixada pela leitura: a de se estar escutando a um sábio ancestral indígena explicando quem é o Índio, como era e é a sua Terra, a sua concepção de ser, bem como, este sábio que se imagina, é capaz de realizar uma síntese da história dos povos tradicionais, apontar as suas contribuições e as suas lideranças contemporâneas.

Por tudo isso, a crítica especializada vem chamando a este tipo de texto de “literatura indígena”, inaugurada, para muitos estudiosos, precisamente por A terra dos mil povos, daí a sua relevância. Para alcançar este fim, o texto se torna multimodal, ora faz-se narrativa mítica, ora recorre à história oficial e documentada, ora conclama a memória ancestral dando lugar ao tom ficcional, ora torna-se objetiva e precisa como os números de um gráfico. Assim, cada capítulo mostra aspectos da identidade do indígena ao leitor.



2. CAPÍTULO: “O QUE É O ÍNDIO?”

Ao almejar apresentar a história indígena no Brasil, Kaká Werá parte de uma busca por definição do que é o índio. Este primeiro capítulo possui um subcapítulo “índios: os negros da terra”.

De início, Kaká Werá diz que o que hoje chamam “índio” não se chamava e nem se chama índio de fato, pois estes povos habitavam o Brasil antes mesmo de o tempo existir. Dar um nome genérico como índio, por exemplo, a tantas e tantas pessoas que percorriam a estas terras brasileiras antes da chegada dos europeus no século XVI é tarefa difícil. Talvez por isso, o autor indague ao leitor: “o que é o índio para o índio?”. Questão para qual ele diz: “eu mesmo vou responder. O ensinamento da tradição começa sempre pelo nome das coisas. É dessa maneira, então, que começaremos” (Werá, p. 22). Para respondê-la o autor afirma “Eu vou responder conforme me foi ensinado por meus avós, pelo Ayvu Rapyta, passado de boca a boca com a responsabilidade do fogo sobre a noite estrelada, e pelas cerimônias e pelos encontros por que tenho passado com os ancestrais na terra e no sonho.” (Werá, p.22). De acordo com as vozes ancestrais, a vida é o espírito em movimento, assim, o que se chama índio é espírito, conformado de som e silêncio. Deste modo, bem antes de existir a palavra índio, já havia o espírito do que hoje se chama índio espalhado em centenas de formas e tons pela terra que hoje se chama Brasil.



Comentário Crítico:

A partir do capítulo inicial de *A terra dos mil povos* é possível perceber que as ideias de tradição, ancestralidade e coletividade permeiam a cultura e o saber indígena os quais busca dar a conhecer o autor indígena. Por exemplo, o primeiro capítulo traz a questão “o que é o índio?” Perceba que é um indígena que a responde, ele diz: “eu mesmo vou responder”. Portanto, não é alguém externo ao universo do homem nativo que fala desde fora, desta cultura, ou seja, sobre uma cultura que lhe é alheia. É a própria voz de Kaká Werá, representando à coletividade e ancestralidade do homem da terra, que irrompe desde dentro da cultura tradicional e que toma seu lugar de fala. Tal posição de fala confere legitimidade ao que se diz sobre o que é o indígena.

Outro ponto importante, é que para responder à indagação, Kaká Werá afirma que falará o que lhe foi ensinado por seus “avós”. Ou seja, não falará de por si. Aprendeu a resposta à questão de uma pluralidade de “avós”, o que confere ainda mais legitimidade ao enunciador indígena, já que não fala sozinho, a própria tradição dos povos originários, coletiva e ancestral, enuncia-se através de seu discurso.

Assim, percebe-se a dinâmica cultural e social dos povos tradicionais de transmissão de saberes e conhecimentos, onde as gerações mais antigas têm o papel social de comunicar às mais novas o conhecimento tradicional das gerações anteriores. O narrador fala em nome de uma crença e de uma tradição.

Portanto, o que é o índio é algo que só pode ser respondido de modo legítimo por um indígena, que fale desde dentro da cultura indígena e que tenha recebido o seu conhecimento de um coletivo social e tradicional.



Visão de mundo

Ainda dentro do primeiro capítulo, após invocar a tradição para dizer quem é o índio, o autor passa a expor a visão de mundo, a cosmovisão dos povos originários. O que hoje se nomeia “índio” é som e silêncio, espírito em movimento. Kaká Werá afirma que o “índio” mais antigo “dessa terra chamada Brasil se autodenomina Tupy”. Curioso é que na língua sagrada “Tu” significa “som” e “py” significa “em pé, em movimento”. Ou seja, Tupy remete a uma ideia de “som em pé, ou em movimento”. Cada som ,(unidade), ou cada indígena se relaciona de algum modo com seres existentes na natureza e também com outros seres criadores, as divindades anciãs e com a Mãe Terra.

As divindades criadoras ou anciãs são os Nordenus, ancestrais de todo o ser humano. Cada nação indígena pode dar um nome a esses ancestrais.



Comentário Crítico:

Destaca-se deste trecho uma busca por parte do autor de falar a sua concepção de homem e de indígena, bem como o intuito de expor a visão de mundo dos povos tradicionais. O homem é, desde esse ponto de vista, um ser criado por divindades ancestrais (no plural), e pela própria Mãe Terra, e que, por isso, deve cultuá-las, conhecê-las e respeitá-las. Tudo isso demonstra a relação de intensa interação entre índio, floresta, cerrado, rios, montanhas, vida vegetal, animal e mineral e o cosmos divino e sagrado que garante unidade a esta interação. Os ciclos da natureza e os ciclos do homem são interdependentes e estão em consonância com o plano espiritual que permeia tudo, daí um pressuposto: alterar a algum dos componentes do todo, invariavelmente afetará aos outros. Por isso, vida humana e natureza precisam estar em equilíbrio, uma vez que, ao destruir uma, inevitavelmente afetar-se-ia a outra.



Índios: os negros da terra

Neste subcapítulo, Kaká Werá apresenta uma explicação ou a visão indígena sobre o momento do “descobrimento” do “Brasil”. Diz ele que Cristóvão Colombo saiu da Espanha com destino à Índia, mas equivocou-se de rota e chegou à América, e aqui comete novo equívoco, chama os habitantes desta terra de índios em alusão aos indianos.

Outra informação que dá sobre os primeiros anos da colonização portuguesa, é que já nos primeiros anos desta empresa europeia, os povos nativos eram chamados de “negros” pelos ibéricos, já que não eram brancos como os europeus e por lembravam aos portugueses a cor de pele dos povos do continente africano.



3. CAPÍTULO: “A TERRA DOS MIL POVOS”

Neste capítulo, conta-se a origem dos diferentes clãs indígenas. Três grandes grupos de povos nativos existiam antes da chegada dos colonizadores no século XVI. Nomeados a partir do ponto de vista Tupy, esses povos são os Filhos do Sol, Filhos da Terra e os Filhos da Lua. Os primeiros sendo identificados como Tupinambás, os segundos, como Tupy-Guaranis e os Filhos da Terra, como Tapuia. Dessas três qualidades de povos nascem os demais povos.

Os Filhos do Sol se conectam à tradição do Sol. Assim como o sol se expande sobre a noite, os Tupinambás possuem o ímpeto desta divindade, sua ética é a da expansão, buscam levar aos demais povos a sua cosmovisão, são colonizadores e guerreiros natos. Portanto, os Tupinambás que descendem da divindade Tupã (senhor do fogo, dos trovões), eram viajantes natos, navegadores guerreiros, influenciaram os outros povos com sua cultura, ritos e ensinamentos.

Já a tradição influenciada pela Mãe Terra dos povos Tupy-Guaranis cultiva a terra, a agricultura, são mais arraigados a determinados lugares. Estudam os ciclos da natureza, dos astros, são mais filosóficos.

Finalmente, os Tapuias, filhos da lua, eram povos nômades, coletores e caçadores, considerados pelos Tupinambás como primitivos e até bárbaros por não terem uma cosmovisão e cultura mais estável e definida. São filhos da lua, pois se conectam à tradição da introspecção, do sonho, da ilusão e não ao esclarecimento da tradição solar ou da mãe-terra.

Será destes três grandes grupos que os demais povos da terra se originarão. Uns ligados à cultura expansionista, da força e de uma visão dominante e guerreira, outros mais próximos à observação da natureza, ao cultivo da terra e o desenvolvimento de uma filosofia religiosa e finalmente, àqueles que foram considerados como, de certo modo, possuidores de uma cultura menos elaborada, isto do ponto de vista dos Tupinambás, importante que se diga.



4. CAPÍTULO: "A INVENÇÃO DO TEMPO"

Quatro grandes ciclos estruturam a história indígena e da humanidade como um todo. "O tempo, para os povos indígenas, é uma divindade sagrada encarregada de manter a lei dos ciclos: as estações do céu e da terra" (2022, p.95). Cada ciclo se entrelaça com todos os reinos da vida (vegetal, mineral, humano, supra-humano-divino). Como uma teia de aranha. Uma tecedura de mundos.

O primeiro ciclo da terra chamou-se Jakairá, nele a terra foi povoada. Os povos sagrados deixaram neste período de criação os mistérios sagrados para a humanidade. No segundo ciclo, comandado por outra divindade, ocorre a aprendizagem do cultivo do solo, fato basilar para a expansão da humanidade.

Cada ciclo impôs desafios ao amadurecimento das tribos humanas e deixou suas próprias contradições. O primeiro exigiu coragem para a liberdade, a contradição deste momento era o medo que tempos depois produziu diversas formas de escravidão. O segundo ciclo exigiu a descoberta da noite e do sono, que trouxe como contradição a ilusão, a fantasia.

O terceiro ciclo foi governado por Tupã, senhor dos trovões e das tempestades. O grande desafio do terceiro ciclo foi o poder. Naquele momento da expansão humana a divindade coloca uma benção nas orelhas humanas, a inteligência na direita e a sabedoria na esquerda, ambas geram o pensamento. O pensamento não é outra coisa que os “raios e trovões de Tupã”. Esse ciclo foi o mais difícil para a raça humana e para a mãe terra, pois utilizando de modo arbitrário a inteligência, a humanidade coloca em risco a dança sagrada da vida na terra pelo mau uso que faz do poder. Isso ocorreu por consequência das “sementes” más dos ciclos anteriores: “medo, sono, ilusão, escravidão” no ciclo Tupã, geram a posse, a disputa e o apego ampliados pela consciência de poder (2022, p.22).

O quarto ciclo ocorre a partir da chegada dos colonizadores: período de escravidão, guerras, genocídios de povos indígenas. Porém, é neste período contraditório que vozes indígenas seguem lutando para “seguir em pé”, como o próprio significado do vocábulo “Tu-py”, que, lembremos, quer dizer “som em pé, espírito em movimento”.



5. CAPÍTULO: “PEQUENA SÍNTESE CRONOLÓGICA DA HISTÓRIA INDÍGENA BRASILEIRA CONTRIBUIÇÃO DOS FILHOS DA TERRA À HUMANIDADE”

Neste capítulo, é apresentada uma sequência cronológica com acontecimentos relevantes para a história do Brasil e dos indígenas, e, ao mesmo tempo, comentários de Kaká Werá sobre as referidas datas. Vamos a alguns exemplos: “1500 Cabral encontra os Tupinikim, da grande família tupinambá (tronco tupi-guarani), que ocupava quase toda a costa, do Pará ao Rio Grande do Sul” (2022, p.96), “1534 Implantação do regime de capitanias hereditárias. Aumenta a imigração de colonos, atentando contra a mulher indígena, a posse da terra e a liberdade dos índios” (p.97), “1563 Consequência da guerra aos Caeté; fome e epidemias de varíola dizimam 70 mil índios na Bahia”, “1568 Provável início do tráfego regular de escravos negros ao Brasil”, “1584 Epidemia de varíola se alastra pelas aldeias indígenas na Bahia” (p.99), “1993 Garimpeiros invadem área dos Munduruku no oeste do Pará. Trinta e quatro índios Sateré-Mawe recebem certificado de professor após curso de 45 dias”, (p. 110).



Comentário Crítico:

Como se vê, esta sequência de datas começa no século dezesseis e vai até os anos noventa do século vinte. Ela explicita, em resumo, uma constante de perseguições variadas, seja por tornar os indígenas escravos, para catequizá-los, para dizimá-los, ocupar suas terras, explorar os recursos minerais, vegetais e humanos, mas, também, inúmeras destas datas referem-se a posturas de resistência, luta e tomadas de posição por parte dos povos da terra. Ainda neste capítulo, o autor apresenta inúmeras contribuições dos povos e cultura indígena à humanidade, sem as quais o que entendemos e conhecemos hoje por civilização seria muito distinto. Por exemplo, já cultivavam a terra bem antes da chegada de Cabral. Conseguiram produzir alimentos em distintos biomas, pois conhecem os ciclos da terra e das chuvas. Disso obtiveram uma formidável classificação das plantas, descobriram inúmeros alimentos como a “batata-inglesa, o milho, a mandioca, o tomate, feijões e favas, como o amendoim; e, entre as frutíferas, o mamão, o caju, o cacau, sem contar muitas que ainda hoje são desconhecidas dos povos “civilizados”: guacari, ingá, abio, murici, cupuaçu, araticum etc” (p.112). Algo relevante de se destacar, é que estes alimentos eram e são utilizados na cultura indígena com a função mais ampla que de alimentação ou da negociação econômica deles, como fazemos em nossa sociedade capitalista. A comida faz parte do grande ciclo da natureza e da Mãe Terra: alimentar-se possui uma dimensão espiritual e ritual, portanto. Talvez este modo de ver as “coisas” seja uma das mais importantes contribuições indígenas ao homem dito civilizado, isto é, considerar a si, a natureza, os alimentos, entrelaçados dentro do ciclo do tempo e da Mãe Terra.



A terra dos mil povos, p.115.



6. CAPÍTULO: “OS LÍDERES INDÍGENAS DO BRASIL CONTEMPORÂNEO”

Mário Juruna, primeiro deputado indígena em 1982. Raoni, guerreiro global, grande liderança indígena. Ailton Krenak difusor do modo de ver a terra dos indígenas “Lógica integrada à natureza e da convivência da pluralidade cultural” (Werá p.143). Sua fala sempre foi uma “flecha indignada em relação a atitudes arbitrárias, opressoras e gananciosas” dos grupos de poder. Vejamos um trecho de uma de suas falas: Eis um dos trechos mais marcantes de seu depoimento:

Espero não agredir com minha manifestação os membros desta casa, mas acredito que os senhores não poderão ficar omissos, os senhores não poderão ficar alheios a mais essa agressão movida pelo poder econômico, pela ganância, pela ignorância ao que significa ser um povo indígena. Hoje nós somos alvo de uma agressão que pretende atingir na essência nossa fé, nossa confiança de que ainda existe dignidade, de que ainda é possível construir uma sociedade que sabe respeitar os mais fracos, que sabe respeitar aqueles que não têm dinheiro para fazer uma campanha incessante de difamação, que sabe respeitar um povo que sempre viveu à revelia de todas as riquezas; um povo que habita casas cobertas de palha, que dorme em esteiras no chão, não deve ser identificado de jeito nenhum como o povo que é inimigo do Brasil, inimigo dos interesses da nação e que coloca em risco qualquer desenvolvimento. O povo indígena tem regado com sangue cada hectare dos 8 milhões de quilômetros quadrados do Brasil. Os senhores são testemunhas disso” (Ailton Krenak, *apud* Werá, p.144).

Sonia Bone de Sousa Silva Santos é conhecida como “Sonia Guajajara, é indígena do Povo Guajajara/Tentehar. Graduada em Letras e Enfermagem, fez pós-graduação em Educação Especial e destacou-se por sua luta pelos direitos dos povos originários e pelo meio ambiente. Internacionalmente reconhecida por sua luta em defesa dos direitos dos povos indígenas, seus territórios e por sua luta pelas causas socioambientais, foi eleita uma das 100 pessoas mais influentes de 2022 pela revista TIME. Sonia fez parte da Coordenação das Organizações e Articulações dos Povos Indígenas do Maranhão (Coapima), da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) e atuou como coordenadora executiva da APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil)” (Sonia Guajajara — Ministério dos Povos Indígenas (www.gov.br)).

Outra liderança apresentada na obra é advogada indígena Joênia Wapichana, que também, atualmente ocupa cargo público, é presidente da FUNAI. É a primeira mulher indígena a ocupar este cargo.

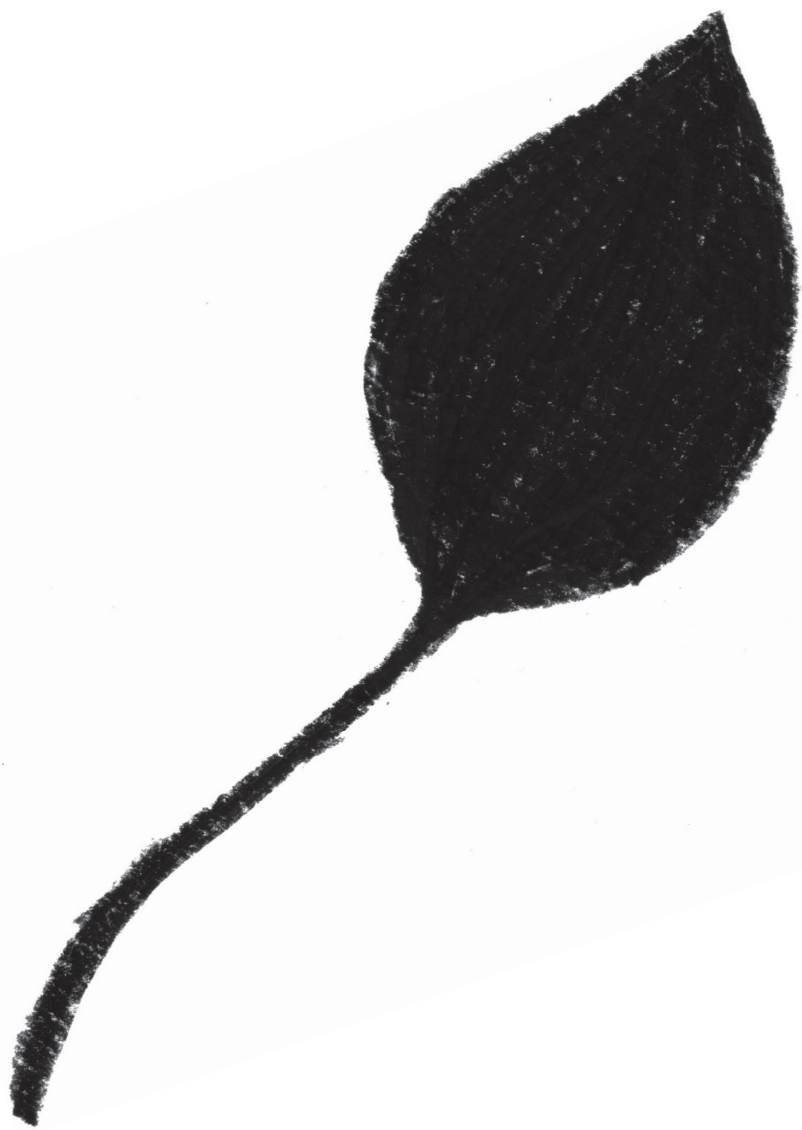


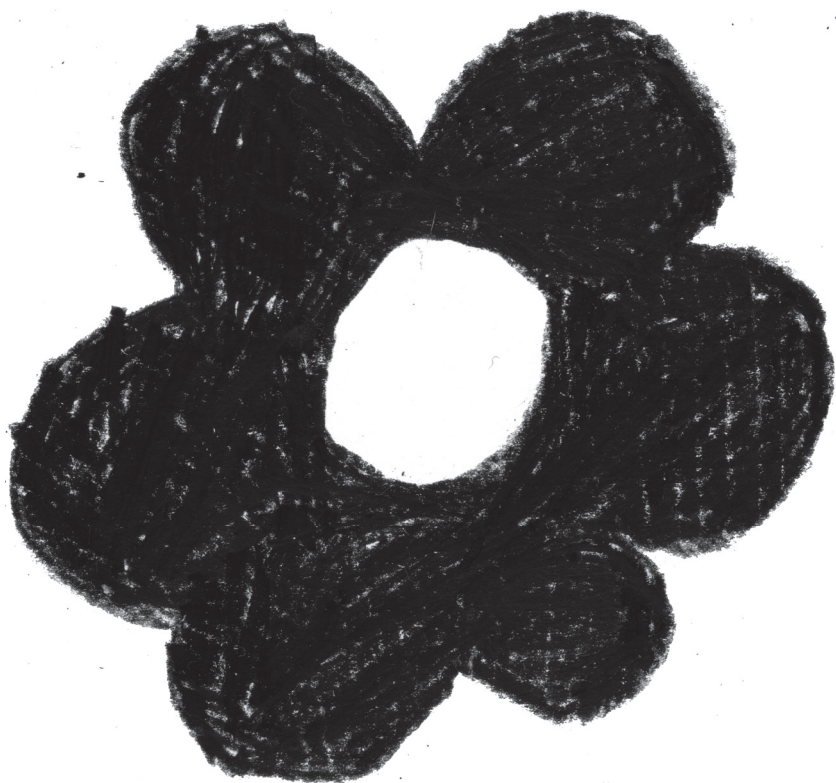
Comentário Crítico:

É muito significativo que o último capítulo do livro “A terra dos mil povos”, após tratar dos aspectos já apresentados neste texto, destaque ao leitor as lideranças indígenas atuais. Isto evidencia que ainda há povos indígenas, que estão organizados e que estão lutando por seus direitos. Estamos, portanto, em um momento histórico, onde mulheres e indígenas ocupam cargos de tamanha relevância para os povos originários, mas isto não diz respeito apenas a eles, mas à população de modo geral, já que questões referentes à conservação da floresta e ao meio ambiente são cruciais em nossos dias.

REFERÊNCIAS

Jecupé, Kaká Werá A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio / Kaká Werá Jecupé; ilustrado por Taisa Borges. - 2. ed. - São Paulo: Peirópolis, 2020. 128 p.: il.; 19,5cm x 25cm.





Niketché: uma história de poligamia

(2002)

Paulina Chiziane

Niketche: uma história de poligamia

(2002)

Paulina Chiziane

por Argentino Jr. (Márcio Souza)

Apresentação da autora

Nascida em 1955, em Manjacaze (Sul de Moçambique), Paulina Chiziane é um dos atuais destaques da literatura pós-colonialista de seu país, em especial pela escrita de romances, os quais são marcados pela denúncia da triste realidade local (e africana) das mulheres. Note-se, porém, que a escritora não gosta de ser rotulada de feminista e, embora não despreze ser chamada de romancista, prefere se autodefinir como uma “contadora de histórias”, do que resulta o teor lúdico de suas narrativas. Chiziane estudou Linguística na Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, sem, contudo, concluir o curso, e foi membro da Frente de Libertação Moçambicana (FRELIMO), tendo deixado a militância política para se tornar enfermeira na Cruz Vermelha, durante a guerra civil, e para se dedicar à carreira literária. Em 2010, foi designada, pela União Africana (UA), como embaixadora da paz para África. Foi vencedora, entre outros, do mais célebre prêmio literário da língua portuguesa: o Prêmio Camões, em 2021.

Romances mais relevantes: *Balada de amor ao vento* (1990), *O sétimo juramento* (2000), ***Niketche: Uma história de poligamia*** (2002), *O alegre canto da perdiz* (2008), *As andorinhas* (2009), *Na mão de Deus* (2013), *Por quem vibram os tambores do além* (2013, em parceria com Rasta Pita), *Ngoma Yethu: O curandeiro e o Novo Testamento*, (2015) *O canto dos escravizados* (2017) etc.



Resumo do enredo

Rami (Rosa Maria), a narradora da trama, se assusta com um barulho e cogita ser uma bomba e o recomeço da guerra civil em Moçambique. Vizinhos esclarecem-lhe ter sido Betinho, seu filho caçula, que havia quebrado o vidro de um automóvel. Rami lamenta profundamente a ausência de Tony (António Tomás), seu marido, cuja presença a deixaria mais segura e protegida, até a vizinhança a respeitaria mais. Beto não pede perdão, mas pede para ser castigado, e isso a comove. Preocupada, ela fala com o dono do carro e diz que seu marido, comandante de polícia, pagaria o conserto.

Todas as vizinhas de Rami haviam sido deixadas pelos maridos, que buscavam mulheres mais jovens. Embora se dissessem indiferentes, elas sofriam demais. Rami reflete sobre a constante ausência de Tony, que culpava o trabalho. Casada há mais de duas décadas, apenas em dois fora feliz de fato. Ambos eram do Sul de Moçambique e, hoje, moravam em Maputo. Rami não entende a causa do desprezo do esposo, já que sempre cumprira seu papel de esposa e dona de casa. Ela sabe que Tony tem outra mulher.

Rami se diz a mulher mais infeliz do mundo, pois, desde que o seu marido foi promovido no emprego, passou a traí-la muito mais, gastando o dinheiro com as outras, que, interesseiras, se multiplicavam. Criada segundo os valores do catolicismo europeu, ela acreditava na monogamia. Então, decide lutar por seu amor e ir à casa da rival: Julieta (ou Juliana), com quem Tony tinha vários filhos já. Chegando lá, vê que a outra tem uma moradia melhor do que a sua e até um retrato junto com Tony na parede. Julieta era realmente bonita... Tudo aquilo era uma afronta!

Aos berros, Rami xinga a outra e começa a pancadaria. A esposa está apanhando e foge, a cena bizarra prossegue na rua, embarrada pelas chuvas. Ao levar uma garrafada na nuca, desmaia. Junta gente. Sem poder caminhar, é ajudada pela rival, que a leva de volta para casa. Julieta lhe banha, mitiga as feridas, penteia e empresta roupas. Rami constata que a diaba tinha excelente coração, e ainda era toda enfeitada, o que Tony nunca lhe permitira. Conversam, Rami descobre que Julieta tem cinco filhos e que desde que engravidara do sexto – há sete meses – não via o larápio, que tinha uma terceira mulher. Solidarizam-se.

Já em casa, Rami pensa em deixar Tony, mas desiste pelos filhos e por não querer que outras ocupem o seu lugar de esposa. O marido vai para casa e, enquanto ele dorme, ela pensa em se vingar. Por fim, revela-lhe suas angústias e o acusa de traição, mas ele diz só as mulheres traem e que os homens são livres, o que soa como um deboche. Sem conseguir dormir pelas discussões, ele prefere ir-se no meio da noite.

Para reconquistar o marido, a narradora entra em um curso de aulas de amor com uma mestra nortenha com quem aprende a importância da rea-

lização de rituais de amor e de sexo. Sente-se empoderada, mas os ritos de iniciação não dão resultados positivos: ela se veste com cores supostamente sensuais, contudo o esposo acha tudo exageradamente colorido e ri dela.

Achando que a real culpada é Luísa, a terceira mulher de Tony, a narradora vai até sua casa, onde leva nova e ainda maior surra, acabando por fugir. Ambas são presas na rua e levadas a uma delegacia. Enfim o guarda ordena que conversem e se acertem. Luísa se explica, sabe que será trocada por Tony, com quem já tem dois filhos, e resigna-se. Cita que ele já anda bastante ausente de sua casa por conta de uma quarta mulher: Saly, uma maconde que tinha dois filhos com Tony e que era visitada por ele apenas um dia por mês. Rami acha Luísa linda e exótica, como todas as mulheres do Norte, e, surpresa com sua sinceridade e resignação, sente um misto de pena e veneração por ela. Procura Saly, que lhe indica Mauá Sualé, a mais jovem e recente conquista do polígamo Tony. Estava fechado o “**hexágono amoroso**”.

A fim de retomar a exclusividade de Tony, Rami recorre à magia, à tatuagem íntima e a banhos especiais, mas não obtém sucesso. Então, visita sua tia Maria, que narra sua vida em uma estória cujo tom fantasioso não descaracteriza a denúncia: ela foi dada em casamento aos dez anos de idade pelo pai ao cobrador de impostos em troca de saldar dívidas... Deflorada aos treze anos, ela diz ter sido a vigésima quinta esposa de um rei, com quem fora muito feliz. Tendo sido abandonada pelo marido, ela se unira a outro homem e, malgrado as fofocas de que era vítima, era feliz e defendia a poligamia.

Rami vai à festa de aniversário do filho de Luísa, que lhe apresenta Vito (Vitor?), seu amante. Carente afetiva e sexualmente, além de incendiada pelo vinho, a narradora acaba desejando, com ardor, o desconhecido, a quem se entrega, com a anuência de Luísa (Lu). No outro dia, conversam e Vito conta ter conhecido Luísa abandonada na rua em uma noite fria; ela estava grávida e ele a acolheu. Cita ainda as várias surras que Tony dava na amante grávida, deixando-a dias sem comer trancada no quarto. Rami não quer acreditar que o seu marido seja capaz disso, mas intimamente sabe que Vito não mente: “[...] **ela nada fazia para inverter as coisas porque dependia dele para comer, para existir.**”

Desde então Rami passou a aceitar encontros eventuais com Vito, que lhe dava carinho e prazer sexual. Amadurecida, ela ultrapassa o moralismo ao ver a poligamia não como uma mera substituição de mulher, mas como acréscimo de outra, tal qual o sistema matrimonial formado por um homem e diversas mulheres, como seus antepassados. Assim, a obra não cai na crítica simplista à poligamia, indo ao cerne de uma reflexão maior ao apontar o atual estágio do costume como resultado de um choque de culturas: o europeu colonizador (cristão) execra a poligamia, mas a pratica de modo imoral (velado), corrompendo-a em sua origem, isto é, como algo inerente ao próprio ser humano, segundo as tradições africanas. Isso acarreta que a poligamia não seja extinta (como seria de se esperar do europeu) e tampouco que seja admitida como fruto da ancestralidade humana (segundo a prática africana). Observe:

“Todo o problema parte da fraqueza dos nossos antepassados. Deixaram os invasores [europeus] implantar os seus modelos de pureza e santidades [moral monogâmica cristã]. Onde não havia poligamia, introduziram-na [ao se amasiarem com as africanas]. Onde havia, baniram-na [por causa do moralismo religioso]. Baralharam tudo, os desgraçados! [...]

Os homens é que defendem a terra e a cultura. As mulheres apenas preservam. No passado os homens deixaram-se vencer pelos invasores que impuseram culturas, religiões e sistemas a seu bel-prazer. Agora querem obrigar as mulheres a retificar a fraqueza dos homens. No regime cristão, as mulheres são educadas para respeitar um só rei, um deus, um amor, uma família, por que é que vão exigir que aceitemos o que nem eles conseguem negar? Negar não é gritar: é olhar a lei, mudar a lei, desafiar a religião e introduzir mudanças, dizer não à filosofia dos outros [europeus], repor a ordem e reeducar a sociedade para o regresso ao tempo que passou.” (CHIZIANE, 2002, não paginado)

Rami procura sua família para que Tony veja que ela não é só no mundo e tem quem a defenda. Porém, não é apoiada nem por seu sangue: o pai lhe diz que, se o marido tem amantes, a culpa é da esposa; e ainda deplora o atual desejo feminino de “emancipação”. Já sua mãe se mostra mais solidária, mas defende o machismo vigente ao pedir para que a filha sublime as traições do marido e o obedeça sempre.

A narradora faz uma reunião com as outras mulheres de Tony e descobre que ele não lhes dá a devida assistência econômica e afetiva. E pior: se as infelizes fossem abandonadas, não teriam nenhum direito jurídico, amparo só garantido à esposa oficial, isto é, Rami. Ela propõe a união das cinco, e, de certo modo, sugere oficializarem a poligamia, o que determina obrigações tanto para o marido, quanto para as esposas.

Eis o plano de Rami: na festa de 50 anos de Tony, perante as famílias e amigos, surge cada uma das cinco esposas e seus filhos, sendo recebidos, com honras, pela anfitriã. Usando trajes idênticos, elas são apresentadas aos convivas por Rami. **“Elegantes como verdadeiras damas. Reivindicam o seu espaço com sorrisos. [...] Estas mulheres juntas venceram os preconceitos e avançaram com firmeza e derrubaram a farsa.”** Entretanto, **“no rosto de Tony surpresa, vergonha, lágrimas e raiva.”** Apesar dos discursos tentarem amenizar o constrangimento, aos poucos, os convidados vão se retirando. Chamado à presença das cinco esposas, Tony é parabenizado, mas inventa uma desculpa e sai da festa. As mulheres, ao contrário, seguem e se divertem.

A mãe de Tony elogia o filho por sua fertilidade. Com todos apaziguados, as mulheres são lobilodadas, ou seja, recebidas no regime poligâmico e cada qual passa a ter sua parte equitativa na atenção do homem, que fica materialmente responsável por todos os lares decorrentes. Rami tem o posto de primeira esposa e pilar do clã. Com Tony cada dia mais esquivo das esposas, Rami passa a auxiliá-las a ganharem seu próprio dinheiro e a terem dignidade. Ela pres-

ta dinheiro à Saly para comprar cereais e vendê-los no mercado; depois à Luísa para vender roupas usadas; à Mauá para começar um salão de cabeleireira em casa. Isso desagrada a Tony, que, aos poucos, perde o prestígio de macho mantenedor. Com esforço, os negócios prosperam: após venderem por meses roupas usadas juntas, Rami e Luísa conseguem passar ao comércio individual de vestes novas; Saly já tem uma loja de bebidas no atacado, um café e um salão de chá; Julieta (Ju) constrói um armazém; Mauá tem um salão de cabeleireiros no centro da cidade e trabalha ainda em casa. Empoderadas, elas já não precisam esmolar o dinheiro de Tony para sobreviver e acabam cobrando dele as faltas cometidas enquanto marido polígamo, além de ameaçarem abandoná-lo.

Acertados os detalhes da divisão do marido, Rami sente-se um pouco roubada material e afetivamente. Ela deve supervisionar as demais, mas se isenta de tiranizá-las e também da extrema submissão ao marido, costumes típicos do passado. Enfrenta um dilema: vive uma união poligâmica, mas tem uma mente aberta e progressista.

Ao chegar a semana de Mauá Sualé uma novidade: ela que era a mais jovem e preferida de Tony não foi tocada sexualmente, pois ele arranjava outra, a sexta. Mauá chora desconsolada, é a primeira vez que se sente traída. A nova mulher de Tony é uma mulata chamada Eva, que é diretora de uma empresa, tem carro e excelente situação financeira. Ela é linda, mas estéril, daí ter sido deixada pelo marido, um político.

Por vingança e para cobrar Tony, as cinco esposas aplicam-lhe uma lição: em um jantar coletivo na casa de Saly, cobram-lhe carinho e satisfação sexual. Ele fica atônito. Insolitamente, elas resolvem dormir todas ali. Despem-se e o convidam para o amor coletivo. Tony fica perturbado, diz que, segundo a tradição, isso lhe daria azar e afirma ser somente amigo da doutora Eva e foge.

Tony convoca um concílio familiar para reclamar da má conduta de suas esposas. Elas são duramente censuradas pelos membros da família do marido, que perde muito de sua grandeza aos olhos da narradora, que o vê, agora, como um fraco. Vingativo, ele pede o divórcio de Rami, deixando-a sem chão. Segundo o policial, ela fizera péssima sua vida com a oficialização da poligamia e com os negócios, os quais tornaram suas mulheres insubmissas. Agora ela iria pagar (uma mulher divorciada em Moçambique era tida como uma derrotada, uma prostituta, uma feiticeira...). Disposta a desobedecer pela primeira vez, a narradora se nega a assinar os papéis, apesar de estar apavorada: **“O que será de mim? Se o Tony corre comigo daqui, onde irei com os meus filhos? Procurar um novo marido? Com tantos filhos?”** Solidárias, as demais esposas de Tony procuram-na a fim de ensinar-lhe seus próprios segredos de amor (sexo) para que segure o esposo. Rami está muito desanimada.

Tony vai comprar cigarros e desaparece. Na manhã seguinte, a casa de Rami é invadida por mulheres da família do policial que dizem que ele foi atropelado e morreu, culpando-a por ter feito um feitiço a fim de matá-lo para evitar o divórcio e, assim, ficar com os bens. Rami, porém, vira o morto caído na estrada

e, no ato do reconhecimento, nota que ele não tem uma cicatriz provocada por uma garrafada que ela mesma lhe dera. Ninguém acredita e ela vira viúva, tendo a própria cabeça raspada, segundo a tradição local. Aliás, os costumes do Norte (ligados ao passado e às crenças milenares) e do Sul, incluindo Maputo, a capital, (ligados ao cristianismo) são quase opostos em Moçambique, daí os irmãos do falecido desprezarem as nortenhas (Mauá e Saly) na partilha da herança, o que gera uma áspera briga entre as famílias.

Oito dias depois da viuvez, surge uma ameaça à narradora: o *Kutchinga*, costume purificador que subordina a viúva sexualmente a um dos irmãos do falecido, no caso Levy. Rami se assusta, mas reflete que pelo menos terá alguém que a ampare. Ela também terá que deixar a casa de Tony um mês após sua morte.

Eva visita Rami, a quem diz que Tony lhe afirmara ter só uma esposa: Mauá. Diz ainda que ele viajara para Paris com outra mulher (Gaby) a fim de tratar do joelho. Fora a própria Eva que providenciou a viagem, mas ele preferiu levar a outra. Ao saber das muitas aventuras sexuais de Tony e do seu pedido de divórcio, Eva se apieda de Rami, a quem se une para manter a farsa da viuvez. Há simpatia mútua entre elas, que acordam que Tony teria uma lição da vida: a união de Levy e Rami. A noite de sexo ritualístico e purificador com Levy deixa Rami nas nuvens, já que, além de muito belo, o cunhado a trata com enorme carinho.

Tony volta de Paris e é surpreendido com a notícia de sua morte e com a casa vazia, pois tinham tirado tudo de Rami, conforme as tradições locais. Ele fica aterrado com tudo que ouve, sobretudo por Rami ter tido uma noite de sexo com seu irmão. Chora de humilhação e pena por tudo que fizeram com Rami, dizem-se, agora, consciente do quanto as mulheres sofrem. Promete, então, à esposa recuperar tudo o que fora retirado de seu lar. Não adianta, Rami, decepcionada, está disposta a ir viver com Levy; brigam. Eis que surgem Ju, Lu, Saly e Mauá e tomam satisfações do morto-vivo. Ele pede perdão a todas, diz que vai mudar e se compromete a cumprir suas funções de esposo polígamo: pagar as contas, proteger a todas e obedecer à escala semanal na casa de cada uma delas. Elas o humilham ao dizer que o preferiam morto e que só retomarão as relações se tudo que foi tirado de Rami for restituído em sete dias, bem como se ele admitir Eva como a sexta esposa. A normalidade volta à vida de todos.

Tempos depois Rami almoça com Luísa e a aconselha que se case com Vito, amante de ambas, pois ele a cuidava e a amava. Saly diz que isso só abriria possibilidade de ela ser também vítima de outro marido polígamo e ainda piorar sua situação, mas promete que vai pensar. A narrativa avança alguns anos, os negócios das mulheres de Tony progridem, tomando quase todo seu tempo. Cuidar do marido comum e de todas suas mil exigências passa a ser um fardo de que elas se esquivam.

Indignado, Tony reúne suas esposas e comunica o casamento de Luísa e Vito, acusando-as de traição, em especial Rami, que, na condição de primeira esposa, deveria ter orientado as demais sobre a fidelidade. Ele chega a desferir um soco contra o rosto de Lu, mas erra; ela lhe morde o braço a ponto de sangrar.

Triste, Tony pede que Rami interfira a fim de impedir o casamento de Luísa e tem um princípio de enfarte. Sentimentalismo, chantagem e violência de nada adiantam, Lu e Vito se casam e, exceto Julieta, todas as mulheres de Tony vão à cerimônia. É então que a noiva convida Rami para ser a segunda esposa dele em gratidão por tudo que a narradora fizera por ela. As demais mulheres de Tony também agradecem a ela por ter-lhes tornado independentes. O momento é de intensa emoção.

Desde a sua volta de Paris, Tony não transara com Rami, já que não superara o fato de ela ter sido *kutchingada*; também ela esfriara com as muitas mentiras dele. Eis que ele lhe propõe que ela seja sua única esposa. Em um primeiro momento, Rami é cética quanto a isso, pois já fora enganada muitas vezes e Tony não tem nenhum crédito. O diálogo de ambos aponta a superficialidade de Tony:

“– Diz-me, Tony, para quê enganar mulheres e deixá-las com filhos nos braços? O que querias tu com elas?

– Nada de sério, confesso. Orgulho, simples orgulho. Ter uma mulher aqui, um filho acolá, dá vaidade a qualquer macho. Não sou o único. Muitos homens fazem isso. [...] Não fui eu quem inventou o mundo e as suas tradições. Muito antes de eu nascer os homens já eram assim.

Como ele tem razão, meu Deus! Esta situação nasce no ventre do passado e desde sempre que as mulheres são peixe na banca do mercado: um quilo deste, dois quilos daquele, fico com este, largo aquele, gosto deste, agora pego, agora largo, agora pago, agora uso, agora asso, agora como.” (CHIZIANE, 2002, não paginado)

Reúnem-se. Informadas pela narradora da proposta de Tony, elas decidem procurar outra mulher para ele e escolhem Saluá, 18 anos, lindíssima. Ele afirma estar velho e cansado de amar, além de sequer saúde ter para isso. Todavia, ao conhecer a escolhida, ele se acende de desejo, mas resiste. Saly chega a chamá-lo de frouxo, contudo de nada adianta: Tony está definitivamente velho e rejeita a nova companheira.

Tal recusa ratifica a impotência do polígamo e fere a norma da poligamia, o que dá direito às mulheres de que peçam assistentes conjugais. O momento é de surpresa geral e comoção: Mauá revela já ter escolhido seu assistente, com quem irá se casar dali a quinze dias. Novo golpe no atônito Tony: Julieta confessa que há dois anos mantém um caso com um português muito rico e que também irá se casar em breve. Elas se vão e fica apenas o casal. Arrasado, Tony ouve de Rami que um padre italiano havia se apaixonado por Saly e, então, largado a batina; também ela estava perdida. Eis que ele tenta comover a esposa com palavras doces e um abraço, sentindo o seu ventre duro... Era o golpe derradeiro: ela estava grávida. Ele indaga se o filho era dele, bastava um *sim* e o infeliz estaria salvo, mas Rami não quer uma vida baseada em mais mentiras e a resposta aniquila de vez Tony: o filho é de Levy, fruto do *kutchinga*. A verdade surgia repentina e aterradora para Tony, que, em uma só rasteira, perde as suas cinco esposas e se torna a personificação do ditado: “Quem muito quer nada tem!”



DESTAQUE PARA OS SEGUINTE ASPECTOS DE *NIKETCHE*

1. A obra pertence à literatura moçambicana contemporânea e tem foco narrativo em 1ª pessoa, sendo Rami a personagem-narradora.
2. *Niketche* possui estilo bastante sofisticado, ora através de passagens poéticas (ligadas, em geral, aos inúmeros trechos de introspecção da narradora, com constantes fluxos de consciências e metáforas), ora com a presença de humor, não raro com fina ironia. A trama desenrola-se de maneira fluente, centrando-se em eventos, os quais dão ocasião às reflexões cheias de humanidade e empatia de Rami acerca da dura condição das mulheres de Moçambique.
3. O título da narrativa alude à dança erótica típica do Norte de Moçambique e que as esposas tentaram fazer para Tony. A personagem Mauá assim explica:

“*Niketche*. A dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação. Uma dança que mexe, que aquece. Que imobiliza o corpo e faz a alma voar. As raparigas aparecem de tangas e missangas. Movem o corpo com arte saudando o despertar de todas as primaveras. Ao primeiro toque do tambor, cada um sorri, celebrando o mistério da vida ao sabor do *niketche*. Os velhos recordam o amor que passou, a paixão que se viveu e perdeu. As mulheres desamadas reencontram no espaço o príncipe encantado com quem cavalgam de mãos dadas no dorso da lua. Nos jovens desperta a urgência de amar, porque o *niketche* é sensualidade perfeita [...]. Quando a dança termina, podem ouvir-se entre os assistentes suspiros de quem desperta de um sonho bom.” (CHIZIANE, 2002, não paginado)
4. A linguagem da obra mostra-se um saboroso misto de variante da norma culta (“estupefacientes”, “pútrido”, “evadir”, “contenda”, “malfadada”, “tépidas” etc.) com toques de coloquialismo (“gente”, “bosta”, “caga”, “balelas”, “tretas” etc.) e termos meio arcaicos ou de uso natural entre falantes do português moçambicano (“latrinas”, “loiça”, “poiso”, “palerma”, “autocarro” (ônibus), (mirones), (espectadores) etc.). Apon-te-se ainda a eventual ortografia um pouco diversa do que estamos acostumados (“de mais”, “humedecendo”, “boas vindas”, “massajar” (massagear), “deceções” (decepções), “chichi” (xixi), “em baixo” etc.).

5. A questão econômica é uma perspectiva importante da poligamia em Moçambique. Tony tem um emprego cujo salário é bem acima da média local, o que lhe permite ser polígamo. A vulnerabilidade material, no entanto, leva as mulheres a verem nestas relações uma forma de subsistência e até um emprego, como é o caso de Saly. Eis a reflexão da narradora quanto a isso:

“Tenho pena dessas mulheres vendendo amor para produzir pão e sabão. Quando os encantos à venda acabarem, a miséria baterá à porta. Que futuro lhe espera, sem emprego nem segurança? E o que serão estes filhos, sem nome nem sombra? Espera-lhes com certeza o manto da rua. Espera-lhes a fome, a sarna, a sarjeta da vida.” (CHIZIANE, 2002, não paginado)

6. Citem-se as várias e interessantes conversas que Rami tem com seu espelho, as quais, de modo irônico, mostram a condição feminina. Assim, o espelho elogia os desgostos que o marido dá à narradora porque isso a emagrece, ou ainda diz que Rami deve varrer as sujeiras que tem no peito para merecer o Tony, ou seja, além de traídas, as mulheres são levadas a crer que devem melhorar para merecer os trastes dos esposos. E mais: as opiniões da maioria das personagens corroboram lugares-comuns do machismo, como, por exemplo, que homem é o sexo fraco para as tentações da carne, que o homem tem o direito de ter amantes e que o faz por culpa da esposa que deixa a desejar em algum(ns) aspecto(s).
7. Um tema pertinente no romance é o abandono parental, típico de uma cultura onde os homens acumulam experiências conjugais, têm filhos com inúmeras mulheres e não dão atenção sequer a elas, menos ainda aos filhos que vão surgindo. Tony tipifica isso, pois, além das conquistas esporádicas, soma cinco esposas infelizes pela falta de sua atenção e amparo material, com as quais tem incríveis 17 filhos.

REFERÊNCIA

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: Uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, formato Ebook, 2002.



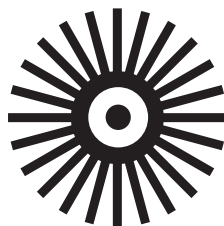
im itiri i di timinhi di im pinhi
quem pode dizer tenho um útero
(o médico) quem pode dizer que funciona (o médico)
i midici
o medo de que não funcione
para que serve um útero quando não se fazem filhos

para quê
piri qui

Um Útero é do Tamanho de Um Punho

(2012)

Angélica Freitas



Um Útero é do Tamanho de Um Punho

(2012)

Angélica Freitas

por Luiza Casanova



Considerações sobre esse resumo

Este resumo abordará a obra *um útero é do tamanho de um punho*, enquanto totalidade temática, e apresentará a análise de alguns dos poemas da obra, para melhor entendermos a poética da autora em questão.



A autora

Freitas nasceu em Pelotas, no Rio Grande do Sul, em 8 de abril de 1973. Formou-se em jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), residindo alguns anos em Porto Alegre. Mudou-se mais tarde para São Paulo, onde trabalhou como repórter para o jornal O Estado de S. Paulo e a revista *Informática Hoje*. Deixou a capital paulista em 2006, iniciando uma série de passagens e residências temporárias em países como a Holanda, a Bolívia e a Argentina. Atualmente, a poeta vive em Berlim, Alemanha.



O livro

Lançado em 2012, o livro se tornou um clássico contemporâneo ao refletir, com humor e perspicácia, sobre questões de gênero. Depois de lançar *Rilke Shake* (coleção *Ás de Colete*, 7Letras e Cosac Naify, 2007), o segundo livro de Angélica Freitas, *Um útero é do tamanho de um punho* (Cosac Naify, 2012), reúne poemas escritos a partir de um tema central: a mulher.

Uma das vozes mais destacadas da sua geração, Angélica Freitas subverte as imagens já gastas do que se espera (erroneamente e por tanto tempo fincado em padrões estéticos e morais) do gênero feminino e da identidade feminina, tantas vezes anunciadas em capas de revistas e em vitrines de lojas, e joga luz, com inteligência, sagacidade e senso de humor aguçado, sobre o nosso tempo.

Dividido em 7 partes (*Uma mulher limpa*, *Mulher de*, *A mulher é uma construção*, *Um útero é do tamanho de um punho*, *3 poemas com o auxílio do google*, *Argentina* e *O livro rosa do coração dos trouxas*), temos acesso ao mundo de agora, as pessoas de agora, aos conflitos de agora, as ruas de agora, a língua de agora e os sentimentos de agora.



O antes, o agora e o depois:

Aqui, as questões de identidade (sexual, política, nacional etc.) são trazidas por um ponto de vista que escancara nossas falhas, nossos preconceitos, nosso senso comum e nossas fragilidades. Aqui, temos a oportunidade de estar frente ao outro, aquele que é absolutamente diferente de nós e, por isso, talvez nos comova tanto e mexa com sentimentos que sequer sabíamos ser capazes de sentir ou que pensamos que um dia sentiríamos. Aqui, nos colocamos frente a frente com situações e sentimentos que talvez não teríamos a oportunidade de ver andando nas ruas, por aí. Mas estas situações e sentimentos estão no mundo, no mundo de alguém, no nosso mundo.

O outro, nesta obra, nem sempre aparece de forma pacífica, a relação eu e o outro muitas vezes é mesmo conflituosa, e Angélica Freitas nos traz poemas que são uma arma contra as armadilhas do passado e nos entrega o agora. então olhemos.



Uma mulher limpa

Nos 14 poemas desta parte, temos imagens recorrentes: aquilo que o senso comum diz e espera de uma mulher: que ela seja limpa, que ela seja magra, que ela arranje um marido, que ela seja sóbria. Mulheres que falam de gênero incomodam, mulheres sujas incomodam, mulheres gordas incomodam, mulheres incomodam.

E é exatamente isso que temos ao final da leitura desses poemas: um incômodo gigantismo por estarmos diante de poemas que nos revelam de forma tão verdadeira e brutal o que acontece com essas mulheres: domesticam, internam, enterram.

Quando lemos tais poemas, fica evidente esse discurso, esse que espera algo das mulheres. e é frente a esse discurso que a autora nos põe, e propõe de forma muitas vezes irônica esse incômodo, o grande pulo do gato da literatura: nos propiciar o bom, o belo, o grotesco, o enjoativo, o que nos expõe aquilo que pensávamos já superado:

porque uma mulher boa
é uma mulher limpa
e se ela é uma mulher limpa
ela é uma mulher boa

há milhões, milhões de anos
pôs-se sobre duas patas
a mulher era braba e suja
braba e suja e ladrava

porque uma mulher braba
não é uma mulher boa
e uma mulher boa
é uma mulher limpa

há milhões, milhões de anos
pôs-se sobre duas patas
não ladra mais, é mansa
é mansa e boa e limpa.



Mulher de

Nesta parte, os 10 poemas nos trazem situações e vivências de mulheres comuns, mulheres que encontramos todos os dias pelas ruas de todas as cidades de todos os lugares do mundo. Mulheres vítimas de machismo, de homofobia, de violência. Mulheres que são chamadas de loucas, mulheres que são assassinadas, mulheres que sequer são vistas como mulheres. Aqui, temos muitas mulheres. Mulheres:

mulher depois

queridos pai e mãe
tô escrevendo da tailândia
é um país fascinante
tem até elefante
e umas praias bem bacanas

mas tô aqui por outras coisas
embora adore fazer turismo
pai, lembra quando você dizia
que eu parecia uma guria
e a mãe pedia: deixem disso?

pois agora eu virei mulher
me operei e virei mulher
não precisa me aceitar
não precisa nem me olhar
mas agora eu sou mulher.

mulher de rollers

no condomínio querem saber
se ela pirou de vez
ou se vai competir
nalguma espécie de jogos olímpicos
porque deu para andar de rollers
na área comum do prédio
prejudicando a saída
e a entrada de veículos

ainda por cima anda mal
nem ganhou velocidade
pirueta é coisa então
para a próxima encarnação
consternação entre condôminos
com seu senso do ridículo
“essa daí vai acabar
como na música do chico”
“vai passar nesta avenida
um samba popular?”
“não, atrapalhando o tráfego”.



A mulher é uma construção

Nos 7 poemas desta parte, temos situações comuns, o corriqueiro, o banal, o cotidiano, o mesquinho. Aqui, não há autor sagrado, não há hierarquias, não há superioridade de sentimentos. aqui, nascemos, morremos, ligamos e apagamos luzes, mentimos, inventamos desculpas bobas, respondemos e-mails, vamos a freeshops, traímos, usamos hipoglós:

pós

os homens as mulheres nascem crescem
veem como os outros nascem
como desaparecem
desse mistério brota um cemitério
enterram carcaças depois esquecem

os homens as mulheres nascem crescem
veem como os outros nascem
como desaparecem
registram registram com o celular
fazem planilhas depois esquecem

torcem pra que demore sua vez
os homens as mulheres
não sabem o que vem depois
então fazem uma pós

os homens as mulheres nascem crescem
sabem que um dia nascem
noutro desaparecem
mas nem por isso se esquecem
de apagar o gás e a luz.

querida angélica

querida angélica não pude ir fiquei presa
no elevador entre o décimo e o nono andar e até
que o zelador se desse conta já eram dez e meia

querida angélica não pude ir tive um pequeno
acidente doméstico meu cabelo se enganchou dentro
da lavadora na verdade está preso até agora estou
ditando este e-mail para minha vizinha

querida angélica não pude ir meu cachorro
morreu e depois ressuscitou e subiu aos céus
passei a tarde envolvida com os bombeiros
e as escadas magírus

querida angélica não pude ir perdi meu cartão
do banco num caixa automático fui reclamar
para o guarda que na verdade era assaltante
me roubou a bolsa e com o choque tive amnésia

querida angélica não pude ir meu chefe me ligou
na última hora disse que ia para o havaí
de motocicleta e eu tive que ir para o trabalho
de biquíni portanto me esfriei

querida angélica não pude ir estou num
cybercafé às margens do orinoco fui sequestrada
por um grupo terrorista por favor deposite
dez mil dólares na conta 11308-0 do citibank
agência valparaíso obrigada pago quando voltar.



Um útero é do tamanho de um punho

Aqui, temos um único e longo poema. Temos também uma espécie de lista, uma catalogação sensível, irônica e potente de tudo o que cabe dentro de um útero, desse lugar tão pequeno, e tudo o que esperam que caiba nele, tudo o que se espera de quem tem um útero. E muitas pessoas tem um:

úteros famosos:

o útero de frida kahlo
o útero de golda meir
o útero de maria quitéria
o útero de alejandra pizarnik
o útero de hilary clinton
[o útero de diadorim]



3 poemas com o auxílio do google

Nestes 3 poemas com o auxílio do google, temos uma espécie de brincadeira com as respostas que o site de pesquisa nos dá quando iniciamos uma frase e ele preenche automaticamente. só que, mais uma vez, somos colocados diante daqui que nem sempre nos questionamos após ver. Tente fazer você mesmo com:

a mulher vai
a mulher pensa
a mulher quer

Angélica Freitas, nesses três poemas, ao final, reinverte a lógica e com certo humor, nos coloca diante do machismo, das estruturas patriarcais, da intolerância, da violência de gênero, do senso comum e do preconceito.



Argentina

Neste poema dividido em dez pequenas partes, vemos, mais uma vez, aquilo que o senso comum, que o esquema patriarcal, que as estruturas machistas esperam de uma mulher. E, mais uma vez, a lógica é invertida, às vezes de forma furiosa:

II.

os churrascos são de marte
e as saladas são de vênus

me dizia uma amiga que os churrascos
cabem aos homens porque são feitos
fora de casa

às mulheres as alfaces
às alfaces as mulheres

que alguém se rebele e diga
pela imediata mudança de hábitos

assar uma carne no forno
seria um paliativo não seria uma solução
que suem as lindas na frente da churrasqueira
e que piquem eles as folhas verdes



O livro rosa do coração dos trouxas

O último poema do livro, longo e dividido em 12 partes, nos coloca diante de situações corriqueiras e também nos confronta, outra vez, com o outro, com as experiências do outro, com a sexualidade do outro, com a falta de visibilidade, com a previsibilidade e falsa moral da sociedade:

V.

eu tive uma namorada
com superpoderes
de invisibilidade
e quando andava com ela
também era invisível



Considerações finais

Ao fim, temos acesso a uma obra que relativiza tudo aquilo que, por muito tempo, se passou por correto, por padrão, por estático, por estabelecido. Temos uma atmosfera entre o profanador e o feliz, que nos convida a fugir do que entendemos por poesia sensível e mergulhar nos disparos certos da autora, a partir dos conflitos do ontem, do hoje e do amanhã.

Angélica Freitas, 2019.

Autor: Kritzolina



“É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo.”

O avesso da pele

(2020)

Jeferson Tenório



O avesso da pele

(2020)

Jeferson Tenório

por *Rodrigo Bentancurt*



Vida e obra

Jeferson Tenório nasceu no Rio de Janeiro em 1977, mas desde a década de 1990 vive no Rio Grande do Sul, onde se graduou em Letras Luso-africanas pela UFRGS e é doutor em Teoria Literária pela PUCRS. Trabalha temas como Colonialismo e Pós-colonialismo e é professor na rede pública de ensino em Porto Alegre.

Tenório começou a escrever em função das abordagens policiais frequentes que pessoas afro-brasileiras sofrem no Brasil, sobretudo no Sul do país. Dessa maneira, o autor busca escancarar o racismo estrutural que permeia a sociedade brasileira. Essas marcas aparecem em suas obras, pois tratam de pessoas negras que saíram do RJ e vieram para Porto Alegre e enfrentam a truculência policial e a carência afetiva.

Estreou na literatura em 2013 com o romance *Beijo na parede*; em 2018 publicou *Estela sem Deus* e, em 2020 a obra-prima *O avesso da pele*, ganhador do Prêmio Jabuti de melhor livro daquele ano.

Em 2024 acontece uma polêmica em torno do livro *O avesso da pele*. A diretora de uma escola estadual da cidade de Santa Cruz do Sul (RS) pede o recolhimento do livro, alegando “vulgaridade” e “vocabulário de baixo nível” da obra, que aborda temas como identidade e sexualidade. A partir de um vídeo postado pela diretora, outros estados pediram também o recolhimento da obra, que havia sido incluída no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) em 2022, na gestão do governo anterior. O pedido de recolhimento foi tomado como censura e diversos artistas se reuniram na defesa do romance de Jeferson Tenório, argumentando que se tratava de uma decisão que comprovava o racismo estrutural denunciado no livro.



Contexto histórico

Vivemos tempos de muita informação, mas de pouco conhecimento. Uma época em que a pluralidade é mais evidente, mas também discursos de ódio e discriminatórios saíram à superfície em que estavam soterrados. Assim sendo, Jeferson Tenório viveu na pele, literalmente, todo o racismo estrutural que assola os países sul-americanos, sobretudo o Brasil, buscando representar ficcionalmente em suas obras toda essa base de experiência humana marcada por uma identidade negra.

Não à toa que o interesse de Tenório como acadêmico e intelectual está ligado a teorias como Pós-Colonialismo e Diáspora Africana. O Pós-Colonialismo trata dos efeitos políticos, filosóficos, literários, etc. deixados em países que sofreram o processo de colonização. Já a Diáspora Africana é um conjunto de teorias que trata do fenômeno histórico e sociocultural que ocorreu em países não africanos com imigração forçada que ocorreu com finalidade escravagista durante a Idade Moderna e o século XIX. Essa situação gerou além da marginalização social da população de origem africana um cerceamento da sua identidade. Assim todas essas questões histórico-culturais se entranharam em nossa sociedade e estão na base das narrativas de Tenório, especialmente em *O avesso da pele*.



O avesso da pele: violência física e simbólica naturalizada em uma sociedade estruturalmente racista

A narrativa de *O avesso da pele* é frenética. Uma história encadeia-se a outra, dando um ritmo acelerado ao romance. O narrador vai de um fato presente de um personagem para o passado de outro com uma naturalidade incrível, apontando um arcabouço de fatos que são constantes com a população afro-descendente no Brasil.

Além disso há um outro recurso interessantíssimo: como a obra trata sobre a morte do pai do narrador e este procura reconstruir as memórias de seu pai a partir de uma série de objetos deixados no apartamento paterno, o livro é narrado na maior parte do tempo em **2ª pessoa** por um narrador de **1ª pessoa**. Isto é, o narrador, um rapaz de 22 anos, fala diretamente ao pai morto, tratando-o por você: “Hoje, prefiro pensar que você partiu para regressar a mim. Eu não queria apenas a sua ausência como legado”, p.13). A singularidade dessa narração também reside no fato de o narrador em 1ª pessoa ter onisciência total, reconstruindo os pensamentos de todos os personagens. Isso acontece, pois, como o narrador nos explica ao final da obra, ele está tentando recriar o

universo da vida de seu pai não com certezas, mas com as possibilidades, ou seja, ele não conta as coisas como elas são, mas como elas poderiam ter sido.

Outro recurso técnico que chama a atenção no livro é o fato de os personagens, apesar de terem seus nomes ditos em algum momento, quase nunca são nomeados. O narrador, por exemplo, chama-se Pedro, mas isso só vai se saber pela metade da obra, quando ele reproduz um diálogo em que alguém o chama pelo nome. O pai do narrador, quase todo o tempo chamado de você, é Henrique o que também aparece apenas uma ou duas vezes; fato que se repete com a mãe do narrador, tratada simplesmente como mãe, chama-se Martha. Atentem para esse fato, pois isto será retomado na análise crítica da obra.

O livro é dividido em quatro partes, cada uma com número de capítulos variáveis: A pele (3 capítulos); O avesso (14 capítulos); De volta a São Petersburgo (5 capítulos); e A barca (11 capítulos curtos, de uma página e meia ou duas em média). E para que o estudante acompanhe de maneira didática, separamos o resumo da obra por capítulos.

A PELE	
Cap. 1	O narrador fala com o pai que morreu, está no apartamento dele. O pai era filho de Ogum e professor e, partir dos objetos do pai, vai narrar a história de quem ele era antes de morrer (metalinguagem).
Cap. 2	<p>Aos 30 anos o pai dava aula numa escola pública de periferia de Porto Alegre, tenta se fazer de durão, mas não consegue. Aos 18 anos foi dispensado do quartel, pois tinha uma úlcera, era virgem e pesava 43 kg. Aos 14 anos, na parada de ônibus em Copacabana, foi confundido com um ladrão e espancado, depois de correr para dentro de uma igreja Assembleia de Deus, por uns rapazes que achavam que ele era o ladrão de um assalto nas proximidades. Nesse dia foi salvo pelo Pastor, quando iam lhe atirar e foi a primeira vez que foi preso. E ser confundido com ladrão passou a fazer parte da trajetória dele.</p> <p>Cursou letras, a escola o aborrece, a maioria das coisas importantes da vida foram decididas como se fossem alheias à sua vontade. Trabalhou como Office Boy num escritório de advocacia em Porto Alegre para pagar a faculdade com 19 anos. O advogado que o contrata, Bruno Fragoso, diz que não gosta de negros, porque foi roubado pelos seus caseiros negros, mas iria lhe dar uma chance para salvá-lo das drogas e da violência. O pai do narrador nasceu em 1971, depois de um ano de namoro dos pais (avós do narrador), uma caixa e um fiscal de mercado em Bangu, RJ.</p> <p>O melhor amigo do pai do narrador é Juarez, branco, que lhe conseguiu o emprego no escritório. Juarez veio do interior, filho de uma família pobre, depois que sua mãe morreu, seu pai se casou com uma bugra, e a cidade teve preconceito, então Juarez e os irmãos vão para Porto Alegre. O irmão de Juarez começa a vender drogas, porque não quer mais passar fome na vida, Juarez também vende drogas.</p>

<p>Cap. 3</p>	<p>O narrador não entende como seu pai e sua mãe se casaram, pois não se amavam o suficiente e se machucavam mutuamente. A mãe do narrador passou a observar seu pai (você) quando ele começou a namorar uma branca na faculdade, Suellen, vinda de Santa Maria. Antes o pai já namorara Juliana, uma ruiva, que conheceu nos bailes que frequentava com o amigo Juarez. O pai do narrador não entendia que os olhares na rua eram racistas, por ser um negro com uma branca. Os amigos e os familiares de Juliana contavam piada e reforçavam estereótipos, assim a questão racial começou a fazer parte do dia a dia do casal, que, na hora do sexo, falava coisas picantes “chupa tua branquinha”, “chupa teu negão”. A família do pai do narrador não gosta muito de Juliana, uma “branquela sem graça”, menos a mãe que pensa que o neto nascerá com “cabelo bom e traços mais finos”. Luara, irmã do pai do narrador, percebeu que os homens brancos não a olhavam e, se o faziam, era por simples fetiche e começou a combater o mundo branco.</p> <p>Então, no cursinho para pessoas negras mantido por uma ONG ligada à igreja, o pai do narrador toma consciência do racismo, quando, conheceu o professor de Literatura Oliveira, negro de barba e black power, que falava sobre racismo, mostrou como a questão de superioridade de raças foi forjada ao longo da história, falou sobre Malcolm X e Martin Luther King. O pai está com raiva agora dos comentários racistas dos parentes de Juliana. Fala para a namorada que não quer mais conviver com aquele bando de racistas, ela se ofende, trocam insultos e terminam, mas ele a amava. Com Suellen ele já tinha a experiência de ter namorado com uma branca e não gostava dela, o que facilitou as coisas com a mãe do narrador. O pai do narrador se chama Henrique, e é apenas no terceiro capítulo que aparece pela primeira vez o nome desse personagem.</p>
----------------------	---

O AVESSO

<p>Cap. 1</p>	<p>Fala do seu nascimento, o narrador tem 22 anos. Os pais o conceberam quando estavam separados, em uma noite de reconciliação. O pai pensou em fugir, mas sentiria remorso, a mãe do narrador, Martha, foi adotada com 12 anos de idade, depois que sua mãe, bêbada, morreu atropelada, e seu pai, alcoólatra também, morreu de um ataque do coração. A mãe do narrador fica com seus irmãos por um tempo na casa de tia materna Julieta. Depois é adotada por Madalena, mãe solo de Flora. A mãe adotiva passa num concurso em Santa Catarina, e mudam-se para lá. Madalena é professora de Sociologia no Estado, não gosta de dar aulas. As três, Madalena, Flora e Martha vivem uma vida simples. As meninas têm a mesma idade e se tornarão amigas. Ambas têm em comum a ausência do pai.</p>
----------------------	---

<p>Cap. 2</p>	<p>O narrador encontra uma foto em que estão o pai, a mãe e ele com uns dois anos. O pai escutou do terapeuta que teria de aguentar firme e não abandonar uma criança tão pequena. A mãe já estava arrependida também de ter tido um filho e tinha um ciúme enorme do pai. A mãe teve o primeiro surto de ciúmes ainda na faculdade quando viu o pai conversando com Suellen, a ex. O pai entendeu que deveria se anular pela mãe do narrador e que ela se anularia e viveriam numa ilha. Mas as restrições começaram a cansar e as brigas eram muito feias, com palavras rudes. Quando o pai sai de casa, depois de casado, por uma briga de ciúmes, reflete sobre a vida a dois. Quando eles voltam, a mãe coloca na cabeça que quer ser mãe, para ter um abrigo contra a solidão.</p>
----------------------	--

Cap. 3	Flora e a mãe do narrador não se dão bem ao começo, um dia chegam às vias de fato, então Madalena as coloca para o lado de fora da casa até que se pedissem desculpas, cai uma chuvarada e a mãe do narrador quase morre. A partir desse dia, as coisas passam a mudar. Flora pergunta a Martha, por que sua pele é escura, Madalena explica que porque seus pais eram negros e diz que a cor da pele não importa. A partir desse dia Martha, que até então era apenas Martha ou Marthinha, passou a ser Martha e negra. Quando tinha 13 anos, a mãe do narrador ouviu de um velho que tinha idade para ser seu avô, na praia, que era uma “mulatinha gostosa”. Passou a cobrir-se o máximo que pode. Um dia as meninas tentam chegar à nascente de uma cachoeira, Flora quebra a perna e se perde. Madalena pensa que tipo de mãe era, pensa em falar com o homem, Rubão, a quem propôs uma transa para engravidar, mas não o chamou e a partir dali as três viraram uma família.
Cap. 4	O nome do narrador é Pedro, e só agora seu nome aparece. Lembra-se de quando tinha 9 anos e o pai lhe perguntou se ele sabia quem era Deus, o narrador disse que não sabia, então o pai pediu que nunca dissesse que não sabia, mas que pensaria sobre. O pai, à medida que o narrador crescia, lhe fazia perguntas mais complexas, estava lhe preparando para a vida, pois lhe disse que um dia a cor da pele atravessaria seu corpo e ele teria que preservar o avesso, um lugar só seu onde guarda os afetos.
Cap. 5	Na adolescência, a mãe do narrador tem como melhor amiga Lúcia, elas fumam cigarro e maconha juntas. A mãe do narrador e Madalena passam a ter uma relação conflituosa, por isso a mãe passa cada vez menos no Ranchinho (assim chamavam a sua casa num morro em Santa Catarina). Ela conversa com Flora que quer estudar, sair daquele fim de mundo. A mãe do narrador começa a namorar com Vitinho, um rapaz bom, trabalhador, cujo pai é dono de um armazém no Morro das Pedras, onde ficava o Ranchinho. Ela perde a virgindade com ele depois de 6 meses de namoro.
Cap. 6	Um dia você (o pai), recebe a notícia da morte do seu pai (avô do narrador). O pai do narrador não via seu pai há algum tempo. Pediu licença na escola e foi de ônibus ao RJ. O pai do narrador tem uma meia-irmã, Isabel. Depois da morte de seu pai, o pai do narrador passa a pensar na própria morte. O vô do narrador sumiu no mundo quando o pai do narrador tinha 1 ano, então ele foi criado pela mãe numa espécie de solidão mútua. O pai do narrador era maltratado na creche quando criança. O narrador conhece a sobrinha, Letícia, que o pai acha muito parecida com o narrador.
Cap. 7	O narrador não entende como seus pais o deixaram vir ao mundo, se eram tão desequilibrados. O ginecologista da mãe disse que 35 anos eram uma idade crucial para se ter um filho e isso pesou. O sexo aproxima o casal, já que eles se entendem na cama. Na maior separação deles, 4 meses, transaram com outras pessoas, mas se sentiram vazios. O discurso racial também os afasta, pois a mãe, criada por pessoas não negras, individualiza um problema estrutural e não compactua com a ideia de que tudo se resume à raça.
Cap. 8	A mãe do narrador passou a viver junto com Vítor. Dona Maria, mãe do Vítinho, dizia que uma morena como a mãe do narrador podia limpar a casa e deveria gritar menos durante o sexo, que as pretas eram assim, mas ali era uma casa de respeito. A mãe (Martha) e Vítinho moravam no terreno dos sogros, com a casa ao fundo. A dona Maria a tratava como empregada da casa. A mãe fala com Vítor para se mudarem dali, ele desconversa.

<p>Cap. 9</p>	<p>O pai e mãe do narrador, por iniciativa dela, começam terapia de casal, com os terapeutas Jane e Reinaldo. Eles um dia encontram a Jane bêbada em um bar em Torres, brigando com o garçom. O pai tinha 32 anos quando tentaram a terapia. Ele não acreditava naquilo, já a mãe achava, por sua vez, que era a salvação do casamento. Quando criança, a avó do narrador achou que o filho tivesse autismo, pois falava pouco, mas era a sua pele que o transformara em acanhado, pelos conselhos que sempre ouviu: “não fale alto que brancos se assustam; não faça movimentos bruscos numa abordagem policial; ande sempre com documento; não ande muito tempo atrás de um branco; tenha sempre um emprego.” Depois da sessão de terapia, eles brigam feio, mas o pai tem medo, ao lembrar da história de Francisco, um colega seu, que Martha se suicide. Ele sobe ao apartamento, e eles transam loucamente.</p>
<p>Cap. 10</p>	<p>O pai do narrador chega a Porto Alegre nos meados dos 80 para morar com a avó de Henrique (pai do narrador), Julieta. A mãe de Henrique nunca se deu com a vó dele, foi para o RJ com 16 anos, depois de uma briga. Quando o pai de Henrique a abandonou, ela volta a POA e ambas passam discutindo. Moravam em um bairro violento e a violência também se repetia dentro de casa. Os domingos, com os tios e primos, eram de bebedeiras e discussões entre os adultos. A prima Violeta tinha 13 anos e o obrigava a beijá-la na boca, beija seu pinto e mandava que ele beijasse sua “piriquita”, senão inventaria histórias sobre ele. O tio Zé Carlos era policial civil, orgulho da vó Julieta, mas era corrupto. Num domingo, sua mulher, Sônia, descobriu que ele a traía, pegou uma faca, ele pegou uma arma e deu um tiro no chão. O pai do narrador entrou em pânico, a violência o paralisava. No outro dia, na aula de ciências, quando o professor diz que um dia o sol vai explodir, o pai do narrador, ainda traumatizado pelo tiro, tem sua primeira crise de ansiedade.</p>
<p>Cap. 11</p>	<p>Um dia Vítor cheirou cocaína, bebeu, bateu em Martha, perguntou onde ela aprendeu a transar como uma prostituta. A mãe do narrador disse que ia embora, Vitinho se desculpou, jurou não fazer isso nunca mais, e Martha seguiu em casa.</p>
<p>Cap. 12</p>	<p>O narrador passou por cotas na faculdade de arquitetura, que tinha poucos negros. Entre eles estava Mauro, que lhe apresentou Saharienne. Conversaram. Ela era inteligente, falou sobre o filme “Os incompreendidos”, de Truffaut, que seu pai já havia lhe dito haver se emocionado assistindo. Quando o narrador olhou, pensou em ligar para o pai, para lhe falar sobre as impressões acerca do filme. Ele convida timidamente Saharienne para ir ao cinema, ela aceita, deixando o narrador emocionado. No cinema conversam, Pedro (o narrador) pensa que não tem uma boa relação com a mãe e que ela é um mistério para ele, embora isso lhe pareça injusto. Ele e Saharienne não se encostam, o narrador é tímido, não sabe se fica emocionado ou decepcionado com o encontro. Ele perdeu a virgindade aos 17 com Tamires, uma menina negra de 15 do seu colégio. Os dois sem tirar completamente a roupa e ele muito desajeitado com a camisinha. Os pais de Saharienne gostam de Pedro e ele passa a frequentar a casa dela, mas não consegue ultrapassar a barreira da amizade, então liga para o pai para pedir conselhos, marcam um almoço, só que o pai morrerá dias depois. Ele vai entregar uma carta a Saharienne. E a conselho de seu pai será um capítulo do livro, “Jogo da Amarelinha”, do Cortázar, mas ela chega em casa acompanhada de um rapaz bonito, Mohamed e sai logo em seguida. Ele amassa a carta.</p>

Cap. 13	Vítor se tornou mais agressivo, inclusive com os pais. A mãe do narrador teve que sair da casa e voltou para a casa de Madalena e, meses depois, voltou para Porto Alegre, onde se sentia uma estrangeira. Frequentou um cursinho graças a uma bolsa e depois entrou em uma pequena faculdade de POA.
----------------	---

Cap. 14	Os pais do narrador se separam quando ele tinha menos de 1 ano. Durante a gravidez foi tudo harmônico entre o casal, mas bastou Pedro nascer para que o instinto de superproteção da mãe transformasse a vida deles num inferno. Um dia, a mãe ameaça o pai com uma faca e ele sai de casa pra sempre. Daí começaram infinitas discussões, brigas judiciais e ambos tiveram uma série de namorados e namoradas sem conseguir ter um relacionamento efetivo. Depois que o narrador cresce, o pai tem conversas mais intelectuais e menos afetivas, enquanto a mãe o sufocava.
----------------	--

DE VOLTA A SÃO PETESBURGO

Cap. 1	O narrador nunca quis ser professor, pois sempre via o pai absorto na correção de provas e de redações. As entregas de notas eram complicadas, o narrador versa sobre situações difíceis nesses momentos. A escola transformou o pai do narrador em um indiferente.
---------------	---

Cap. 2	No último ano de vida, o pai do narrador começou a dar aulas no EJA noturno. Ninguém prestava atenção, havia brigas na sala, pois alguns alunos eram suspeitos de estar envolvidos com o tráfico. O pai do narrador desistiu.
---------------	---

Cap. 3	Elisa foi o último amor do pai do narrador. Ele se jogou de cabeça nesse relacionamento. Ela era casada há 20 anos, tinha 55. Tinha tido câncer de mama e não tinha um seio. Desde que retirou a mama, o marido não a tocava. Ela nunca havia traído o marido, e eles tiveram uma noite de sexo selvagem.
---------------	---

Cap. 4	Em 21/08/16, aos 50 anos, o pai do narrador foi abordado pela polícia, enquanto esperava, na frente de seu prédio, a carona para ir à escola. No caminho, ele vai se recordando de todas as abordagens que sofreu ao longo da vida. Lembra da vez que a polícia o mandou descer do ônibus, enquanto lia "Crime e Castigo".
---------------	--

Cap. 5	Com 20 anos de magistério, semanas antes de morrer, a escola está horrível e a dor de ter perdido Elisa é insuportável. O pai do narrador bebe todos os dias para aguentar melhor a perda.
---------------	--

A BARCA

Cap. 1	Um policial acorda para urinar de madrugada e percebe que tem alguém assaltando a casa, pega o revólver e vê dois homens negros no telhado da casa ao lado e escuta um barulho na área de serviço.
---------------	--

Cap. 2	Quando o pai do narrador chega na sala de aula, os alunos estão conversando sobre um cara que matou outro. O pai diz que conhece uma pessoa que matou dois caras e vai trazê-lo para conversar com eles na próxima semana. Os alunos começam a prestar atenção na aula e o pai do narrador dá uma aula sobre Drummond que os alunos adoram.
---------------	---

Cap. 3	Os homens entram no apartamento, apontam para o policial e dizem que querem sua esposa e seus filhos. O policial acorda com a esposa sacudindo-o. É a terceira noite que tem o pesadelo de homens negros invadindo seu apartamento.
Cap. 4	O pai do narrador leva trechos de “Crime e castigo”, de Dostoiévski. Ele vai dramatizando os assassinatos de Raskólnikov, os alunos ficam hipnotizados.
Cap. 5	Desde que mataram o cabo Maicon, os policiais têm feito incursões no Bairro Bom Jesus. Chamam a viatura de barca. Segundo o cabo Almeida é para abordar todos os vagabundos. O policial tem esses pesadelos desde o assassinato do cabo Maicon.
Cap. 6	Peterson, um aluno, pergunta ao pai do narrador por que Raskólnikov se arrependeu, pois bandidos não se arrependem e disse que a aula havia sido muito boa. Falam sobre arrependimento. Peterson precisa procurar emprego.
Cap. 7	Os policiais fazem diversas abordagens na vila. Reclamam dos Direitos Humanos. À noite, o policial volta para a casa. Às 3 da manhã levanta para urinar e escuta barulhos.
Cap. 8	O pai do narrador estava feliz depois da aula de Dostoiévski, pensava em levar Kafka, Virginia Woolf para aula. Não percebeu quando a viatura parou ao seu lado. Os policiais estavam nervosos, mandaram você (pai) parar, mas ele não escutou ou não quis escutar. Estava feliz com a aula, abriu a pasta, os policiais mandaram-no largar a pasta. Mas ele seguiu. O primeiro tiro foi no ombro, o segundo no peito, o terceiro e certo, dado pelo policial dos pesadelos, foi na cabeça.
Cap. 9	No enterro, havia pessoas diversas: alunos, ex-alunos, colegas. A mãe do narrador não quis ir. Depois da morte do pai, o narrador passou a conviver mais com as tias, principalmente Luara, que era retinta, e por isso despertava olhares, numa cidade racista como Porto Alegre. O narrador era mais claro que a mãe e o pai, talvez por isso só tenha sido abordado duas vezes pela polícia. A tia fala sobre a diferença de violência que sofrem os homens e as mulheres negras.
Cap. 10	O narrador diz que inventou esta história como forma de consolo. Sabe que os policiais estão livres e que nunca saberão o que havia por debaixo da pele do pai do narrador. Um corpo negro no Sul é sempre um risco.
Cap. 11	Por mais que os negros sejam os que mais morrem com arma de fogo, nunca parece, segundo o narrador, que vai acontecer com alguém tão próximo. Depois da tragédia, é muito difícil continuar a levar uma vida normal. O narrador, quando a tia Luara lhe ligou dando a notícia, não sabia o que fazer, não tinha repertório sentimental para isso. O narrador reconhece o corpo do pai no DML. Agora sai do apartamento do pai, levando Ogum enrolado e vai para o Guaíba.

Comentário crítico


Percebemos que o narrador, embora em primeira pessoa, narrando em segunda, tem a onisciência plena das terceiras, sendo assim nos remete a uma impressão de totalidade do universo da violência sofrida pela população preta no Brasil. Percebemos que a maior parte do livro esse universo é a família do narrador, que representa um microcosmo de toda a população afrodescendente que é vítima de racismo físico e simbólico ao longo da trama. Apenas na última parte da obra, “A barca”, há a expansão para pessoas de fora do universo familiar, que é o policial que acertará um tiro na cabeça de Henrique, pai do narrador, fazendo com que toda a tensão narrativa se concentre nesse acontecimento culminante, que é a morte. Isto é, o racismo físico e simbólico leva à morte da população negra no país.

Outro fato marcante é que os personagens, apesar de terem nome, raramente são nomeados. Os graus de parentesco é que destacam os personagens (pai, mãe, pai do pai, mãe da mãe, etc.), muitas vezes levando à confusão do leitor que deve ficar atento para entender sobre quem se fala. Mas isso não é fortuito, pois mostra que esses acontecimentos podem ser com qualquer um, ou melhor, com todos os sujeitos pretos em um país em que o racismo estrutural impera.

E para finalizar, no que tange à linguagem, é coloquial, com a utilização de baixo-calão em diversos momentos. Só que o palavrão não é usado de graça, mas para enfatizar momentos em que outro recurso afastaria a verossimilhança da narrativa.

REFERÊNCIA

TENÓRIO, Jeferson. O avesso da pele. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

The page is framed by black silhouettes of leaves and stems, arranged in a circular pattern around the central text. The leaves are of various shapes and sizes, some pointing upwards and others downwards, creating a sense of movement and organic form.

“... ainda bem que os seres humanos sabem escrever, incluindo nós, os seres humanos da periferia. Há histórias que só nós sabemos que acontecem, que só nós vimos e que só nós sabemos contar”.

Mas em que mundo tu vive?
(José Falero, p. 156)

Mas em que mundo tu vive?

(2021)

José Falero
Crônicas

Mas em que mundo tu vive?

(2021)

José Falero

por *Luiza Casanova*



Considerações sobre esse resumo

Este resumo abordará a obra *Mas em que mundo tu vive?*, de autoria do escritor gaúcho José Falero, enquanto totalidade temática, e apresentará a análise das crônicas da obra, para melhor entendermos a escrita do autor e as problemáticas trazidas a tona no livro em questão.



O autor

José Falero nasceu em Porto Alegre em 1987. De origem periférica, é mais conhecido pelo seu livro *Os Supridores* (2020), romance que problematiza questões sociais com base em autores como Karl Marx.

Foi finalista do Prêmio Jabuti em 2022, com a obra “Mas em que mundo tu vive?” e foi ganhador do Prêmio AGES 2021 com a obra “Os supridores”, como livro do ano.

Falero iniciou na literatura com *Vila Sapo*, livro de contos. Entre outros assuntos, os contos abordam a violência policial nas periferias. *Os Supridores*, sua terceira publicação, seu primeiro romance. *Mas em que Mundo tu Vive?* foi publicado em 2021. Com uma linguagem altamente informal, aborda temas como racismo, pobreza e as injustiças sofridas por trabalhadores assalariados



O livro

Dividido em 4 partes (*Assalariados*, *Em construção*, *Branco é a vó* e *Entre as tripas e a razão*), temos acesso aos mundos, aos sujeitos, aos conflitos, as ruas, as línguas e aos sentimentos que fazem parte do nosso cotidiano.

Mas em que mundo tu vive? Reúne crônicas que foram publicadas originalmente na revista digital *Parêntese*, e extrapolam os limites do gênero, misturando ensaio, ficção e memórias.



O NOSSO MUNDO:

Neste livro de crônicas, temos acesso a questões de identidade, sociais, políticas, raciais e etc. Temáticas altamente importantes e essenciais para pensarmos nosso mundo são trazidas por um ponto de vista crítico, que escancara nossas falhas enquanto sujeitos sociais, nossos preconceitos mais enraizados, nosso senso comum e nossas fragilidades humanas.

Aqui, com uma linguagem informal que mescla domínio estético com domínio plástico e com domínio de consciência de classe, temos a oportunidade de adentrar em narrativas bastante poéticas e ao mesmo tempo muito críticas, sobre um cotidiano violento, desigual, discriminatório e também esperançoso.

Com referências a autores clássicos e contemporâneos e, principalmente, à artistas da música como: Cartola, Racionais MC's, Bee Gees, Mário Sérgio e Grupo Fundo de Quintal, nos vemos frente a reflexões sobre a realidade, sobre a sociedade brasileira, sobre a periferia, sobre memórias de infância e da juventude.

Falero domina a arte do diálogo e mistura norma culta com crítica afiada e gírias, observando de forma muito sensível a vida que o cerca e cerca todos nós.

1. Assalariados:

Nas 13 crônicas desta parte, temos imagens de um mundo injusto e cruel. Cruel com os seus e consigo mesmo. São homens e mulheres que se veem diante de um racismo diário, de violências diárias.

- ***Mas em que mundo tu vive?***

Nessa crônica, que dá nome ao livro, a crítica mordaz aparece em cenas de um cotidiano desigual e vil: trabalhadores tendo que carregar sacos e mais

sacos de cimento abaixo de sol, sem as mínimas condições. O próprio leitor é convidado a estar mais perto dessas imagens, quando é questionado se já carregou cimento nas costas. Toda essa crueldade é trazida com ironia também, e nos faz refletir sobre as injustiças escancaradas ano após ano em nosso país.

- ***Uma vitória pra tua gente***

Aqui, o autor nos coloca dentro de um ônibus que viaja da periferia ao centro de Porto Alegre, enquanto faz uma reflexão sobre a vida, sobre os abismos sociais entre periferia e centro. Com emoção e sensibilidade, somos colocados frente aos desejos, sonhos e memórias de um sujeito que, ao fim, assiste a uma formatura de ensino médio de uma escola com alunos em vulnerabilidade social, e então se alegra com a vitória da sua gente.

- ***Boas festas***

Nessa crônica, há uma crítica em relação a nossa hipocrisia diária, a reflexão mordaz sobre nossa capacidade de ver pessoas em situação de rua, que passam fome, frio, sede e, ainda assim, sermos capazes de desejar boas festas pra alguém, no final do ano, mesmo sabendo que há seres que não tem onde dormir.

Falero nos põe frente a frente a uma sociedade doente e indecente, que vai de mal a pior e que, por isso, muitas vezes, até mesmo a alegria é algo obscuro.

- ***Alegria***

Em um emprego em que trabalhou como palhaço, acompanhamos esse sujeito que volta pra casa após uma jornada exaustiva e sente fome. Ao entrar em um estabelecimento para comprar algo para comer, descobre que entrou, na verdade, em um bar clandestino onde embalavam drogas. O medo toma conta do trabalhador, que agora fabula sobre alegrias que o fazem querer continuar vivo e, para sua surpresa, ao chegar em casa, ouve um samba de Cartola, pela primeira vez, sobre a alegria.

- ***Insônia***

Aqui, uma mescla de histórias são contadas, todas elas sobre injustiças: dois ladrões que tentam roubar meninos periféricos, uma jovem de classe média que não enxerga seus privilégios, a invisibilidade das pessoas periféricas na sociedade.

- ***Para não enlouquecer***

Um elogio ao ato de fabular é o mote dessa crônica. Não sabemos que a situação narrada foi um delírio, um pensamento, uma alucinação. Uma lagartixa e uma aranha são observadas no teto de uma casa, sem sabermos se aquilo foi ou não vivido. Mas algo sabemos: da necessidade de fabular.

- ***Assalariados***

Ajudantes de gesseiros são obrigados a vivenciar, no local de trabalho, uma família de classe alta, vociferar absurdos sobre pessoas assalariadas, e se darem conta, mais uma vez, da sua invisibilidade e desimportância para algumas classes sociais.

- ***Eu e os outros cocô tudo***

Ainda dentro da temática sobre trabalho, um funcionário é obrigado a trabalhar em regime análogo a escravidão. Até que decide jogar tudo para o alto. Mas essa decisão não vem acompanhada de alívio e, sim, de tristeza e de dor, por saber que seus problemas seguirão assim que chegar em casa.

- ***De volta para o campus***

Depois de já ter trabalhado no campus da UFRGS, vemos um jovem que sente vergonha de andar pela universidade todo sujo de argamassa, que se sente hostilizado por olhares constantes. Até que resolve assistir a um curso sobre literatura marginal na mesma universidade e se comove muito com o que foi dito lá. Até que, conclui, que só voltará naquele espaço na condição de palestrante.

- ***Dor de dono***

Funcionários de um supermercado de Porto Alegre são incentivados a bater em um vendedor de guarda-chuvas que furtou um pacote de bolachas, após a gerente explicar seu conceito de “Dor de dono”. Tal conceito consiste aquele em influenciar os funcionários a zelar pelos bens de seu patrão e bater em alguém que passa tanta dificuldade quanto eles mesmos.

- ***AVC***

Um senhor idoso é roubado por uma criança em um bar enquanto tem um AVC. O dono do bar tenta pegar a criança e passantes saqueiam o bar vazio. Uma sequência de desastres sociais, enquanto o senhor é lambido por um cachorro, o único que tenta reanimá-lo.

- ***Pá, pum***

Alguns meninos tentam roubar um morador de rua e um policial a paisana, dentro de um ônibus vê. O resultado não podia ser mais cruel: um dos meninos é morto à queima-roupa pelo policial e depois foge. O menino era um menino negro.

- ***Eu entendo quem desiste***

Um relato sensível de alguém que precisa fazer uma grande manobra para pagar passagens de ônibus, tirar fotos 3x4 para levar na escola, fazer cópias de papéis, se alimentar, e não consegue todas as coisas, pois não tem dinheiro suficiente e precisa escolher. Uma reflexão acerca da opção de desistir, frente ao impossível.



2. Em construção

Nesta parte, as 18 crônicas nos revelam racismos explícitos, racismos estruturais, racismos incrustados na sociedade. Além de reflexões sobre o mundo que nos cerca, com, mais uma vez, uma linguagem crítica e poética, fabulativa, plástica, estética e imagética.

- ***Redundância***

A partir de lembranças felizes ao lado do cachorro Urso, entramos em contato com um sujeito que se vê adulto e triste, e que chega a conclusão dessa redundância: a de crescer e ficar triste, enquanto a infância, na memória, é um lugar feliz, mesmo que na adversidade.

- ***A faxineira***

Aqui, o preconceito enraizado fica evidente: um menino que encontra uma mulher em uma parada de ônibus e os dois tornam-se amigos. O que nos é revelado, ao final, é: a partir de um estereótipo, pensou-se que essa mulher era faxineira, sendo que ela era uma professora. Por que: porque ela era uma mulher negra.

- ***Gre-Gre pra dizer Gregório***

Uma reflexão sobre falar a verdade. Nessa crônica, vemos um menino que é pego pela mãe fumando maconha e sabe que isso seria inaceitável. Só que a mãe desse garoto pensa que é cigarro, e ele se livra da conversa fatal. Ao fim, a reflexão: teria sido infinitamente melhor abrir o jogo. Ser honesto.

- ***Leite derramado***

Uma crônica carregada de humor e de diálogos, sobre consciência de classe. Amigos vindos da periferia conversam sobre um deles ter se apaixonado por uma menina rica. O que se segue é uma sequência de deboches e elucubrações de como seria esse relacionamento entre mundos tão desiguais.

- ***Passe livre***

Um cobrador de ônibus, em dia de passe livre na capital, e dia de ônibus lotados, passa a destratar uma senhora na condução. Meninos funkeiros ameaçam o cobrador. Vemos-nos diante de um medo paralisante: o de não defender alguém por receio de baixar o nível ou parecer deselegante. O que pode ser um passe livre para a violência.

- ***Amsterdam***

Um abismo separa pessoas de condições financeiras e sociais diferentes. Um abismo separa pessoas de zonas diferentes de uma mesma cidade. Alguns já tem câmeras fotográficas enquanto outros não tem nem sabonete em casa. Para algumas pessoas, algumas chances não aparecem por talento ou incompetência, mas apenas porque tem dinheiro.

- ***Em construção***

Um elogio às coisas simples da vida, àquelas que podem ser chamadas de ultrapassadas: tendência ao carinho e a empatia, por exemplo. Crianças brincando, banho de chuva, guerra de lama, o céu sem prédios, aprender coisas novas. Tudo isso dentro da periferia. Um elogio a nossa eterna construção: ninguém nunca está pronto, afinal.

- ***Perseguição***

Meninos são pegos fumando maconha num prédio da cidade baixa de Porto Alegre e se inicia uma perseguição pelo zelador. O que vemos é um relato engraçado sobre a sensação de medo e de pavor por aquele pai que sai em busca de culpados.

- ***Nego Pumba***

A emoção de rever, tempos depois, um amigo importante, um familiar, que acabou tomando um caminho mais cruel. A emoção de olhar para o passado e encontrar lá o alívio de quem salvou boas memórias junto dos seus.

- ***Excesso e exceções***

A quebra de um encanto infantil que acontece quando jovens são revistados pela polícia enquanto estão apenas brincando de se esconder. E a cena se repete na vida adulta: ao ser revistado pela polícia novamente, sem ter feito nada. Perder mais um pouco o encanto quando se é visto como ameaça somente pelo fato de existir.

- ***C98 e D43***

A lenda da existência ou não de uma linha de ônibus que circula pelos bairros periféricos de Porto Alegre, as falas preconceituosas de pessoas que moram no centro. Tudo o que é dito por quem não faz parte de um lugar e não faz questão nenhuma de olhar de forma sincera sobre esses lugares.

- ***O absurdo assado na brasa e metido no palito***

A formação de dois grupos rivais conta de uma vila na periferia de Porto Alegre e a vida das pessoas vira um inferno. O motivo é a desconfiança sobre o sumiço de gatos e cachorros do bairro que supostamente estariam sendo vendidos como churrasquinho no centro da cidade.

- ***“Sweet Child O’ Mine”: Primeira parte***

Irmãos passam a frequentar uma oficina de música que é oferecida na Lomba do Pinheiro mas, nesse primeiro momento, a atividade parece descolada da realidade de quem participa, pois é ministrada por um professor vindo do Bairro Bom Fim.

- ***“Sweet Child O’ Mine”: Segunda parte***

A sequência se dá quando o autor começa a se interessar pela oficina e ganha um cavaquinho de presente da mãe, com muito esforço mas, mesmo assim não quer participar da cerimônia final do curso. Assume, com emotividade, que ouviu pela primeira vez na vida que levava jeito para alguma coisa

- ***“Sweet Child O’ Mine”: Terceira parte***

Aqui, a memória da eterna presença do samba em sua vida toma conta: os desfiles das escolas de samba de Porto Alegre. É então que uma decisão é tomada: tocar em público pela primeira vez.

- **“Sweet Child O’ Mine”: Quarta parte**

É chegada a temporada da música. Uma criança toca com total destreza e talento, mas isso destoa frente a um espetáculo em um teatro no centro, regado a dinheiro e pessoas famosas da cidade.

- **“Sweet Child O’ Mine”: Quinta parte**

Amigos se distanciam, se separam e, aqui, também através da música. Tem gostos diferentes. Mas a vontade de Falero em seguir os estudos sobre música segue forte. A sensação de solidão e de não pertencimento também.

- **“Sweet Child O’ Mine”: Última parte**

Sentimento de não acolhimentos pelas tribos, guerra interior. São essas as sensações. O autor é perseguido pela polícia por quadras e quadras do bairro Cidade Baixa, e termina num show da banda dos antigos amigos, que tocam o solo da música “Sweet Child O’ Mine”. Isso aconteceu? Não aconteceu? Falero nos deixa a dúvida entre a existência daquele êxtase ou a sensação de tristeza e solidão.



3. Branco é a vó

Nas 12 crônicas desta parte, questões relacionadas a religião, literatura, política, fome, direito a cidade, pandemia, racismo e etc são abordadas e circulam entre os mais variados tipos de histórias e de memórias.

- ***Onde o filho chora e a mãe não vê***

A partir das imagens de um documentário sobre vida marinha e sobre baleias, há a reflexão sobre as marcas no corpo das baleias, causadas por polvos que vivem mergulhados nas profundezas das águas. Tais reflexões levam até as marcas deixadas nas vidas e nos corpos dos sujeitos periféricos, que vivem nas profundezas das cidades. E nessas profundezas existem histórias, existe música, existe literatura, e ela tem de ser vista, lida e respeitada.

- ***Revolução em curso***

A partir de uma música de Racionais MC's, Falero nos oferece uma reflexão sobre a arte literária, como melhor jeito de se conhecer um lugar e um povo. Além de ser um lugar de revolução, um lugar para romper com as tradições claudas, machistas, preconceituosas e que podem salvar, sim, as pessoas.

- ***Sobre o direito à cidade***

Um passeio por lugares importantes para a cidade de Porto Alegre como o prédio da ocupação Utopia e Luta, o restaurante Tudo pelo Social, a escadaria da Borges nos aproximam da ideia de que algumas pessoas não tem o direito à cidade, somente o direito de trabalhar nela.

- ***Fomes***

A reconstrução de uma mesa, ao lado da mãe, que foi consumida pelos cupins, nos leva a ver, naquele ato simples, um ato de cumplicidade e de fazer artístico. Um ato de resistência.

- ***Linha de risco***

Ao final de uma noite de aula, dois amigos sentem medo de voltar pra casa. Por motivos diferentes, mas sentem medo. A rua pode ser muito hostil por motivos opostos. Um pode sair correndo e o outro não, simplesmente por terem cores diferentes de pele.

- ***Branco é a vó***

Identidade racial é o mote principal dessa crônica. Uma criança é proibida de se matricular em uma escola no Maranhão por causa de seu cabelo, por exemplo. Pessoas são proibidas por terem sangue negro nas veias. Um pedido para que revejamos os nossos conceitos.

- ***Quarentena***

A partir da metáfora de um lance de futebol chamado Bola esticada, Falero nos leva a pensar sobre a quarentena que vivemos na pandemia. No jogo, é preciso estar no lugar certo e na hora certa para pegar a bola em um ponto futuro. Na pandemia estivemos no lugar certo e na hora certa, para num ponto futuro, podermos ter nos abraçado e dado carinhos aos nossos e a todos novamente.

- ***Um país dividido em dois***

Uma senhora que possui luz elétrica instalada em suas, chama a polícia para denunciar um homem que está fazendo um “gato” em sua residência e de seus vizinhos. Um país dividido em dois dentro de um país mais que também está dividido.

- ***Ateu, graças a deus***

Partindo de uma cena do cotidiano, em que uma senhora é ignorada pelo motorista do ônibus que espera, é feita uma reflexão sobre acreditar ou não em deus. A fé, aqui, aparece no canto dos pássaros, na amenidade, na felicidade sem exageros. Deus existindo ou não, é nesses momentos que o autor se sente mais próximo de Deus.

- ***A resistência***

Partindo de um episódio de Os Simpsons, nos vemos frente a um aviso de “não se queixe” e, então, a reflexão sobre meritocracia. Termos como perspectiva de classe e recortes sociais são abordados para, enfim, chegar a conclusão que a resistência não é de quem resiste todos os dias mas, sim, de quem não quer perder seus privilégios e protagonismos.

- ***Agora é que a cidade se organiza?***

Uma reflexão sobre política. Um homem é levado de casa por policiais que o torturam dentro da viatura, na periferia. Todos os dias há abuso de poder, pois a barbárie é coisa antiga. Ou seja: é hipócrita se levantar apenas quando não se concorda com um tipo de governo, com um lado, pois a tortura e a barbárie é praticada todos os dias nas periferias do país.

- ***Racista, não racista e antirracista***

Uma séria elaboração sobre conceitos que se desdobram a partir do racismo para pensar nos privilégios injustos que alguns tem. E que não basta não sermos racistas, é necessário sermos antirracistas. É necessário abrir mão de alguns privilégios para deixar de ser injusto.



4. Entre as tripas e a razão

Aqui, nessas últimas 15 crônicas de José Falero, questões existenciais tomam conta. Temos reflexões sobre o amor, a educação, a dificuldade de se enturmar. Tudo, mais uma vez, através de uma linguagem que nos prende por olhar para o cotidiano de um jeito crítico e ao mesmo tempo poético e perspicaz.

- ***Homem ou rato?***

O autor nos traz, nessa crônica, o relato de uma manhã em que tenta salvar um rato que está caído dentro do balde onde a água da torneira do banheiro pinga, pois está estragada e não tem jeito de conseguir consertar. O relato sensível e carregado de reflexões nos leva a pensar se há algum gigante disposto a nos salvar de dentro de nosso balde, assim como ele não foi capaz de salvar aquele animal.

- ***Caminho das letras***

A importância da leitura é o grande pensamento nessa crônica. Temos a formação de leitor do autor em questão em voga, os questionamentos sobre o mistério do funcionamento das letras que se juntam e seus sentidos, até chegar na paixão pelo videogame, pelo olhar de um menino que foi criado para o sonho.

Depois da fase musical, da fase desenhista e da fase gamer, chega a fase mais importante para Falero: a fase leitor. Por fim, com isso e partir disso, chega a fase escritor. Acompanhamos a chegada da consciência da vontade de ser escritor e a formação desse escritor.

- ***Campo minado***

A escola é mote dessa crônica. Situações ocorridas dentro de salas de aulas levam a reflexão sobre as diferenças entre capital cultural de professores e do capital cultural de alunos, especificamente alunos periféricos.

Aqui, a escola aparece como um campo minado, no modo como são estruturadas, e fica a diferença: não abandona-se os estudos, abandona-se a escola, enquanto instituição.

- ***O abraço***

Dois sujeitos oriundos do mesmo espaço social se encontram e se reconhecem em seus medos e incertezas. Mesmo estando, naquele momento, vivendo realidades diferentes, são capazes de dar um abraço e se entenderem em silêncio, de se saberem, os dois.

- ***Nascido pra cantar e sambar***

Carregado de lirismo, essa crônica faz um elogio à literatura e à música. Uma possibilidade de atingir o impensável. Uma ferramenta intelectual grandiosa. Vê-se, aqui, uma grande homenagem a Mario Sérgio, poeta e músico que foi importante para a formação de José Falero.

- ***Senhor de todos os músculos***

Aqui, temos uma reflexão sobre o sorriso, sobre a risada, sobre a gargalhada, esse ato que movimentava todos os músculos de nosso corpo. Falero traz a sua dificuldade de sorrir, pela vergonha que sente de seus dentes, e vai até o dia em que sorriu de verdade, com todos os músculos. Esse dia aconteceu durante a pandemia e aconteceu por um motivo: estava de máscara.

- ***Anseio e glória***

Um passeio que nos leva de Porto Alegre até Pelotas e de Pelotas até as origens de um povo. O autor se vê frente a pessoas reais, que fazem parte de sua história, que viveram momentos com seus familiares e sente-se pertencente.

- ***Eu tinha toda a razão***

Partindo da metáfora do buraco negro, esse que não é exatamente possível fotografar, Falero o aproxima do amor. O amor como algo que não se pode compreender totalmente, mas que existe, seja na afinidade, na cumplicidade, no bem-querer, e faz uma declaração de amor à distância.

- ***Dia D***

A memória de um dia fantástico em um parque aquático, onde um grupo de colegas foi de forma clandestina, após terem sido proibidos de entrar, pois foram proibidos pela escola, nos carrega por aventuras vividas intensamente por esses meninos. Mas a realidade foi implacável: no presente, esses amigos tomaram rumos cruéis: assassinados, presos, envolvidos no tráfico. Eles viviam já na infância uma guerra e não podiam imaginar.

- ***Pereba eterno***

Uma homenagem ao passado e ao que se viveu lá, mesmo que no presente tudo seja bastante difícil de ver. O autor brinda seu primo, que não está mais com ele, pelas lembranças e memórias bonitas que ficaram e que sempre ficarão, pois estamos aqui somente de passagem.

- ***Já me diverte***

Em um dia durante a pandemia, o autor precisa se deslocar dentro da cidade de Uber, mas não consegue fazer o que tinha que fazer. Na volta, ele reflete com o motorista de um taxi sobre trabalho e dificuldades. O motorista conta que carrega doces de uma amiga até uma família muito rica no bairro Moinhos de Vento, em Porto Alegre, e os dois acham absurdo o preço dos doces. Ao final,

concordam a que aquilo é uma loucura, mas há um pensamento: seria mais justo entrar nessa casa, pegar todos os doces, e levar pra distribuir entre a molecada da vila.

- ***Frente fria***

Falero encontra-se com um ex-colega de escola pelas ruas do bairro Cidade Baixa e estar naquele lugar só o leva a uma memória: a época em que morou no bairro por causa do trabalho do pai. Memórias veem a tona, ele imagina que a cada esquina pode reencontrar o pai, que nunca aparece, pois já faleceu.

- ***Entre as tripas e a razão***

Uma reflexão sobre escolhas que tomamos na vida, no calor da hora e que, posteriormente, tentamos justificar pela razão. O autor relata o dia que quebrou seu celular, através de uma carta para a namorada, e depois se arrepenheu, pois não teria mais como entrar em contato com ela, nem comprar um celular novo. Razão ou emoção, sabe-se que o coração faz festa quando ele pensa nela, mesmo impossibilitado de contato.

- ***As caixinhas***

A tentativa de parar de fumar não parece tão fácil quanto dizem. A ponto de Falero nos trazer o relato de quanto botou fogo em uma bola de papel no micro-ondas para ascender um cigarro, quando estava tentando parar. E essa história é lembrada quando ele vê na sua frente duas caixinhas que ainda não teve coragem de abrir: uma de chicletes de nicotina, outra de adesivos de nicotina.

- ***Uma derrota no cais Mauá***

Um relato de um sujeito com depressão que, trabalhando como supridor em um supermercado no centro da capital, tem dificuldades de socializar. Mas sabe jogar futebol. Então começa a jogar com seus colegas de supermercado. O time do autor vence sempre, absolutamente todas as vezes. Um dia, uma funcionária, se interessa por ele, e o mundo parece ruir. Quando ele decide mostrar interesse pela garota, ela está assistindo a um desses jogos, e acaba beijando um colega do time rival. Ganhar sempre parece muito chato, mas perder sempre é muito pior.

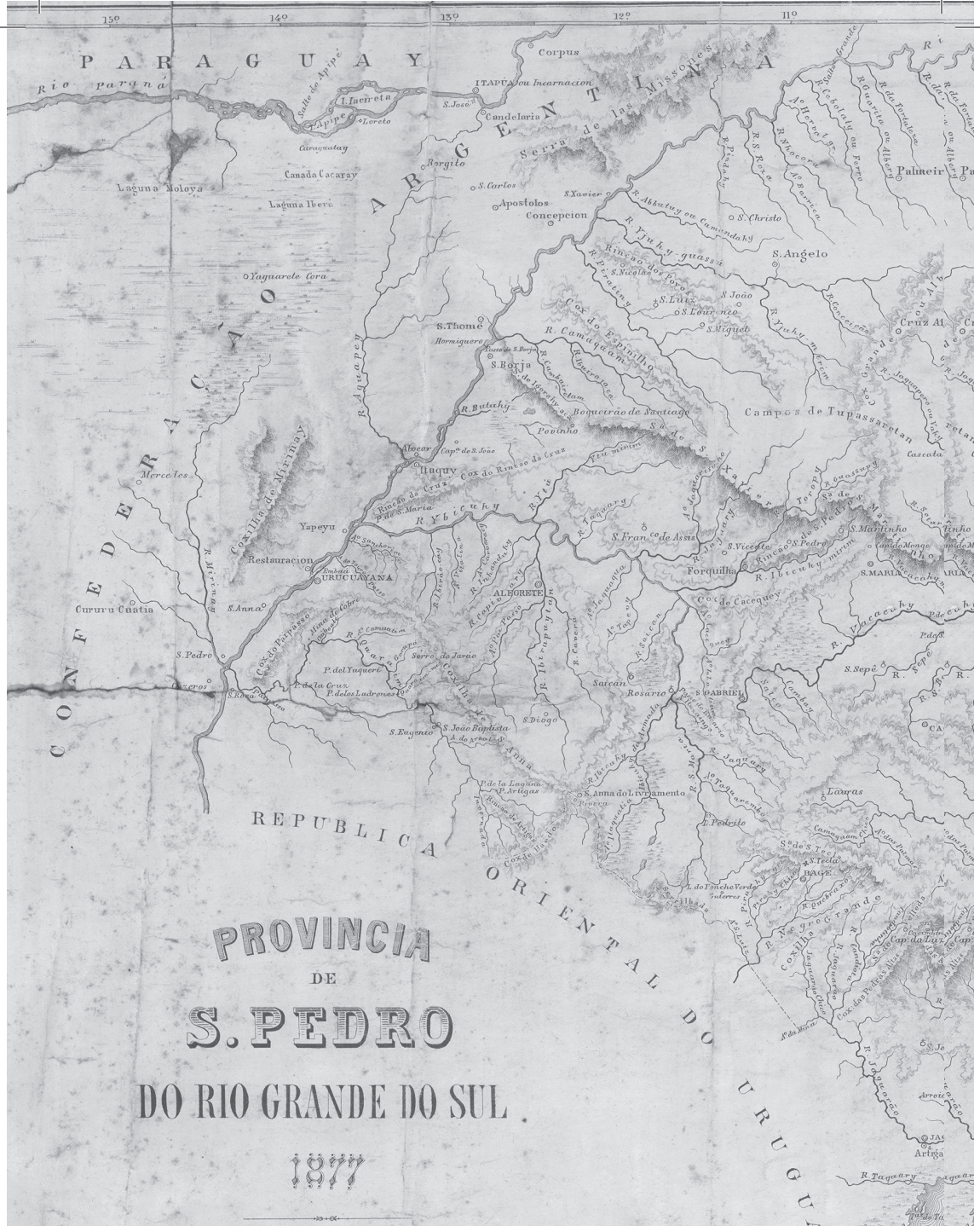


Considerações finais

Ao fim, podemos perceber que estivemos em contato com um autor do nosso mundo, que domina suas próprias vivências e sabe contar. Sua literatura é pulsante e nos coloca frente a uma realidade muitas vezes hostil, marcada pela violência, pelo abandono, pela discriminação e pela desigualdade.

Com essa prosa permeada de imagens tocantes e sensíveis, nos dá a oportunidade de ler, todos nós, a voz de quem quer contar sua história vivenciada na periferia e fora dela, e sabe contar sua história. Pode e deve contar.





Literatura sul-rio-grandense



Mapa Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, atual Estado do Rio Grande do Sul, 1877.

Autor: Arquivo Nacional

por **Zilmar Silva**

Literatura sul-rio-grandense

Zilmar Silva



“... Quase ano 2000/ Mas de repente avanço/ A mil e oitocentos e trinta e oito/ Eu digo avanço porque é claro/ Que os homens por ali/ Estão pra lá dos homens do ano 2000/ Oigalê! Que tal/ Sou o futuro imperfeito/ de um passado sem lugar/ Com a missão de olhar pra tudo/ E em tudo viajar/ Pra não ser só um cego/ Num espaço sem ar (...)/ E lá vamos nós/ Seguindo a frente fria/ Pampa a dentro e através/ Séculos XIX e XXI fundidos sob o céu/ Que estende tanta luz/ No campo rubro à meus pés/ Eu acho que é bem/ Eu indo ao Pampa/ o Pampa indo em mim”

Vitor Ramil. “Indo ao Pampa” - do “CD” Ramilonga - A Estética do frio

○ Romantismo (1836-1871)

A arte da burguesia em ascensão:

∞∞ arte popular, burguesa, libertária e nacionalista ∞∞

1. Contexto histórico: ascensão da burguesia; revoluções burguesas e populares; liberalismo econômico, político e social; fortalecimento do capitalismo; surgimento dos folhetins e de um novo público-leitor.

2. Surgimento: fins do século XVIII (Alemanha e Inglaterra). Tem seu apogeu na 1ª metade do século XIX.

3. Características centrais: individualismo; sentimentalismo; ilogicidade (idealização, fantasia, sonho); evasão (reco a infância, medievalismo/ nacionalismo, culto à natureza, obsessão pela morte); liberdade artística; satanismo.

4. No Brasil: arte identificada com a independência política (1822) buscou valorizar a paisagem natural e humana (indianismo). Nacionalismo ufanista. Teve sua delimitação entre 1836 e 1881. Sendo possível considerar seu término, já em 1871, com a morte de Castro Alves.



O Romantismo gaúcho:

∞ a Sociedade Partenon Literário e o início do
Regionalismo na Literatura Gaúcha ∞

Pode-se considerar que o início efetivo da literatura no Rio Grande do Sul, a considerando uma atividade constante e reconhecida pela sociedade, coincide com o surgimento da Sociedade Partenon Literário, agremiação fundada em Porto Alegre, em 18 de junho de 1868. Importante ressaltar que o Partenon extrapolou a pura operação poética, pois enfatizou a participação social do literato, contrariando o estereótipo do artista boêmio e irresponsável, consagrado pela mitologia romântica.

Tal postura encaminhou o comportamento da Sociedade com a campanha abolicionista na capital da Província. Por meio de espetáculos teatrais, conferências, publicação de poemas, contos e novelas, foram propagadas as ideias republicanas e abolicionistas. Portanto, a atuação dos escritores que tomaram parte nesta agremiação não se restringiu apenas em estimular as letras. Vejamos algumas ações adotadas pelo grupo também conhecido como “condoreiros de bombacha”:

- ◊ Instituiu aulas noturnas, destinadas aos que necessitavam trabalhar durante o dia;
- ◊ Promoveu a discussão de tese das mais diversas naturezas e organizou saraus literários;
- ◊ Criou sua própria biblioteca, que reuniu importantes obras nas áreas de Filosofia, História e Literatura;
- ◊ Formou um núcleo de ciências naturais;
- ◊ Aderiu à campanha abolicionista e republicana.



A Importância da Imprensa Literária para a divulgação da Sociedade

A imprensa da 2ª metade do século XIX, especificamente os periódicos literários, exerceu um papel fundamental para o florescimento e conseqüente desenvolvimento alcançado pela literatura riograndense neste período de nossa história. A partir de 1850, com o surgimento dos jornais literários, destacando-se *O Guaíba* (1856-1858) - 1º jornal literário de que se tem notícia no RS - e *Arcádia* (1867-1870) da cidade de Rio Grande, há um impulso na vida cultural da então Província de São Pedro do Rio Grande. Nesse contexto, a Sociedade Partenon

Literário prepara a organização de sua *Revista Mensal* (1869-1879), tão importante para o êxito da entidade, divulgando-lhe o nome e o trabalho.

De periodicidade mensal (com exceção de sua terceira série que, entre agosto e outubro, foi quinzenal), a revista tornou-se o veículo divulgador das ideias e produções de seus sócios, incluindo contos, romances e peças teatrais em capítulos, textos de crítica, poemas e biografias de nomes ilustres do cenário cultural gaúcho e brasileiro; transcrições de pareceres sobre teses discutidas nas sessões do Partenon, de discursos de seus destacados momentos, de atas da mesma e de preleções apresentadas aos saraus; notícias de atividades, notas sobre publicação de livros e sobre peças teatrais.



Acontecimentos históricos que influenciaram a Sociedade Partenon Literário:

∞ a Guerra dos Farrapos (1835-1845); a Guerra do Paraguai (1864-1870); a Doutrina Positivista; o movimento republicano e abolicionista ∞

Principais representantes:

Caldre e Fião; Apolinário Porto Alegre; Carlos Von Koseritz; Aquiles Porto Alegre; Múcio Teixeira; João Damasceno Vieira; Bernardo Taveira Júnior; Amália dos Passos Figueira; Luciana de Abreu; Arthur de Carvalho Candal; Lobo da Costa, entre outros.

Principais Características:

- 1.** Forte espírito abolicionista, liberal e republicano;
- 2.** Regionalismo gaúcho: engrandecimento do campeiro, do Monarca ou do Centauro; valorização da liberdade; exaltação das raízes do sulino: o índio, livre desde o berço; o Farrapo, encarnação de todos os valores positivos e do passado glorioso;
- 3.** Valorização da infância e predomínio da impessoalidade do poeta (tendência em negar o Eu lírico - 1ª pessoa);
- 4.** Indianismo como uma preparação da figura do gaúcho pela natureza livre de ambos.



Principais autores e obras



Caldre e Fião (1821-1875)

José Antônio do Valle Caldre Fião, porto-alegrense, foi um dos fundadores da Sociedade Partenon Literário e seu Presidente Honorário. Foi o primeiro escritor sul-rio-grandense a ter um romance editado, *A Divina Pastora*, sendo, por isto, considerado o iniciador do gênero no estado. Nas páginas da Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário, publicou biografias, comentários, poesias, crônicas e discursos.

Obras:

A divina pastora (1847); *O corsário* (1851).



Apolinário José Gomes Porto Alegre (1844-1904)

Foi poeta, romancista, dramaturgo, ensaísta e pesquisador. Foi também professor. Em 1892, integrou a direção do Partido Federalista e começou a atuar no Jornal *A Reforma*. Pela extensão e diversidade de gênero, sua obra é considerada como uma das mais relevantes do grupo ao ponto de sua atividade literária confundir-se com a trajetória da Sociedade Partenon Literário.

Obras:

Romances: *Os Palmares* (1869); *O Vaqueano* (1872); *Feitiço de uns Beijus* (1873);

Contos: *Paisagens* (1875); *A Tapera* (1904);

Poesia: *Bromélia* (1874), sob o pseudônimo de Iriema, e *Flores da morte* (1904).

Principais características:

- ◊ Indianismo, regionalismo e valorização da liberdade;
- ◊ Influência da prosa ficcional de José de Alencar na estrutura e escolha de temas;
- ◊ Exaltação dos tipos locais e da história gaúcha: glorificação da revolta farroupilha e de seus heróis; que tanto provêm do meio humilde (o escravo Gabila ou os mulatos Tobias e Chico Diabo), como das camadas superiores (Bento Gonçalves).

Observação:

Apesar da influência da prosa de José de Alencar, Apolinário Porto Alegre publicou *O Vaqueano* em resposta a *O Gaúcho* (1870), de Alencar - obra que não corresponde à realidade da pampa, deturpando a imagem do gaúcho.



○ *Simbolismo* (1893-1902)

1. Contexto histórico: II Revolução Industrial; Cientificismo; Belle Époque.

2. Surgimento: França. 1880, com C. Baudelaire, P. Verlaine, S. Mallarmé e A. Rimbaud.

3. Características centrais: retomada da intensa subjetividade como reação ao descritivismo parnasiano; negação ao mundo material; ilogicidade; culto do sonho e do mistério (atmosfera onírica, obscura, nebulosa; misticismo; espiritualização (sublimação, transcendentalização); abandono das formas poéticas rígidas; intensa musicalidade (sinestésias, assonâncias); poesia sugestiva (uso de símbolos, de metáforas originais, de reticências, de maiúsculas alegorizantes); linguagem inefável (subjetiva, sugestiva, sensorial, sinestésica, vaga, imprecisa, inexata, imaterial, incorpórea, nebulosa, vaporosa); descoberta das camadas psíquicas profundas; ausência de preocupação com a realidade social e histórica.

4. No Brasil: surgiu em províncias periféricas como Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Minas Gerais. De pouca ressonância na época, influenciou boa parte dos poetas modernos (a partir da década de 30) em suas obras inaugurais.



Alceu Wamosy (Uruguaiana, 1895 – 1923)

Obras:

Flâmula (1913); *Na Terra Virgem* (1914);

Características:

- ◇ Desejo de universalização por meio do extravasamento interior;
- ◇ Poesia lírica e crepuscular (aproveitamento das sugestões da luz);
- ◇ Sua temática traduz a ânsia de sol e calor, que representam o desejo de vida e felicidade;
- ◇ Forte individualismo e busca pelo elevado e superior (transcendentalização espiritual).



Eduardo Guimaraens (Porto Alegre, 1895-1923)

Obra:

A divina Quimera (1913);

Características:

- ◊ Lirismo nostálgico, crepuscular e metafísico;
- ◊ Universo feminino idealizado e inatingível;
- ◊ Cromatismo: aproveitamento das sugestões da luz – captadas da natureza gaúcha - a revelar o estado anímico do Eu lírico (poesia crepuscular e outonal);
- ◊ Forte individualismo e musicalidade;
- ◊ Influência de Dante Alighieri.



⊙ *Pré-Modernismo (1902-1922)*

1. Contexto histórico: crises e revoltas populares na República Velha, a saber: a *Revolução Federalista*, no RS; a *Revolta de Canudos* (1893-1897), na Bahia; o *Contestado* (1912-1916) na fronteira entre Paraná e Santa Catarina; a *Revolta da Vacina* (1904), no RJ; a *Revolta da Chibata* (1912); as greves operárias em São Paulo; o Tenentismo.

2. Características centrais: a reinterpretação do atraso e da miséria do Brasil; retomada da estrutura real-naturalista (contemporaneidade, verossimilhança, crítica social, linearidade cronológica, uso da descrição, pessimismo, cientificismo); ausência de inovações estéticas ou experimentalismo; Regionalismo crítico (denúncia sobre o esquecimento e abandono dos povos interiores imposto pelo Brasil litorâneo); surgimento de um grupo de intelectuais (*grupo renovador*) que se opõem a um *grupo passadista* (parnasianos e simbolistas) que, por peculiaridades estéticas, não se aproximavam das questões históricas, políticas e sociais.



Amaro Juvenal (Ramiro Fortes de Barcellos)

Obra:

Poesia: *Antônio Chimango* (1915);

Características:

- ◊ Poemeto campestre;
- ◊ Sátira política: crítica, por meio da sátira, à figura de Antônio Borges de Medeiros (Antônio Chimango); Coronel Prates (Júlio de Castilhos);
- ◊ Domínio técnico: obra dividida em cinco rondas; sextilhas; redondilhas maiores; estrutura rímica: *AABBCCB*
- ◊ Conhecimento sobre as lidas campeiras e linguagem dialetal.



João Simões Lopes Neto (1865 – 1916)

J. Simões Lopes Neto publicou três livros em vida, todos lançados em Pelotas, pela Livraria Universal: **Cancioneiro Guasca** (1910), **Contos Gauchescos** (1912), **Lendas do Sul** (1913). A julgar, porém, pelos sonhos literários que acentou, sua bibliografia era para ter sido bem mais volumosa. Ele próprio chegou a anunciar, por intermédio de seu editor, a existência de nada menos de seis outros livros, dois “a sair” (**Casos do Romualdo e Terra Gaúcha**) e quatro “inéditos” (**Peona e Dona, Jango Jorge, Prata do Taió e Palavras Viajantes**).



A desmitificação crítica da figura do gaúcho lendário em *Contos gauchescos* (1912)

Simões Lopes Neto inaugurou uma tendência posteriormente chamada de **regionalismo universal**, em que, partindo de uma temática meramente local, o narrador atinge dimensões filosóficas universais, quer acerca do homem, quer acerca de suas relações com a natureza e suas “leis” circundantes. De um lado, o regional desponta com uma força extremamente verossímil, na medida em que desfilam elementos tipicamente gaúchos, com o cenário pampeano de bichos, plantas e poções d’águas que parecem dialogar com o homem. O elemento mais explorado é o da **mulher teiniaguá**. São inúmeros os contos em que a figura feminina é a responsável pelo desequilíbrio entre os homens, conduzindo a trama ao desgaste das relações, às atitudes violentas e à morte.

Há uma descrença relativa na figura do gaúcho lendário à medida que o autor inaugura, qualitativamente, a presença de uma personagem que não representa o patriarcado rural. Blau Nunes é um guasca, um trabalhador rural que vive num tempo memorialístico em que prevalecem a honra, a lealdade, a valentia e o respeito aos valores do campo, aos animais e às tradições. Quase deslocado no tempo, amadurecido no avançar dos seus quase noventa anos, é incapaz de entender as mudanças na mentalidade desse patriarcado a valorizar, no tempo presente, a estância, a montaria, o gado, o couro, o charque e

a militarização das estâncias. Seu olhar nostálgico ao passado idealístico de sua formação, faz o contraponto ao presente econômico das oligarquias rurais. Esse contraponto é o rico universo crítico de Simões Lopes Neto.

Quanto à **oralidade** e à **estrutura**, Blau Nunes situa-se no presente em íntima e animada conversa com o ouvinte, relatando histórias ocorridas num passado pouco determinado. Vê-se, portanto, que a marca da oralidade é rica. Notamos a presença da linguagem guasca, já que, conhecedor do dialeto falado nos pampas, o autor não se limita a recriar o universo fabular do gaúcho: ele o narra, mas por meio de uma linguagem própria desse universo fictício: surgem elementos como os castelhanismos, as onomatopeias, os provérbios populares, as exclamações de entusiasmo ou de repulsa, as frases idiomáticas do gaúcho, as comparações com a natureza, alguns termos que poderiam se rotular de neologismos, além de recursos gráficos como linhas em branco ou linhas pontilhadas.



Apresentação

Na apresentação, Simões Lopes Neto dá vida ao narrador que justificará, contando os casos, o uso da linguagem guasca. Assim é que o autor se dirige ao leitor, chamando-o: “Patrício, apresento-te Blau, o vaqueano.”

Nessa atitude de conversar com o leitor, Simões adquire, deixando a palavra a Blau Nunes, um senso de extrema verossimilhança. Primeiramente o autor recupera suas andanças, seus “caprichosos zigue-zagues”, ficando claro que a memória será a base do narrado. Para tanto, o autor apresenta aquele que foi seu guia, Blau Nunes:

“Genuíno tipo – crioulo – rio-grandense (hoje já tão modificado), era Blau o guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, perspicaz, sóbrio e infatigável; e dotado de uma memória de rara nitidez brilhando através de imaginosa e encantadora loquacidade servida e floreada pelo vivo e pitoresco dialeto gaúcho.”



Ⓞ Modernismo

1. Contexto histórico: na Europa: Crise da Belle Époque; I Guerra Mundial (1914-1918); Revolução Russa (1917); Crack da Bolsa de Nova Iorque (1929); **no Brasil:** Tenentismo; Integralismo; 18 do Forte de Copacabana; fundação do Partido Comunista; Coluna Prestes.

2. Antecedentes europeus: Vanguardas europeias (Futurismo, Cubismo, Expressionismo, Dadaísmo, Surrealismo).

3. Características centrais: espírito iconoclasta (enfrentamento às tradições; ruptura ao passado estético e ao academicismo; caráter experimental e autêntico); liberdade criadora; verso livre; temática cotidiana; linguagem coloquial; experimentalismo estilístico (automatismo psíquico, neologismos, texto veloz, ausência de sinais de pontuação), humor como forma de destruição.

4. No Brasil: surgiu motivado pela oposição ao beleticismo e ao academicismo dos parnasianos que impunham um domínio na cultura brasileira, excluindo as motivações populares e folclóricas. No ano em que se comemorava o centenário da independência política, o evento da *Semana de Arte Moderna* (1922) - ocorrido entre 11 e 18 de fevereiro, no Teatro Municipal, de São Paulo - representou o início da cultura moderna no país e uma ruptura ao atraso da intelectualidade brasileira. Teremos a Fase *Heróica* ou da *Destruição* (1922-1930); a *Fase da Consolidação* (1930-1945): Poesia Moderna e Romance de 30 e a *Fase da Geração de 45* (1945-1960).



O precursor, em pleno séc. XIX, das inovações modernistas



Qorpo Santo - pseudônimo de José Joaquim de Campos Leão (1829 - 1883)

Obras:

Enciclopedia (sic) ou seis meses de uma enfermidade (obra editada, em Porto Alegre, pelo próprio autor e reúne seus textos teatrais, poemas, crônicas, ensaios políticos e pensamentos soltos).

Principais peças:

A separação dos dois esposos; As relações naturais; Certa entidade em busca de outra; Eu sou a vida, eu não sou a morte; Mateus e Mateusa; O marido extremo; Um credor da fazenda nacional.

Características:

- ◊ Considerado precursor do teatro do absurdo no mundo, porém negado por parte da crítica;
- ◊ Antecipação genial de características do Surrealismo;
- ◊ Predileção pela comédia atravessada por situações insólitas a causar um profundo estranhamento no expectador;
- ◊ Temática polêmica e audaciosa para a época: amor na terceira idade; homossexualidade, inconformidade com a displicência dos poderosos;
- ◊ Peças breves e com uso recorrente de alegorias;

◊ Gosto por tematizar o absurdo da condição humana e das relações interpessoais pautadas pela incomunicabilidade.

Observação: o autor - que foi professor, vereador, proprietário de tipografia - teve uma vida acidentada e folclórica. Sofreu interdição motivada por alegada insanidade mental, propôs uma reforma ortográfica simplificadora, antecipou procedimentos estéticos profundamente modernos no século XIX. Sua excentricidade lhe causou exclusão e esquecimento. Contraditório, oscilando atitudes conservadoras e revolucionárias, sua biografia é repleta de autenticidade como a sua própria obra.

Sendo contemporâneo dos intelectuais da *Sociedade Partenon Literário* (Romantismo gaúcho), pode ter seu teatro, equivocadamente, confundido com alguns procedimentos estéticos alinhados ao teatro romântico de Martins Pena. Contudo, foi muito além. De espírito irrequieto, antecipou brutalmente aspectos modernos que, apenas no século XX, o Teatro do Absurdo e a vanguarda surrealista iriam empreender.



A Poesia Moderna (1930-1945)

1. Contexto histórico: Na Europa: ascensão do Fascismo; II Guerra Mundial (1942-1945); **no Brasil:** ascensão de Getúlio Vargas (1930-1945); Estado Novo (1937-1945) e o totalitarismo fascista.

2. Características centrais: abandono do radicalismo experimental do primeiro momento modernista; uso do versilibrismo, da temática cotidiana e da linguagem coloquial; busca pelo universal, pela condição humana e pelo tom confessional; perspectiva crítica dependendo do projeto literário desenvolvido.



Raul Bopp (1898 - 1984)

Obra:

Poesia: *Cobra Norato* (1931).

Características:

◊ Autor vinculado ao grupo paulistano da *Fase Heroica* (1922- 1930) do Modernismo brasileiro: ligou-se aos submovimentos da corrente “primitivista” (“Pau-Brasil” e “Antropofágico”);

- ◊ Obra vinculada às propostas antropofágicas de Oswald de Andrade;
- ◊ Valorização do imaginário popular, das lendas e do folclore amazônico;

◊ Linguagem experimental, neológica, permeada por termos locais e pelas inovações vanguardistas.



Augusto Meyer (1902 - 1970)

Obras:

Poesia: *Ilusão Querida* (1923); *Coração Verde* (1926); *Giraluz e Duas Orações* (1928); *Poemas de Bilu* (1929); *Sorriso Interior* (1955); *Poesias* (1922-1955).

Características:

- ◊ Poesia com traços simbolistas;
- ◊ Moderna valorização do folclore e cultura do RS;
- ◊ Criação da revista *Madrugada* (1º de cunho modernista no RS);
- ◊ Forte utilização de poemas em prosa;
- ◊ Poética diversificada (lirismo introspectivo e regionalista);
- ◊ Tendência à universalidade e à filosofia;
- ◊ Linguagem estilizada do gaúcho.



Mario Quintana (1906 – 1994)

Foi jornalista e tradutor, tendo alcançado em vida a aprovação e o aplauso de três gerações sucessivas de leitores, fato que indica perenidade de sua obra, uma das mais significativas da poesia brasileira do século XX e XXI.

Obras:

Poesia: *A rua dos cataventos* (1940) reúne os sonetos; *Canções* (1946) apresenta composições próximas às populares cantigas de roda e aos acalantos; *Sapato florido* (1948) traz poemas em prosa; *O aprendiz de feiticeiro* (1950) poemas em verso livre, de feição surrealista; *Espelho mágico* (1951) com 111 epigramas; *Do caderno H* (1973); *Apontamento de história sobrenatural* (1976); *A vaca e o hipogrifo* (1977); *Esconderijos do tempo* (1980); *Baú de espantos* (1986); *Da preguiça como método de trabalho* (1987); *Preparativos de viagem* (1987); *Porta giratória* (1988); *A cor do invisível* (1989); *Velório sem defunto* (1990).

Principais características:

- ◊ Constantes amarguras, a tristeza das coisas, a infância e a morte (entrevista como as pequenas frustrações cotidianas);
- ◊ Temática provocativamente individualista, intenso subjetivismo e forte presença do cotidiano;
- ◊ Influência simbolista pela valorização do devaneio, do sonhar acordado e da idealização da realidade;

- ◊ Linguagem coloquial e simplicidade expressiva;
- ◊ Ironia, ternura e erotismo;
- ◊ Poemas curtos e em prosa (quintanares – batizado, dessa forma, por Manuel Bandeira).



⊙ *Romance de 30*

∞ a prosa no segundo tempo do Modernismo ∞

1. Contexto histórico: Na Europa: ascensão do Fascismo; II Guerra Mundial (1942-1945); **no Brasil:** ascensão de Getúlio Vargas (1930-1945); Estado Novo (1937-1945) e o totalitarismo fascista.

2. Características centrais: denúncia do subdesenvolvimento do Brasil pela decadência das oligarquias rurais; estrutura real-naturalista (contemporaneidade, verossimilhança, crítica social, linearidade cronológica, uso da descrição, pessimismo, cientificismo; psicologismo); ausência de inovações estéticas ou experimentalismo.



Erico Veríssimo (1905 – 1975)

Obras:

Ficção: *Fantoches* (contos, 1932); *Clarissa* (1933); *Caminhos Cruzados* (1934); *Música ao Longe* (1935); *Um Lugar ao Sol* (1936); *Olhai os Lírios do Campo* (1938); *Saga* (1940); *As Mãos de Meu Filho* (contos, 1942); *O Resto é Silêncio* (1943); *Noite* (novela, 1954); *Trilogia “O tempo e o vento”*: *O Continente* (1948); *O Retrato* (1951); *O Arquipélago* (1961); *O Ataque* (novelas, 1959); *O Senhor Embaixador* (1965); *O Prisioneiro* (1967); *Incidente em Antares* (1971).

Impressões de Viagem: *Gato preto em Campo de Neve* (1941); *A Volta do Gato Preto* (1946); *México - História de uma Viagem* (1957); *Israel em Abril* (1969).

Memórias: *Solo de Clarineta* (Vol. I, 1973; Vol. II, 1975).



1ª Fase (Romances Urbanos)

Características:

- ◊ Visão do mundo lírica e crítica (Humanismo liberal);
- ◊ Narrativas urbanas de fundo moralizante;
- ◊ Uso da técnica do contraponto e linguagem tradicional;
- ◊ *Ciclo de Clarissa:* repetição de personagens em vários relatos (Clarissa, Vasco, Noel, Fernanda).

Com exceção de *Saga*, cuja ação ocorre, em grande parte, na Espanha, durante a revolução de 1936, os outros romances são ambientados em Porto Alegre. *Clarissa*, *Música ao Longe*, *Um Lugar ao Sol*, *Caminhos Cruzados* e *Saga* são romances seriados, em que o autor cria personagens bem caracterizados, como Fernanda, prenuncia Ana Terra e Bibiana, por sua doçura e sua força interior. Vejam-se estas linhas extraídas do romance *Saga*: “*Clarissa é como a terra. Os homens maltratam a terra, desprezam-na, esquecem-na, mas ela está sempre pronta a recebê-los de volta: guarda para os filhos pródigos tesouros de beleza e bondade. Enquanto eu andava em minhas aventuras insensatas, Clarissa esperava e sofria em silêncio; quando voltei, derrotado e arrependido, encontrei-a de braços abertos para mim, com dádivas de ternura, compreensão e paz.*”

Em *O Resto é Silêncio*, o personagem principal Tônio Santiago é um “alter ego” de Erico. Neste romance, a ação ocorre em dois dias, sexta-feira e sábado, durante a semana da Páscoa. O autor apresenta um fato inicial, o suicídio de uma jovem, presenciado por sete pessoas e passa a examinar o mundo íntimo de cada uma delas.

Olhai os Lírios do Campo, uma história sentimental, eleva a popularidade do autor. Nesses romances, Erico Verissimo utiliza a técnica do contraponto, revelando grande virtuosismo técnico, principalmente em *Caminhos Cruzados* e *O Resto é Silêncio*, considerados os melhores romances da primeira fase.



2ª Fase (Romances Históricos e Políticos)

Características:

- ◇ Linguagem tradicional urbana;
- ◇ Consciência liberal e conotação política;
- ◇ Gosto pelo romance histórico e político: moralismo e análise social e política dos anos 70.



⊙ *Tempo e o Vento*

O Tempo e o Vento - dividido em três volumes (*O Continente*, *O Retrato* e *O Arquipelago*), esse longo romance narra a trajetória das famílias Terra e Cambará, desde 1745 até 1945. Enquanto várias gerações vão-se sucedendo, o autor conta, em tom por vezes épico e sempre dramático, a vida dos homens e mulheres do Rio Grande em formação. Os Terras são persistentes, obstinados, severos; os Cambarás são aventureiros, irrequietos, alegres. Ao mesmo tempo que centraliza o interesse do romance na terra e nos dramas individuais, o autor apresenta episódios esparsos da formação histórica do “*Continente de São Pedro*”.

Em 1941, *O Continente*, composto de seis episódios, “*Ana Terra*”, “*Um certo Capitão Rodrigo*”, “*A teniaguá*”, “*A Guerra*” e “*Ismália Caré*”, que narram, a fundação e consolidação da dinastia dos Terra Cambará na cidade fictícia de Santa Fé, desde a destruição das missões Jesuíticas, passando pelas Guerras Cisplatinas, a Revolução Farroupilha e as guerras contra Rosas e contra o Paraguai, encaixados num sétimo que cronologicamente seria o último, mas que percorre todo o texto: “*O sobrado*”, com a vitória da Revolução Federalista de 1893-1895. Esse enredo é pontuado por uma massa coral, constituída pelos deserdados da fortuna, os Carés cujo lamento em tom lírico, reflete impotente as consequências de tantas matanças.

Em *O Retrato*, iniciado em 1950, a história da descendência de Ana Terra e Pedro Missioneiro, os heróis fundadores, se concentraram em Rodrigo Terra Cambará, que de médico e humanitário se transforma em líder político de Santa Fé e acaba traindo seus ideais. A estruturação diverge daquela do primeiro volume, pois os episódios encaixados - “*Chantecler*” e “*A sombra do anjo*” - não são independentes e coincidem com a biografia político-sentimental do herói, retratado como um legítimo caudilho esclarecido, à semelhança dos próceres políticos do estado no período. “*Rosa-dos-Ventos*” e “*Uma vela pro Negrinho*” emolduram os demais e servem para caracterizar esse herói degradado. O período histórico é da belle époque rio-grandense, de Borges de Medeiros e Pinheiro Machado, bem como da segunda imigração alemã e da Primeira República brasileira.

O Arquipélago, cuja escrita é encetada em 1957 recupera a estruturação do primeiro volume: “*Reunião de Família*” é o episódio-moldura, disseminado ao longo do texto, e “*Caderno de pauta simples*” faz papel das massas corais, só que agora com um solo na voz do romancista Floriano, que nele discute seus problemas de criação. Os episódios enquadrados “*O Deputado*”, “*Lenço Encarnado*”, “*Um certo Major Toríbio*”, “*O cavalo e Obelisco*”, “*Noite de ano bom*”, “*Do Diário de Sílvia*”, em que a trama ficcional se mescla a fatos históricos: a Revolução de 1923, a Coluna Prestes, a Revolução de 30, o Estado Novo, a Primeira Guerra Mundial e ascensão de Eurico Gaspar Dutra à Presidência da República. Esses episódios narram as trajetórias do Rodrigo como representante prepotente das classes dirigentes do País, e de Floriano, filho humilhado pelo pai por sua incapacidade para a luta política. O último episódio, “*Encruzilhada*”, aponta aberturas para os vários dramas da família desagregada e faz o acerto de contas de Floriano com o pai, assim como revela que o livro lido pelo leitor é o que ele começa a escrever. Ante a transitoriedade e mudez dos acontecimentos históricos, numa estruturação habilmente contrapontística, Erico interpreta a formação sócio-política do Rio Grande e lançando mito, verdade, ética e ficção. Ao dar voz e projeção aos silêncios e aos momentos folhados dessa história, constrói uma outra versão da identidade sulina - a brasileira -, mas fiel ao que teria acontecido e ao que ainda acontece, porque fundada nas possibilidades humanas não apenas no documento.



Romances Posteriores

O Prisioneiro: romance onde o autor alude claramente à Guerra do Vietnam, assumindo a postura clássica da defesa incondicional dos direitos humanos.

Incidente em Antares: alegoria política que narra os conflitos de duas famílias tradicionais: os Vacarianos e os Campolargos. Aqui o autor mistura a realidade com a fantasia, no momento em que alguns mortos ressuscitam por ocasião de uma greve de coveiros ao mundo dos vivos. Mais um romance político onde desponta a inconformidade do autor com a ditadura militar.



Cyro Martins (1908-1995)

Obras:

Trilogia do gaúcho a pé: *Sem Rumo* (1937), *Porteira Fechada* (1944), *Estrada Nova* (1954).

Características:

- ◇ Linguagem regional e análise psicológica;
- ◇ Revisionismo histórico: marginalização do gaúcho desmitificado; proletarização da classe média; crítica ao sistema agrário gaúcho e à modernização capitalista.

Comentário crítico:

Sua obra propõe a desmitificação do gaúcho, pois traz a visão do gaúcho marginalizado (peão) que perdeu tudo, até mesmo o cavalo. Sua literatura é um retrato das transformações rurais da década de 30 no RS. A temática do êxodo rural produz uma literatura de degradação moral e sentimentalismo com o abandono das terras, adotando os pampas sulinos como cenário em que se movimentam seres sofridos, amargurados, castigados por um sistema fundiário que, historicamente, não fixa o homem no campo.

Resumo dos principais romances

Sem Rumo (1937): primeiro da trilogia, tendo como personagem principal o Chiru que, expulso da estância, perde o rumo. Passa a viver marginalizado numa favela. No final de sua vida, tem uma esperança no discurso de um político de oposição. Chiru é a personificação dos favelados e dos sem-terra deste início de século.

Porteira Fechada (1944): segundo livro da trilogia, localiza o despotismo dos proprietários de estâncias contra os trabalhadores eternamente explorados pelos donos das fazendas. João Guedes, arrendatário, é expulso da terra quando a propriedade é vendida. Na periferia da cidade, rouba para sobreviver e vê suas filhas excluídas e, uma delas, vítima de tuberculose.

Estrada Nova (1954): último volume da trilogia. Ricardo, filho de um peão, consegue dar seu grito de rebeldia contra uma estrutura fundiária, econômica e social muito arcaica. É o sinal de que uma transformação radical na sociedade gaúcha estaria se operando. O coronel Teodoro, símbolo das contradições, é mostra do fim de uma época; Ricardo, expulso pelo coronel, representa uma nova era.

Dyonélio Machado (1895-1985)

Obras:

Um pobre homem (contos, 1927); *Os Ratos* (1934); *O Louco do Cati* (1942); *Desolação* (1944); *Passos perdidos* (1946).

“Trilogia da liberdade”: *Deuses econômicos* (1966), *Sol Subterrâneo*, *Prodígios*; *Endiabrados* (1980); *Fada* (1982); *Ele vem do fundão* (1982).

Características:

- ◇ Temática social e urbana;
- ◇ Análise psicológica, crítica social e base marxista.

Comentário crítico:

O romance *Os Ratos* é uma narrativa que se passa em apenas 24 horas. Naziazeno Barbosa, um modesto funcionário público, precisa pagar a conta do leiteiro. O pano de fundo é a cidade de Porto Alegre dos anos 30. O autor, a partir de um tema prosaico e banal, atinge uma profunda discussão crítica do início da Era Vargas marcada por altos índices de desemprego e de inflação. A proletarização da classe média e sua pauperização são enfocados nessa obra premiada com o prêmio Machado de Assis, em 1935.



A ficção sul-rio-grandense contemporânea

- 1. Contexto histórico:** A literatura contemporânea, como a de outras partes do país, coincide com os anos de chumbo da Repressão Militar de 1964.
- 2. Surgimento:** *Carnaval dos animais* (1968), de Moacyr Scliar.
- 3. Características centrais:** destacam-se três vertentes básicas, quais sejam: a narrativa da terra, étnica ou da imigração; a narrativa social e a narrativa intimista.



Os principais autores



Josué Guimarães (1921-1986)

Obras:

Romances: *A Ferro e Fogo I e II* (1972 e 1975); *Os Tambores Silenciosos* (1977); *É tarde para saber* (1977); *Dona Anja* (1978); *Camilo Mortágua* (1980).

Contos: *Os ladrões* (1980); *O Cavalo cego* (1979).

Novela: *Enquanto a noite não chega* (1978).

Características:

◊ Temática diversificada: imigração alemã (*A Ferro e Fogo I e II*); intimismo (*Enquanto a noite não chega*); aspectos sociais (*Os Tambores Silenciosos*; *Dona Anja*; *Camilo Mortágua*);

◊ Gosto pelo romance histórico e crítica social;

◊ Linguagem simples e, por vezes, poética;

◊ Narrativa fluente;

◊ Linha realista e sentimentalismo.



Moacyr Scliar (1937 - 2011)

Obras:

Romances: *O Exército de um homem só* (1973); *O ciclo das águas* (1975); *Mês de cães danados* (1977); *Doutor Miragem* (1978); *O Anão do Televisor* (1979); *Os voluntários* (1979); *O centauro no jardim* (1979); *Cavalos e Obeliscos* (1981); *A Estranha Nação de Rafael Mendes* (1983); *Cenas da vida Minúscula* (1991).

Contos: *O carnaval dos animais* (1968); *A Balada do Falso Messias* (1976); *O olho enigmático* (1986).

Novela: *A Guerra no Bom Fim* (1972); *Os Deuses de Raquel* (1975).

Características:

- ◇ Presença frequente do Realismo Fantástico para melhor exprimir a realidade;
- ◇ Tema da imigração judaica e crise da sociedade brasileira;
- ◇ Temática urbana e humor corrosivo.



Luiz Antônio de Assis Brasil (1945)

Obras:

Romances: *Um quarto de légua em quadro*, (1976); *A prole do corvo*, (1978); *Bacia das almas*, (1981); *Manhã transfigurada*, (1982); *As virtudes da casa*, 1985; *O homem amoroso*, (1986); *Cães da província*, (1987); *Videiras de cristal*, 1990; *Trilogia “Um castelo no pampa”*: *Perversas famílias*, (1992); *Pedra da memória*, (1993); *Os senhores do século*, (1994); *Concerto campestre*, (1997); *Anais da Província-Boi*, (1997); *Breviário das terras do Brasil*, (1997); *O pintor de retratos*, (2001); *A margem imóvel do rio*, (2003); *Música perdida*, (2006).

Características:

- ◇ Gosto pelo romance histórico (revisionismo) e gosto por tematizar a imigração açoriana e alemã;
- ◇ Domínio sobre a estrutura narrativa.



Lya Luft (1938-2021)

Obras:

Canções de Limiar, (1964) (poemas); *Flauta Doce*, (1972) (poemas); *Matéria do Cotidiano*, (1978) (contos); *As Parceiras*, (1980); *A Asa Esquerda do Anjo*, (1981); *Reunião de Família*, (1982); *O Quarto Fechado*, (1984); *Mulher no Palco*, (1984); *Exílio*, (1987); *O Lado Fatal*, (1989); *O Rio do Meio*, (1996) (ensaios); *Secreta Mirada*, (1997); *O Ponto Cego*, (1999); *Histórias do Tempo*, (2000); *Mar de dentro*, (2000); *Perdas e ganhos*, (2003); *Histórias de bruxa boa*, (2004); *Pensar é transgredir*, (2004); *Para não dizer adeus*, (2005); *O silêncio dos amantes*, (2008).

Características:

- ◇ Psicologismo, forte intimismo e temática perturbadora;
- ◇ Universo burguês feminino;
- ◇ Domínio de estilo e técnica narrativa;
- ◇ Fixação da condição humana a partir do núcleo familiar (gosto por atmosferas sombrias, pelo abandono e isolamento).



Charles Kiefer (1958)

Obras:

Romances: *Valsa para Bruno Stein* (1986); *A face do abismo* (1978).

Contos: *Dedos de pianista* (1989); *Um outro olhar* (1992).

Novela: *Caminhando na chuva* (1982); *O pêndulo do relógio* (1984); *Quem faz gemer a terra* (1990).

Características:

- ◇ Predomínio do relato curto e memorialístico;
- ◇ Presença do cotidiano e de questões sociais (temática agrária e da imigração).



José Clemente Pozenato (1938)

Obras:

Romances: *O Quatrilho*; *A Cocanha*; *Babilônia*.

Novela: *O caso do martelo* (1985); *O caso do Loteamento Clandestino* (1990); *O caso do e-mail* (2000).

Características:

- ◇ Tema da imigração italiana e gosto pelo romance policial;
- ◇ Historicismo da formação econômica da serra gaúcha;
- ◇ Linguagem, por vezes, lírica com presença de dialetos provenientes dos imigrantes italianos (sobretudo o vêneto).



Tabajara Ruas (1942)

Obras:

Romances: *A Região Submersa* (1978); *O Amor de Pedro por João* (1982); *Os Varões Assinalados* (1985); *Perseguição e Cerco à Juvêncio Gutierrez* (1989); *Netto Perde sua Alma* (1995); *O Fascínio* (1997); *A Cabeça de Gumercindo Saraiva* (1998).

Características:

- ◇ Domínio da estrutura romanesca;
- ◇ Revisionismo histórico: registro da crise da sociedade urbana na década de 70; denúncia social; crítica ao golpe militar em 1964; gosto pelo romance histórico; desmitificação histórica.



Caio Fernando Abreu (1948 - 1995)

Obras:

Limite Branco (1970); *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988); *Onde andaré Dulce Veiga?* (1990); *Inventário do Irremediável* (1970); *O ovo apunhalado* (1975); *Pedras de Calcutá* (1975); *Morangos Mofados* (1982); *Triângulo das águas* (1983); *Mel & Girassóis* (1988); *Ovelhas Negras* (1995).

Características:

- ◇ Forte intimismo e sentimentalismo intenso;
- ◇ Literatura introspectiva e confessional: aprofundamento psicológico das personagens e existencialismo; fluxo de consciência e experimentalismo estilístico;
- ◇ Ambientação urbana: personagens marginalizados, angustiados e a solidão das grandes cidades;
- ◇ Predomínio do relato curto (conto);
- ◇ Influência de Clarice Lispector.



Sergio Faraco (1940)

Obras:

Contos: *Quem conta um conto* (1967); *Idolatria* (1970); *Depois da primeira morte* (1974); *Hombre* (1978); *Manilha de espadas* (1974); *Noite de matar um homem* (1986); *Doce Paraíso* (1987); *A dama do Bar Nevada* (1987); *O chafariz dos Turcos* (1990); *Majestic Hotel* (1991); *Para dançar tango em Porto Alegre* (1998).

Características:

- ◇ Preocupação com o cotidiano e linguagem coloquial;
- ◇ Universalização dos problemas humanos por meio de personagens complexos e solitários;
- ◇ Ambientação episódica na fronteira gaúcha.



Luis Fernando Veríssimo (1936)

Obras:

Romance: *O Jardim do Diabo* (1988).

Conto: *A mulher do Silva* (1984).

Crônicas: *O popular* (1973); *A grande mulher nua* (1975); *Amor brasileiro*

(1977); *A mesa voadora* (1978); *O Rei do Rock* (1978); *Ed Mort e Outras Histórias* (1979); *Sexo na cabeça* (1980); *O gigolô das palavras* (1982); *A mãe de Freud* (1985); *Peças Íntimas* (1990); *Comédias da vida privada* (1994); *Comédias da vida pública* (1995).

Cartum: *As cobras e outro bichos* (1975).

Quadrinhos: *Aventuras da família Brasil* (1985).

Teatro: *Brasileiras e Brasileiros* (1989).

Humor: *O analista de Bagé* (1981); *Outras do Analista de Bagé* (1982); *A velhinha do Taubaté* (1983).

Características:

- ◊ Crítica social: preocupação com o cotidiano e denúncia da realidade;
- ◊ Humor por vezes sutil, por vezes corrosivo;
- ◊ Considerado o expoente da crônica brasileira atual.



Patrícia Bins (1930-2008)

Obras:

Romances: *Trilogia da Solidão: Jogo de Fiar; Antes que o Amor Acabe; Janela do Sonho*; *Trilogia da Paixão: Pele Nua do Espelho; Theodora; Sarah e os Anjos*; *Trilogia de Eros ou Trilogia da Sedução: Caçador de Memórias; Instantes do Mundo*.

Características:

- ◊ Intimismo: conflitos íntimos vinculados à realidade exterior; gosto especial em revelar a identidade do ser humano;
- ◊ Preocupação com a linguagem.



João Gilberto Noll (1946-2017)

Obras:

O Cego e a Dançarina (1980); *A fúria do corpo* (1981); *Bandoleiros* (1985); *Rastros de verão* (1986); *Hotel Atlântico* (1989); *O quieto animal da esquina* (1991); *Harmada* (1993) (Prêmio Jabuti); *A céu aberto* (1996) (Prêmio Jabuti); *Contos e romances reunidos* (1997); *Canoas e marolas* (1999); *Berkeley em Bellagio* (2002); *Mínimos múltiplos comuns* (2003); *Lorde* (2004); *A Máquina do Ser* (2006).

Características:

- ◊ Linguagem econômica e contundente, por vezes aventura-se pelo excesso verbal;

◊ Profundo debate sobre a condição humana: predileção por retratar personagens em conflito e desenraizadas; gosto por tematizar a precariedade humana; representação do impasse da utopia diante da impotência do homem contra o trágico e o imprevisível da vida;

◊ Gosto por narrativas fragmentadas com atmosfera sombria e pessimista.



Michel Laub (1972)

Obras:

Romances: *Música anterior* (2001); *Longe da água* (2004); *O segundo tempo* (2006); *O gato diz adeus* (2009); *Diário da queda* (2011); *A maçã envenenada* (2013); *O Tribunal da quinta-feira* (2016).

Características:

- ◊ Linguagem econômica e contundente;
- ◊ Exuberante domínio técnico sobre a construção e desconstrução narrativa;
- ◊ Narrativas potencializadas por meio da problematização existencial das personagens;
- ◊ Gosto por narrativas fragmentadas e confessionais;
- ◊ Psicologismo aprofundado por meio de temas como traumas familiares, interpessoais e a culpa.

Fortuna crítica:

Já no título do livro de estreia está indicado o núcleo das narrativas de Michel Laub. Como sugere a formulação *Não Depois do que Aconteceu*, trata-se de narradores-personagens que retomam um acontecimento traumático do passado na tentativa de compreender como um fato tem o poder de determinar toda uma história de vida ou de anunciar metaforicamente o que virá. Em *Música Anterior* (2001), o primeiro romance, um juiz de direito narra a história de suas relações afetivas à luz da trajetória de Luciano, condenado em um de seus processos. No monólogo interior construído de forma não linear, as reflexões sobre a ausência de provas definitivas contra o réu aos poucos estabelecem correlação com a narrativa pessoal: procurar a origem da culpa de Luciano é procurar a origem de uma suposta culpa própria, que teria prejudicado as relações com o irmão, o pai e a mulher.

Culpa é também o tema de *Longe da Água* (2004), em que dois acontecimentos longínquos surgem em relação de causalidade sob os olhos de um angustiado narrador. Já em *Segundo Tempo* (2006), a correlação se dá entre um jogo de futebol e um evento familiar, que determina a relação entre dois irmãos e seu amadurecimento. Diferentemente dos romances anteriores e de

Diário da Queda (2011), todos narrados em primeira pessoa, *O Gato Diz Adeus* (2009) é a soma de quatro vozes a respeito de um triângulo amoroso. Entre um e outro fragmento, o leitor é convidado a refletir a respeito das lacunas deixadas por discursos que se cruzam sem, entretanto, esclarecer aspectos decisivos. A trama é lentamente composta, mas permanecem ocultas as motivações mais profundas das personagens-narradoras.

Essa contradição é um dos centros da ficção de Michel Laub. Em narrativas que se oferecem como confessionais, as personagens não revelam efetivamente o que parecem revelar - a não ser em chave metafórica. É o caso, por exemplo, de passagens de *O Segundo Tempo*, em que um detalhe do lance do jogo de futebol pode sintetizar a forma como o narrador se posiciona diante dos eventos narrados, ainda que ele mesmo não se dê conta dessa projeção.

Em *Diário da queda* (2011), o autor tematiza a questão judaica sob uma perspectiva intensamente crítica. Três gerações de uma família atravessada pela culpa e pela desconstrução da memória. O avô, sobrevivente de Auschwitz, decide escrever uma espécie de dicionário, em diversos cadernos, como forma de purificar ironicamente o mundo e desfazer todas as memórias, incluindo as da família. Não suportando o peso das lembranças e da violência, termina tragicamente. Seu filho, buscou superar a imagem do suicídio de seu pai ao assumir os negócios da família, assim como garantir a memória judaica da família, sobretudo a história do holocausto. Luta para manter a memória individual e familiar à medida que desenvolve Alzheimer. O neto, protagonista do relato, enfrenta a crise identitária da família ao assumir a terrível culpa pela queda de João, um não-judeu (goy), na festa-arremedo do Bar Mitzvah do seu colega pobre da escola judaica que estudavam. Sua caminhada de reparos existenciais, em que luta para manter a memória e ressignificá-la, é problematizada pelas diversas crises em seus casamentos devido ao alcoolismo. A consciência individual, familiar e étnica aflora com a notícia e ultimato para salvar seu casamento: será pai.



Amílcar Bettega Barbosa (1964)

Obras:

Romance: *Barreira* (2013).

Contos: *O vôo da trapezista* (1994); *Deixe o quarto como está* (2002); *Os lados do círculo* (2004).

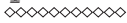
Características:

◇ Profundo debate acerca da condição humana: as perspectivas humanas se esgotam, assim como a lógica; resta a absurda e circular imposição da rotina e de sua permanente continuidade;

- ◊ Predileção por tematizar a incomunicabilidade humana;
- ◊ Presença do Realismo Fantástico: situações insólitas causam um estranhamento na leitura;
- ◊ Humor sutil, uso recorrente de metáforas e de alegorias;
- ◊ Influências: Franz Kafka; Júlio Cortázar; Murilo Rubião;
- ◊ Grande domínio técnico em que se deixa perceber uma autoconsciência crítica.



A poesia sul-rio-grandense contemporânea



Carlos Nejar (1939)

Obras:

Sélesis (1960); *Livro de Silbion* (1963); *O Campeador e o Vento* (1966); *Danações* (1969); *Canga* (1971); *Casa dos Arreios* (1976); *Os Viventes* (1979); *Cinco Poemas Dramáticos* (1983); *Fausto, as Parcas e Miguel Pampa* (1983); *Meus Estimados Vivos* (1989); *Simon Vento Bolívar* (1993); *Sonetos do Paiol, ao Sul da Aurora* (1997); *Todas as Partes Estão em Ti* (2000).

Características:

- ◊ Gosto por poemas longos, buscando o equilíbrio entre o racional e o sensível, a visão social e a espiritual;
- ◊ Tendência ao universalismo partindo dos elementos locais e a relação com a terra (poeta telúrico por excelência);
- ◊ Linguagem acesa e vigorosa: por vezes simples e com maior disposição para a retórica culta;
- ◊ Poesia lírica, narrativa (emoção e reflexão nunca se dissociam) e dramática;
- ◊ A personagem Jesualdo Monte (“Canga”): projeta uma certa influência que Nejar recebe de João Cabral de Melo Neto. Seria Jesualdo Monte uma espécie de “Severino” do Sul.



Armindo Trevisan (1933)

Obras:

A surpresa do ser (1967); *A imploração do nada* (1971); *Corpo a corpo* (1973); *O abajur de Píndaro*; *A fabricação do real* (1975); *Em pele e osso* (1977); *O fer-*

rei harmonioso (1978); *O rumor do sangue* (1979); *A mesa do silêncio* (1982); *O moinho de Deus* (1985); *Antologia poética* (1986); *A dança do Fogo* (1995); *Os olhos da noite* (1997); *O canto das criaturas* (1998); *Orações para o novo milênio* (1999); *A serpente na grama* (2001).

Características:

- ◊ Influência de Murilo Mendes e de Mario Quintana;
- ◊ Questionamento das coisas e forte inclinação metafísica (religiosidade por meio da busca do Divino);
- ◊ Visão existencialista cristã (purificação espiritual) e reflexão acerca do desespero e o verdadeiro sentido da liberdade humana;
- ◊ Linguagem simples, despojada;
- ◊ Temática social (“Fase Proletária”);
- ◊ Humor e certo sensualismo acerca da “descoberta da mulher”;
- ◊ Forte sentido estético (a temática da Beleza, da própria arte) e metalinguagem.

QUESTÃO

1. (UFRGS-2004) Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as afirmações abaixo, referentes ao Partenon Literário.

- () Trata-se de uma sociedade sul-rio-grandense do século XIX, fundada exclusivamente para promover a literatura e encontros de escritores.
- () Foi uma agremiação de caráter pioneiro, que contribuiu para acrescentar uma consciência regional às tendências do Romantismo brasileiro.
- () Faziam parte do grupo de associados Caldre e Fião, Apolinário Porto Alegre, Múcio Teixeira, Luciana de Abreu, Hilário Ribeiro e Lobo da Costa.
- () Os integrantes da sociedade dedicaram-se à poesia e mantiveram-se neutros quanto às questões políticas e sociais da época.
- () O legado regional do Partenon Literário está nos temas guerreiros, na figura do índio e na memória do passado glorioso do Rio Grande do Sul.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) F - V - V - F - V.
- b) V - V - F - F - V.
- c) F - F - V - V - V.
- d) V - F - V - F - F.
- e) F - F - F - V - F.

Biografia dos autores

Álvaro Mendes de Melo

Doutor em estudos literários pela Universidade do Mato Grosso (UNEMAT). Atualmente pesquisa sobre a obra do romancista mexicano Mario Bellatin e dá cursos de produção textual pela Internet. É músico profissional, tendo atuado em grupos e projetos musicais na Espanha, Argentina, Mato Grosso e Rio Grande do Sul.

Argentino Jr. (Márcio Souza)

Márcio Souza, completa este ano duas décadas de experiência como professor de literatura. Atualmente atua como professor e colaborador no material didático do Curso Fleming e do Colégio Fleming em Santa Maria e como professor do Totem Vestibulares em Ijuí.

Camila Vermelho

Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGART) - Linha de pesquisa Arte e Tecnologia - UFSM. Pesquisadora do Laboratório Interdisciplinar Interativo (LabInter) - UFSM. Integrante do Grupo de Pesquisa e Criação em Interatividade, Arte e Tecnologia (gpc-InterArtec CNPq). Produtora e apresentadora do programa Ultra Sonoro, da Rádio UniFM 107.9. Roteirista formada pelo Instituto Brasileiro de Audiovisual - Escola de Cinema Darcy Ribeiro (IBAV-ECDR), Rio de Janeiro, RJ. Diretora Teatral e historiadora formada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS.

Daniele Bressan

É professora de língua portuguesa, literatura brasileira e redação. Formada em letras/portuguesa e especialista em Língua portuguesa e literatura brasileira. Atualmente, ministra aulas em cursos pré- vestibulares e preparatórios para o Enem.

Luciane de Lima Paim

Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Atua na área desde 2015, ministrando aulas de Literatura, Língua Portuguesa e Redação. Atualmente, ministra aulas na Escola Marista Santa Marta, em Santa Maria, RS, para turmas de 7º e 8º ano. Além disso, é corretora de redações do Curso Totem Santa Maria.

Luiza Casanova

Graduada em Letras/Português pela UFSM, possui mestrado em estudos literários pela mesma instituição e extensão universitária em criação literária (Oficina de escrita criativa Assis Brasil) pela PUC-RS. Atualmente é professora de literatura e artes no Totem vestibulares, nos colégios G10 e Marco Polo.

Rodrigo Bentancurt

Professor formado em Letras Português e Letras Espanhol, ambas pela UFSM, especialista em Gestão da Educação e dá aulas desde 2004. Atuou em pré-vestibulares do estado e de fora dele, mas encontrou no Totem Vestibulares sua casa. É professor de Literatura e Artes no Totem Vestibulares de Santa Maria.

Samuel Albuquerque Maciel

Possui graduação, mestrado e doutorado em Letras, pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Atua em preparatórios para vestibulares e para concursos públicos como professor das disciplinas de Literatura, de Língua Portuguesa, de Interpretação Textual, de Redação Oficial e de Redação Dissertativa.

Zilmar Silva

Possui Mestrado em Teoria da Literatura pela PUCRS, graduação em Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura pela Fapa - Faculdade Portoalegrense de Educação, Ciências e Letras. Atualmente é professor do canal "Notícias do Chapeleiro", Totem Vestibulares, Objetivo vestibulares e Somos - Grupos de estudos. Possui experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas de Língua Portuguesa.